Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Lúcia de Fátima Lobato Ferreira

Ludicidade:

uma reflexão sobre a brincadeira na educação patrimonial em Cuiabá (MT)



Rio de Janeiro

2019

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Lúcia de Fátima Lobato Ferreira

Ludicidade:

uma reflexão sobre a brincadeira na educação patrimonial em Cuiabá -MT

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural.
Orientadora: Prof.ª Ma. Juliana Ferreira Sorgine

Rio de Janeiro

2017

O objeto de estudo dessa pesquisa foi definido a partir de uma questão identificada no cotidiano da prática profissional da Superintendência do IPHAN em Cuiabá.

F 383 Ferreira, Lúcia de Fátima Lobato.

LUDICIDADE: uma reflexão sobre a brincadeira na Educação Patrimonial em Cuiabá -MT / Lúcia Ferreira – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.-2017.

212f.; 30cm.

Orientadora: Juliana Ferreira Sorgine.

Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2017.
Bibliografia: f. 199 -212

1. Patrimônio Cultural. 2. Preservação – Interdisciplinaridade. 3. Brasil – Difusão Cultural. 4. Brasil – Política Cultural. I. Sorgine, Juliana Ferreira. II. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). III. Título.

CDD 327.8106

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Lúcia de Fátima Lobato Ferreira

Ludicidade:
uma reflexão sobre a brincadeira na educação patrimonial em Cuiabá -MT

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural.

Rio de Janeiro, 12 de abril de 2017.

Banca examinadora:

_____

Ma. Juliana Ferreira Sorgine (Orientadora)

_____

Ma. Marina Duque Coutinho de Abreu Lacerda (Supervisora) — IPHAN

_____

Prof.ª Dr.ª Cláudia Leal — IPHAN

_____

Prof.ª Dr.ª Maria Vittória de Carvalho Pardal

À Lara (in memoriam), minha filha do coração. O amor e admiração sempre existirão, pois no decorrer de sua vida você nunca fez nada que envergonhasse a criança que foi.

Sua partida deixou em algum lugar o choro.
Eu sei que se deve perseverar pelo infinito amor.
Menina forte, inquieta, impulsiva, curiosa e de alma livre.
Um anjo escondido em nossas vidas que sempre irradiou sua beleza rara.
Fonte de instantes de luz.
Brincando com Lara, descobre-se um aral de bem-querer.
Na doce idade semeou em seu pomar amor, solidariedade, cuidado, amizades verdadeiras e sonhos, muitos sonhos.
Tudo foi tão rápido, apenas um instante.
Os abraços, o sorriso, o compartilhar a vida repleta de alegrias, então surge o silêncio...
Depois do encanto desfeito, restaram a saudade e o eterno brilho da nossa menina-estrela.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio e incentivo, especialmente aos meus pais por terem possibilitado o acesso à educação e minha irmã, pelo carinho.

Ao meu companheiro Leonardo pela dedicação, cuidado e amor que me dedicou durante os estudos.

À minha orientadora Prof.ª Ma. Juliana Sorgine pela sua simplicidade, alegria e competência profissional, orientou e acompanhou meus passos no processo de desenvolvimento desta dissertação. Expresso minha gratidão, pela troca de experiências com bom humor, respeito e humanidade.

Às minhas amigas, irmãs de alma, por compartilharem as alegrias e desventuras da minha vida. Obrigada Margarida, Marília, Denise, Norma e Regina.

À equipe de funcionários da Superintendência do IPHAN-MT pelo apoio durante a realização das atividades supervisionadas. À Marina por suas valiosas contribuições. À Amélia por sua generosidade, dedicação e parceria.

À Casa de Cultura Silva Freire pela contribuição e confiabilidade. Agradeço à cidade de Cuiabá, pois nela vivi momentos inesquecíveis. Nessa cidade encontrei pessoas especiais que me ensinaram e contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

A Francisco de Assis do Condado, que com seu talento coloriu com lápis de cor os meus primeiros olhares sobre o Centro Histórico de Cuiabá e suas cores respingaram também na minha alma. Obrigada querido amigo pelas suas contribuições.

Aos professores, funcionários e colegas do Programa do Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural, em especial, Matilde. Obrigada pelo amor fraterno.

Às minhas admiráveis amigas Ingrid e Karina pelas mãos estendidas nas situações de dificuldade e pelas contribuições valorosas na construção da dissertação.

Registro aqui minha gratidão às professoras Ana Carmem Casco, Ana Lúcia Thompson e Cláudia F. Baeta Leal pelas contribuições enriquecedoras ao trabalho durante a etapa de qualificação.

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pela intimidade. [...] Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias. [...] Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos.

Manoel de Barros

RESUMO

O presente trabalho propõe discutir sobre as concepções de valor contidas pelos vários agentes envolvidos no processo de tombamento do Centro Histórico de Cuiabá. A relação entre os sujeitos e o patrimônio é considerada neste trabalho um aspecto significativo para reflexões sobre as ações educativas voltadas à valorização do Centro Histórico. O universo da pesquisa concentrou-se no Centro Histórico de Cuiabá, mais especificamente na Praça da Mandioca. Trabalha-se com o estudo de caso das experiências de práticas educativas que envolvem a valorização do centro histórico de Cuiabá, realizadas pela Casa de Cultura Silva Freire. Suscitar referências metodológicas para sua utilização nas práticas de preservação na Educação Patrimonial, analisar a ludicidade como possibilidade de entendimento e encaminhamento das ações educativas no campo do patrimônio. A educação patrimonial e a ludicidade, alegria prazer, tudo isso traz a perspectiva da interdisciplinaridade.
Palavras chaves: Educação patrimonial, Ludicidade, Brincadeira, Tombamento, Patrimônio Cultural, Preservação, Interdisciplinaridade, IPHAN.

ABSTRACT

The present work discusses the conceptions of value contained by the various agents involved in the Registering process by the National Heritage of Historical Centre of Cuiabá. In the present investigation the relationship between the individuals and the National Heritage is considered a significant aspect for debate on the educational actions focused on the valorization of the Historical Centre. This research was focus in the Historical Centre of Cuiabá, more specifically in the town square called *Manioca*. We work with the case study of the experiences in educational practices that involve valorization of the Historical Centre of Cuiabá, carried out by the *Culture House Silva Freire*. To instigate methodological references for its use in preservation practices in heritage education, to analyze playfulness as a possibility of understanding and referral of educational actions in the field of Cultural Heritage. Heritage education and playfulness, joy, pleasure, all these brings the perspective of interdisciplinarity.
Keywords: Heritage Education, Ludicrousness, Play, Tomb, Cultural Heritage, Preservation, Interdisciplinarity, IPHAN.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Fotografia atual do Centro Histórico de Cuiabá 12
Figura 2 — Mapa do Plano da Villa do Cuiabá em 1786. 13
Figura 3 — Prospecto da Villa do Bom Jesus de Cuiabá em 1790 e detalhe ampliado, com destaque para localização da atual casa do IPHAN. 14
Figura 4 — Mapa do Centro Histórico de Cuiabá atual. Em vermelho: área de tombamento. Em amarelo: área de entorno. 14
Figura 5 — Fotografia do roteiro “Uma rua de muitos lugares”. Alunos do Colégio Brasilis. 17
Figura 6 — Roteiro “Uma rua de muitos lugares”. Alunos do Centro de Educação de Jovens e Adultos Antônio Casagrande de Tangará da Serra. 18
Figura 7 — Fotografia das gravações do documentário. Entrevista na casa de D. Antônia. ... 22
Figura 8 — Rua Ricardo Franco, aproximadamente na década de 1940. 24
Figura 9 — Rua Ricardo Franco. 24
Figura 10 — Fotografia do Palácio Alencastro antes da demolição. 89
Figura 11 — Palácio Alencastro (atual sede da Prefeitura Municipal de Cuiabá). 89
Figura 14 — Fotografia atual do espaço da Casa de Cultura Silva Freire. 137
Figura 15 — Mapa Circuito Cultural Setembro Freire 2008. 142
Figura 16 — Mapa Circuito Cultural Setembro Freire 2010. 144
Figura 17 — Circuito Cultural Setembro Freire 2013. 148
Figura 18 — Fotografia do grupo de estudantes pelas ruas do Centro Histórico de Cuiabá.. 163
Figura 19 — Fotografia da atividade de contação de histórias no espaço da Casa de Cultura Silva Freire. 183
Figura 20 — Fotografia da oficina Circuito Cultural Silva Freire. Oficina: passeio no Centro Histórico: Bate-bola na Mandioca realizada no MISC. 187

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

O TEMA E O OBJETO DE ESTUDO 11

Entre práticas e reflexões: construindo um objeto de investigação 11

E a ludicidade entra na conversa... 32

CAPÍTULO 1 36

1. O PATRIMÔNIO E OS HABITANTES: O CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ EM BUSCA DO VALOR ATRIBUÍDO 36

1.1. As narrativas de impugnação do processo de tombamento 43

1.2 Obras Oficiais: os reflexos da ideia de progresso no centro histórico de Cuiabá 84

CAPÍTULO 2 102

2. O LÚDICO E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA VIA PARA ENSINAR E APRENDER COM ALEGRIA 102

2.1. Teoria da ludicidade 102

2.2. Jogo, brinquedo e brincadeira: conceitos e reflexões. 117

CAPÍTULO 3 131

3. A PRAÇA DA MANDIOCA E O PROJETO "CIRCUITO CULTURAL SETEMBRO FREIRE": CONSTRUINDO UM TERRITÓRIO DE INTERAÇÃO, APRENDIZADO E ALEGRIA. 131

3.1. A Casa de Cultura Silva Freire 133

3.2. Edições do projeto Circuito Cultural Setembro Freire 141

3.3. Circuito Cultural Setembro Freire: Edição 2013 152

3.4. Referenciais teóricos do Projeto Circuito Cultural Setembro Freire: Edição 2013 171

3.5. Análise dos dados 179

3.6. Um olhar lúdico sobre o Projeto Circuito Cultural Setembro Freire 2013 183

CONSIDERAÇÕES FINAIS 191

REFERÊNCIAS 195

INTRODUÇÃO

O TEMA E O OBJETO DE ESTUDO

Entre práticas e reflexões: construindo um objeto de investigação

O primeiro contato com o Centro Histórico de Cuiabá aconteceu de forma um pouco inusitada, ao chegar à cidade não sabia qual ônibus passava perto da superintendência do IPHAN-MT, era o primeiro dia como aluna do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN. Uma sensação de ansiedade que assolava o primeiro de dia de aula.

No ponto de ônibus foi necessária a busca de informações sobre qual a condução seria utilizada para atingir o destino desejado, sabe-se que o IPHAN compreende como Centro Histórico o primeiro núcleo urbanístico, comportando hoje um expressivo conjunto de prédios, praças e ruas mais antigas da cidade de Cuiabá. Assim, inicialmente, foram feitas perguntas sobre qual ônibus passaria pelo Centro Histórico, mas surpreendentemente algumas pessoas desconheciam esse nome. Retrucavam "centro o quê?" A iniciativa foi de entrar em um ônibus e discretamente perguntar ao motorista se o Centro Histórico da cidade fazia parte do itinerário do ônibus. Sem imaginar que um turbilhão de murmurinhos começaria, mas não foi dada resposta. Neste instante, ocorreu a lembrança de um local no centro conhecido por "Morro da Luz". Então outra pergunta foi feita: "Este ônibus passa próximo ao Morro da Luz?", o que o motorista confirmou.

O fato evidencia que o Centro Histórico de Cuiabá Tombado pelo IPHAN em 1985, inscrito nos Livros do Tombo Histórico, de Belas Artes e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, não era reconhecido como tal pelos habitantes desta cidade. Um caso que evidencia precariedade de ações de valorização deste bem tombado por parte do IPHAN. Apesar dos atropelos, enfim a chegada à superintendência do IPHAN de Cuiabá foi possível.

Segundo Cláudio Conte e Marcus Vinícius De Lamonica Freire,[1] até o final da década de 1950, a cidade de Cuiabá possuía uma estrutura arquitetônica constituída entre os séculos XVIII e XIX bem conservada. Ainda segundo estes autores, o tombamento justifica-se devido

[1] CONTE, Cláudio Quoos; FREIRE, Marcus Vinícius De Lamonica. **Centro Histórico de Cuiabá**: Patrimônio do Brasil. Cuiabá, Entrelinhas, 2005. p. 40.

a compreensão de que a área tombada mantém a integridade do traçado urbano colonial e a existência do processo cultural de Cuiabá.

Figura 1 — Fotografia atual do Centro Histórico de Cuiabá



Figura 1 Centro Histórico de Cuiabá. Fonte: http://hipernoticias.com.br/storage/webdisco/2013/02/25/708x531/12cdd6682809a625c2875bf09a2b2e16.jpg

Depois de algumas conversas, observações e boas caminhadas descobriu-se que a sede da superintendência está localizada em uma das primeiras ruas que deram início ao núcleo urbano da cidade de Cuiabá, Mato Grosso.

> A Rua 7 de Setembro, em Cuiabá era conhecida, no século XVIII, como Rua do Oratório, em função de existir no local, onde hoje se encontra Igreja Senhor dos Passos, um pequeno oratório dedicado a Nossa Senhora do Rosário, juntamente com um chafariz, alimentado por um aqueduto do Arnesto, no atual morro da Luz. (CONTE, 2006, p. 268)

Segundo Francisco de A. P. Araújo,[2] o mapa da figura 2 permite verificar a existência da quadra em que está localizada a casa do IPHAN-MT, "mostrando seu terreno alongado entre duas vias, nota-se a implantação da edificação como atualmente com formato em L no alinhamento da Rua de Baixo", atual Rua Sete de Setembro. O mapa também permite verificar

[2] ARAÚJO, Francisco de A. P. **Casarão do Beco Alto**: um esboço histórico e arquitetônico. 2015. Artigo apresentado no minicurso "Vivências patrimoniais" realizado pelo IPHAN-MT. 2015.

a disposição do traçado das três principais ruas denominadas no período colonial de Rua de Cima, Rua do Meio e Rua de Baixo.[3]

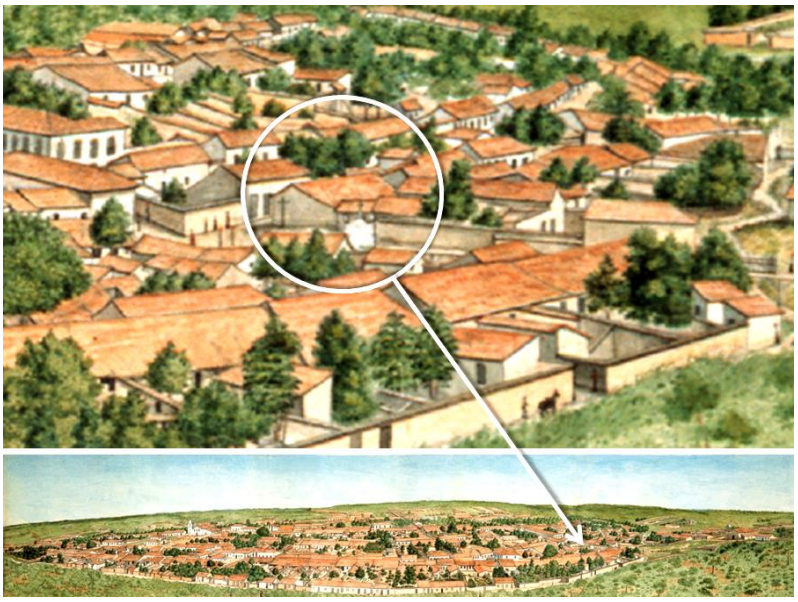
Figura 2 — Mapa do Plano da Villa do Cuiabá em 1786.



Fonte: Filho (2000). Organizado por Araújo, F.A.P. (jun. 2014).

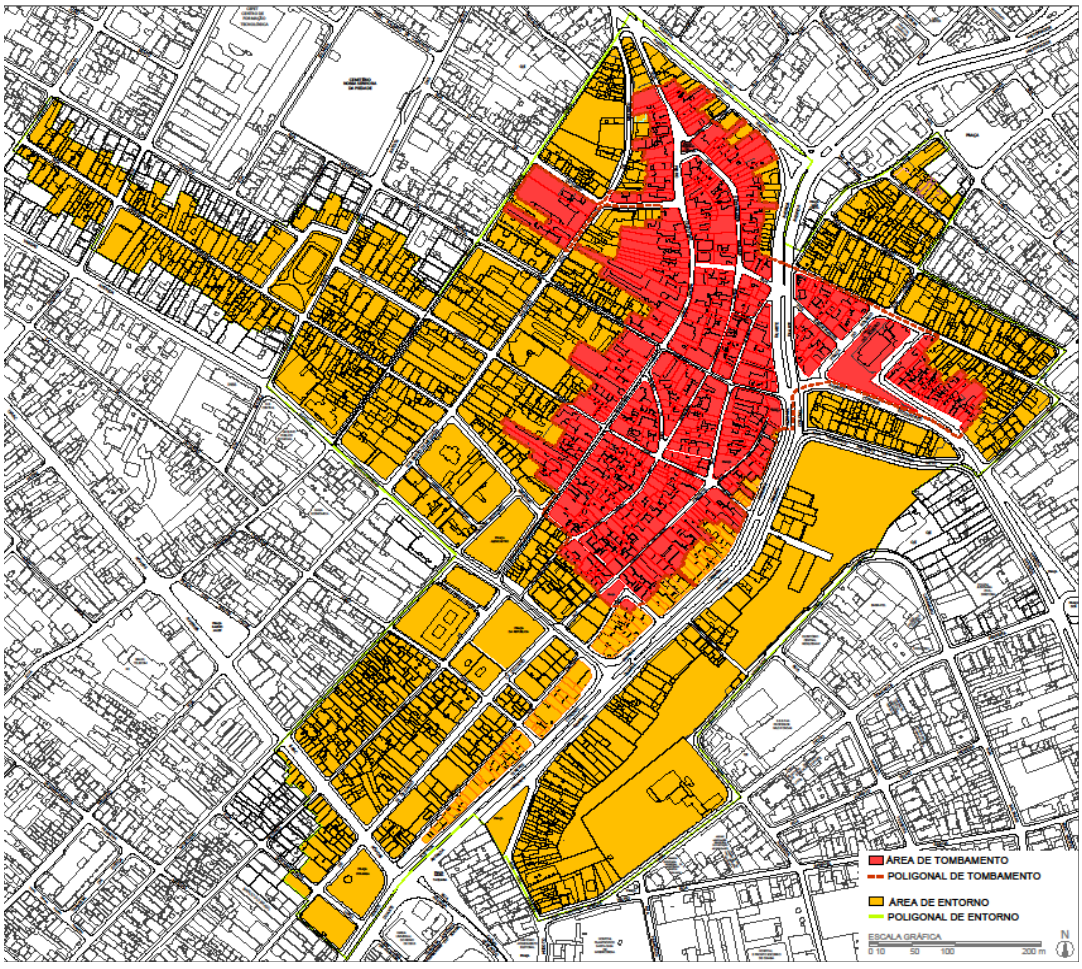
[3] Esta denominação é resultado de uma implantação em paralelo à meia encosta, difundindo uma tipologia comum a diversos pontos do território, seguindo a influência do modelo de urbanismo português (PESSÔA, José. **Atlas de centros históricos do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2007. p. 22).

Figura 3 — Prospecto da Villa do Bom Jesus de Cuiabá em 1790 e detalhe ampliado, com destaque para localização da atual casa do IPHAN.



Fonte: Filho (2000). Organizado por Araújo, F.A.P. (jun. 2014)

Figura 4 — Mapa do Centro Histórico de Cuiabá atual. Em vermelho: área de tombamento. Em amarelo: área de entorno.



Fonte: Mapa do Centro Histórico de Cuiabá, IPHAN-MT. Organizado por Araújo, F.A.P. 2014.

A curiosidade pelo fato de não ser somente o motorista a desconhecer aquele lugar como Centro Histórico, mas pelo desconhecimento de vários passageiros, instigou a necessidade de questionamento de como as pessoas que convivem naquele espaço o denominam. Na busca dessas denominações existentes se descobriu no cotidiano algumas, como, por exemplo, "centro comercial" ou apenas "centro". É possível considerar que a primeira denominação seja adotada, devido a concentração de lojas e comércios populares na área do Centro Histórico e entorno; a segunda, seja utilizada para dar ênfase a ideia de "centro da cidade", pois apesar do crescimento geográfico da cidade, o Centro Histórico ainda é referência como o "centro da cidade", pois ainda existem na área tombada, e também no seu entorno, repartições públicas, como por exemplo, a sede do poder municipal e a oferta de serviços essenciais para a população.

Considera-se que as relações que as pessoas constroem no cotidiano influenciam sobre o nome do lugar e sobre as denominações que são definidas. Sendo assim, a forma como as pessoas interagem na cidade, os usos e desusos dos lugares tem caráter fundamental para o reconhecimento e identificação do lugar.

Após participar de reuniões com técnicos da Superintendência do IPHAN, foi sendo percebido que as falas se voltavam para a dificuldade de se trabalhar a valorização do Centro Histórico e sua compreensão enquanto um bem tombado que abrigam comerciantes e moradores que ocupam aquela região caracterizada, predominantemente, por esses dois tipos de uso. Com vistas a enfrentar essa questão da valorização, apontou-se para a necessidade de realização de um trabalho voltado para Educação Patrimonial.

A partir das observações feitas durante as práticas supervisionadas[4] as inquietações foram surgindo sobre quais seriam as melhores propostas para tentar contribuir significativamente na contemplação das expectativas da superintendência. Esse processo acontecia concomitantemente com os desafios de compreensão sobre a fundamentação teórica relacionada à Educação Patrimonial e o processo de aproximação com o Centro Histórico e seus habitantes, enfocando nas dinâmicas sociais e culturais.

A integração das práticas supervisionadas possibilitou inicialmente o acesso às fontes bibliográficas que tratavam da temática do Centro Histórico de Cuiabá, sendo que as leituras iniciais e depois as pesquisas documentais e iconográficas realizadas, permitiram um alinhavo

[4] A proposta pedagógica do mestrado, seguindo os moldes do PEP/MP (Programa de Especialização em Patrimônio/Mestrado Profissional), associa as práticas de preservação nas unidades do Iphan, distribuídas em todo território nacional, ao aprendizado teórico-metodológico e à pesquisa. Os alunos participam do desenvolvimento de trabalhos da instituição relativos à sua missão e atribuições legais e contam com a supervisão de técnicos do Iphan, que acompanham o desenvolvimento das práticas profissionais e o desenvolvimento da dissertação de conclusão do mestrado. Aqui cabe inserir uma nota explicativa sobre a proposta de formação do PEP/MP IPHAN, que associa prática e reflexão.

no embasamento teórico, o qual foi sendo amadurecido no decorrer dos trabalhos desenvolvidos nas atividades supervisionadas. O contato com as escolas, professores e estudantes contribuíram no diagnóstico sobre quais práticas educativas relacionadas à Educação patrimonial eram realizadas no Centro Histórico, como também, suas metodologias. O diálogo com os moradores e alguns comerciantes propiciou conhecer um pouco mais as impressões dos habitantes sobre o lugar. As visitações feitas em dias da semana e horários diferentes pelo Centro Histórico permitiram observar um pouco mais sobre sua dinâmica.

Com a inspiração dada pelo processo de descoberta e, também, por observar que a visitação ao Centro Histórico era uma atividade frequentemente solicitada, seja por instituições públicas ou privadas e pela sociedade civil, resolveu-se denominar o primeiro produto da prática supervisionada "Uma rua de muitos lugares". Este produto correspondeu a uma ação direcionada à elaboração de um roteiro de visitação ao Centro Histórico de Cuiabá.

A partir dessa identificação surgiu o interesse em participar das visitações realizadas no Centro Histórico de Cuiabá, tanto as promovidas pela superintendência, como também, por instituições públicas e privadas, no intuito de observar, aprender e perceber como essas visitações eram feitas. Esse processo permitiu reflexões acerca de questões relacionadas à metodologia utilizada e os conteúdos acionados, proporcionando um amadurecimento na elaboração da proposta de roteiro então apresentada.

Através de observações percebeu-se a ausência de uma sistemática na forma de se trabalhar os conteúdos da visitação, pois os lugares eram trabalhados de forma isolada, não havendo a associação entre as informações e a relação com as dinâmicas da cidade. A segunda observação relacionou-se à ausência de material de apoio como suporte para a apresentação dos locais visitados e para a realização de consultas. Por fim, a ausência de clareza no propósito da atividade de visitação compromete, a reflexão sobre a importância deste patrimônio cultural de Cuiabá.

Ressalta-se que esse produto continha um roteiro em formato de folder (facilitação de reprodução), e um texto base contemplando os aspectos históricos, culturais e simbólicos dos locais visitados. Compreende-se que a visitação, a visita *in loco* juntamente com um conteúdo direcionado na história do lugar pode dar uma dimensão interpretativa subjetiva e possibilitar a articulação de saberes. Para Jorge Morales Miranda,[5] "a interpretação do patrimônio é a arte de

[5] MIRANDA, Jorge Morales. O processo de comunicação na interpretação. In: MURTA. Stela Maris; ALBANO, Selma (Org.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 95.

revelar *in situ* o significado do legado natural, cultural ou histórico, ao público que visita esses lugares".

O roteiro elaborado foi usado em muitos atendimentos feitos pela superintendência para instituições públicas e particulares de ensino atendendo crianças, jovens e adultos. Em algumas visitações, moradores de rua e pessoas que estavam interessadas em participar das atividades se fizeram presentes.

A elaboração do roteiro contou com pesquisa em acervo bibliográfico de escritores locais, direcionado ao estudo de narrativas sobre o cotidiano cuiabano, informações históricas, características arquitetônicas e de levantamento de relatos de pessoas sobre suas impressões do Centro Histórico.

Figura 5 — Fotografia do roteiro "Uma rua de muitos lugares". Alunos do Colégio Brasilis.



Fonte: Da autora. Data: 3 jul. 2014

Esse amplo material subsidiou a realização de algumas etapas, dentre elas, cita-se: a elaboração de um texto guia do roteiro contendo a sistematização das informações pesquisadas; o levantamento fotográfico da área do roteiro; a realização de reuniões de avaliação para aperfeiçoar a forma e o conteúdo; pesquisa sobre os locais, ressaltando a perspectiva do imaginário cuiabano; e, o levantamento bibliográfico, iconográfico e documental sobre os locais que fazem parte do roteiro e elaboração de um folder contendo as imagens e informações. A elaboração deste produto exigiu estudo da arquitetura do Centro Histórico, estudos sobre História.

Figura 6 — Roteiro “Uma rua de muitos lugares”. Alunos do Centro de Educação de Jovens e Adultos Antônio Casagrande de Tangará da Serra.



Fonte: Da autora. Data: 14 fev. 2014

A fotografia acima mostra os alunos da EJA com os seus filhos, pois devido não terem como deixá-los e, por não conhecerem o Centro Histórico, estavam muito motivados a participar da atividade. Nesta visitação também contou com a participação de dois moradores de rua, os quais se interessaram em conhecer um pouco mais sobre o Centro Histórico.

O segundo produto da prática supervisionada, intitulado “O Centro Histórico de Cuiabá e suas Ruas de Muitos Lugares” tratou de uma produção audiovisual que fez uso da linguagem cinematográfica, especificamente, o gênero documentário. A elaboração e produção do documentário foi fruto de um curso intitulado “Documentário do Início ao Fim”,[6] oferecido pelo SESC Arsenal de Cuiabá, situado na antiga região do Porto.[7] Durante o curso foi proposto trabalhar o Centro Histórico a partir dos olhares das pessoas que vivenciam o cotidiano desse lugar. O documentário surgiu da aspiração de trabalhar o Centro Histórico a partir das narrativas de moradores e comerciantes sobre os significados que esse lugar possui não somente pelo olhar histórico, mas pelo olhar dos indivíduos que acompanharam e ainda acompanham o seu processo de mudança. A busca pelo cotidiano se fortalece a partir da perspectiva que o reconhecimento e a preservação patrimonial podem ser concebidos nas práticas sociais cotidianas.

---

[6] O curso apresentava como conteúdo a análise de documentários, destacando produções regionais. Trabalhava a elaboração de roteiro, a captura de imagens, edição e a produção de documentários.

[7] Essa região, conforme Lacerda (**Catedral do Senhor Bom Jesus de Cuiabá**: um olhar sobre sua demolição. Cuiabá, KMC, 2005. p. 58.), apesar de ser considerada um lugar significativo para a história de Cuiabá, foi deixada de fora do perímetro da área tombada do Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Cuiabá, MT, após um longo período de litígios e discussões acerca da abrangência e significados que o centro histórico como bem tombado teria.

Outro fator que motivou a produção do documentário é o fato de existir na cidade de Cuiabá apenas um documentário, o qual é utilizado pelo Museu da Imagem e do Som da cidade que fala sobre o Centro Histórico, sua linguagem ainda é fruto da composição de documentário tendo um único narrador, sem a participação de pessoas. O conteúdo desta produção limita-se ao aspecto da arquitetura do Centro Histórico. Apresenta fortemente o didatismo, limitando-se a mostrar a história de personalidades e lugares considerados importantes.

O desenvolvimento do trabalho relacionado ao patrimônio atrelado ao gênero documentário se justifica pelo fato deste gênero propiciar a relação entre o registro, a documentação e a captação do real. Segundo Eduardo Coutinho,[8] a questão da verdade é discutível, pois "o que é verdade hoje, amanhã não é!" Ainda segundo o autor, "a memória é uma coisa que é baseada no esquecimento e na lembrança, é uma coisa que não é mentirosa, é ambígua, o que se sabe de verdade da memória?" Entende que as narrativas possuem um aspecto ficcional, isso não significa que elas sejam falsas, mas sim, que as histórias contadas apresentam uma ficção. Considerando este aspecto, a pesquisa bibliográfica e documental auxiliou no embasamento dos relatos feitos pelos participantes do documentário.

Outra característica significativa do documentário se refere à ênfase na personalidade humana. Devido a essas características peculiares deste gênero cinematográfico, consideramos significativo usar tal recurso audiovisual como uma forma de trabalhar a difusão e o reconhecimento do Centro Histórico como um bem patrimonial através das faces e falas de seus personagens, os quais são habitantes do lugar. Segundo Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses,[9] "a imagem que os habitantes fazem da cidade ou de fragmentos seus é fundamental para a prática da cidade". Esse olhar direcionado ao habitante é significativo, pois, seu papel é fundamental na criação de sentidos e valores que se constroem nas práticas sociais cotidianas. O mesmo autor também define a origem do termo "habitante":

> do latim *habeo*, possuindo o significado de 'ter', manter uma relação constante com algo; o sufixo 'it' (habito) aprofunda e reitera esta relação. Hábito, habitar, portanto, expressam um grau superior e constante de apropriação. Essa relação contínua, permanente, cotidiana, demorada e que o tempo adensa, é que cria as condições mais favoráveis para a fruição do patrimônio ambiental urbano.[10]

---

8 Entrevista (21 ago. 2008).
Disponível em:
<http://tvescola.mec.gov.br/tve/salto/interview;jsessionid=917073ECBE3A5DE0CDC62FBA62D1BEE?idInterview=8367>). Acesso em: 10 abr. 2016.

9 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cidade como bem cultural: Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano. In: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; GALLO, Haroldo (Org.). **Patrimônio**: Atualizando o debate. São Paulo, 9ª SR/IPHAN, 2006. p. 36.

10 MENESES. op. cit. p. 39.

O documentário, além de relatar informações históricas, vislumbrou também apresentar as narrativas que expressassem análises contextuais sobre o Centro Histórico de Cuiabá desde o seu tombamento até os dias atuais, buscando capturar os entendimentos dos personagens sobre as mudanças ocorridas nesse lugar. As narrativas, em alguns momentos, mostram as imagens que são formadas pelos seus habitantes, estas consideradas fundamentais no entendimento do Centro histórico, porque expressam significações diversas e podem oferecer outro olhar para histórias já cristalizadas.

O trabalho envolvendo o imaginário urbano não se limita a ideia de lembranças isoladas, mas de compreendê-lo como uma composição importante na compreensão das relações de sociabilidade que são construídas, pois elas contribuem para a leitura do lugar. Para Meneses, o imaginário urbano é entendido como:

> modalidade específica do fenômeno mais amplo das representações sociais – suponho imagens estruturadas e operadas a partir de grupos sociais e práticas espaciais específicas e não simples conjuntos de imagens refugiadas nas mentes ou na consciência dos indivíduos.[11]

No desenvolvimento do documentário utilizou-se como metodologia a história oral, inicialmente por considerá-la como um procedimento capaz de produzir novas referências. Segundo Lozano,[12] "fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e das experiências dos 'outros'".

A partir das compreensões de Lozano[13] sobre história oral, e sua classificação de estilos e técnicas, será utilizado o que ela nomeia de "estilo do analista completo". Durante o processo de desenvolvimento do trabalho há de se considerar a "fonte oral em si mesma", por isso, foram feitas análises, interpretações e contextualização histórica dos depoimentos e as evidências orais, e, também, a complementação dos depoimentos com outras fontes documentais.

Além das considerações já citadas sobre a metodologia da história oral, Lozano,[14] ainda afirma que "A história oral é vista como um método particular, mas não exclusivamente isso, já que também pode ser considerada uma forma de estabelecimento de relações de maior

---

11 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cidade como bem cultural: Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano. In: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; GALLO, Haroldo (Org.). **Patrimônio**: Atualizando o debate. São Paulo, 9ª SR / IPHAN, 2006. p. 36.

12 LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 17.

13 LOZANO. op. cit.

14 LOZANO. op. cit. p. 24.

qualidade e profundidade com as pessoas entrevistadas". O trabalho envolvendo a história oral exige além de postura crítica no trato do material produzido, a receptividade e delicadeza no vínculo que se cria com as pessoas envolvidas.

Outro ponto importante de salientar sobre a história oral se refere ao fato dela envolver a esfera simbólica.

> Abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo da comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humana.[15]

O desenvolvimento desse produto possibilitou a aproximação com os moradores, pois, durante alguns dias frequentando a Praça da Mandioca e conversando com muitas pessoas até foi possível selecionar os entrevistados. O critério adotado na escolha foi primeiramente a vontade de participar, representar as categorias de morador, comerciante e pertencer a instituições públicas das esferas municipal, estadual e federal. Este contato contribuiu para conhecer um pouco sobre os usos e as relações estabelecidas nos lugares. As filmagens ocorreram na casa das pessoas, nos locais de trabalho e também na própria praça. Foram realizadas várias entrevistas, mas em alguns momentos alguns desistiram de participar por vergonha, ou com receio de expor suas ideias sobre a questão das políticas de preservação desenvolvidas na cidade. Foram feitas dez entrevistas, mas editadas na produção oito. Entre o grupo dos entrevistados havia três moradores, todos residentes desde que nasceram na Praça da Mandioca, na faixa etária de 50 a 82 anos, um deles iniciou o cultivo de plantas em uma pequena área denominada de "escadaria do beco alto" e que agora conta com outros moradores no cuidado deste lugar, o único feirante que restou de uma antiga feira que existia na Praça da Mandioca trabalha há mais de quarenta anos neste local, o barbeiro cujo ofício sempre foi desenvolvido no Centro Histórico, também se estabeleceu no local aproximadamente há mais de quarenta anos, uma cabeleireira que além das suas vivências profissionais expressou muito saudosismo de sua infância vivida no Centro Histórico, um restaurador que atualmente trabalha no Museu da Imagem e Som de Cuiabá (MISC), mas que já trabalhou na esfera estadual do Mato Grosso e participou das discussões sobre o tombamento nos anos de 1980, um funcionário

---

15 LOZANO. op. cit. p. 15.

da Fundação Nacional do Índio (FUNAI)[16] que é indígena da tribo *bakairi*[17] e que desde a infância residiu na antiga sede da FUNAI, localizada no Centro Histórico e a superintendente do IPHAN-MT.

O processo de produção do documentário envolveu aproximadamente três meses. Foi realizada pesquisa de imagens no acervo do arquivo do IPHAN-MT e do MISC de Cuiabá, pesquisa bibliográfica em livros específicos sobre o estudo da fotografia, publicações específicas sobre fotografia da cidade e do Estado do Mato Grosso, estudo sobre técnicas de conservação de material fotográfico e catalogação de fotografias.

Figura 7 — Fotografia das gravações do documentário. Entrevista na casa de D. Antônia.



Fonte: Da autora. Data: 21 mar. 2014.

No processo de produção foi feita pesquisa bibliográfica sobre o gênero documentário e a história do cinema do Estado do Mato Grosso; no curso oferecido pelo SESC trabalhou-se elaboração de roteiro, pesquisa de campo, filmagens, montagem e edição e tivemos contato com produtores locais.

16 FUNAI é a Fundação Nacional do Índio, órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Essa instituição foi criada pela Lei 5.371, de 5 de dezembro de 1967. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/>. Acesso em: 23 mar. 2016.

17 *Bakairi* é a tribo indígena que habita as terras indígenas Santana e Bakairi, nos municípios de Nobres e Paranatinga, no estado do Mato Grosso, ambas demarcadas e localizadas no norte do cerrado mato-grossense, à margem do Rio Paranatinga (Teles Pires). Se autodenominam Kurá, que significa gente (ser humano). A língua falada é o Bakairi, pertencente à família Karib.

Na atividade “Arte e Cultura na Mandioca”[18] o documentário foi apresentado na Praça da Mandioca (realização de um desejo pessoal), moradores sentados em cadeiras ao ar livre apreciando o filme, muitos se vendo e reconhecendo lugares e faces tão conhecidas. A Praça da Mandioca é um lugar que acolhe lazer, moradia, atividades comerciais e manifestações culturais, considerando que ela agrega vários usos na forma de apropriação do lugar. Este aspecto justifica o interesse pela sua escolha para o desenvolvimento da pesquisa, pois ela consegue representar diversas dinâmicas sociais cotidianas.

“Mosaico de imagens: acervo fotográfico do IPHAN-MT” foi o terceiro produto apresentado corresponde a uma proposta de trabalho direcionada inicialmente à criação, ampliação, preservação e tornar acessível o acervo do material fotográfico da Superintendência do IPHAN-MT.

Buscou-se desenvolver uma proposta de trabalho que aproximasse a “vocação utilitária” da documentação fotográfica com ações de preservação e valorização patrimonial, através da criação, organização, ampliação e disponibilização do material fotográfico, tendo como última etapa, a elaboração e organização de uma exposição contendo fotografias desse acervo, no intuito de publicizar o acesso às representações patrimoniais da cidade. A exposição foi pensada como mais um material para compor o conjunto de elementos utilizados nas atividades de Educação Patrimonial da Superintendência.

A exploração do material fotográfico aguçou reflexões sobre a importância de tornar público o acervo fotográfico para a instituição e a sociedade civil. Durante as experiências vivenciadas no IPHAN-MT observou-se que as fotografias são constantemente utilizadas nas atividades de fiscalização, supervisão e orientação na elaboração de projetos arquitetônicos, na composição dos processos jurídicos, na realização de pesquisas científicas e até escolares, contudo, deixou-se de lado a ideia da fotografia como contemplação do aspecto estético arquitetônico e das representações culturais e históricas que marcam o traço de uma cultura.

[18] É uma ação coletiva entre algumas instituições e a Casa de Cultura Silva Freire. A proposta é compartilhar processos sociais de significação relativos ao Centro Histórico na região da Mandioca. No ano de 2015 ocorreram duas edições.

Figura 8 — Rua Ricardo Franco, aproximadamente na década de 1940.



Fonte: Acervo IPHAN-MT.

Figura 9 — Rua Ricardo Franco.



Fonte: Acervo IPHAN-MT. Data: 22 mar. 2015

O processo de seleção das fotografias contou com a participação de todos os funcionários da superintendência. Esse envolvimento coletivo possibilitou que cada um deixasse florescer o seu olhar pela imagem mais significativa que lhe tocasse, seja por aspectos subjetivos ou por questões relacionadas à atuação profissional. A partir dessas escolhas foi

realizado o registro fotográfico atual dos bens representados nas fotografias do acervo histórico da Superintendência, respeitando o enquadramento das fotos antigas. Este cuidado se justifica devido à intenção de convidar as pessoas a fazerem uma leitura histórica do tecido urbano, aguçar o olhar para a identificação dos elementos que compõem os lugares, expressar os usos e desusos das ruas, das casas, identificar as ausências e as novas utilidades dos lugares a partir de questionamentos sobre as razões dessas mudanças, mostrar que os lugares "falam" e que as manifestações culturais que constituem o cenário do Centro Histórico de Cuiabá fazem parte da dinâmica da cidade. O acervo da exposição é composto de um mosaico de representações que envolvem o imaginário da cidade, que possui um valor histórico e estético incomensuráveis.

As atividades desenvolvidas na prática supervisionada, mais especificamente os produtos elaborados oportunizaram conversar com pessoas, ter contato próximo com os moradores da Praça da Mandioca, pois ela esteve presente em todos os produtos elaborados, vivenciar este lugar, observar as apropriações sociais diversas que ocorrem ali nos vários horários e dias da semana. Cada produto foi desenvolvido com formatos diferentes, apresentando conteúdos específicos e abordando várias áreas de conhecimento.

Considera-se que o primeiro produto foi importante porque possibilitou uma primeira leitura sobre o Centro Histórico, leitura ao mesmo tempo despretensiosa, como uma espécie de "começo de namoro", mas que nutriu o início de levantamento e diagnóstico sobre as ações educativas realizadas no Centro Histórico. Especificamente a atividade de visitação, sem distanciar do entendimento do sentido do patrimônio materializado. Segundo Françoise Choay,[19] "a arquitetura é a única arte cujas obras exigem ser materialmente percorridas. Só ela exige visitas, percursos, desvios que implicam o investimento do corpo inteiro e que a percepção visual apenas pode substituir".

O roteiro contribuiu fortemente com a definição do estudo de caso, pois, se acredita que esta atividade permitiu a elaboração de uma proposta de trabalho voltado para as ressignificações dos espaços, aspecto fundamental no processo ensino-aprendizagem. A atividade de visitação ao Centro Histórico exige um envolvimento do corpo, das sensações dos olhares, de toda uma relação subjetiva. Estes são alguns dos aspectos que nos aproximaram do projeto do Circuito Cultural Silva Freire de 2013, a oficina Bate-bola na Mandioca.

Ressalta-se que os produtos a partir das considerações feitas podem ser considerados como experiências educativas, pois eles fizeram parte das atividades de Educação Patrimonial desenvolvidas pelo IPHAN-MT, ultrapassaram o espaço da superintendência, foram

---

19 CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001. p. 201.

trabalhados em algumas instituições universitárias e serviram de material para a produção de novos conhecimentos.

O olhar voltado ao Centro Histórico não se iniciou a partir de uma reflexão sistemática, mas de uma vontade de escrever sobre o que se vê e o que se esconde nos vínculos das formas de sua apropriação social e como esse caminho pode ser trilhado com a reflexão a partir das ferramentas da área da educação.

Considera-se que as etapas de observação, pesquisa bibliográfica, entrevistas e as experimentações pessoais envolvidas nos processos de elaboração e efetivação dos produtos, somados às atividades cotidianas de trabalho e, também, as de lazer, de encontrar pessoas involuntariamente, foram situações que favoreceram a realização de um diagnóstico prévio para a leitura das dinâmicas sociais do Centro Histórico e identificar o que se tem feito (e como) sobre a Educação Patrimonial. Através de observações, entrevistas e filmagens foi possível transitar pelo Centro Histórico, conhecer detalhes, histórias de alguns habitantes do lugar. Tais experiências favoreceram também a construção de um olhar crítico, investigativo sobre este bem cultural.

A escolha da experiência do Circuito Cultural Setembro Freire Edição 2013, desenvolvido pela Casa de Cultura Silva Freire como estudo de caso ocorreu de minha participação no roteiro promovido por essa instituição, sendo que neste momento não conhecia o projeto e, consequentemente, ainda não tinha pretensões em pesquisá-lo. Um período de tempo depois é que nossa pesquisa se direcionou a ele.

Inicialmente, havia buscado como instituições a serem pesquisadas as secretarias estadual e municipal de educação, verificou-se a inexistência de propostas de trabalho pedagógico no campo da educação patrimonial. A escolha deste estudo de caso se deve não somente em razão da inexistência de práticas educativas de caráter sistemático realizadas pela Superintendência ou por outras instituições, que pudessem ser acompanhadas e analisadas, mas também tendo em vista a discussão proposta por Meneses,[20] acerca do lugar da Educação nas práticas de preservação cultural que discute os papéis da sociedade e do Estado nas políticas públicas de preservação do Patrimônio Cultural, entende que as ações educativas no âmbito do patrimônio, apesar de não terem recebido ainda "a devida atenção, nem como reflexão nem como prática", tratam-se de um domínio "no qual a ação da sociedade, sob muitos aspectos, pode ser mais eficaz que a ação do poder público". O autor afirma que, exceto pelas funções normativas, regulatórias e de poder de política que o IPHAN exerce exclusivamente, "todas as

[20] MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Patrimônio arqueológico: o desafio da preservação. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 33, 2007.

demais funções podem ser codivididas com os outros órgãos públicos (federais, estaduais/ distritais, municipais), entidades privadas e demais segmentos organizados da sociedade". Assim, segundo afirma, "mesmo a proteção legal e outros aspectos — como educação, valorização, fomento, preservação física e social etc. — teriam que receber respostas da sociedade".[21]

Este mesmo autor critica a concepção de Estado que há muito predomina no Brasil, caracterizado como um "Estado provedor e clientelista". Ideia que leva ao entendimento de que "políticas públicas" são vistas apenas como o "Estado em ação".[22] Argumenta que é preciso valorizar e acentuar as responsabilidades dos cidadãos na efetivação de políticas públicas, contribuindo para a defesa do interesse público.

O presente estudo objetivou realizar uma discussão sobre a ludicidade suscitar referências metodológicas para sua utilização nas práticas de preservação na Educação Patrimonial, analisar a ludicidade como possibilidade de entendimento e encaminhamento das ações educativas no campo do patrimônio tomando o estudo de caso a experiência da Casa de Cultura Silva Freire,[23] representado pela edição de 2013 do circuito cultural Setembro Freire, que realizou a oficina Bate-bola na Mandioca.

O universo da pesquisa concentrou-se no Centro Histórico[24] de Cuiabá, mais especificamente na Praça da Mandioca. Trabalha-se com o estudo de caso das experiências de práticas educativas que envolvem a valorização do centro histórico de Cuiabá, realizadas pela Casa de Cultura Silva Freire.

Foram algumas críticas feitas ao estudo de caso, Gil[25] alega que, apesar das objeções sobre esta modalidade de pesquisa, "os propósitos do estudo de caso não são os de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados". O estudo de caso "consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento".

---

21 MENESES. op. cit. p. 40.

22 MENESES. op. cit. p. 38.

23 A Casa de Cultura Silva Freire, doravante denominada de Casa Silva Freire, é uma associação brasileira de direito privado, sem fins lucrativos, apartidária, de natureza educacional, científica, cultural e artística estabelecida nos moldes do artigo 53 e seguintes do Código Civil Brasileiro, cujo objetivo social e normas estatutárias atendem aos requisitos da Lei nº 9.790 de 23 de março de 1999. Disponível em: <http://www.casasilvafreire.org.br/uploads/Estatuto-Casa-Silva-Freire.pdf>. Acesso em: 12 out. 2015.

24 No decorrer do texto da presente dissertação também iremos nos referir ao Centro Histórico de Cuiabá através da sigla CH.

25 GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 54.

Para a realização da pesquisa, nos inspiramos no entendimento de Maria C. de S. Minayo sobre metodologia, tomada como:

> O caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade'. Ou seja, inclui a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade).[26]

Essa percepção de pesquisa apresentada pela autora contribui para refletir sobre a solidez científica das pesquisas no campo social visto que é dado à metodologia o entendimento que ultrapassa a ideia de um conjunto de técnicas, mais associação articulada envolvendo a base teórica, a teoria, o conhecimento cotidiano e os anseios do pesquisador materializados no seu objeto de pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa no campo da educação optou-se em desenvolver uma pesquisa qualitativa. Segundo Tozoni-Reis,[27] "por pesquisa qualitativa entendemos uma modalidade segundo a qual a compreensão dos conteúdos é mais importante do que sua descrição ou sua explicação".

Para Evandro Ghedin e Maria Amélia S. Franco,[28] a pesquisa qualitativa é válida, pois através da utilização da pesquisa qualitativa "o cotidiano passa a ser percebido como espaço significativo, cultural, em que os seres humanos constroem sua existência e se fazem transformadores das circunstâncias". O trabalho da pesquisa aqui se inspirou nesse olhar para analisar o cotidiano como fonte de informações. As técnicas e instrumentos de pesquisa utilizados envolveram entrevista, pesquisa bibliográfica e documental.

As entrevistas realizadas durante o desenvolvimento da pesquisa foram fontes importantes de informações e contribuíram no entendimento de pontos que a pesquisa bibliográfica não dava respostas a contento. Através da entrevista semiestruturada foi possível ter mais entendimento, por exemplo, sobre os anseios que motivaram a criação da Casa de Cultura Silva Freire (na casa em que o poeta passou sua infância), a representatividade da Praça da Mandioca e os reflexos dessa importância na atualidade para os que desenvolvem o projeto; o acesso a uma leitura peculiar sobre as "obras oficiais"[29] em relação a alguns aspectos da

---

[26] MINAYO, Maria C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 14.

[27] TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. In: CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998. p. 25.

[28] GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 62.

[29] As obras ocorridas no período de 1937 a 1945 e de algumas demolições de prédios considerados importantes nos anos de 1960 e 1970 que deram lugar para novas construções.

arquitetura não encontrada na pesquisa bibliográfica e nem documental e, também, o entendimento sobre a representatividade do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso na fundamentação teórica no processo de tombamento.

Em relação à entrevista semiestruturada, Marília Freitas de Campos Tonozi-Reis reitera que:

> as entrevistas semiestruturadas ou não dirigidas são procedimentos de coleta de dados que se baseiam na forma de colher informações no discurso livre do entrevistado, pois permitem ao entrevistador reformular imediatamente o roteiro de entrevista, dependendo dos pontos abordados.[30]

Antecedendo as entrevistas teve-se o cuidado em buscar fontes relacionadas aos assuntos abordados nas entrevistas, após este momento, foi elaborado um esquema contendo questões centrais e durante a realização da entrevista os entrevistados ficaram livres em responder e também expressar em suas respostas informações relacionadas aos assuntos abordados. De certa forma, a flexibilidade da entrevista semiestruturada exige sensibilidade em direcionar as perguntas, manter o ritmo durante toda a entrevista, disponibilidade de atenção em relação à escuta e também, criatividade na complementação de perguntas no intuito de as informações necessárias. Segundo Stela Guedes Caputo, a entrevista oferece:

> uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro [...]. A boa entrevista acontece a três. Ela acontece quando entrevistador e entrevistado sentam-se frente a frente, se olham nos olhos e abrem juntos um espaço de confiança num mundo de tantas desconfianças. Abrem juntos um espaço de diálogo.[31]

Em relação às imagens fotográficas colhidas durante o trabalho de pesquisa, estas são significativas por expressarem o que as palavras escritas não conseguem expressar. Considera-se a fotografia um instrumento significativo como uma fonte de conhecimento e representação por conseguir revelar e transcender a ideia de um fragmento que contém uma imagem "congelada". Para Susan Sontag,[32] "quando algo é fotografado, torna-se parte de um sistema de informação, adapta-se a esquemas de classificação e de armazenagem".

Ainda, sobre fotografia, a mesma autora define:

---

30 TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. In: CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998. p. 45.

31 CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas**: teoria, prática e experiências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 13.

32 SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 170.

> ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver. Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça — como uma antologia de imagens.[33]

As fotografias possuem a característica de mostrar o seu valor próprio, pois, cada "click" guarda ângulos, focos, paisagens singulares, os quais suscitam sentimentos e representações que visitam o imaginário individual e coletivo.

A pesquisa bibliográfica partiu de um levantamento, no esforço contínuo em realizar uma leitura crítica dos conhecimentos. Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi indicam a relevância da apropriação das informações descobertas durante a pesquisa e sinalizam que elas devem nutrir a produção de novas fontes de conhecimento, visto que "a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sobre novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras"[34] Assim, no caso deste trabalho, almeja-se refletir sobre a ludicidade como uma abordagem que possa propiciar novas conclusões relacionadas à educação patrimonial, especialmente, aos conhecimentos construídos nas práticas sociais cotidianas no Centro Histórico de Cuiabá.

Na realização do levantamento bibliográfico e documental buscando encontrar publicações (livros, artigos, periódicos, dissertações e teses) a respeito do objeto de estudo, a ludicidade como possibilidade de entendimento e encaminhamento das ações educativas, tomando o estudo de caso a experiência da Casa Silva Freire. Utilizou-se como fontes de informações: a Biblioteca do IPHAN-MT; o banco de teses e dissertações da Capes e do Domínio público e o site oficial do IPHAN. Pesquisou-se também os acervos da Biblioteca da UFMT e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT).

A fonte documental pesquisada centralizou-se no processo de tombamento federal do Centro Histórico de Cuiabá, primando pela análise das solicitações de impugnação feitas pelos moradores e documentos dos técnicos IPHAN que expressassem ideias sobre o valor do Centro Histórico e documentos anexos assim como os trabalhos e as dissertações acerca desse processo, como representativos para as análises do valor contido nessas narrativas.

---

33 SONTAG. op. cit. p. 13.

34 LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 183.

Sobre as fontes bibliográficas, buscaram-se as relacionadas ao processo de tombamento do Centro Histórico de Cuiabá, como a dissertação de Ludmila Lima Brandão[35] e o livro *Catedral do Senhor Bom Jesus de Cuiabá: um olhar sobre sua demolição* de Leila Borges de Lacerda.[36]

A dissertação de Brandão realiza algumas reflexões sobre o caráter pedagógico do processo de tombamento de Cuiabá, a partir dos conflitos existentes, este caráter pedagógico nasce entre os diálogos de instituições, destacando a atuação do Instituto dos Arquitetos do Brasil de Mato Grosso (IAB/MT) com alguns centros acadêmicos da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). A autora aponta que durante um período longo as referências ao patrimônio na cidade de Cuiabá "são experiências isoladas", destacando a atuação do IAB como agente responsável pela socialização do conhecimento arquitetônico do Centro Histórico de Cuiabá e; também, pela sua atuação de se contrapor através da mídia local sobre algumas demolições ocorridas durante o processo de tombamento e o descaso de autoridades locais. Essas ações de atuar na divulgação pelas representações citadas são consideradas por esta autora como "pedagógico-denunciantes".

Lacerda[37] reflete sobre as consequências do discurso da modernização que influenciaram a configuração urbana da cidade, apresentando como marco dessa nova racionalidade a demolição de vários lugares considerados representativos, com destaque a catedral da cidade. Além dessa perspectiva, a autora faz referências sobre os "silêncios" de autoridades públicas da época e a omissão na defesa do patrimônio da cidade.

A tese de Carlos Alberto Rosa[38] ofertou elementos importantes para conhecer informações históricas sobre este lugar, seus usos em diferentes momentos históricos e ir além do que as informações contidas em jornais, as quais julga-se cristalizarem ideias que não propiciavam o conhecimento do lugar, apenas divulgavam informações "inférteis". Justifica-se a importância da Praça da Mandioca como lugar fértil em relação aos aspectos culturais, mas, principalmente, como local de acolhida das primeiras habitações fixas seja por sua fonte de água, pela proximidade estratégica para os que chegavam à cidade, ou como lugar simbólico.

---

35 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **O Processo de Tombamento do Centro Histórico de Cuiabá**: Movimento Citadino e Educação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1993.

36 LACERDA, Leila Borges de. **Catedral do Senhor Bom Jesus de Cuiabá**: um olhar sobre sua demolição. Cuiabá, KMC, 2005.

37 LACERDA, Leila Borges de. **Catedral do Senhor Bom Jesus de Cuiabá**: um olhar sobre sua demolição. Cuiabá, KMC, 2005.

38 ROSA, Carlos Alberto. **Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (vida urbana em Mato Grosso no Século XVIII: 1722-1808)**. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1996.

As reflexões sobre a cientificidade da ludicidade; os espaços lúdicos e espaços qualificados; o lúdico e sua relação com a educação; o pensamento sobre a expressão *homo ludens*, a partir dos teóricos Johan Huizinga, Edgar Morin e Battista Mondin.

Proponho realizar pesquisa em acervo bibliográfico de escritores locais, contemplando também o estudo de narrativas sobre o cotidiano cuiabano, as informações históricas, as características arquitetônicas e de levantamento de relatos de pessoas sobre suas impressões do Centro Histórico.

E a ludicidade entra na conversa...

A ideia de nos servir das discussões sobre a Ludicidade para pensar as ações educativas empreendidas pelo IPHAN, em Cuiabá teve origem em algumas experiências profissionais como educadora em instituições públicas de ensino, que atuei na organização e coordenação do Encontro de Educadores Infantis: "A importância do lúdico no desenvolvimento infantil", no ano de 1997; e, depois na participação do projeto de extensão da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, intitulado "Metodologia de Ensino: o lúdico na prática dos professores da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental", em 2011 e 2012. Esse último curso de extensão envolveu um grupo de educadores da rede pública municipal de ensino, dos docentes da ETDUFPA e dos alunos do curso de Licenciatura Plena em Dança, Teatro e Música da Universidade Federal do Pará, o qual visava a consolidação de uma prática docente relacionada no diálogo e na alegria de ensinar e aprender.

A partir dessas experiências, um novo olhar sobre a ludicidade passou a ser construído e consolidado, provocando a necessidade de estudar, de perguntar e de construir uma prática docente acompanhada em ações e atividades lúdicas no cotidiano escolar realizada, de forma ainda bem inicial, pois, muito ainda havia a ser descoberto.

Além das atividades desenvolvidas no mestrado, em 2014, participei do curso de Educação Patrimonial voltado para professores da rede pública de ensino oferecido pelo Museu de Arte Sacra de Mato Grosso (MASMT), localizado na área de entorno do Centro Histórico de Cuiabá, de grande valia para conhecer a diversidade de concepções a respeito do patrimônio e da Educação Patrimonial dos docentes e; também, saber se as atividades pedagógicas realizadas por estes em suas escolas de origem, se possuíam intenções educativas voltadas ao patrimônio, assim permitindo realizar um levantamento de informações das atividades pedagógicas desenvolvidas e da metodologia empregada no desenvolvimento do trabalho.

Durante o curso citado acima, foi possível perceber, através dos relatos dos professores participantes, que a maioria dos profissionais sente falta de material pedagógico relacionado ao patrimônio nas escolas, falta de informação sobre Educação Patrimonial e expressavam as dificuldades metodológicas em se trabalhar atividades de Educação Patrimonial. Esse último aspecto ficou evidente durante a socialização das propostas de trabalho de finalização do curso apresentadas pelos professores. De acordo com as orientações da coordenação, as propostas de Educação Patrimonial deveriam ser realizadas nos ambientes escolares onde os professores trabalham. Durante a socialização observou-se que um número reduzido de professores apresentou a sua proposta de trabalho e, também, as propostas que continham na metodologia "atividades lúdicas" não apresentavam referenciais teóricos que subsidiassem o uso do lúdico.

Esse aspecto também foi sentido durante a participação no 3º Encontro Sul-Brasileiro de Educação Patrimonial, no qual foi necessário participar das apresentações de trabalhos que referenciavam a ludicidade como metodologia nos projetos de Educação Patrimonial. Um dado curioso foi que em todas as apresentações presenciadas a expressão "atividades lúdicas" era usada, mas quando havia o questionamento sobre a base teórica que fundamentava tais atividades, as respostas apresentavam lacunas e em raros casos se ouviam apenas os nomes de Paulo Freire[39] e Vygotsky.[40]

Percebe-se nesses exemplos o uso aleatório e bastante superficial da expressão "lúdico" utilizado nos projetos de Educação Patrimonial apreciados. O termo lúdico aparece como um elemento atrativo, uma tentativa de tornar mais dinâmica e atraente a atividade.

Com o objetivo de desenvolver o tema o trabalho foi organizado em três capítulos. No primeiro capítulo propõe-se fazer reflexões sobre o processo de tombamento do Centro Histórico de Cuiabá, voltando-se para os conflitos que compuseram suas etapas de tramitação, através da análise das diferentes narrativas das instituições públicas e dos agentes sociais envolvidos, ou seja, as pessoas que vivenciaram este espaço cotidianamente. Este estudo busca compreender o que foi reconhecido como portador de valor patrimonial nesse processo, voltando-se para os conflitos, através da análise das diferentes narrativas das instituições sociais da esfera municipal, estadual, federal e comunidade. Procurando entender de que forma estes agentes interagiram até que se chegasse à proposta finalmente aprovada para tombamento.

---

[39] Paulo Freire propunha uma pedagogia específica, associando estudo, experiência vivida, trabalho, pedagogia e política (GADOTTI, Moacir (Org.). **Paulo Freire**: uma bibliografia. São Paulo: Cortez, 1996. p. 67).

[40] Um dos maiores psicólogos do século XX. No cerne do sistema psicológico Vygotskyano, encontra-se uma teoria do desenvolvimento mental ontogenético que é, também, uma teoria histórica do desenvolvimento individual (IVIC, Ivan. **Lev Semionovich Vygotsky**. Organização por Edgar Pereira Coelho e tradução por José Eustáquio Romão. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana. 2010. p. 11-12).

Propõe-se também fazer a análise desse material no intuito de compreender sobre o envolvimento da comunidade nesse processo de patrimonialização, visto que o contexto histórico mais geral que permeava o processo de tombamento do Centro Histórico de Cuiabá tratava-se do processo de redemocratização nacional, nas décadas de 1980 e 1990. Tal contexto apresentava como marco a Constituição Federal de 1988, a qual, numa perspectiva específica de patrimonialização, além de ampliar o conceito de patrimônio[41] postulava sobre a maior abertura da participação de outros atores sociais nas políticas de preservação. Busca-se identificar quais os instrumentos usados ou não no processo de mediação entre as atuações dos órgãos públicos envolvidos e a sociedade. Perceber se a atribuição de valor da população, o que ela valorizava ou não foi incluso como variável nesse processo. Identificar a denominação e os valores que foram dados a um bem patrimonial (ao Centro Histórico de Cuiabá), passos significativos para tecer análises contextualizadas de ações educativas que envolvam sua valorização, como também, refletir sobre as ausências dessas ações.

Compreende-se que voltar-se a discussão sobre a atribuição de valor dada ao Centro Histórico de Cuiabá é um aspecto importante para o processo de conhecimento sobre esse lugar. A análise sobre a questão do valor, a relação entre os sujeitos e o patrimônio é considerado aqui neste trabalho um aspecto significativo para reflexões sobre as ações educativas voltadas à valorização do Centro Histórico.

O segundo capítulo convida à reflexão sobre o estudo da ludicidade como um elemento propulsor de uma metodologia de ensino-aprendizagem que fortaleça o processo de experimentação e construção do conhecimento sobre patrimônio. O trabalho com o lúdico visa suscitar referências metodológicas para sua utilização no contexto da Educação Patrimonial, enquanto mecanismo que favoreça o desenvolvimento do fazer pedagógico, na construção de conhecimento pautado na inovação, na descoberta e no prazer. Busca-se trabalhar o lúdico como elemento articulador entre os saberes experienciais com os científicos, conferindo maior prazer e motivação no processo de aprendizagem. A concepção de ludicidade desenvolvida

---

41 No artigo "Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil" a autora Marcia Regina Romeiro Chuva afirma que, nas décadas dos anos de 1970 e 1980 ocorreram transformações, sendo que tais transformações tiveram como consequência a de crise do capitalismo, o enfraquecimento dos Estados Nacionais, a emergência de novos valores e reconfiguração de processos identitários, há uma ampliação da noção de patrimônio cultural, "em que novos objetos, bens e práticas passam a ser incluídos ou a concorrer para se tornarem patrimônio cultural". Outro ponto citado pela autora como contribuidor para a ampliação da concepção de patrimônio são os novos direcionamentos dos estudos antropológios no âmbito das ciências sociais, os quais contribuíram para que a cultura fosse observada como processo e, consequentemente, as relações cotidianas passaram a ser consideradas como objetos de investigação (CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 34, ,2011. Rio de Janeiro, 2011. p. 157).

nesse estudo apoia-se nas contribuições dos teóricos: Santa Marli Pires dos Santos, Simei Santos Andrade, Tizuko Morchida Kishimoto e Gilles Brougère.

O terceiro capítulo dedica-se a, a partir da abordagem sobre a ludicidade, refletir sobre a cidade de Cuiabá, o estudo dos usos e apropriações culturais do Centro Histórico de Cuiabá, mais especificamente da Praça da Mandioca, voltar o olhar para a identificação da dinâmica social desse lugar e analisar o Circuito Cultural Setembro Freire desenvolvido pelo Projeto Casa de Cultura Silva Freire, a fim de identificar os princípios de Educação Patrimonial que o norteiam com a preocupação de registrar essa experiência de trabalho envolvendo a rua enquanto um lócus de aprendizagem, como também, identificar os elementos lúdicos nele contidos.

CAPÍTULO 1

1. O PATRIMÔNIO E OS HABITANTES: O CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ EM BUSCA DO VALOR ATRIBUÍDO

Considera-se interessante a curiosidade em saber o que as palavras trazem como significado, e, além disso, refletir sobre o que o outro atribui à palavra que é usada. Essas reflexões mostram os detalhes que compõem as discussões de valor, pois os significados atribuídos a um bem podem envolver diversas concepções provenientes dos conhecimentos técnicos em detrimento dos conhecimentos empíricos, como também, das formas de apropriação social do bem.

Na introdução do livro *Palavra e Verdade* de Luiz Alfredo Garcia-Roza, o autor descreve que em um determinado tempo, na Grécia arcaica, as palavras "faziam parte do mundo das coisas e dos acontecimentos". A palavra não apresentava uma única forma de significação, e nesse processo de decifração outros sentidos poderiam ser originados "A palavra, juntamente com as condições de sua enunciação, não valia apenas pelo seu sentido manifesto, mas como signo a ser decifrado para que outro sentido, oculto e misterioso, pudesse emergir, num interminável de decifrações".[42]

Ainda reportando à Garcia-Roza,[43] este cita um trecho da obra *De Magistro* de Santo Agostinho e a partir do enunciado "que os signos não servem de nada para aprender", analisa que para Santo Agostinho o signo é enganador, possui a característica de ser ilusório devido não ter uma relação natural com a coisa. O processo de identificação de uma coisa não se limita na existência da coisa e nem do signo que a representa, de forma isolada. A significação da palavra deve ser constituída na relação conjunta de outras palavras.

A partir dessas reflexões pode-se pensar que a representatividade de alguma coisa, sua definição e identificação por um signo se constrói numa teia de significados, pois o signo somente ele não é capaz de conter a verdade sobre o significado de alguma coisa. "A razão pela qual as coisas têm o nome que têm não está na coisa nem no signo considerado isoladamente, mas nas definições, isto é, nas relações entre os signos".[44]

O nome que o IPHAN oficialmente denomina para o Centro Histórico de Cuiabá como Conjunto Arquitetônico Urbanístico e Paisagístico e que para algumas pessoas é desconhecido

---

42 GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e verdade**: na filosofia antiga e na psicanálise. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 7.

43 GARCIA-ROZA. op. cit. p. 96.

44 GARCIA-ROZA. op. cit. p. 97.

pode ser considerado um dado interessante como problematizador da questão do valor, pois, a relação dos significados presentes nessa denominação acolhem entendimentos divergentes que podem gerar relações conflituosas e formas de atuação relacionadas à preservação não compreendidas. Segundo Izabela Tamaso,[45] a pluralidade de valores e significados e o não reconhecimento dos valores da comunidade local é uma questão que se reporta às discussões sobre a relação complementar dos valores materiais e imateriais, os quais, segundo ela, são obscurecidos "[e nas] políticas públicas de preservação, que se fundamentam no instituto do tombamento".

Comunga-se da afirmação de que o nome do lugar é atribuído pelas relações sociais que são construídas no cotidiano. Entende-se que as relações de sociabilidade são aquelas que conseguem dar um nome para o lugar, pois sua singularidade não se encontra apenas na sua existência em si, é construída a partir das diferentes relações sociais e geográficas que se faz, envolvendo as comunidades locais, entendidas aqui como diversas.

A compreensão de lugar para Doreen Massey,[46] não contém um sentido universal que deva ser acolhido por todos, pois para ela, assim como a identidade não deve ser entendida como universal ou homogênea, assim também, não deve sê-lo com o entendimento de lugar.

A partir desse entendimento sobre a identidade do lugar podem ser percebidos dois aspectos encontrados em polos extremos, que em certos momentos apresentam esta disjunção, e em outro podem ser complementares, são eles os aspectos peculiares do lugar e suas relações externas. Estes dois aspectos podem oferecer uma visão mais completa da constituição do lugar. Para Massey, a identidade do lugar é fruto da construção, da relação entre a aproximação das características peculiares do lugar e suas relações externas.[47]

A autora destaca a importância das práticas sócio espaciais, pois segundo ela, essas práticas interferem na significação dos lugares. Sincronicamente, as práticas socioespaciais no mesmo instante que assumem o papel de definidoras, são também influenciadas pela confluência das relações locais com as relações globais. Repercutindo na ampliação das fronteiras locais, trabalhando com a ideia de extensão imaginada do lugar, por isso justifica-se a ideia do lugar para além de demarcações territoriais.

---

45 TAMASO, Izabela. A expansão do patrimônio: novos olhares sobre velhos objetos, outros desafios. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, vol. 8, n. 2, 2005. p. 4.

46 MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antônio A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

47 MASSEY. op. cit. p. 184.

Ludmila Brandão na sua dissertação intitulada "O processo de tombamento do Centro Histórico de Cuiabá: movimento citadino e educação" [48], fala sobre a importância da atuação do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB/MT), como uma instituição propiciadora do aguçar do olhar sobre a preservação do patrimônio e a necessidade de manutenção de "paisagem urbana" da cidade, sendo que segundo a autora, esta compreensão de preservação não possuía afinidade com o entendimento de valoração de imóveis isolados.

As compreensões "conceituais" do CH começam a tecer uma trama de entendimentos que aos poucos irão contribuir na composição sobre o CH para o processo de tombamento. Sendo que esse movimento de construção esse percurso de entendimento sobre o CH não se desenvolve de forma harmoniosa, vários conflitos emergiram a partir da diversidade de atribuições de valores expressos pelos diversos grupos sociais.

A importância dada ao nome do lugar foi um dado relevante, por exemplo, na delimitação do Centro Histórico de Cuiabá. Segundo Márcia Bomfim,[49] no ano de 1986 as técnicas do IPHAN responsáveis pelo estudo sobre o tombamento, após uma visita à Cuiabá elaboraram um documento justificando fundamentos para a exclusão de algumas áreas anteriormente propostas nos primeiros estudos feitos para o tombamento. No caso específico da área do Centro Histórico, a autora aponta que o entendimento de Centro Histórico se confunde com o Centro Comercial. Segundo a autora, "a preocupação, da parte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em não contrapor o tombamento ao crescimento da cidade parece ter sido o critério definidor das dimensões da área a ser tombada".[50] Dessa forma, a compreensão conceitual do centro comercial numa análise menos cuidadosa não traz consequências, mas a partir de uma visão mais criteriosa ela se sobrepôs ao entendimento conceitual de centro histórico e influenciou na determinação do que seria área tombada com área de entorno.

A visão do centro da cidade como um conjunto arquitetônico foi expressa pela primeira vez pela arquiteta Rachel Rezende no ano de 1979, quando na sua vinda à cidade apresentou suas considerações sobre a "preservação da memória cuiabana", através de um artigo publicado no *Diário de Cuiabá*. Este artigo enfatizava a importância de preservação da memória cuiabana, pois segundo ela, a memória se expressava nos bens patrimoniais existentes no Centro Histórico

---

48 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **O Processo de Tombamento do Centro Histórico de Cuiabá**: Movimento Citadino e Educação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1993.

49 BOMFIM, Márcia. **As Engrenagens da Cidade**: centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX. Cuiabá: EdUFMT; Carlini & Caniato, 2010.

50 BOMFIM. op. cit. p. 90.

de Cuiabá, denominados de “Patrimônio Arquitetônico”. E, também, fez alusão ao Centro de Cuiabá como um “patrimônio em um sentido amplo, não se tratando apenas de imóveis isolados”.[51]

Ludmila de Lima Brandão,[52] ainda cita que neste mesmo ano a cidade recebeu uma comissão de arquitetos da Universidade de Brasília (UnB), a qual durante a realização do levantamento e registro dos monumentos históricos da região, através de um representante expressou as seguintes impressões sobre o centro de Cuiabá: “cada quarteirão da cidade esconde uma surpresa histórica: uma avenida inteiramente larga termina em uma rua tortuosa e estreita; casas em estilo moderno se misturam com residências antigas; são verdadeiros patrimônios históricos”. [53]

Tais denominações dadas ao Centro são anteriores aos processos de tombamento estadual e federal, quebram um silêncio que causou a obnubilação de outros atribuídos a este lugar. Segundo Bomfim,[54] os entendimentos desses arquitetos vindos de outras cidades atribuindo valor arquitetônico ao Centro Histórico, identificando-o como “um conjunto arquitetônico que merecia fazer parte do patrimônio nacional” repercutiu na sociedade local e motivou os discursos de preservação que ecoavam na cidade.

Retomando a fala da arquiteta Rachel Rezende, percebe-se que suas considerações expressam que as edificações que compõem o Centro Histórico são consideradas no seu conjunto, em nenhum momento expõem a ideia de monumento, ao contrário, expõem uma representação patrimonial da cidade associada com a simbologia do lugar, quando faz referência à memória. Expressa a complementaridade das questões da materialidade e imaterialidade de um bem. É importante ressaltar a questão da relação das dimensões material e imaterial do patrimônio, sendo elas inseparáveis, e que interferindo em uma se estará interferindo em outra. O patrimônio cultural tem como suporte os vetores materiais que possuem uma dimensão imaterial de significado e valor, assim como, o denominado patrimônio

---

51 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **O Processo de Tombamento do Centro Histórico de Cuiabá**: Movimento Citadino e Educação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1993. p. 105.

52 BRANDÃO. op. cit.

53 BRANDÃO. op. cit. p. 106.

54 BOMFIM, Márcia. **As Engrenagens da Cidade**: centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX. Cuiabá: EdUFMT; Carlini & Caniato, 2010. p. 66.

imaterial possui uma dimensão material que lhe permite efetivar-se. A diferença não é de natureza, mas de operacionalização.[55]

A experiência estética[56] vivenciada por esses arquitetos em visita à Cuiabá propiciou construir significados sobre esse lugar, e, para, além disso, contribuiu para aguçar, junto aos grupos sociais, a ideia de patrimonialização do CH. Pessoas externas com instantes de proximidade conseguiram intercambiar suas impressões desse lugar e colaborar para a ampliação da discussão sobre a patrimonialização do centro na sociedade local.

Comunga-se da ideia que o lugar se torna realidade, a partir da nossa familiaridade com o espaço, não necessitando, entretanto, ater-se a uma definição fixa. Sendo que esse processo de familiarização se constrói de formas diferenciadas.

Massey[57] cita um exemplo dessa construção de relações com o lugar relatando sua experiência de residir em Kilburn High Road[58]. Relata algumas impressões sobre o lugar:

> Primeiramente, embora Kilburn possa ter uma característica própria, não se trata absolutamente de uma identidade coesa, coerente de um sentido particular do lugar, partilhado por todos. Nada poderia ser mais diferente disso. O itinerário das pessoas pelo lugar, seus refúgios e as conexões que realizam (fisicamente, pelo telefone, pelo correio ou na memória e na imaginação) entre esse lugar e o resto do mundo variam muito. Se se reconhece que as pessoas têm identidades múltiplas, pode-se dizer a mesma coisa dos lugares. Ademais, essas identidades múltiplas podem ser uma fonte de riqueza ou de conflito, ou ambas.[59]

Nesse exemplo percebe-se que a autora quer demonstrar a visão equivocada entre a identificação dos termos lugar com "comunidade", pois é possível existir comunidades sem necessariamente compartilharem do mesmo lugar, mas através do compartilhamento das referências culturais que o lugar possui. Ainda segundo a autora, "o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num lócus particular".[60]

Além dessas reflexões a autora discorre sobre a raridade da existência de "comunidades" e questiona sobre essa singularidade, pois mesmo que a comunidade se relacione a uma

---

55 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O Campo do Patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: 1º Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. **Anais 2**. vol. 1. Brasília, DF: IPHAN, 2012. p. 31.

56 Entendimento de experiência estética segundo Ulpiano Bezerra de Meneses no artigo intitulado "O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas". I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural. Vol. 1.

57 MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antônio A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

58 Lugar localizado no noroeste do centro de Londres.

59 MASSEY. op. cit. p. 183.

60 MASSEY. op. cit. p. 185.

representatividade dita homogênea, elas possuem "estrutura interna", pois as formas de se relacionar com o espaço, os seus elos representativos sobre os lugares, as conexões construídas são diferenciadas.

> Assim, em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como lugar em si, seja uma rua, uma região ou um continente. Isso, por sua vez, permite um sentido do lugar que é extrovertido, que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e o local.[61]

Segundo a autora, o lugar é compreendido não somente pelas suas delimitações territoriais, ele não se encontra comprimido nas demarcações fronteiriças, o que lhe garante a sua existência não são suas delimitações precisas, mas o processo construído das singularidades de relações sociais e simbólicas. Dessa forma pode-se comungar da ideia de que o sentido do lugar passa por constantes conexões sociais, sua especificidade não se origina de uma unicidade ou modelo fechado de representações, mas deriva das inter-relações sociais cotidianas. Sendo que tais relações devem ser consideradas nos campos globais e locais, nos fluxos internos e externos.

A globalização proporciona por um lado a disjunção entre o local e o global, causando a necessidade de se buscar as particularidades do local na crença de sua homogeneidade contida na comunidade, recaindo na interpretação de se entender a comunidade constituída de homogeneidade, buscando ressaltar suas características verdadeiras. E também, segundo Massey,[62] a globalização das relações sociais pode ser considerada como uma "fonte de reprodução" da singularidade por propiciar diferentes formas de relações geográficas. A formação de grupos diversos que são gerados da globalização das relações sociais isso garante a dinâmica do processo de construção de valores.

Ainda conforme a autora a singularidade do lugar não se encontra na sua existência em si, é construída a partir das diferentes relações sociais e, consequentemente, geográficas que se faz com esse lugar, envolvendo as comunidades locais, entendidas aqui como diversas.[63]

Entende-se que a forma como as pessoas usam e interagem nos lugares é um caráter muito forte e difícil de conhecer, perceber e trabalhar com ele. Este capítulo busca compreender

---

61 MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antônio A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 184.

62 Idem.

63 Idem.

o valor atribuído ao Centro Histórico, tendo em vista as políticas públicas culturais de preservação e os agentes sociais que ali compartilharam este espaço.

Propõem-se fazer reflexões sobre o processo de tombamento, voltando-se para os conflitos que compuseram esse processo, através da análise das diferentes narrativas das instituições públicas na esfera municipal, estadual, federal contrapondo com as dos agentes sociais que estão ali envolvidos, ou seja, as pessoas que vivenciam este lugar cotidianamente. É necessário entender de que forma estes agentes interagiram não somente no campo das ações, mas dos debates estabelecidos durante o processo de tombamento. Que tipo de valor foi atribuído aos prédios tombados? O que foi reconhecido como portador do valor de patrimônio no processo de tombamento do Centro Histórico de Cuiabá? Propõe-se também, compreender sobre o envolvimento da comunidade nesse processo de patrimonialização, visto que o contexto histórico que permeava o processo de tombamento do Centro Histórico de Cuiabá estava passando por um processo de democratização nacional. Tal contexto apresentava como marco a Constituição Federal de 1988, a qual, numa perspectiva específica de patrimonialização, além de ampliar o conceito de patrimônio, postulava sobre a maior abertura da participação de outros atores sociais nas políticas de preservação.

Busca-se identificar quais os instrumentos usados ou não no processo de mediação entre as atuações dos órgãos públicos envolvidos e a sociedade. Perceber se a atribuição de valor da população, o que ela valorizava ou não foi incluso como variável nesse processo.

A reflexão proposta no primeiro capítulo sobre a questão do valor nas práticas de ações educativas direcionadas à preservação patrimonial inspira-se nas ideias de Maria Cecília Londres Fonseca,[64] quando a autora considera "imprescindível questionar o processo de produção desse universo que constitui um patrimônio". Discutir a questão do valor a partir das visões dos diversos atores envolvidos, pesquisar o nível de envolvimento da sociedade nesse processo de preservação que, em alguns momentos, como diz Fonseca,[65] "trata-se de uma dimensão menos visível, mas nem por isso menos significativa, das políticas de preservação".

Sendo assim, entende-se que discutir educação patrimonial prescinda da reflexão sobre o processo de atribuição de valor de um bem, permitindo-se escutar as várias vozes que expressam seus entendimentos, na busca de tornar a discussão menos nebulosa, pois auxilia na

---

64 FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: MinC-IPHAN, 2005. p. 64.

65 FONSECA. op. cit. p. 36.

retirada das brumas que obscurecem conhecer "a relação da sociedade com a sua cultura".[66] Trabalhar com a Educação Patrimonial sem discutir a questão do valor e os valores simbólicos, reforça a ideia do uso de modelos e práticas de conservação que se direcionam unicamente ao objeto (bem) do que aos sentidos produzidos pelos sujeitos.

Inicialmente irá tratar-se das narrativas relacionadas às solicitações de impugnação do processo de tombamento do Centro Histórico, analisar os entendimentos sobre o valor a partir das contribuições teóricas de Alois Riegl,[67] Choay[68] e Fonseca,[69] visando subsidiar as análises contidas nas solicitações de impugnação, como também, das "falas" contidas no processo envolvendo as várias esferas governamentais. Trataremos também sobre as concepções de progresso e seus reflexos na efetivação das mudanças arquitetônicas do Centro Histórico.

O intento em trabalhar as concepções de progresso surge em buscar evidenciar as repercussões dessas concepções nas mudanças no espaço urbano do Centro Histórico de Cuiabá e, também, no imaginário social. Considerando a influência destes preceitos para as razões contidas nas argumentações das solicitações de impugnação, como também, das perspectivas de valor dos grupos preservacionistas da cidade.

Lacerda[70] afirma que no discurso da modernização novos valores foram sendo constituídos, "o verbo civilizar seria a ordem do dia: civilizar a Capital, mais que tudo, tratava de modernizá-la com vistas â manutenção do centro político-cultural do Estado".

1.1. As narrativas de impugnação do processo de tombamento

O processo de tombamento do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Cuiabá foi aberto sob o nº 1.180 – T-85 pelo IPHAN[71]. A solicitação do tombamento do Centro Histórico

---

66 FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro D&P, 2003. p. 64.

67 RIEGL, Alois. **El culto moderno a los monumentos**. Madrid: Visor, 1987.

68 CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

69 FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro D&P, 2003.

70 LACERDA, Leila Borges de. **Catedral do Senhor Bom Jesus de Cuiabá**: um olhar sobre sua demolição. Cuiabá, KMC, 2005. p. 37.

71 Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional criada em 1937 através da Lei de nº 378. 1946 – O Sphan passa a se denominar Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Dphan). Em 1970 o Dphan se transforma em Iphan. Nos anos de 1979 o Iphan se divide em Sphan — órgão normativo — e Fundação Nacional Pró-memória (FNpM) – órgão executivo. Em 1990 é extinta a Sphan e a FNpM e ocorre a criação do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC). Nos anos de 1994 a Medida Provisória de n° 752 determina que o Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural – IBPC e o Instituto Brasileiro de Arte e Cultura — IBA passem a denominar-se, respectivamente, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Fundação de Artes

de Cuiabá originou-se de uma solicitação, via ofício nº 263/85/FNPM/BSB, da 8ª DR,[72] sendo a sua abertura oficialmente feita no dia 25 de setembro de 1985.

Inicialmente o embasamento teórico do processo de tombamento tinha como pilar as pesquisas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), mas a partir de análises dos documentos que compõem o processo de tombamento, acredita-se que no percorrer do processo, outras fundamentações convergiram nessa tessitura de fundamentações contribuindo para uma trama de significados diferentes sobre esse lugar, contemplando outras categorias de valor.

As justificativas para o tombamento abarcam desde referências consideradas por Bomfim,[73] como uma "história produzida pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso", abrangendo uma "perspectiva relativizadora" sobre o Centro Histórico de Cuiabá, abarcando também, novas leituras e análises que compõem e acompanham as próprias mudanças ocorridas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Segundo Bomfim:

> Os aspectos políticos e econômicos da colonização portuguesa apareciam nesse estudo como determinantes na conformação urbana da cidade. Uma histórica centrada na ação portuguesa, em que os aspectos políticos e econômicos se sobressaíam mais do que os aspectos culturais e sociais, fundamentou o tombamento.[74]

No documento Informação nº104-A, que compõe o processo de tombamento aqui estudado, o IPHAN apresenta como justificativa do tombamento a ideia de "fato histórico".

(FUNARTE). Para fins de facilitar a leitura será utilizada a nomenclatura IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1774/iphan-completa-70-anos-de-protecao-da-memoria-brasileira>. Acesso em: 20 fev. 2016.

72 O IPHAN iniciou, oficialmente, suas ações institucionais em Brasília, em 1960, com implantação de um Distrito Técnico da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Dphan), do Ministério da Educação e Cultura (Mec). Posteriormente, em 1976, esse Distrito foi transformado na 7ª Diretoria Regional do Dphan - depois denominada 8ª DR — cuja área de abrangência incluía os estados de Goiás, Mato Grosso e o Distrito Federal. Em 1990, a partir de reestruturação implantada no Iphan, essa unidade descentralizada passou a denominar-se 14ª. Superintendência Regional (SR), com jurisdição nos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Rondônia, além do Distrito Federal. Em 1995 — no âmbito do Departamento de Proteção (Deprot) e vinculada diretamente à Presidência do IPHAN, foi criada a Comissão Especial Brasília (Ceb) para gerenciar o conjunto urbanístico tombado. Em 1998, com a extinção dessa Comissão, a gestão preservacionista de Brasília retornou à 14ª. SR. No ano 2000, com a transferência da sede da 14ª SR de Brasília para Goiânia foi criada a Gerência Executiva de Brasília, subordinada ao Deprot para tratar especificamente das ações preservacionistas na capital. Por meio do Decreto nº. 4.301, de 12 de julho de 2002, a gestão do conjunto urbanístico de Brasília passou à 15ª. SR do Iphan, criada nessa data para gerenciar a preservação do patrimônio cultural do Distrito Federal. A denominação Superintendência do Iphan no Distrito Federal decorre da edição do Decreto nº 6.844, de 7 de maio de 2009, que aprovou a atual estrutura regimental deste Instituto, com superintendências de abrangência estadual. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/df/pagina/detalhes/1076>. Acesso em: 24 abr. 2017.

73 BOMFIM, Márcia. **As Engrenagens da Cidade**: centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX. Cuiabá: EdUFMT; Carlini & Caniato, 2010.

74 BOMFIM. op. cit. p. 87.

Este considerado como “processo gerado num tempo e espaço determinados, gerador de consequências e/ou mudanças”.

> No caso específico de Cuiabá, a formação do núcleo foi entendida como fato histórico porque produziu entre outras consequências, o avanço da América portuguesa sobre a espanhola, constituindo-se em um polo irradiador para a ocupação do interior e demarcação futura do território brasileiro.
> (Processo de tombamento nº 1.180 – T-85)

Pode-se evidenciar que esta forma de conceber o processo de formação da cidade, especificamente o seu núcleo, são analisados primando unicamente sua materialidade, sem fazer referência a toda composição cultural do lugar.

Segundo Elizabeth Madureira,[75] o IHGMT entre o período de 1919 até 1980 era considerado uma instituição de referência nos trabalhos de pesquisas relacionados ao estado de Mato Grosso. A implantação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) no início dos anos de 1980 veio ocupar esse espaço que o IHGMT possuía como instituição referência científica local. Este fato associado às mudanças de paradigmas da Historiografia ocorrida nos final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, propiciaram novos olhares sobre a compreensão histórica. Ainda segundo Elizabeth Madureira as leituras sobre a história local eram diferenciadas entre estas instituições.

As mudanças de diretrizes de fundamentação por parte da IPHAN podem ser evidenciadas em alguns documentos internos.

No comunicado interno de nº 70/90, elaborado pelo arquiteto Ítalo Campofiorito destinado à professora Lilian Barreto, inventariante FNPM (Fundação Nacional Pró-Memória), contém informações sobre o processo de tombamento. No item oito:

> a justificativa do tombamento efetivado baseia-se, por sua vez, em metodologia renovada — face à tradição cinquentenária da Casa (IPHAN) — e longamente explicitada no processo; não se trataria mais de valor vinculado ‘a fatos memoráveis da história do Brasil’, mas sim, de uma leitura da cidade enquanto ‘documento histórico, numa perspectiva relativizadora’, de um ponto de vista, por assim dizer, antropológico — o que levou a uma ‘conceituação amplificada’ da noção de Centro Histórico como ‘representação da heterogeneidade que caracteriza a evolução histórica da cidade’, no ‘adensamento principal do centro urbano’.
> (Processo de tombamento nº 1.180 – T-85, p. 110)

Através dessas citações é possível perceber a importância dada para as práticas sociais desenvolvidas no Centro Histórico de Cuiabá.

---

75 Curadora do Museu e Arquivo IHGMT.

No documento identificado como Informação nº 32 percebe-se a existência de uma leitura do Centro Histórico como cenário "representativo de diferentes épocas", como se ele fosse capaz de propiciar informações sobre a dinâmica construída historicamente nesse lugar.

> Definimos como CH de Cuiabá aquilo que representa a heterogeneidade que caracteriza a cidade, levando-se em conta as diferentes relações socioculturais expressas num espaço bastante definido historicamente, que veio se solidificando, ao longo do tempo, como núcleo urbano e, por isso mesmo, como realidade complexa. [...] O que estamos identificando enquanto centro histórico é a forma urbana (trama urbana, ocupação, casario) que permaneceu testemunhando o passado; este espaço foi apropriado socialmente, apresentando, por isso, as transformações provocadas pelo homem ao longo da história.

A partir dessas considerações contidas nos documentos acima citados identifica-se um deslocamento de prismas sobre as diretrizes da fundamentação do tombamento, como também, o florescer de outra categoria de valor do Centro Histórico de Cuiabá, o qual seja, o valor antropológico. Durante as análises da documentação do tombamento, o aspecto do valor antropológico esteve silenciado nos documentos oficiais.

Na busca de entendimento sobre o valor atribuído ao Centro Histórico de Cuiabá buscou-se como uma das fontes principais o processo de tombamento do Centro Histórico de Cuiabá nº 1.180-T/SPHAN/FNPM. Para analisar as concepções de valor existentes nesse lugar, as visões conflituosas ou harmônicas que foram sendo construídas, entender como tais visões emergiram, buscando compreender os vários contextos históricos que refletiram as várias concepções de patrimônio e valor contidas no processo.

Por isso considera-se significativo historiar o processo, principalmente nos tópicos referentes aos pareceres que justificam o tombamento, os pedidos de impugnação feitos pelos moradores e comerciantes, e os caminhos jurídicos – burocráticos que o constituem.

A análise do processo irá ser desenvolvida a partir de uma perspectiva cronológica, a fim de nos aproximarmos das concepções de valor atribuídos das esferas federal, estadual e municipal; bem como pelos dos moradores e comerciantes do Centro Histórico, grupos que, conforme já foi dito, são predominantes na região. Em outros momentos optaremos em resenhar informações consideradas significativas para a discussão sobre o valor e, de acordo com a necessidade, apresentá-los na íntegra.

O processo administrativo nº 1180 – T-85 expõe as motivações que induziram ao tombamento do Conjunto Arquitetônico Urbanístico e Paisagístico de Cuiabá, contém as especificações sobre os motivos que o compõem, referindo-se aos valores histórico, arquitetônico e paisagístico. O valor histórico justifica-se pelo fato de se considerar o núcleo

que originou o Centro Histórico, como um fato histórico. A leitura de que sua constituição é consequente de relações socioeconômicas e culturais e produziu consequências, dentre elas são citadas o avanço da América portuguesa sobre a espanhola, constituindo-se em um polo irradiador para a ocupação do interior e demarcação do território brasileiro. Acolhendo as formas de organização dos grupos sociais, a compreensão das relações sociais estabelecidas.

Os valores paisagístico e arquitetônico são provenientes da argumentação de que a caracterização de uma paisagem é proveniente do processo de sua composição, sua constituição está na sua construção progressiva. O testemunho material da organização sócio espacial de um núcleo é representado pelas suas características de conformação e pela tipologia de sua implantação. São valores que contribuem para a leitura significativa sobre o processo de produção, uso e transformação.

As notificações sobre o tombamento ocorreram no dia 1º de outubro de 1987 através de publicação no Diário Oficial da União, Seção 1-16209, contendo a publicação de edital de Notificação aos proprietários informando-os do tombamento do Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico da cidade de Cuiabá.

O documento inicialmente declara o perímetro a ser tombado e na parte seguinte cita sobre suas implicações:

> O presente edital implica o tombamento dos bens, logradouros e paisagem inseridos no perímetro retro citado que passam, por conseguinte, a ser tutelados pela proteção especial do Poder Público Federal, o qual, por intermédio do SPHAN, valerá para que os efeitos previstos em suas normas disciplinadoras e adiante especificados sejam devidamente respeitados, no interesse geral da coletividade. Os proprietários de tais bens terão o prazo de 15 dias (quinze dias) a contar da publicação, para comprovando o seu título e domínio, impugnarem, se assim convier, o tombamento.
> Caso transcorra "in albis" o prazo assim referido, entender-se-á que ocorreu anuência tácita dos proprietários. Ficam igualmente sujeitos à prévia análise do órgão federal os projetos relacionados à vizinhança (entorno) da área tombada, a fim de se proteger a sua visibilidade e ambiência.
> (Processo nº 1180 – T-85 – Vol. I, folha 137)

Ressalta-se que a notificação feita aos proprietários se estendeu a outros veículos de comunicação de ampla divulgação no município. [76]

A prefeitura da cidade recebeu no dia 02 de fevereiro de 1987, o ofício de nº 306, do IPHAN, o qual tinha como assunto "Dá conhecimento de processo de tombamento Centro Histórico de Cuiabá – MT". [77] O referido documento informava a delimitação da área tombada,

---

[76] No mesmo dia da publicação do edital no Diário Oficial, o edital de notificação foi publicado pelo Diário Oficial do Estado de Mato Grosso na página 57, pelo jornal "O Estado de Mato Grosso" na página 6 e pelo Diário de Cuiabá na seção geral, página 13 (Processo de tombamento nº 1180, T-85, p. 141-144).

[77] Processo nº 1180 – T-85. Volume I-A.

e também, expunha a importância do papel da prefeitura na expedição de licenças de obras, construções e demolições. No entanto, ressaltava a necessidade da manifestação e aprovação prévias da 8ª Diretoria Regional do IPHAN, representada na pessoa do Diretor Arquiteto Marco Antônio Galvão para apreciação dos projetos a serem licenciados para o referido conjunto e para os bens localizados na área de entorno afins com os critérios estabelecidos na portaria nº 10/86_ SPHAN.

O Decreto-lei 25 de 30 de novembro de 1937[78] no seu artigo 9º especifica o prazo de quinze dias para a realização de impugnações.

No memorando nº 117 SPHSN/FNPM/BSB, de 22 de outubro de 1987, encaminhado do Diretor da 8ª DR SPHAN/ FNPM para a Assessoria Jurídica FNPM/ Rio são relacionados os pedidos de impugnação dos moradores e comerciantes.[79] Devido às especificidades jurídicas os pareceres foram feitos respeitando essas especificidades. Tais especificidades se reportam às questões de ausências de documentações comprobatórias exigidas para a solicitação de impugnação, equívoco de análise de localização de imóvel e insuficiência de razões que proporcionassem análise e dado provimento.

Ressalta-se que todas as impugnações com exceção de duas, a do Cel. Otayde e da Sra. Antônia Damasceno, foram feitas seguindo o mesmo modelo. Em geral o conteúdo das impugnações questionava a forma de notificação, considerando que o IPHAN não cumpriu com o Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. A outra questão levantada refere-se "da aplicação, em âmbito nacional, do instituto do tombamento decidir pelo tombamento ao invés de uma política de zoneamento".[80]

A partir da análise de que as impugnações seguiam o mesmo modelo, pode-se afirmar que as solicitações não foram elaboradas a partir de insatisfações individuais, mas da coadunação da ideia contrária ao tombamento, deixando clara a existência de uma mobilização conjunta contrária ao tombamento.

Sobre essas duas questões a assessoria jurídica em resposta às impugnações de moradores e comerciantes,[81] estes considerados legalmente investidos na qualidade de

---

78 Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

79 Miguel Abrão Lofti; Evangelina de Figueiredo Carvalho; Lucy Gomes de Campos; Evailza Mendes de Carvalho Mendes; Evanir Carvalho Samuel; Evandita Carvalho Perrot; Jeani Martha Boabaid; Antônio de Carvalho; Hazize Zaque de Albuquerque e Beatriz Augusta Zaque de Jesus. Além dessas solicitações outras também foram feitas: Antônia Pereira Damasceno, Adelino Francisco Costa Barros e Ana Maria da Costa Barros e Coronel Otayde Jorge da Silva.

80 Informação CJ nº 39 de 30.10.1987. Assunto: contrarrazões às impugnações interpostas por proprietários de imóveis situados no Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Cuiabá Mato Grosso.

81 Hazize Zaque de Albuquerque, Beatriz Augusta Zaque de Jesus, Jeani Martha Boabaid e Miguel Abrão Lotfi.

proprietários de imóveis inseridos no conjunto em apreço, elabora o documento Informação nº 38 de 30 de outubro de 1987, tendo como assunto "Contra razões às impugnações interpostas por proprietários de imóveis situados no Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Cuiabá, Mato Grosso". O conteúdo do documento imputa matéria de natureza técnica e jurídica.

Sobre a forma de notificação o documento diz: "A este respeito cumpre-nos esclarecer que o Decreto Lei nº 25/37, ao deixar de determinar a forma pela qual os proprietários devem ser notificados acerca dos tombamentos, trilhou o bom caminho".

A Assessoria Jurídica entende que o IPHAN escolheu uma forma adequada e que este item faz parte da discricionariedade concedida ao poder público em geral, conforme consta na Informação nº 38, p. 368, do Processo nº 1180 – T-85:

> A discricionariedade administrativa encontra fundamento e justificativa na complexidade e variedade dos problemas que o Poder Público tem que solucionar a cada passo e para os quais a lei, por mais casuística que fosse não poderia prever todas as soluções, ou pelo menos a mais vantajosa para cada caso corrente.
> (Informação nº p. 368, Processo nº 1180 – T-85).

Em relação ao tombamento o documento expõe que a SPHAN é a instituição legalmente investida no seu poder dever de proteção e que os estudos técnicos realizados respaldam a solicitação de tombamento. Além disso, por ser um ato administrativo:

> a valoração dos motivos e a escolha do objeto constituem o chamado mérito administrativo, segundo o qual é atribuído ao Poder Público, investido de competência, decidir acerca da conveniência, oportunidade e justiça para a realização de um determinado ato.
> (Processo nº 1180 – T-85. Informação nº 38, p. 369)

Ainda sobre a proposta de zoneamento o documento expõe que o tombamento e a política de zoneamento[82] são medidas que podem ser efetivados harmonicamente, convergindo para uma política de preservação patrimonial envolvendo a União e o município vislumbrando "um melhor aproveitamento das funções urbanísticas elementares, quais sejam: trabalho, circulação, habitação e recreação". (Plano Diretor de Desenvolvimento Estratégico de Cuiabá. Adriana Bussiki Santos (Org.), Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2008:44).

---

[82] Art. 31. O zoneamento é o estabelecimento de áreas diferenciadas de adensamento, uso e ocupação do solo, visando dar a cada região melhor utilização em função das diretrizes de crescimento, da mobilidade urbana, das características ambientais e locacionais, objetivando o desenvolvimento sustentável e o bem-estar social da comunidade, mediante a observação das condições físicas, ambientais e paisagísticas, de infraestrutura disponível e usos compatíveis com a vizinhança local (Plano Diretor de Desenvolvimento Estratégico de Cuiabá. Adriana Bussiki Santos (Org.), Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2008:44).

Na conjuntura local a discussão sobre o zoneamento teve ressonância na sociedade, pois no início dos anos de 1980 houve a criação de um grupo de trabalho de composto por arquitetos, engenheiros, urbanistas e de outros profissionais locais que recebiam orientações técnicas da instituição Fundação Prefeito Faria Lima de São Paulo. Este trabalho tinha como objetivo a elaboração e uma legislação urbanística básica para a cidade de Cuiabá.

Em decorrência desse trabalho, foram sancionadas em 1982 as Leis 2.021 (Lei de Parcelamento do Solo Urbano), 2.022 (Código de Obras e Edificações) e 2.023 (Lei de Uso do Solo Urbano). Outras medidas também foram realizadas, como por exemplo, a criação da Comissão Cuiabá 2000 e a realização de um seminário sobre política urbana. Estas ações tiveram como instituições participantes a Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (ADEMI-MT), o Sindicato das Indústrias de Construção (Sinduscon/MT) e o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Crea/MT).[83]

Na década dos anos de 1980 algumas instituições apresentavam preocupações sobre o planejamento urbano da cidade. Merece destaque a participação da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (ADEMI-MT), é possível acreditar que o interesse desta instituição em especial não deva se limitar sobre os aspectos de pensar a cidade em relação ao trabalho, circulação, habitação e recreação, mas muito possivelmente na defesa de interesses econômicos, visando a valorização imobiliária do Centro Histórico e os interesses da classe empresarial local.

Entre os itens que contavam na solicitação de impugnação feita consta:

> Considera-se lamentável que tal tombamento seja feito em um momento em que, devido ao intenso comércio desenvolvido na região, tenha levado os exemplares arquitetônicos, que a autora considerava dos mais significativos na área, todos estando irremediavelmente perdidos, através de profundas modificações realizadas, para abrigar casas comerciais.
> (Processo Administrativo nº 1180 – T 85 – SPHAN, p. 6).

A partir do exposto a assessoria jurídica da SPHAN forma juízo sobre as impugnações, contudo considera não lhes dar prosseguimento visto que as argumentações contidas nas impugnações não possuíam fundamento jurídico que desmerecesse a eficácia do ato administrativo praticado pela SPHAN. Outro documento envolvendo o mesmo assunto se refere à Informação de nº 39 de 30 de outubro de 1987. Este documento vem em resposta às impugnações de outros três proprietários.[84]

---

83 Prefeitura Municipal de Cuiabá. 29 jan. 2014. **Histórico do Planejamento**. Disponível em: <http://www.cuiaba.mt.gov.br/imprime.php?cid=7934&sid=444> Acesso em: 13 maio 2015.

84 Adelino Francisco Costa Barros, Ana Maria da Costa Barros Silva e Lucy Gomes de Campos.

As impugnações apresentavam argumentos contrários ao tombamento por não considerarem o Conjunto Arquitetônico e Urbanístico como um patrimônio segundo a definição presente no Decreto Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, devido ser desprovido de valor de interesse nacional. Alegava que os bens pertencentes ao Estado do Mato Grosso, deveriam ter como responsáveis os poderes públicos locais, questionando a competência da SPHAN em no caso especifico aqui analisado, de aprovar o tombamento. Alega também, que como moradores, desconheciam o valor histórico nacional atribuído pela SPHAN, pois a justificativa de formação da importância da cidade de Cuiabá na história do Brasil, o papel fundamental na ocupação do Centro-Oeste desde o século XVIII, o ciclo de mineração, são algumas das justificativas que compõem a fundamentação do tombamento, são desconsiderados pelos moradores.

O documento de impugnação ainda afirma a inexistência de valor arquitetônico para a sociedade local. Considera que o Centro Histórico de Cuiabá não possui valores arquitetônico e urbanístico, restando apenas o valor paisagístico como justificativa para o seu tombamento, mas mesmo assim, este último aspecto tem uma justificativa frágil, devido não possuir "feição notável" seja na dimensão pela ação natural ou da "indústria humana mencionada no Decreto-lei nº 25/37". Os argumentos presentes na impugnação do tombamento enfatizavam a inexistência de valor histórico, arquitetônico e paisagístico para a população local, entendendo que se a própria população não valorizava outros grupos sociais não o fariam.

Compreende-se que o valor atribuído ao Centro Histórico pelas pessoas que solicitaram a impugnação, tinha como cerne a ideia de que a característica fundamental deste lugar era a de área comercial, não consideravam como um lugar de moradia, de convívio social. Limitava-se a vê-lo como um grande "shopping center" ao ar livre. É citado no documento a construção da obra do "calçadão"[85], como um exemplo de intervenção importante para o desenvolvimento do comércio local, pois ela iria possibilitar o melhor acesso às lojas, demonstrando assim, uma visão de acessibilidade direcionada não para cidadãos que possuem o direito de se apropriar da cidade, mas vendo-os exclusivamente como potenciais consumidores. Sendo assim, pode-se entender que o tombamento, para este grupo de proprietários de imóveis era visto como um entrave na realização das mudanças da arquitetura que os empresários e lojistas vislumbravam realizar.

Pode-se considerar que o valor atribuído ao Centro Histórico de Cuiabá, segundo as afirmativas citadas acima expressam que o valor contido para o grupo dos proprietários dos imóveis que solicitaram a impugnação era decorrente da visão de valoração apenas do "valor

[85] O calçadão foi uma pavimentação das ruas Ricardo Franco e Galdino Pimentel.

comercial". Esta visão obscurecia a percepção de outras formas de atribuição de valor. Sobre isso um item existente no documento clarifica essa visão quando diz que "A área compreendida no edital de tombamento da SPHAN é efetivamente e, sem sombras de dúvida, área comercial e que concentra o principal e mais importante comércio varejista de Cuiabá" (Processo Administrativo nº 1180 – T-SPHAN, p. 08).

Em outros tópicos são apresentadas as justificativas das mudanças dos prédios para uma melhor adequação das "modernas técnicas de marketing" que o período exigia, sendo necessária a substituição de portas por largas vitrines, maior visibilidade dos produtos, a necessidade de "apelos mais agressivos" de propaganda para atrair os consumidores.

A ênfase no aspecto comercial faz com que a referência à valoração histórica, arquitetônica e urbanística atribuída pela SPHAN ao Centro Histórico de Cuiabá seja considerada como um saudosismo, um sentimento nostálgico, considerando o tombamento não como instrumento de preservação, mas como um instrumento que traria limitações para o tão almejado projeto de modernização deste lugar. Por isso justifica-se trabalhar a ideia de progresso neste capítulo, por compreender sua influência nas relações de atribuição de valor naquele contexto histórico.

Pelo fato das argumentações de impugnação seguirem o mesmo modelo, com exceção de duas outras, a apreciação feita pela Assessoria Jurídica seguiu o mesmo fundamento na construção argumentativa jurídica na contrarrazão às impugnações, dando o mesmo parecer final do anteriormente exposto.

O documento Informação nº 40 de 30 de outubro de 1987, possui como assunto: "Impugnação interposta por proprietários aparentes de imóveis situados no Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Cuiabá – Mato Grosso". As impugnações feitas por este grupo de moradores[86] não foram consideradas legítimas por ausência de comprovação de propriedade dos imóveis.

A análise jurídica alegou que a ausência de um pré-requisito básico fundamental nas solicitações de impugnação, a qual está relacionada à comprovação de propriedade do bem tombado, pois, somente o proprietário do imóvel, aquele que tem a comprovação de título de domínio está apto a pedir impugnação. Devido a esse motivo, os impugnantes ficaram destituídos de legitimidade para a interposição do recurso.

---

[86] Evangelina de Figueiredo Carvalho, Evailza Mendes de Carvalho Mendes, Lauro Mendes Filho, Evanir Carvalho Samuel, José Benedito Pereira Samuel, Evadita Carvalho Perrot, Benedito Alves Perrot e Antônio de Carvalho, Sonizete das Graças Miranda e Nivaldo Benedito Muniz.

A impugnação do tombamento interposta pelo Sr. Otayde Jorge da Silva, o qual na sua alegação fundamenta no direito de perda de propriedade, a assessoria jurídica no documento Informação nº 41/87 datada de 5 de novembro de 1987 assevera:

> Sob este aspecto cumpre-nos assinalar que o direito absoluto da propriedade em geral deixou de configurar em nossas Constituições desde 1934 quando se introduziu a sua função social, princípio segundo o qual a propriedade abandona o seu caráter absolutista individual, passando a assumir a posição de relativista social. Em nossa atual Constituição Federal tal regra encontra-se disciplinada no artigo 160 nº III.
> (Processo nº 1180 – T-85, p.384)

Sobre isso o documento ainda ressalta que:

> Ademais, o tombamento constitui limitação administrativa imposta pelo Poder Público, como tantas outras, ao exercício do direito de propriedade, e que incide tão somente em seu elemento de uso, conforme preconiza o art. 17 do Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.
> (Processo nº 1180 – T-85. p. 384)

O recurso motivado pelo proprietário não foi aceito por ser destituído de fundamento jurídico, tal fragilidade se mostrou incapaz de desconstruir a eficácia do ato administrativo perpetrado pela SPHAN.

O documento Informação CJ nº 42 de 18 de novembro de 1987 faz referência à impugnação feita por Antônia Pereira Damasceno, a qual segundo o documento manifesta-se tempestivamente contrária ao tombamento. Na sua argumentação nada alega com relação ao mérito do ato administrativo e, também, não discorre sobre fatos que possam desmerecer a sua legalidade. O documento de impugnação foi apenas apreciado pela SPHAN, devido não conter argumentações que gerassem análises, com isso não foi dado provimento. Essas últimas respostas em relação às impugnações feitas pela Assessoria Jurídica da FNPM (Fundação Nacional Pró-memória) finalizam as etapas de solicitação de impugnação do tombamento do centro Histórico de Cuiabá.

O documento Informação nº 104-A, de 30 de outubro de 1987, trata sobre as contrarrazões às impugnações interpostas pelos proprietários dos imóveis situados no Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Cuiabá, MT. O documento tem na sua composição considerações que envolvem a fundamentação teórica, a conceituação de Centro Histórico e, também, discorre sobre os aspectos arquitetônicos e históricos que fortalecem a realização de seu tombamento.

Seu conteúdo apresenta como base a visão atualizada da História, levando em consideração o estudo das relações sociais entre as pessoas e os modelos temporais construídos

pelo trilhar histórico, demonstrando relevância sobre os estudos dos mecanismos e as formas de organização da sociedade.

> Interessa, portanto, identificar o processo de produção, uso e transformação do homem sobre a natureza; a obra de uma sociedade que agencia a natureza a sua volta, o espaço em que vive, conforme seus interesses e necessidades, estando inserida em determinada estrutura social que a tornou possível. É a partir do conhecimento deste processo que se dá a construção da história e da cultura de determinada sociedade. O conhecimento do passado, portanto, só tem sentido a partir do momento em que o homem do presente apropria-se dele como elemento constitutivo de sua própria cultura.
> (Processo nº 1180 – T-85, Informação nº 104 – A, 30/10/1987, p. 02)

Os estudos do tombamento do Centro Histórico de Cuiabá fundamentaram-se nas definições de fato histórico, este definido como "fenômeno material, produto de um acontecimento ou de um processo na vida social, localizado no tempo e espaço". E, ainda, "processo gerado num tempo e espaço determinados, gerador de consequências e/ou mudanças" (Processo nº 1180 – T-85, Informação nº 104-A, de 30 de outubro de 1987, p. 1).

A partir desse entendimento, é representativo o processo de formação da cidade de Cuiabá, a formação do seu núcleo é percebida como um fato histórico devido o avanço da América portuguesa sobre a espanhola, o que ocasionou na demarcação futura do território brasileiro. Além disso, é considerado relevante o processo de uso de técnicas construtivas usadas e a adequação dos instrumentos disponíveis na época para que fosse possível a implantação no sitio cuiabano. Considerar tais aspectos concorre para a compreensão da formação cultural brasileira.

Ainda fazendo referência ao documento Informação nº 104-A, de 30 de outubro de 1987, este afirma a importância da formação do núcleo da cidade de Cuiabá para a história do Brasil, por isso vincula este fato como um fato memorável e, que contempla a definição de fato memorável presente no Decreto-lei nº 25/37.

Em relação aos questionamentos sobre os valores arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos, o documento ressalta sobre os estudos para o tombamento a partir de uma leitura ampla relacionando a preservação de centros históricos com a identificação da paisagem urbana, como um documento histórico fonte de entendimento sobre as transformações sociais ocorridas. Prescindindo da visão de que as características individuais das edificações devem ser analisadas a partir da associação das unidades de edificações numa visão conjunta, favorecendo para a compreensão e leitura do espaço urbano organizado.

Após esse histórico da apreciação das solicitações de impugnação do tombamento, as argumentações em oposição serão aqui consideradas como discursos que, conforme tomado por José Reinaldo Santos Gonçalves articulam-se em narrativas nas quais:

> se relata a história de uma determinada coletividade, seus heróis, os acontecimentos que marcaram essa história, e especialmente os lugares e objetos que "testemunharam" esses acontecimentos. Os que narram essa história o fazem sob a autoridade da nação, ou de outra coletividade qualquer, cuja memória e identidade são materialmente representadas pelo patrimônio.[87]

Justifica-se a utilização desse entendimento apoiando-se no que o autor em seu artigo "Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso", no qual as construções discursivas são concebidas como "formas de ação", entendidas no "sentido em que o que falamos ou escrevemos tem efeitos sobre as situações que vivemos". O autor acrescenta que "Os patrimônios são, assim, instrumentos de constituição de subjetividades individuais e coletivas, um recurso à disposição de grupos sociais e seus representantes em sua luta por reconhecimento social e político no espaço público".[88]

O autor ainda aborda que as narrativas contidas nos discursos podem ser organizadas a partir do princípio da "monumentalidade", como também, do princípio do "cotidiano". Ainda segundo ele, esses princípios se opõem dialogicamente, podendo, contudo, fazer parte de uma mesma narrativa. E indica que a adoção dessas diferentes estratégias narrativas vão gerar diferentes formas de se atribuir valor aos espaços públicos.

No contexto nacional, o autor associa a presença das duas modalidades — "monumentalidade" e "cotidiano" nos discursos do patrimônio principalmente aos dois momentos da trajetória das políticas de patrimônio que ele se propôs a estudar, quais sejam, o momento inicial de construção das políticas de patrimônio no Brasil (décadas de 1930, 40 e 50) e o momento de descentralização das políticas e ampliação da categoria de patrimônio na década de 1970. A essas estratégicas discursivas atribui diferentes características quais sejam: "na primeira modalidade de narrativa, o patrimônio aparece na forma de monumentos, cujo destino é permanecer, na segunda, destacam-se os objetos, espaços e atividades usados pelos segmentos sociais em sua vida cotidiana, objetos esses marcados pela transitoriedade. Na primeira, os objetos são situados num tempo transcendente, associados a eventos históricos fundadores e a heróis nacionais. Na segunda, os objetos são postos no tempo contingente das

---

87 GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi de. (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 111.

88 GONÇALVES. op. cit. p. 121, 122.

relações cotidianas. Daí passarem de "monumentos" (os chamados "monumentos de pedra e cal") a "bens culturais", que podem ser estruturas arquitetônicas, urbanísticas, objetos, atividades, mas existindo sempre dentro de uma rede atual e viva de relações entre grupos sociais".[89]

Neste momento deve-se deter somente a algumas reflexões sobre o princípio da monumentalidade, pois durante o processo de análise das argumentações que constam nos documentos de impugnação feitos pelos proprietários dos imóveis é possível observar que as narrativas parecem estar organizadas em torno deste princípio. Nas justificativas dos moradores e comerciantes contrários ao tombamento apresentam-se evidentes as argumentações que apontam para a questão da inexpressividade arquitetônica e a ausência da importância nacional, acentuando o não reconhecimento do Centro Histórico de Cuiabá como lugar merecedor de tombamento. As argumentações dizem sobre um passado que está presente apenas na memória de poucos, cuja materialidade em nada apresenta representatividade, esta só deve ser direcionada ao número reduzido de exemplares que são testemunho da vida de personagens ilustres, representativos para a história local.

A perspectiva de patrimônio que defendem se aproxima das características apontadas por Gonçalves[90] no discurso da monumentalidade, em que todos os elementos do espaço público se remetem ao valor da nação, entendida como uma totalidade, sem diferenças. E os monumentos, nessa narrativa, são valorizados por sua exemplaridade estética e cultural que "materializa a tradição, fonte segura de uma identidade nacional".

Essa afirmativa pode ser evidenciada nos seguintes tópicos, contidos na solicitação de impugnação:

> 25 – Não haveria de negar ou desconhecer o efetivo valor histórico do local, mas, quando muito, e muito mesmo, no âmbito da história de Mato Grosso;
> 26 – Diz a lenda que, dentro do sítio demarcado pelo Edital acima referido, teriam tido lugar as primeiras explorações de garimpo e edificações da vila de mineração que mais tarde se chamaria Cuiabá, desconhecia a autora desta, que tal fato seja tão relevante a nível nacional para merecer Edital de tombamento da SPHAN;
> 30 – Mesmo ao observador desavisado e pouco afeito à apreciação da arquitetura colonial brasileira, ou de qualquer outro estiolo, surpreenderia o número diminuto de prédios com algum significado arquitetônico, e, desafia-se a localização de qualquer um desses prédios, que mantenha sua fachada intacta para não dizer seu interior;
> 32 – Destarte, os imóveis, não só o da autora, mas a imensamente grande maioria, e mesmo a totalidade deles, excetuando as igrejas, já não tem nenhum valor arquitetônico, até para Cuiabá, quanto mais nacionalmente;

---

89 GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi de. (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 120.

90 GONÇALVES. op. cit. p. 118.

> 37 – Porém, sabe por acreditar ser perceptível aos olhos de leigos, que o sítio em processo de tombamento, de maneira alguma, sob qualquer sistema referencial ou de critérios, não é aquele de "feição notável" pela ação da natureza, ou da indústria humana, de que fala o Decreto Lei nº 25/37.
> (Processo Administrativo nº 1180-T-85-SPHAN, 15/10/1987, p. 118)

A partir da leitura do documento e analisando estes e outros tópicos, algumas conclusões podem ser feitas. Primeiramente, percebe-se o estabelecimento de uma vinculação entre bens tombados em questão aos fatos memoráveis da História do Brasil; o não reconhecimento dos valores histórico e arquitetônico do Centro Histórico; o tombamento é visto como um entrave, uma espécie de obstáculo para o desenvolvimento das atividades comerciais; a preocupação com a preservação é vista como um ato de nostalgia. A proposição de uma política de zoneamento, mas não de tombamento é defendida nas impugnações.

Luiza Helena Leite da Silva,[91] no trabalho de pesquisa de conclusão do estágio supervisionado feito no IPHAN-MT, além de outros assuntos abordados, expõe os motivos que por ela são considerados como responsáveis pela não preservação, entre eles a profusão dos fatores humanos como elemento influenciador da não preservação, especificamente no que diz respeito ao pauperismo dos moradores de antigos casarios e alguns motivos que levaram à "deserção prolongada" de grande número de habitações:

> a deserção prolongada de grande número de habitações e o pauperismo de parte considerável da população restante nos lugares contribuíram e continuaram a contribuir para a ruína de setores extensos das áreas a proteger. Não só uma grande proporção das edificações residenciais foi abandonada pelos donos, como outra porcentagem avultada sofre da falta de recursos dos proprietários para mantê-la.[92]

A cidade de Cuiabá vivenciou durante a sua história movimentos que sinalizaram tanto o aumento do fluxo populacional quanto a sua diminuição, sendo que tais movimentos estiveram diretamente relacionados com as questões econômicas e, consequentemente, influenciaram direta ou indiretamente nos modos de ocupação e na preservação do Centro Histórico.[93]

---

91 SILVA, Luiza Helena Leite da. **Preservação do Patrimônio Histórico Arquitetônico e Urbanístico X Desenvolvimento Urbano**, 2002, Trabalho de Conclusão de Curso, (Graduação em Engenharia Civil) — Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2002.

92 SILVA. op. cit. p. 48.

93 Entende-se que o pauperismo e a diminuição de moradores na cidade de Cuiabá e especificamente no Centro Histórico foram ocasionados por situações específicas e ocorreram em contextos históricos diferentes. No período da Guerra do Paraguai (1864-1870) houve diminuição do contingente populacional, pois a guerra e a varíola causaram uma fragilidade na economia da cidade, como também, propiciaram a diminuição no número de pessoas residentes na cidade e, consequentemente, no Centro Histórico. Outro aspecto relaciona-se à crise do açúcar e da borracha, sendo que estes dois fatos provocaram um período de estagnação econômica e isolamento

Na década de 80 as discussões sobre o planejamento urbano começam a ganhar formas mais consistentes, com leis municipais que regulamentam o uso do solo, índices urbanos e zoneamento das áreas de interesse histórico da cidade, Porto e Centro Histórico. No final dos anos de 1980 inicia-se o processo de tombamento do conjunto arquitetônico do centro pelo IPHAN e ações estaduais de tombamento de alguns bens isolados. Cabe destacar que Cuiabá foi uma das primeiras cidades no Brasil a formular um plano diretor.[94]

Durante a análise da documentação do processo de tombamento considerando as etapas do edital, que lhe deu origem, este ocorrido em 1º de outubro de 1987, no período entre a data da Reunião do Conselho Consultivo ocorrida em 1º de agosto de 1988 até a data da homologação do processo, pelo Ministério da Cultura em 4 de novembro de 1992, percebe-se que durante um período de tempo significativo, ocorreram dissidências internas na instituição IPHAN; divergências entre as esferas municipal e federal sobre o tombamento, resultantes de mudança de gestão, divergências de concepções de patrimônio; ausência da esfera estadual nesse processo de discussão, apresentando uma postura tímida no desenvolvimento de ações e políticas públicas de preservação.

Nesse espaço de tempo muitos foram os documentos motivados seja a favor ou contra o tombamento, além das solicitações de impugnação. Este período foi marcado por conflitos ideológicos e também, conceituais, que repercutiram em ações extremamente divergentes e ausência de políticas de preservação patrimonial.

A nova gestão do poder executivo municipal, representada pelo prefeito Frederico Soares de Campos no ofício nº 404/89 de 26 de junho de 1989 destinado ao Secretário da IPHAN, então, Augusto C. da Silva Teles, após encontro em Brasília, solicitava formalmente o envio de equipe técnica a Cuiabá, com o propósito de "analisar e dar soluções rápidas para os problemas relacionados com a área tombada pelo IPHAN nesta capital" (anexo do processo em número).

Após esse primeiro elo de comunicação, a prefeitura enviou o ofício GP nº 678/89 para o Ministro da Cultura, na época José Aparecido de Oliveira. O documento expunha que a

---

da capital em razão das péssimas condições de transporte fluvial, os espaços e as funções públicas, na área central de Cuiabá, se alteraram em relação a formas e conteúdo (IPEA, 2015, p. 8. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 9 dez. 2015). A política desenvolvimentista que ocorreu na década dos anos de 1950 não foi suficiente para que a cidade de Cuiabá ficasse livre do atraso econômico e tão pouco foi capaz de promover uma relação independente no aspecto político frente à região sudeste do país. A partir dos anos de 1970 a cidade vivenciou o aumento populacional e especulação imobiliária, principalmente do centro da cidade, houve o aumento da área urbana trazendo junto o processo de verticalização e a implantação de condomínios fechados. Tais fatores favoreceram a diminuição da ocupação do Centro Histórico.

[94] Disponível em: <http://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/desenvolvimento-urbano/historico-do-planejamento>. Acesso em: 9 dez. 2015.

prefeitura está revendo algumas sistemáticas para tentar "colocar a administração municipal, pelo menos, próxima da dinâmica do crescimento da cidade". O objetivo do documento era a de solicitar que o processo de tombamento não fosse homologado. Para isso, fez uso de várias argumentações no intuito de comprovar que o Centro Histórico não era dotado de representatividade histórica e arquitetônica, portanto, não existiriam motivos para o seu tombamento.

Sobre o processo de tombamento o prefeito disse:

> No afã da preservação criou-se o edital de tombamento abrangendo justamente todo o perímetro em que pulsa o comércio da cidade onde as alterações foram as mais radicais tudo por conta do respeito a um passado já destruído, gerando sim, complexos problemas a administração pública cerceada de suas atribuições. O conflito entre o antigo, que realmente não é histórico, e os objetivos modernos que são compatíveis com o desenvolvimento econômico e social da cidade, existe hoje de maneira muito séria e que nos leva a apelar por providências junto a Vossa Excelência.
> (Processo nº 1.180 – T-85. OFº GP nº 678/89 de 18/09/1989, p. 02)

O documento ainda menciona sobre o intenso crescimento demográfico da cidade, o qual acaba "acarretando sérios problemas ao carente Executivo Municipal, além da rápida e inexorável alteração das suas primitivas características urbanas". O prefeito expõe que a:

> Cuiabá dos anos 30, que eu tenho viva na memória, existe apenas registrada nas fotografias e histórias antigas, já que seu visual colonial fora totalmente alterado, restando sim a sua construção viária irregular que lhe assegura a personalidade de cidade antiga. [...]. As casas velhas ligadas ao passado de filhos ilustres, já foram demolidas, não mais existindo para reviverem a memória daqueles que escreveram páginas brilhantes da sua história.
> (Processo nº 1.180 – T-85. OFº GP nº 678/89 de 18/09/1989, p. 02)

O prefeito expressa também que as ideias de preservação patrimonial de alguns jovens da cidade são louváveis, mas que existe nestas ideias a presença do idealismo, pois segundo ele a cidade de Cuiabá não pode ser comparada com as cidades de Olinda, Ouro Preto e parte de Salvador.

Além dessas considerações, o documento também apresenta algumas indicações feitas pelo prefeito, sobre como deveria ser feita a preservação no Centro Histórico.

> Somos sim, pela revisão total dos estudos, neste setor adotando-se as medidas necessárias para o tombamento individualizado dos imóveis reconhecidamente históricos, a filosofia do entorno sendo limitada a condições dos próprios imóveis tombados não abrangentes a maior parte da cidade como está proposta.
> (Processo nº 1.180 – T-85. OFº GP nº 678/89 de 18/09/1989, p. 02)

A partir do conteúdo existente neste documento, há evidências do não reconhecimento do valor histórico do Centro de Cuiabá pelo prefeito, acompanhada de uma visão arraigada pelo princípio da monumentalidade, dando ênfase aos filhos ilustres da cidade, acentuando a valoração patrimonial apenas a alguns exemplares de construções suntuosas e que fazem referência a alguns acontecimentos significativos da história local.

Ainda fazendo uso das referências de Gonçalves,[95] segundo ele, no princípio da monumentalidade, o passado é figurado como "um todo acabado e perfeito", imóvel, encontrando na tradição a sua articulação com o presente. Neste universo os personagens são modelos exemplares e representados por pessoas ilustres e importantes, a memória é vista para ser cultuada, como informação, e não propiciadora de conhecimentos atuais.

Retomando o que afirma Gonçalves:

> Esse passado absoluto da narrativa épica é a fonte e o começo de tudo que acontece posteriormente. É na verdade a memória (transmitida pela tradição), e não o conhecimento (possibilitado pela experiência pessoal), que serve como fonte do impulso criador. Esse passado é sagrado, absoluto, jamais é submetido a um ponto de vista relativo. Em resumo, a narrativa épica está articulada por uma ideia não relativizada do passado, e os personagens que aí se movem e os acontecimentos que se passam são absolutos. O passado é um todo acabado e perfeito e se comunica com o presente apenas através da "tradição". Os personagens agem de modo exemplar, não estão sujeitos às contingências do cotidiano. Os eventos e personagens das narrativas épicas estarão fora do tempo, estão congelados. Não se valoriza a experiência pessoal. Valoriza-se a "memória", e não o conhecimento. O mundo do passado épico é um mundo perfeito. Não há incertezas.[96]

Considera-se que esse documento é representativo, por apresentar conteúdos que evidenciam as políticas patrimoniais desenvolvidas na cidade, ou melhor, a ausência dessas políticas pela gestão municipal. Clarifica os entendimentos que a prefeitura tinha sobre os conceitos de patrimônio e valor. Além disso, incita o surgimento de novas argumentações por parte da SPHAN e da sociedade civil organizada local em expor suas apreciações sobre o tombamento. Segundo Ludmila Brandão,[97] o fato do prefeito se pronunciar contrário ao tombamento e solicitar ao Ministro da Cultura a não homologação deste ato administrativo teve reflexos no interior do IPHAN.

Pode-se mencionar a resposta ao ofício nº 678/89 como um dos indicativos desses reflexos. Esse documento, Informação nº 66 de 16 de novembro de 1989, elaborado pelas

---

95 GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi de. (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 108-123. p. 113.

96 GONÇALVES. op. cit. p. 112.

97 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A catedral e a cidade**. Cuiabá: EdUFMT, 1997. p. 143.

técnicas da Coordenadoria de Proteção do IPHAN, a arquiteta Helena Mendes dos Santos e a historiadora Márcia Regina Romeiro Chuva, informava dentre outros esclarecimentos, ressaltava a importância da apropriação dos elementos culturais para a formação cidadã e, consequentemente, para a melhoria da qualidade de vida. A preservação era considerada como parâmetro para o planejamento voltado ao cidadão, entre outros apontamentos. Enfim, o documento apresentava fundamentos que compunham a base teórica do tombamento e tinham no seu conteúdo as contrarrazões às impugnações. Percebe-se que o discurso das técnicas do IPHAN que responderam ao prefeito aproxima-se do princípio classificado pelo autor como "discurso do cotidiano". Na narrativa do cotidiano são evidenciados os objetos, espaços e atividades que integram a vida cotidiana dos segmentos sociais. A dimensão narrativa do cotidiano direciona-se para a valorização do presente, sendo que a compreensão do passado é vista como uma "referência" no processo de produção cultural, pois o conhecimento do passado pode ser considerado significativo quando ele possibilita ao homem apreender conhecimentos para a compreensão dos conhecimentos culturais.[98]

Nessa Informação, o Centro histórico estava sendo entendido como: "Um complexo de elementos que representam materialmente o processo de organização e evolução urbana de uma cidade não se pode compreendê-lo apenas pelas características individuais de determinados exemplares arquitetônicos" (Processo nº 1.180 – T-85. Informação nº 66 16 de novembro de 1989). Sobre o Centro Histórico o documento postula que:

> No Centro Histórico como um todo foram observados os elementos que permaneceram ao longo do tempo registrando formas características de ocupação, implantação e técnicas construtivas, determinadas pela estrutura socioeconômica organizada com base nas diferentes classes sociais, criando, assim, espaços diversificados dentro do conjunto, que devem ser observados e garantidos.
> (Processo nº 1.180 – T-85. nº 66 de 16 de novembro de 1989)

E ainda:

> Os imóveis constantes na área tombada, mesmo aqueles de construção mais recentes ou novos devem receber atenção no tratamento do conjunto, pois justamente com outros elementos da estrutura urbana (ruas, praças, etc) compõem, complementam e ampliam as possibilidades de leitura e interpretação do centro histórico.
> (Processo nº 1.180 – T-85. nº 66 de 16 de novembro de 1989)

---

98 GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi de. (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 119.

O tópico apresentado no documento que envolve a fundamentação do tombamento apresenta a seguinte percepção:

> A avaliação do tombamento do CH de Cuiabá se baseia na visão da história que se propõe a compreender as relações sociais e as modalidades de suas transformações ao longo do tempo, esclarecendo os mecanismos e as formas de organização das sociedades, a partir do entendimento da formação do núcleo urbano, isto é, do processo de produção, uso e transformação do homem sobre a natureza, para o resgate deste processo como fato histórico. Desta forma, interessa à História e, também, à preservação, não o fato isolado, descritivo e estanque, mas todo o processo gerado num tempo e espaço determinados e gerador de consequências e/ou mudanças. É como decorrência do conhecimento desse processo que se dá a construção da história e da cultura de determinada sociedade. O conhecimento do passado, só tem sentido a partir do momento em que o homem do presente apropria-se dele como constitutivo de sua própria cultura.
> (Processo nº 1.180 – T-85)

Percebe-se que essa citação se opõe as considerações da prefeitura. Acentua a valorização das práticas cotidianas, suprimindo a visão tradicional da história que privilegiava exclusivamente a herança luso-brasileira.

Dessa forma, entende-se que o valor do Centro Histórico de Cuiabá não pode se limitar às suas construções oitocentistas. A visão da História que propõe entender as relações sociais possibilita a leitura da formação do Centro Histórico de Cuiabá como resultante de um processo que deu origem às relações socioeconômicas e culturais e esse conjunto de situações produziu consequências no processo social, uma fonte de conhecimento para a construção da história e da cultura do grupo social. Além da importância no avanço da América portuguesa sobre a espanhola, destaca a intervenção do homem sobre a natureza, a criação humana no espaço.

Ressalta-se que o documento indica que através dos estudos feitos para o tombamento, que o Centro Histórico possuía como uso mais tradicional o comercial.

> As características físicas dessa área configuraram-se, inclusive, através de seus usos, sendo o mais tradicional destes o comercial, que aí se estabeleceu e onde, até hoje, permanece localizado. Essa permanência veio a confirmar a necessidade de preservação da área.
> (Processo nº 1.180 – T-85. Informação nº 66 16/11/ 1989, p. 02)

Em 19 de outubro de 1989, o novo Secretário do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Ítalo Campofiorito, encaminhou ao Ministro da Cultura, através do Ofício nº390/89/SPHAN/RJ, a solicitação de homologação do tombamento do Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico da cidade de Cuiabá.

O arquiteto da 8ª DR, José Leme Galvão Jr., no dia 10 de novembro de 1989, encaminhou à Vera Bosi, Diretora da 8ª DR, a Informação nº 10, relativa aos assuntos tratados na primeira reunião entre a prefeitura e o IPHAN ocorrida no dia 13 de setembro desse mesmo

ano, a qual tinha como propósito ultimar a regulamentação da área de preservação de Cuiabá, na forma de lei municipal e de uma instrução regional.

Após um longo período de conflitos políticos, ideológicos e conceituais; entre ações a favor da preservação e o imobilismo gerado pelo silêncio de grupos sociais, principalmente da representação do governo estadual da época no período após o início da década de 1980, finalmente em 4 de novembro de 1992 é publicada a no Diário Oficial da União a Portaria nº 10, relativa à homologação do tombamento. Esta homologação ocorre após sete anos da abertura do processo n.º 1.180-T-85 de tombamento do Centro Histórico de Cuiabá, aproximadamente mais de cinco anos da data de publicação do edital de notificação do tombamento e há mais de quatro anos da aprovação do tombamento realizada na 134ª Reunião do Conselho Consultivo do IPHAN. E a respeito da homologação, afirmou o arquiteto da Diretoria Regional do IPHAN:

> Como deixar de considerar tamanha apopéia?
> Nós do IBPC, que já fomos SPHAN e Pró Memória, estamos orgulhosos por Cuiabá, Patrimônio Cultural dos Brasileiros. Certo, tontos de orgulhoso, mas permitam-nos a justa embriaguez da vitória na qual somos todos ganhadores, ainda que sobrevenham trabalho e grandes dificuldades. E não queremos ser intrusos ser intrusos, pois se a Cuiabania é o caráter mais telúrico dos que aqui vivem, compõe na verdade o mosaico da cidadania brasileira, agora com a distinção meritória nos livros de tombo dos monumentos nacionais. *Discipulus prioris est posterior dies* (das Sentenças de Publílio Siro). (O futuro aprende com o passado).[99]

Entende-se que as palavras do arquiteto José Leme Galvão, citadas acima, expressam os conflitos identificados no processo de patrimonialização do Centro Histórico de Cuiabá. Falam sobre o esforço para o seu reconhecimento como patrimônio nacional e, também, os conflitos gerados entre a polarização dessa perspectiva de patrimônio nacional o processo local de valorização identitária da chamada "Cuiabania". Quando diz que os que defendem o reconhecimento nacional não querem ser "intrusos", nos parece apontar para os conflitos entre os que defendiam o tombamento federal em relação aqueles associados aos interesses locais. Com vistas a solucionar o conflito, Leme faz uso de uma narrativa apaziguadora, inclusiva, que entende e coloca a "Cuiabania" como parte do "mosaico da cidadania brasileira", em um discurso que se aproxima da ideia da diversidade cultural. O arquiteto demonstra um esforço para valorizar a ação de tombamento, tomando-a como uma "distinção meritória" por meio da qual Cuiabá seria inscrita "nos livros de tombo dos monumentos nacionais".

Cabe, por fim, destacar que, conforme a Ata da 134ª da Reunião do Conselho Consultivo do IPHAN, a aprovação do tombamento foi unânime, ao tempo em que todas as impugnações

---

99 GALVÃO *apud* BRANDÃO, Ludmila de Lima. **O Processo de Tombamento do Centro Histórico de Cuiabá**: Movimento Citadino e Educação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1993. p. 161.

foram rejeitadas. Quanto aos argumentos empregados para tanto, consta na Ata que o Conselheiro Gilberto Velho, relator do Processo 1.180-T-85, afirmou que,

> O processo demonstrava a importância de Cuiabá na História do Brasil. Explicou que sua situação de centro urbano no interior desempenha papel fundamental na consolidação e expansão do território nacional, tendo inclusive, importante papel na Guerra do Paraguai. Cabendo ressaltar seu papel de centro comercial e entroncamento das várias regiões do território mato-grossense. Disse ainda, que o parecer técnico destacava, com muita propriedade, as noções de conjunto e de processo histórico cultural, justificando o tombamento por seus testemunhos arquitetônicos e paisagísticos, expressando a história do País no centro oeste. Trata-se de um tombamento, acrescentou, cuja importância transcende o local e o regional.
> (ATA nº 134,1992: 30)

Ainda segundo o mesmo documento, foi ressaltado o papel de centro comercial e entroncamento das várias regiões do território mato-grossense. Evidenciando assim, a possibilidade de harmonia entre os interesses comerciais e os de preservação patrimonial. O Conselheiro, antes de colocar em votação o tombamento, acrescentou à discussão o argumento de que estudos da EMBRATUR[100] previam que o turismo ecológico e cultural seria a maior fonte de recursos para a região centro-oeste até os anos 2000, estabelecendo uma relação direta entre os processos de patrimonialização de cidades e o incremento das atividades turísticas.

Um longo período se passou e tal projeção feita ainda caminha em passos lentos. No site oficial do Ministério do Turismo a cidade de Cuiabá é citada com destaque somente nos registros do ano de 2014 pelo fato de ter sido premiada pela evolução no quesito Políticas Públicas do Índice de Competitividade do Turismo Nacional 2014.[101]

Foi possível perceber que o interesse pelo desenvolvimento do turismo no estado do Mato Grosso, especificamente na cidade de Cuiabá foi motivado pelo fato da cidade ter sido sede da Copa do Mundo realizada no ano de 2014, representando a região centro-oeste.

---

100 A EMBRATUR, antiga Empresa Brasileira de Turismo e hoje Instituto Brasileiro de Turismo, foi criada em 1966, por meio do Decreto-lei nº 55/1966, que criou também o Conselho Nacional de Turismo e definiu uma política nacional para o setor.
Disponível em:
<http://www.embratur.gov.br/lai_embratur/opencms/acessoainformacao/menu/embratur/historia.html>. Acesso em: 15 ago. 2015.

101 O indicador foi desenvolvido pelo Ministério do Turismo em parceria com o Sebrae Nacional e a Fundação Getúlio Vargas. Contribuíram para o progresso da capital mato-grossense os investimentos realizados em projetos para o desenvolvimento do turismo local. A parceria com o Ministério do Turismo, por exemplo, potencializou o repasse de recursos federais para obras de infraestrutura. Foram realizadas intervenções para ampliar a sinalização turística da cidade e entorno, com repasses de R$ 3,2 milhões; reformar a orla do Rio Cuiabá (R$ 1,2 milhão), e requalificar duas praças, (R$ 2,4 milhões). Nos últimos 11 anos, o MTur injetou R$ 31,2 milhões em obras do setor na cidade. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/714-cuiaba-e-destaque-em-politicas-publicas-de-turismo.html>. Acesso em: 12 fev. 2016.

Além das análises sobre as compreensões do Centro Histórico citadas anteriormente, propõe-se expor outras falas de outros agentes e refletir sobre a questão do valor abrangendo uma gama mais ampla de agentes sociais envolvidos.

Percebe-se a forte valorização da noção de monumento histórico isolado presentes nas falas do prefeito na época, e até mesmo, em alguns traços dessa ideia também no discurso dos grupos sociais que defendiam o tombamento em seu conjunto, mas destacavam apenas os casarios pertencentes aos grupos sociais mais influentes na sociedade.

Ainda sobre essa defesa da perspectiva do patrimônio como monumento histórico, acrescentam-se as falas dos representantes dos diretores lojistas e a Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário de Mato Grosso (ADEMI-MT).

No documento datado de 21 de agosto de 1990 enviado pela ADEMI-MT para o Secretário da Cultura o senhor Antônio Ipojuca Holanda Pontes, seu conteúdo reafirma apoio à prefeitura de Cuiabá sobre o pedido de não homologação do tombamento e ainda expressa apoio ao tombamento de imóveis isolados, ressalta a ideia de valoração pelos imóveis considerados merecedores de preservação. A partir da análise do documento o então secretário é contrário ao tombamento do conjunto e apoia, mostrando-se favorável ao tombamento de imóveis isolados. Sobre isso diz "Como entidade, nos propomos a colaborar com a preservação dos imóveis realmente históricos de Cuiabá, porém, não podemos mais coibir o desenvolvimento de Mato Grosso por absoluta falta de visão e bom senso" (Processo nº 1.180 – T-85. Apenso III).

Cabe observar no trecho citado, a menção que os membros da Associação fazem à existência de alguns imóveis "realmente históricos", contrapondo-se à perspectiva defendida pelo órgão federal de preservação, acerca do caráter histórico do conjunto. Ademais, é possível perceber na fala da Associação um tópico muito presente nos debates e conflitos em torno da questão do patrimônio cultural, que é a oposição entre preservação versus desenvolvimento, ou seja, no referido caso, entendiam que o tombamento do centro histórico de Cuiabá impediria o desenvolvimento da cidade.

Apoiando esta visão o Clube de Diretores Lojistas da cidade demonstra apoio ao prefeito de Cuiabá e tornam este apoio público por meio da seguinte matéria veiculada no jornal local.

> O Clube de Diretores Lojistas (CDL) está iniciando um movimento no sentido de pressionar a SPHAN [...] a arquivar o processo que proíbe o prefeito Frederico Campos a autorizar demolições e construções na área central de Cuiabá. A diretoria do CDL [...] foi levar a sua solidariedade neste sentido. De acordo com o presidente da entidade, Dulcineu Rodrigues, o processo é injusto e traz sérios prejuízos ao comércio, além de comprometer o crescimento da capital. Segundo José Alberto Aguiar, vice-presidente do CDL, com o projeto Pró-Memória, a SPHAN quer praticamente isolar o centro de Cuiabá. Ele defende o tombamento patrimônio

> histórico de forma isolada e não Poe área como quer a SPHAN. [...] 'Como um terreno pode ser patrimônio histórico?' questionou José Alberto. [...] De acordo com ele, no centro de Cuiabá, há apenas em torno de 20 prédios que realmente merecem ser tombados.[102]

Choay[103] diz que o monumento histórico possui sua fase de consagração a partir do ano de 1820 tendo o seu término ocorrido na década dos anos de 1960. Ao longo desse período esse conceito vai predominar no embasamento das principais práticas e discussões no campo do patrimônio cultural, tendo nele o seu auge. Contudo, isso não quer dizer que a partir da década de 1960 a adoção dessa perspectiva se extingue. Ela deixa de ser predominante, de modo que outras perspectivas e, por consequência, outros tipos de bens passem a serem observados pela ação preservacionista. Segundo a autora, este período envolveu um conjunto de fatos, acontecimentos e diferenças nas posições em defesa dos monumentos históricos.

Alguns aspectos contribuíram no predomínio da perspectiva monumentalista durante esse período de tempo, como por exemplo, a unidade soberana que através do seu poder impunha o reconhecimento juntamente com as ideias de coerência e estabilidade, e o status adquirido com a era industrial, a qual indicava determinações novas e essenciais que ocasionavam uma "hierarquia de valores".[104] No caso específico de Cuiabá, os resquícios dessa racionalidade estavam presentes na década de 1980 e 1990, como pode ser observado na documentação relativa aos pedidos de impugnação ao tombamento.

Ainda segundo Choay, inicialmente as reflexões anteriores sobre o valor de patrimônio encontravam-se diretamente associado ao valor econômico, ligado à noção de propriedade, de herança. As ações iniciais de tombamento do patrimônio expressas nos primeiros atos jurídicos da Constituinte no ano de 1789 indicavam a dispor os bens do clero para a nação. Neste processo, o valor atribuído aos bens se encontrava diretamente associado ao nacionalismo. No entanto, ainda segundo ela, a integração das antiguidades nacionais com o "discurso da nacionalização" ocasionou por relacionar-se em valores de troca, sendo que o discurso de sua manutenção acolhia intenções de se evitar "prejuízos financeiros", ultrapassando, desta forma, a intenção de uma conservação iconográfica, da representação e aproximando-se de fins políticos.

A expressão "poder mágico", é utilizada pela autora para expressar que esta noção desenvolvida nesse contexto, abarcava toda uma representatividade que contemplava várias

---

102 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **O Processo de Tombamento do Centro Histórico de Cuiabá**: Movimento Citadino e Educação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1993. p. 179.

103 CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

104 CHOAY. op. cit. p. 126.

categorias representadas em diferentes contextos históricos. Uma constituição de um mosaico de representações patrimoniais que transcendiam as barreiras do tempo e do "gosto".

Ainda sobre esse processo de valoração, as obras consideradas recentes no século XVIII adquirem os significados históricos afetivo das antiguidades nacionais. O conceito de patrimônio, ainda segundo a autora "induz então a uma homogeneização do sentido dos valores".[105] Choay ainda destaca que esta perspectiva de homogeneidade se apresentou de forma diferenciada em diferentes momentos. No período da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, houve a valorização de estilos diferentes representados pela arquitetura dos séculos XIX e XX, quando estes foram considerados monumentos históricos.

No caso especifico de Cuiabá os valores associados ao patrimônio no discurso do prefeito, e dos outros grupos que lhe deram apoio no processo de impugnação do tombamento, reforçam a valoração dos casarios oitocentistas, pertencentes às famílias da elite da cidade, como se estes casarios tombados de forma isolada fossem o testemunho da época do ouro. A homogeneização de valor apresenta-se tanto nestas falas, como também, na fala do grupo do Muxirum.[106] Este defendia o tombamento do conjunto arquitetônico. Para Brandão[107] "o movimento Muxirum se constitui em um movimento de elite, de caráter conservador, que congregava entre seus membros especialmente, representantes de várias famílias cuiabanas, ditas 'ilustres'".

Tomemos as considerações sobre valor apontadas por Alois Riegl importante historiador da arte vienense, cujas obras datam do início do século XX e trazem contribuições fundamentais para o pensamento e as práticas de preservação de monumentos históricos à época, assim como até hoje é uma referência para se pensar o patrimônio cultural. Sua obra se mantém importante, devido ao autor direcionar para reflexões relacionadas à relativização dos valores de acordo com o momento de sua escolha e agentes envolvidos, considerando os contextos históricos e a subjetividade humana. Para Riegl,[108] o valor histórico de um monumento está no fato de sua representação estar relacionada à evolução de uma atividade

---

105 CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001. p. 99.

106 O termo Muxirum, segundo o historiador Ulisses Calháo, foi apontado pela antropóloga Maria de Lourdes De Lamonica Freire para designar o movimento de representação da memória cuiabana. É a pronúncia regional da palavra mutirão e representa o "nosso esforço conjunto". O Muxirum surgiu da necessidade de preservação da memória, "resgate da memória local", depois de seis meses de pesquisa (CALHÁO, Ulisses. A GAZETA, Cuiabá. 17 jul. 1990, p. 43).

107 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **O Processo de Tombamento do Centro Histórico de Cuiabá**: Movimento Citadino e Educação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1993. p. 176.

108 RIEGL, Alois. **El culto moderno a los monumentos**. Madrid: Visor, 1987. p. 55.

humana, de uma criação original humana, afirmando que "o valor histórico é tanto maior, quanto mais o monumento tenha conservado a sua integralidade e quanto mais inalterado estiver após a sua criação".

Choay,[109] em relação às análises sobre valor desenvolvidas por Riegl, afirma que ele utilizou seus conhecimentos teóricos e suas experiências como historiador de arte e conservador de museu como base na análise crítica da noção de monumento histórico, não se limitando em uma leitura apenas profissional, mas considerando-o como um objeto social e filosófico.

Entende-se sobre os estudos feitos por Riegl que ele não compreendia o monumento como coisa em si, de forma objetiva, seus estudos convergem para o estudo embasado em investigação sobre os valores outorgados ao monumento, a partir da concepção dos valores como categorias compostas pela sensibilidade histórica, suscetíveis às compreensões históricas, e por isso, mutáveis. Sinalizava para o trato dos valores como categorias contextualizadas, contingentes à apreciação de cada época. Trabalha com a subjetividade e a ausência de referências absolutas.

A equipe que elaborou os primeiros estudos para a solicitação do tombamento do Centro Histórico de Cuiabá, apresentou como uma diretriz a argumentação sobre o valor da cidade, sua importância para a formação da região centro-oeste, destaca que seu início é resultado da ocupação portuguesa tendo a predominância dos aspectos políticos e econômicos. Nos anos de 1980, o valor histórico passou a definir as operações de seleção do patrimônio cultural. As áreas urbanas foram entendidas como documentos do processo histórico de produção e expansão urbana. Estas operações de seleção enfatizavam os aspectos referentes à construção de uma história de ocupação do território relacionada à construção da nacionalidade.

Sobre isso Márcia Bomfim, na obra *As engrenagens da cidade*, a autora realiza um estudo sobre as mudanças urbanas ocorridas na cidade de Cuiabá ao longo da segunda metade do século XX e tece análises sobre o processo de tombamento, realizando reflexões críticas sobre os fundamentos utilizados nesse processo, como também, o desconhecimento da população sobre esse instrumento de preservação.

Segundo a autora:

> os aspectos políticos e econômicos da colonização portuguesa apareciam nesse estudo como determinantes na conformação urbana da cidade. Uma histórica centrada na ação portuguesa, em que os aspectos políticos e econômicos se sobressaíam mais do que os aspectos culturais e sociais, fundamentou o tombamento.[110]

---

109 CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001. p. 168.

110 BOMFIM, Márcia. **As Engrenagens da Cidade**: centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX. Cuiabá: EdUFMT; Carlini & Caniato, 2010. p. 87.

A autora afirma que o papel de fronteira atribuído ao estado do Mato Grosso é fundamentado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), sendo que os estudos produzidos por esta instituição privilegiavam os aspectos políticos e econômicos, onde a história da portuguesa possuía o papel principal e tendo os aspectos culturais e sociais sido esquecidos.

O Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) entre o período de 1919 até 1980, segundo Elizabeth Madureira[111] era uma instituição de referência nos trabalhos de pesquisas relacionados ao estado de Mato Grosso. A implantação da UFMT nos anos de 1970 veio ocupar esse espaço que antes era exclusivo do IHGMT, como referência teórica local e, a partir das mudanças de paradigmas da Historiografia ocorrida no final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, tais acontecimentos propiciaram novos olhares sobre a compreensão da história cuiabana. Ainda segundo Elizabeth Madureira, as leituras sobre história local eram diferenciadas entre estas instituições.

A solicitação do tombamento do CH de Cuiabá originou-se de um requerimento da 8ª DR via ofício, no qual o embasamento teórico teve como pilar as pesquisas do IHGMT, mas que no percorrer do processo outras fundamentações diferentes convergiram nessa tessitura originando uma trama de significados desse lugar, contemplando outras categorias de valor relacionadas aos aspectos políticos e econômicos da colonização portuguesa.

No Comunicado Interno nº32/41 de 11 de abril de 1991, o arquiteto Fernando Madeira, coordenador do Instituto do Patrimônio Cultural (IBPC),[112] envia tal solicitação à Assessoria da Presidência do então IBPC na pessoa de Estevan Strass, cujo teor do documento se referia às considerações sobre o tombamento de Cuiabá. Neste documento é relatado um pouco do histórico do processo, destacando a atuação da Fundação Cultural de Mato Grosso (FCMT) que desde o início da década dos anos de 1980 realizou trabalhos na "tentativa de preservar o que restou da antiga vila do final do século XVIII".

Sobre esse iniciar de estudos sobre o Centro Histórico o arquiteto diz:

> Nossos contatos se tornaram regulares com os organismos de cultura locais (FCMT e Secretaria Municipal de Educação e Cultura), a partir de 1984, com a instalação do Escritório Técnico da 8ªDR. /SPHAN/FNPM em Cuiabá. Seguiram então quase dois anos de um trabalho cooperado entre três órgãos até que em 1985, surgiu a solicitação por parte da FCMT para o escritório técnico solicitando o tombamento do sítio histórico na capital do Mato Grosso a nível federal, uma vez que já existia o conjunto tombado a nível municipal e alguns imóveis tombados pela FCMT. [...]

111 Membro do IHGMT. Entrevista concedida em 22 maio 2015.

112 O IBPC foi um órgão ligado à Secretaria da Cultura da Presidência da República (SEC/PR) foi um órgão sucedâneo da Fundação Nacional Pró-Memória e da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

> A partir de 1985, fundamentados na solicitação da FCMT, é que iniciamos os estudos para a identificação e delimitação do sítio histórico urbano de Cuiabá. Em agosto de1985 o dossiê de tombamento elaborado pela 8ªDR foi enviado ao secretário da SPHAN para a apreciação.
> (Processo nº 1.180 – T-85. Comunicado Interno n.º 32/41 de 11 abr. 1991)

Essas informações juntamente com outras auxiliaram na compreensão de que os estudos sobre o processo de tombamento podem ter sido iniciados por uma fundamentação teórica com base em uma historiografia presa a referências de uma história pautada na centralidade da história portuguesa, mas foi uma construção envolvendo as esferas municipal, estadual e federal. As contribuições das várias pessoas envolvidas conseguiram criar uma trama de vários entendimentos sobre o lugar, um caleidoscópio de concepções sobre o Centro Histórico.

Na Informação nº 32 de 1987, elaborada pelas técnicas, Helena Mendes dos Santos[113] e Márcia Regina Romeiro Chuva[114] sobre os estudos que vinham sendo feitos sobre o tombamento do Centro Histórico de Cuiabá considerando as várias fontes documentais é colocado que "este esforço interpretativo contribui para a compreensão de nosso objeto de estudo, não como soma de vestígios do passado, mas como um objeto complexo passível de leitura do presente".[115] Por meio desta perspectiva o compreende assim o CH como fonte de conhecimento, como documento a ser lido, analisado, inquirido:

> definimos como CH de Cuiabá aquilo que representa a heterogeneidade que caracteriza a cidade, levando-se em conta as diferentes relações socioculturais expressas num espaço bastante definido historicamente, que veio se solidificando, ao longo do tempo, como núcleo urbano e, por isso mesmo, como realidade complexa. [...] O que estamos identificando enquanto centro histórico é a forma urbana (trama urbana, ocupação, casario) que permaneceu testemunhando o passado; este espaço foi apropriado socialmente, apresentando, por isso, as transformações provocadas pelo homem ao longo da história.
> (Informação nº 32, 1987, p. 110)

E, ainda, em uma informação produzida em seguida, consideravam que:

> no conjunto como um todo, devem ser observados os elementos que permaneceram ao longo do tempo registrando formas características de ocupação, implementação de técnicas construtivas, determinadas pela estrutura socioeconômica organizada com base nas diferentes classes sociais, criando, assim, espaços bastante diversificados dentro do conjunto. Esta diversidade deve ser observada e garantida.
> (Informação nº 32, 1987, p. 110)

O Centro Histórico estava sendo estudado para além dos referenciais arquitetônico, econômico e político, ultrapassando as fronteiras que limitavam o não considerar das relações

---

113 Historiadora da Coordenadoria de Proteção da SPHAN.
114 Arquiteta da Coordenadoria de Proteção da SPHAN.
115 Informação nº 32 de 1987, p. 4.

socioculturais. A heterogeneidade era vista não apenas na composição arquitetônica, mas a heterogeneidade cultural vista de forma mais ampla.

No Ofício nº045/90 cujo assunto se referia ao relatório técnico do representante regional da 8ª D.R – FNPM (em extinção) para o secretário da Cultura da Presidência da República são expostas as atividades realizadas na cidade de Cuiabá no período de 16 a 18 de julho do ano de 1990. Dentre as várias atividades citadas destaca-se aqui a reunião realizada entre o representante da Diretoria do IPHAN com representantes da comunidade nas dependências da Fundação Cultural de Mato Grosso. Participaram da reunião de representantes do grupo "Muxirum", Instituto dos Arquitetos IAB/MT, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Fundação Cultural de Mato Grosso, intelectuais e artistas.

Essa reunião foi organizada pela representante do Escritório Técnico de Mato Grosso tendo a ausência dos representantes da prefeitura, dos moradores e comerciantes do Centro Histórico. O representante da Diretoria do IPHAN relata que são evidentes os sentimentos de desconfiança e animosidade entre os grupos que defendem o tombamento do conjunto contra a equipe da prefeitura, e, também, a relação desgastada entre o Escritório Técnico de Mato Grosso e a administração municipal. Durante a reunião os grupos participantes ofereceram todo o apoio ao Escritório Técnico. Foi possível verificar também, o grande interesse pela preservação do Centro Histórico como valorização do patrimônio cultural cuiabano. No entanto, cita algumas impressões sobre esta valoração.

> Pode-se constatar que a defesa do Centro Histórico está calcada na supervalorização do seu conteúdo físico/arquitetônico em detrimento dos componentes sócio econômico e político, Infere-se que estão implícitas desavenças tradicionais e componentes do cotidiano local.
> (Processo nº 1.180 – T-85. OF nº045/90, p. 6)

No convite destinado à 8ª D.R datado de 05 de maio de 1990, encaminhado pelos Centros Acadêmicos dos cursos de Direito, História, Letras e Engenharia Civil da Universidade Federal de Mato Grosso convidam para uma reunião com a finalidade de organização do 1º Simpósio de conscientização para a preservação do patrimônio histórico de Cuiabá, uma reunião sobre o tombamento do Centro Histórico de Cuiabá, e reiteram apoio ao escritório técnico de Cuiabá. Além dessas informações, tecem algumas considerações sobre a importância do tombamento.

> Temos a consciência de que lutar pelo patrimônio histórico e cultural, não é apenas lutar pelo patrimônio edificado, a luta é mais ampla e envolve o patrimônio ambiental, o patrimônio arqueológico, o patrimônio da memória negra (quilombos), o patrimônio indígena além da recuperação de bibliotecas, arquivos e documentos. Infelizmente, pela questão da ação devastadora do patrimônio edificado, nossa preocupação imediata deve ser congregar as pessoas e instituições preocupadas com esta específica área de patrimônio histórico e cultural. Entretanto, a esse núcleo inicial, esperamos

> somar esforços das pessoas e instituições ligadas à preservação do ambiente, da memória negra, do patrimônio arqueológico, etc. Na certeza de que não podemos perder a visão de conjunto.
> (Processo n.º 1.180 – T-85. Apenso II, fol. 42)

Dentre as considerações expressas sobre o valor do Centro Histórico, essa é a primeira vez que se evidencia o seu valor arqueológico e onde são citadas as memórias negra e indígena. Esta citação é significativa, pois clarifica que dentro das representações da sociedade havia a compreensão de conjunto e da heterogeneidade não apenas das construções com seus estilos diferentes, mas das etnias, dos grupos sociais que constituíram e pertencem a esse lugar. Auxilia também a refletir sobre uma análise cristalizada de que o começo da história da cidade ocorreu com a vinda dos bandeirantes, como se não existisse uma herança oriunda ou associada a outras memórias, que houvesse contribuído para refletir sobre a homogeneização do sentido dos valores.

Para pensar sobre essa valorização dada a esse novo elemento que compõem a valoração do CH entende-se que algumas reflexões sobre a atribuição de valor possam ser interessantes de serem tratadas.

As considerações sobre valor apontadas por Riegl, importante historiador da arte vienense, cujas obras datam do início do século XX e trazem contribuições fundamentais para o pensamento e as práticas de preservação de monumentos históricos à época, assim como até hoje é uma referência para se pensar o patrimônio cultural são importantes, devido o autor direcionar para reflexões relacionadas à relativização dos valores de acordo com o momento de sua escolha e agentes envolvidos, considerando os contextos históricos e a subjetividade humana. O valor artístico, por exemplo, deverá variar segundo o ponto de vista que cada um adote. Preocupava-se com a atribuição de valor aos monumentos. A lógica do pensamento de Riegl relacionados aos processos de percepção e recepção dos monumentos. Ele atribui ao sujeito o papel de protagonista do processo de significação.

Riegl[116] não compreendia o monumento como coisa em si, de forma objetiva, seus estudos convergem para o estudo embasado em investigação sobre os valores outorgados ao monumento, a partir da concepção dos valores como categorias compostas pela sensibilidade histórica, suscetíveis às compreensões históricas, e por isso, mutáveis. Sinalizava para o trato dos valores como categorias contextualizadas, relacionados à sensibilidade histórica, contingentes à apreciação de cada época. Trabalha com a subjetividade e a ausência de referências absolutas.

---

116 RIEGL, Alois. **El culto moderno a los monumentos**. Madrid: Visor, 1987.

Sobre os valores artístico e histórico, Riegl assim os define:

> así pues, de acuerdo com lós conceptos actuales, no hay ningún valor artístico absoluto, sino simplesmente um valor relativo, moderno. El valor histórico de um monumento reside em que representa uma etapa determinada, em cierto modo individual, em la evolución de alguno de lós campos creativos de la humanidad.[117]

Fonseca diz o seguinte sobre os entendimentos de valor de Riegl:

> A reflexão de Riegl é surpreendente por chamar a atenção para a importância de se levar em conta, na formulação e, sobretudo, na prática de uma política de preservação, aqueles valores não explicitados, do nível da percepção mais imediata, intuitiva, menos culta.[118]

As diferentes diretrizes conceituais e de valor sobre o CH podem ser evidenciadas em alguns documentos internos da SPHAN. Na leitura do processo de tombamento nos defrontamos com justificativas e análises que compõem e acompanham as próprias mudanças ocorridas no IPHAN. As justificativas para o tombamento abarcam desde referências consideradas por Bomfim,[119] como "história produzida pelo Instituto Histórico de Mato Grosso", chegando até a uma "perspectiva relativizadora" sobre o CH, as quais serão tratadas de forma mais detida logo adiante.

O arquiteto Ítalo Campofiorito, último presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, extinta em 1990, para a criação do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), em comunicado interno datado de 15 de junho de 1990 direcionado para a professora Lilian Barreto, Inventariante da Fundação, dá informações sobre o tombamento da área central de Cuiabá e também expressa no documento suas interpretações conceituais e de valores deste lugar.

> 8: a justificativa do tombamento efetivado baseia-se, por sua vez, em metodologia renovada — face à tradição cinquentenária da Casa (IPHAN) e longamente explicitada no processo; não se trataria mais de valor vinculado 'a fatos memoráveis da história do Brasil', mas sim, de uma leitura da cidade enquanto 'documento histórico', numa perspectiva relativizadora, de um ponto de vista, por assim dizer, antropológico — o que levou a uma 'conceituação amplificada' da noção de Centro Histórico como 'representação da heterogeneidade que caracteriza a evolução histórica da cidade', no 'adensamento principal do centro urbano'.
> (Processo n.º 1.180 – T-85)

---

[117] então, de acordo com os conceitos atuais, não há valor artístico absoluto, mas simplesmente um valor relativo e moderno. O valor histórico de um monumento reside no facto de representar um estágio determinado, de uma certa maneira individual, na evolução de alguns dos campos criativos da humanidade. RIEGL. op. cit.

[118] FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro D&P, 2003. p. 66.

[119] BOMFIM, Márcia. **As Engrenagens da Cidade**: centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX. Cuiabá: EdUFMT; Carlini & Caniato, 2010. p. 87.

No item nono do mesmo documento, Campofiorito afirma que suas considerações não adentram no campo das divergências sobre o tombamento envolvendo os conflitos das solicitações de impugnação e pedido de não homologação, mas volta-se para a questão do valor no processo de patrimonialização daquele bem, afirmando:

> não me cabe avaliar a divergência, mas penso que esse tipo de atribuição de valor mais cotidiano do que excepcional — não pode dispensar um consenso local muito mais nítido e imediato, do que os velhos tombamentos de conjuntos coloniais.
> (Processo n.º 1.180 – T-85)

No trecho, Campofiorito demonstra uma percepção da especificidade da argumentação elaborada para o tombamento de Cuiabá, que o tornou ainda hoje, juntamente com os tombamentos de São Francisco do Sul, SC, Laguna, SC, entre outros, característico de um período de mudança de abordagem na política federal de preservação[120] para com os conjuntos urbanos tombados. Para Campofiorito, a proteção proposta para Cuiabá se relacionava a um valor "mais cotidiano que excepcional", o que, segundo ele, demandava urgentemente o estabelecimento de um consenso local em torno do ato e de suas consequências, muito mais do que nos casos dos tombamentos digamos, mais tradicionais, empreendidos pelo órgão federal.

No documento identificado como Informação nº 32/87 (folha 107), direcionado à coordenação de proteção, quando é utilizado o termo "diversidade", percebe-se a existência de uma leitura do Centro Histórico como cenário "representativo de diferentes épocas", como se ele fosse capaz de propiciar informações sobre a dinâmica construída historicamente nesse lugar.

> é importante ressaltar a coexistência, no Brasil, de diferentes tradições e visões de mundo. Seguindo esta linha, apresenta-se como essencial a questão da DIVERSIDADE, que deve ser permanentemente ressaltada por quem se propõe ao estudo e à preservação de bens culturais. Para tanto, deve-se ter em vista a busca de uma "perspectiva relativizadora", contribuição fundamental trazida pela Antropologia através de suas diferentes linhas teóricas. Esta perspectiva contribuirá, inclusive, para uma melhor compreensão da organização espacial de Cuiabá, onde se delineia 'toma uma gama de conotações correlatas com a diversidade da base social'.
> (Processo nº 1.180 – T-85 p. 109)

A partir dessas considerações contidas nos documentos acima citados considera-se que foi apontada aqui outra categoria de valor atribuído ao Centro Histórico de Cuiabá, o valor antropológico, ligado às tradições e visões de mundo associadas a um determinado lugar.

---

120 Fonseca, sobre os processos de tombamento, afirma que data da década de 1980 a incorporação de novas perspectivas historiográficas à argumentação de tombamento de conjuntos urbanos, pautadas muito mais nas noções de representatividade e exemplaridade, do que a partir da chave da excepcionalidade. A autora destaca também a postura multidisciplinar dessa perspectiva historiográfica em relação aos conjuntos urbanos visados para tombamento, tomados "a partir da relação entre o meio geográfico, natural, e os grupos humanos que ocuparam aquele solo e nele deixaram vestígios". (FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: MinC-IPHAN, 2005. p. 196-199.)

Durante as análises iniciais da documentação do tombamento, o aspecto do valor antropológico esteve silenciado nos documentos oficiais. No entanto, esse assunto merece ser tratado em uma outra pesquisa, que tenha por objeto especificamente a questão dos valores atribuídos ao CH de Cuiabá.

Sobre essa concepção diversa do patrimônio Fonseca diz que "não há dúvidas de que essa ampliação no conceito de patrimônio cultural contribuiu para aproximar as políticas culturais dos contextos multiétnicos, multi- religiosos e extremamente heterogêneos, que caracterizam as sociedades contemporâneas.[121]

Essa concepção mais ampla de patrimônio origina-se segundo Fonseca,[122] de reflexões sobre a função do patrimônio e de uma crítica à noção de patrimônio histórico e artístico, tais questões suscitaram compreendê-lo não apenas em uma visão direcionada a determinados objetos, mas a partir da "relação da sociedade com sua cultura", visto que trata sobre a aceitação dos valores pela sociedade e sua reiteração, considerando a dinamização sobre os critérios de tempo e espaço.

Flávio de Lemos Carsalade,[123] fala sobre o sujeito que atribui o grau de patrimônio a um determinado bem como possuidor de um "caráter mutante". Entende-se que a expressão utilizada pelo autor expressa o entendimento de que o processo de valoração de um bem não se direciona apenas às características e/ou qualidades do objeto, mas destaca a importância da compreensão que as sociedades fazem sobre ele, visto que é o sujeito que confere valor ao bem. Sendo assim, às diferenças culturais, do tempo histórico e dos valores são alguns dos fatores diversos que influenciam as construções de valor atribuído a um bem patrimonializado.

A questão do valor perpassa não somente às escolhas dos bens, determinando quais serão os escolhidos para serem patrimonializados, mas reflete nas intervenções sobre esses bens, as formas de sua preservação e quem são os sujeitos que participam dessas escolhas.

Para Bomfim,[124] o tombamento do Centro Histórico de Cuiabá não foi discutido pela sociedade local, não ocorreu o diálogo entre a sociedade e as instituições públicas. A autora considera o tombamento como um instrumento possuidor de um caráter fortemente técnico,

---

121 FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro D&P, 2003. p. 71.

122 FONSECA. op. cit. p. 67.

123 CARSALADE, Flávio de Lemos. **A ética das intervenções**. Palestra ministrada na Oficina do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN. Petrópolis. RJ. dez. 2012. (Mimiog.). p. 3.

124 BOMFIM, Márcia. **As Engrenagens da Cidade**: centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX. Cuiabá: EdUFMT; Carlini & Caniato, 2010.

uma espécie de divisor de entendimentos entre a população e os técnicos que detém o conhecimento para a realização das escolhas sobre o que deve ou não ser tombado.

Já foi citado em uma matéria intitulada "Preservar a História" no *Diário de Cuiabá* que a população desconhecia o significado do termo tombamento. A matéria fazia referência a intenção de tombamento da Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho, ao lado do Seminário da Conceição.

> Há alguns anos em Cuiabá, a palavra tombamento foi recebida com espanto já que, sem qualquer informação, uma parte da população, tinha a palavra como uma ameaça aos patrimônios históricos. Um bom exemplo ocorreu quando foi anunciado que a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tombaria a Igreja do Seminário. A notícia veio com impacto e provocou até a ameaça de uma passeata de protesto, pois, ao invés de preservação, muita gente pensou que derrubariam a igreja. (Processo 1.180 – T-85/ SPHAN)

Sobre a citação acima é válido fazer algumas observações. O tombamento da Igreja da Nossa Senhora do Bom Despacho não foi realizado pela SPHAN, mas pelo governo do Estado no ano de 1977. O tombamento foi solicitado pela Fundação de Cultura de Mato Grosso. É significativo compreender que neste período histórico as políticas de preservação ainda não sinalizavam para a participação da população. Os tombamentos ainda eram feitos de forma impositiva, considerando apenas os critérios técnicos dos órgãos responsáveis pela preservação, no caso específico da igreja, os critérios eram indicados pelos membros da Fundação de Cultura de Mato Grosso. Compreendem-se um pouco esses reflexos devido a todo o histórico sobre as ações iniciais de tombamento que eram realizadas:

> Foram princípios estéticos – apoiados numa ideia de beleza arquitetônica determinada pela "harmonia de estilo" e pela funcionalidade da arquitetura – que determinaram a construção do patrimônio histórico e artístico nacional, princípios esses definidos pelos arquitetos do SPHAN, ligados ao modernismo, dando uma direção, que determinava os bens a serem selecionados para tombamento e as formas a serem assumidas quando restaurados.[125]

Já segundo Brandão,[126] o processo conflituoso que envolveu o tombamento, produziu uma dimensão educativa, pois as instituições e a sociedade local nas suas discussões, nas organizações de reuniões, através dos artigos escritos nos jornais e nos passeios coletivos pelo Centro Histórico de Cuiabá, possibilitaram que a população tomasse conhecimento do que estava acontecendo.

---

125 CHUVA, Márcia. O modernismo nas restaurações do SPHAN: modernidade, universalidade, brasilidade. **Revista IEB**, São Paulo, n. 55, p. 89-107, 2012. p. 103.

126 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **O Processo de Tombamento do Centro Histórico de Cuiabá**: Movimento Citadino e Educação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1993. p. 211.

A autora considera que o Escritório Técnico da SPHAN em Cuiabá teve uma atuação ativa na sociedade afirmando que houve um esforço de interagir com os poderes e representantes locais, no sentido de acomodar os desdobramentos da ação de tombamento, fosse por meio de ações informativas, educativas, e, também, encaminhando questões jurídicas e burocráticas relativas à mesma. O caso do tombamento do CH de Cuiabá apresenta uma multiplicidade de perspectivas no órgão de preservação do patrimônio, expressas nas falas do que se usa chamar "área central" e "unidades descentralizadas" da instituição. Nesse caso, no que tange à inclusão de outros participantes no processo de patrimonialização, nos procedimentos que envolviam a área central, não houve qualquer abertura para outros atores participarem.[127]

> Sistematicamente informava e orientava à população em geral (via entrevista nos meios de comunicação), a setores da população (entidades civis e governamentais) e a pessoas individualmente, quanto às questões técnicas do tombamento, quanto às suas razões, quanto à sua aplicabilidade, quanto às questões legais, quanto aos direitos dos envolvidos e da comunidade em geral e quanto aos caminhos burocráticos da defesa dos seus direitos. Esse escritório desempenhou sem dúvida, um papel educativo e pedagógico.[128]

A percepção da necessidade em envolver a sociedade no processo de tombamento é demonstrada pelo arquiteto José Fernando da Costa Madureira em um comunicado interno datado de 11 de abril de 1990, no qual faz alguns apontamentos que poderiam contribuir para o desenvolvimento de políticas de patrimônio em Cuiabá. Ele discorre sobre alguns pontos que considerava relevantes. Fala sobre a necessidade de "Iniciar um trabalho de assistência, conscientização e atendimento aos habitantes da área, comerciantes, proprietários, além de interessados vários, tentando explicar as razões do tombamento, direito e deveres" (Processo nº 1.180 – T-85. Apenso II, p. 151).

Apesar do contexto democrático as ações patrimoniais direcionadas pelo IPHAN ainda apresentavam resquícios de um histórico de posicionamentos unilaterais e se desenvolviam através de atuações com diretrizes únicas e pouca informação e participação popular.[129]

---

[127] Nesse período o Escritório Técnico estava sendo representada pela arqueóloga Maria Lúcia Pardi.

[128] BRANDÃO, Ludmila de Lima. **O Processo de Tombamento do Centro Histórico de Cuiabá**: Movimento Citadino e Educação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1993. p. 212.

[129] Márcia Sant'Anna aula ministrada no dia 22 out. 2014.

Em relação à participação da população de Cuiabá no período do tombamento Brandão,[130] sinaliza que houve a participação da sociedade e para representar esse envolvimento, a autora denomina de "movimento citadino".[131]

Para a autora o movimento citadino teve uma importância pedagógica e política, concebendo que o seu surgimento antecede ao processo de tombamento, pois, segundo a autora, "os grupos sociais não são uma 'tábula rasa', que cessado um conflito, passa-se uma borracha sobre ela".[132] A derrubada da Catedral de Cuiabá, em 1968, foi um marco simbólico de sentimento de perda e que por mais que tantos anos tenham passado, para muitos, deixou cicatrizes profundas, causando incentivo à participação de movimentos sociais pela preservação.

A interpretação feita por Brandão[133] sobre a importância pedagógica e política exercida pelo órgão de preservação federal local e representante do movimento citadino que ocorreram no período do andamento do processo de reconhecimento do centro histórico como bem patrimonial lançam luz sobre as ações educativas que se originam no processo de patrimonialização do bem e, além disso, o envolvimento participativo da sociedade nestas ações.

As ações educativas mostradas pela autora acima citada tomam caminhos coletivos, contam com a participação de diversos atores envolvidos em defesa da preservação patrimonial, entre eles, Brandão[134] destaca o grupo de arquitetos da IAB, cuja contribuição segundo a autora foi fundamental para a difusão de conhecimentos sobre a arquitetura e que através da "autoridade técnica" divulgada pelos meios de comunicação dava credibilidade à difusão dos conhecimentos, possuindo um papel importante para a socialização de conhecimentos relacionados à preservação. Os estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso, representados pelos centros acadêmicos dos cursos de História, Letras, Arquitetura e Engenharia Civil através de sua articulação e organização discutiam sobre a preservação

---

130 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **O Processo de Tombamento do Centro Histórico de Cuiabá**: Movimento Citadino e Educação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1993.

131 A autora faz uso da expressão proferida por Castells, no entanto, Brandão, a partir de referências teóricas, atribui outras dimensões a esta expressão. Entende-se que o movimento citadino assume o caráter de movimento social que envolve a dimensão educativa dentro da questão da preservação patrimonial ocorrida na cidade de Cuiabá.

132 BRANDÃO. op. cit. p. 220.

133 BRANDÃO. op. cit.

134 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **O Processo de Tombamento do Centro Histórico de Cuiabá**: Movimento Citadino e Educação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1993. p. 264.

patrimonial tendo como cenário o cotidiano de suas atividades discentes, suas vivências. A contribuição educativa vista pela autora por este grupo expressa-se pelo exercício da cidadania. Outra participação significativa se reporta aos órgãos da Promotoria de Justiça e a Justiça Federal, os quais, na visão da autora, desenvolveram seu papel pedagógico integrando-se à perspectiva coletiva de preservação e, também, tiveram uma atuação inédita de coibição das ações consideradas ilegais[135] pela administração municipal exercendo seu "caráter repressivo", materializada através de uma ação civil pública.[136]

O movimento "Cuiabá Viva!" é visto por Brandão[137] como um movimento decorrente de todo o processo de mobilização da sociedade civil organizada relacionada à valoração do Centro Histórico e à sua preservação. A dimensão pedagógica do movimento encontra-se na organização de grupos em defesa de direitos coletivos, a participação da sociedade como um dos principais "conteúdos educativos" existentes. Sobre o movimento "Cuiabá Viva!" a autora expõe:

> O movimento Cuiabá Viva, por sua vez, que surgiu no clímax da polêmica, é, ao lado da Ação Civil Pública, a resultante política mais objetiva da dimensão pedagógica desse movimento citadino de caráter preservacionista [...] Se por um lado essa organização é resultante desse processo que é educativo, ela mesma passa a se constituir em mais um dos atores a desempenhar um papel pedagógico no movimento.[138]

Esse movimento idealizou algumas ações de aproximação entre a sociedade e o Centro Histórico de Cuiabá, dentre estas ações cita-se como exemplo, o passeio realizado neste lugar:

> No último dia 19 passado um grupo de trinta pessoas promoveu um passeio a pé pelo Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da cidade de Cuiabá, o Centro Histórico, observando a riqueza e a diversidade arquitetônica ali presentes. Comentou-se muito, como os casarões estão escondidos atrás de fachadas falsas, os "metalons". O grupo visitou também várias demolições e obras irregulares e entregou à população que passava pelo local do antigo Hotel Centro América, o manifesto.
> (Processo 1180, T-85. Apenso II, fol. 005)

O exemplo da atividade acima citada pode-se concluir que o papel pedagógico do movimento repousa no incentivo ao desenvolvimento da autonomia, da escolha, da gratuidade em querer participar das ações de preservação. A dimensão pedagógica presente na atuação do IAB através da densidade nas discussões sobre o patrimônio cultural, a participação de alguns centros acadêmicos da Universidade Federal do Mato Grosso e o envolvimento da sociedade,

---

135 Concessões de alvará de demolições de prédios no Centro Histórico.
136 BRANDÃO. op. cit. p. 266.
137 Idem.
138 Idem.

a partir das exposições feitas por Brandão,[139] demonstram que os agentes sociais empreenderam ações que favoreceram a realização de práticas de preservação cultural.

Oportuno comentar que outra leitura pode ser feita sobre a atuação do movimento citadino. Nathália da Costa Amedi, no artigo "A cidade (res)significada: A ideologia de modernização de Cuiabá no período pós-divisão do Estado de Mato Grosso", analisa a ideologia presente nos discursos de modernização da cidade de Cuiabá no pós-divisão do Estado de Mato Grosso, tendo como mote de fundamentação o conceito de cultura. A autora afirma que os movimentos sociais originados nos anos de 1980 em defesa da preservação patrimonial estavam revestidos pela intenção de preservação de um entendimento de identidade cuiabana que contemplava valores de uma elite pertencente à "cuiabania" local.

> Assistiu-se em Cuiabá, nesse período, o surgimento de vários movimentos sociais, intitulados preservacionistas dos bens e valores cuiabanos considerados ameaçados diante dos impactos produzidos pelo processo de modernização. Esses movimentos privilegiaram o impacto sobre a cultura e tentaram defender uma identidade cuiabana [...]. A busca da identidade perdida por intermédio da estética, enquanto uma ideologia da classe dominante vai ser acionada para tentar dar coesão a essa sociedade. Um jeito de ser cuiabano vai ser produzido, difundido e comercializado nas mais diversas formas comerciais e materiais, como bens de consumo e com a chancela cultural "regional" [...] Uma determinada cultura cuiabana passa a partir desse momento a ser inventada com base no que foi eleito como valores e tradições da cultura popular, aliando o que é tradicional com o que é moderno. Isso possibilitou a criação de um gosto estético cuiabano, que passa a ser vendido.[140]

Coadunando com a ideia das influências do discurso da modernização sobre os princípios que norteavam as discussões de preservação patrimonial Suzana Guimarães diz sobre esse entrelaçamento entre essas ideias:

> No caso de Cuiabá, tratava-se de construir, através do discurso regionalista da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), uma nova ideia de homem regional a partir da promoção e desenvolvimento de um saber científico-cultural que operasse com um modo específico de subjetividade (identitária). Essa definida como própria, genuína, cuja realidade, por ela configurada, passaria a ser referência de si para os outros, impondo uma espécie de marca regional. A produção dessa diferença empreendida pelo discurso positivador da cultura local pela UFMT foi capaz de fixar não apenas textos, mas imagens do que seria uma expressão plástica da autêntica identidade cuiabana viabilizada por uma política de animação cultural do Museu de Arte e de Cultura Popular (MACP-UFMT) criado em 1974. Toda plataforma de atuação desse Museu, mais diretamente através da divisão de Artes Visuais, foi direcionada em torno de uma arte que fosse envolvida com a tradição, cultura e o fazer popular cuiabano.[141]

---

139 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **O Processo de Tombamento do Centro Histórico de Cuiabá**: Movimento Citadino e Educação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1993.

140 AMEDI, Nathália da Costa. A cidade (res)significada: a ideologia de modernização de Cuiabá no período pós-divisão do Estado do Mato Grosso. **Revista Angelus Novus**. ano 3, n. 4, 2012, p. 59.

141 GUIMARÃES, Suzana Cristina Souza. Quando o assunto é vida no interior e suas histórias do oco do mundo. **Revista de Histórias e Estudos Culturais**. vol. 8. ano 7. n. 1, 2011. p. 7.

A questão sobre os valores mostra-se importante pelo fato de permearem as práticas de preservação, quando se volta para a discussão sobre o que deve ser preservado, dessa forma, se abre espaço para as discussões sobre as apropriações plurais existentes e aguça a percepção da existência de grupos diversos com seus viveres cotidianos diferentes.

Percebe-se a necessidade de clarificar os valores contidos nas propostas de preservação do Centro Histórico de Cuiabá, no intuito de evitar o reforço de ideias e práticas que, em uma análise superficial, transpareça conter valores coletivos, mas que em uma análise mais criteriosa, seja possível desvelar a intenção de contemplar interesses particulares.

A partir das ideias expostas por Bomfim[142] e Brandão[143] acerca do processo de patrimonialização do CH de Cuiabá pode-se constatar que as autoras descrevem momentos contextuais diferentes. Bomfim desenvolve suas análises para um processo ainda muito centralizado de construção das justificativas e argumentações para o tombamento do CH de Cuiabá, sua pesquisa abrange os períodos das décadas de 1960 a 1980.

Segundo Bomfim, a participação social era um privilégio exercido por uma "elite pensante", o conhecimento técnico era uma espécie de "mecanismo de poder".[144] Os indivíduos que detinham esse conhecimento eram as pessoas aptas para administrar e tomar decisões sobre a cidade. A população desprovida do saber técnico exercia o papel submisso, devendo se contentar em acatar passivamente as leis e normas produzidas pelos órgãos públicos.

Brandão aponta para o resultado que o litígio em torno da homologação do tombamento teve, ganhando um sentido educativo no que tange à temática do patrimônio cultural. A autora considera que os conflitos gerados no processo de tombamento repercutiram para a constituição de uma "relação pedagógica de entidades da sociedade civil e uma relação pedagógica de citadinos". A relação pedagógica sendo gerada por uma "comunicação social polêmica" entre entidades e grupos sociais diversos, considerando não somente os intelectuais ou participantes da elite da cidade. A compreensão de participação social da autora possui uma concepção mais ampla, diz sobre a "relação pedagógica envolvendo categorias de intelectuais e não intelectuais, entre governantes e governados, elite e povo, dirigentes e dirigidos, entre vanguardistas e conservadores".[145]

---

142 BOMFIM, Márcia. **As Engrenagens da Cidade**: centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX. Cuiabá: EdUFMT; Carlini & Caniato, 2010.

143 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **O Processo de Tombamento do Centro Histórico de Cuiabá**: Movimento Citadino e Educação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1993.

144 BOMFIM. op. cit. p. 70.

145 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A catedral e a cidade**. Cuiabá: EdUFMT, 1997. p. 263.

A Constituição de 1988 ampliou o conceito de patrimônio cultural, mas seu grande mérito, segundo Meneses,[146] foi o deslocamento da matriz do valor, ou seja, de onde e a partir de quem se produz o patrimônio. O patrimônio cultural brasileiro já não é somente composto por elementos tombados, determinado pelo poder público, mas os que são instituídos pela sociedade.

Em seu texto "O Campo do Patrimônio cultural: uma revisão de premissas", ao tratar do valor cultural, o autor afirma que "o deslocamento de matriz" não se limita ao alargamento do campo do patrimônio ao ter a Constituição de 1988 incluindo os bens de natureza imaterial, mas de ter avançado no sentido de que a atribuição de valor de um bem cultural passe a ser dado também e, sobretudo, pela sociedade e não mais somente pelo Estado. Para o autor, esta que seria a grande novidade. E, conclui seu texto argumentando que:

> o patrimônio é antes de mais nada um fato social – essa afirmação, nos órgãos de preservação, nas décadas de 1970 e 1980, provocava escândalo e alimentava mal-entendidos. É claro que o estado e o governo podem participar da criação desses valores, privilegiando ou marginalizando uns e outros, mas sempre no jogo das práticas sociais. Estas é que são o ventre gerador. O poder público, agora, tem um papel declaratório e lhe compete, sobretudo, proteção, em colaboração com o produtor de valor, a comunidade (para usar um termo problemático pela sua ambiguidade e utilizado pelo constituinte). Entretanto, mesmo sem qualquer intervenção do poder público, existe o 'patrimônio cultural nacional'.[147]

Diante disso se faz necessária uma reflexão a respeito dos conceitos que orientam a prática da preservação no Brasil a partir de uma ponderação entre práticas e representações, materialidade e imaterialidade, além dos diferentes valores dados ao patrimônio pelos distintos usuários, não considerando estes valores isoladamente, pois, diferentes elementos componentes do Patrimônio Cultural não podem ser inseridos, cada um, em pequenas "caixas" estanques, senão um conjunto de fatores que formam a sociedade.

Muda também a concepção expressa na ideia de que o patrimônio tenha um valor em si, ou que sua atribuição de valor seja reservada a um grupo de técnicos, mas é dada maior ênfase para a participação da sociedade na produção e reconhecimento desse valor. Há um deslocamento de competência, não se limitando às esferas municipais e estaduais, mas sim, a participação da sociedade. O reconhecimento patrimonial passa pelo reconhecimento dos detentores e sua anuência.

---

146 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O Campo do Patrimônio cultural: uma revisão de premissas. 1 Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. **Anais 2**. Vol. 1. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; coordenação, Weber Sutti. Brasília, DF: IPHAN, 2012. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=4181>. Acesso em: 20 maio 2014.

147 MENESES. op. cit. p. 33, 34.

Em relação à perspectiva sobre a questão do valor, Meneses[148] defende que os valores não estão previstos "geneticamente", mas são criados, eles precisam ser enunciados, explicitados, fundamentados e podem ser propostos, recusados, transformados, mas, não impostos. Essa afirmativa contribui para análises políticas, como históricas sobre o valor do bem patrimonial.

No caso específico do Centro Histórico de Cuiabá os valores relacionados no caso específico ao do Centro Histórico mostra que estes não foram impostos por órgãos oficiais responsáveis pela gestão patrimonial de forma direta, mas que foram sendo constituídos por sujeitos e grupos sociais que tiveram como motivação interesses de minorias de intelectuais, com princípios sobre o que mereceria ser preservado tendo como base valores programados.

Nos anos de 1980 o valor histórico passou a definir as operações de seleção do patrimônio cultural. As áreas urbanas foram entendidas como documentos do processo histórico de produção e expansão urbana. Essas operações de seleção enfatizavam os aspectos referentes à construção de uma história de ocupação do território relacionado à construção da nacionalidade. Esse novo entendimento na seleção patrimonial ecoou no IPHAN, mas no caso específico de Cuiabá foi possível identificar nas análises das solicitações de impugnação a presença marcante do ideal do progresso e sua influência no entendimento sobre o patrimônio. Devido a cidade ter vivenciado duas etapas que influenciaram o seu desenvolvimento urbano, sendo que estas mudanças tiveram como base tais preceitos referendados nos ideais progressistas, considera-se significativo discutir sobre o entendimento de progresso e seus reflexos na arquitetura e na representatividade do Centro Histórico de Cuiabá.

Pode-se afirmar a partir de algumas exposições feitas anteriormente que as compreensões de valor e as ações de preservação tiveram grande influência nas discussões, produções literárias e na implantação de ações de preservação patrimonial.

---

148 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O Campo do Patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: 1º Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. **Anais 2**. vol. 1. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; coordenação, Weber Sutti. Brasília, DF: IPHAN, 2012. p. 39.

1.2 Obras Oficiais: os reflexos da ideia de progresso no centro histórico de Cuiabá

No livro *Naufrágios sem espectador: a ideia de progresso,* Paolo Rossi relaciona a ideia de progresso com a imagem "moderna" da ciência, onde segundo ele, tal ideia foi determinante na formação da ideia de progresso e cita algumas de suas implicações:

> 1. A convicção de que o saber científico é algo que aumenta e cresce, que atua mediante um processo para o qual contribuem, uma após outra, diferentes gerações; 2. A convicção de que esse processo, em qualquer uma de suas etapas ou de seus momentos, jamais é completo: ou seja, que não necessita de sucessivos acréscimos, revisões ou integrações; 3. Enfim, a convicção de que existe de certo modo uma tradição científica que tem características específicas.[149]

O autor argumenta que a ideia de progresso não se desenvolveu de forma secundária, à margem da discussão sobre a ciência, mas que a ideia de progresso é "constitutiva da imagem moderna da ciência".[150] Tal afirmação justifica-se por ambas as ideias se desenvolverem a partir de uma atmosfera que estreitava as compreensões relacionadas aos termos "crescimento" com o avanço do saber, as quais foram construídas, segundo o autor, dos primeiros anos do século XVII até a segunda metade do século XIX.

Os discursos sobre o crescimento e sobre os avanços articulados no fim do século XVIII, paulatinamente contribuem para a elaboração de uma espécie de doutrina ou teoria do progresso, a qual envolvia:

> a noção de uma perfectibilidade do homem e de sua natureza alterável e modificável; a ideia de uma história unitária ou "universal" e modificável; os discursos sobre a passagem da "barbárie" à "civilização", sobretudo a afirmação de constantes ou de 'leis' operando no processo histórico.[151]

O entendimento sobre a ideia de progresso nesse contexto conduz a associação aos termos avanço e desenvolvimento humano, os quais se fixaram no imaginário comum. O progresso era visto como uma das formas de tirar o homem de suas amarras históricas. "Avanço, crescimento aperfeiçoamento, melhoramento, desenvolvimento, ampliação, extensão, incremento são frequentemente indicados nos dicionários e usados pelos falantes como sinônimos do termo 'progresso'".[152]

O autor afirma que a ideia moderna de progresso "encontrou sua expressão clássica", a partir das produções textuais dos teóricos Condorcet, Turgot, Saint-Simon e de Comte. Sendo bastante acentuada a sua utilização na segunda metade do século XIX. Após esses períodos a

---

149 ROSSI, Paolo. **Naufrágios sem espectador**: a ideia de progresso. São Paulo: UNESP, 2000. p. 49.
150 Idem.
151 ROSSI. op. cit. p. 95.
152 ROSSI. op. cit. p. 114.

ideia de progresso atravessou uma profunda crise no período entre as duas guerras mundiais. Este declínio relaciona-se com a emergência da Primeira Guerra Mundial e da crise dos anos de 1930. Estes acontecimentos contribuíram para aflorar os sentimentos de incerteza e desesperança; a ciência e o progresso não se mostraram eficazes na construção de uma sociedade justa e igualitária.

A argumentação sobre o fracasso da ideia de progresso também foi discutida pelo teórico Jaques Le Goff, sendo que os motivos dessas críticas ainda são mais enriquecidos:

> Em meados do século XX, os fracassos do marxismo e a revelação do mundo stalinista e do gulag, os horrores do fascismo e, principalmente, do nazismo e dos campos de concentração, os mortos e as destruições da Segunda Guerra Mundial, a bomba atômica — primeira encarnação histórica 'objetiva' de um possível apocalipse —, a descoberta de culturas diversas do Ocidente conduziram a uma crítica à ideia de progresso.[153]

A argumentação que fundamentava a ideia do progresso apoiando-se nas bases de pensamento que cultuava o progresso linear, restringindo-se ao modelo de unicidade cultural universal, mostrou-se paulatinamente insuficiente na construção de uma história com direcionamentos sequenciais. Esta atmosfera foi cedendo espaço para cocriar visões influenciadas pelos sentimentos de descrença e desesperança na busca de uma "sociedade melhor". Tendo presente as visões sobre as crenças religiosas, diretamente relacionadas à perspectiva escatológica. Segundo Le Goff,[154] a ideia de progresso ganhou notoriedade com o Iluminismo e nos séculos XIX e início do XX, em confluência com os processos científicos e tecnológicos. A abordagem ao termo progresso feita pelo autor não se restringe apenas às compreensões tecnológicas e científicas, mas ao uso da expressão progressos setoriais, pois não há uma forma única de progresso, mas que historicamente uma diversidade de processos de progresso foi desenvolvida.

O autor acima citado ao falar sobre a história da ideia de progresso se reporta ao texto de Dodds[155] o qual se compunha de uma síntese sobre a posição dos gregos e dos romanos em relação à ideia de progresso. A partir desse texto, o autor faz uma analogia sobre como essas posições trouxeram condições essenciais para o desenvolvimento da ideia de progresso na modernidade. A primeira posição se refere ao "papel desempenhado pelo progresso científico e tecnológico".[156] A crença na sua afirmação, as acelerações da ideologia do progresso trazem um avanço das ciências e das técnicas. Avanço este evidenciado nos séculos XVII, XVIII e XX.

---

153 LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2013. p. 14.
154 LE GOFF. op. cit.
155 Historiador irlandês especializado na história da Antiga Grécia.
156 LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2013. p. 221.

A segunda posição apresenta a relação entre o progresso material e a ideia de progresso, estes últimos se constituem a partir de uma inter-relação diretamente proporcional, pois quando se vivencia os avanços tecnológicos na mesma proporção são afirmas manifestações otimistas sobre o progresso, assim como sua estagnação fragilizava sua existência enquanto ideia. Considera-se que as representações do progresso em Cuiabá se desenvolveram a partir das "obras oficiais"[157]. Estas materializaram essa representação de avanço tecnológico através das representações vistas na paisagem da cidade, as quais alimentavam o imaginário, o sonho de construção de uma metrópole no Centro Oeste. Atingiam assim, vários setores da sociedade. O religioso com a demolição da catedral nos anos de 1968, o político com a demolição do Palácio Alencastro no final da década dos anos de 1950, para a construção do prédio atual da prefeitura. Estes casos citados implicaram na destruição de edificações antigas que compunham o espaço urbano de Cuiabá, assunto que será aprofundado mais adiante.

A ideia de progresso influenciava no desenvolvimento da crença de que ele seria uma espécie de gerador da felicidade, sobre isso, Rossi[158] diz que a "fé" no progresso "repousa" principalmente sobre três convicções:

> na história está presente uma lei que tende, através de graus ou etapas, à perfeição e à felicidade do gênero humano; 2. Tal processo de aperfeiçoamento é geralmente identificado com o desenvolvimento e com o crescimento do saber científico e da técnica; 3. Ciência e técnica são principal fonte do progresso político e moral, constituindo a confirmação de tal progresso. Essa ideia de progresso que não põe limites às esperanças do homem, que identifica o progresso com um processo necessário, que concebe os obstáculos como sempre provisórios e sempre superáveis, que não vê na ciência e na técnica apenas suaves instrumentos, pertence irremediavelmente ao passado, é expressão de um mundo que não é mais o nosso.[159]

A partir de um olhar mais específico sobre o progresso na cidade de Cuiabá, o escritor Luis-Philippe Pereira Leite no livro *Três sorocabanos no arraial: Mato Grosso nos seus primórdios*, diz:

> o progresso tem caracterizado a cidade Cuiabá, especialmente nos últimos anos. A iniciativa particular é a nota dominante desse progresso. Empresas as mais diversas, edifícios suntuosos, empreendimentos vários, transformaram Cuiabá, numa verdadeira metrópole. A sua população tem-se multiplicado. A aplicação de novos capitais, em virtude das grandes possibilidades que Cuiabá oferece, fez da nossa terra uma das mais seguras metas do plano desenvolvimentista do Brasil de hoje. Cuiabá

---

157 Construídas durante o Estado Novo (1937-1945), através de incentivo do governo federal. Foram realizadas no governo do interventor Júlio Müller e teve a frente a firma Coimbra de Bueno. Foi a primeira intervenção urbanística na cidade no século XX. As obras tinham a finalidade do uso público. (CONTE, Cláudio; SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. (Org.). **Cuiabá**: de vila a metrópole nascente. Cuiabá. Entrelinhas, 2006. p. 114.)

158 ROSSI, Paolo. **Naufrágios sem espectador**: a ideia de progresso. São Paulo: UNESP, 2000. p. 95.

159 ROSSI. op. cit. p. 96.

> não é mais apenas a terra de um grande futuro, mas, sim, a grande terra de uma realidade empolgante.[160]

Percebe-se que o autor nas suas palavras transmite o clima de euforia proveniente das mudanças arquitetônicas que vinham ocorrendo no Centro Histórico da cidade. Este otimismo ressoava na sociedade e contribuía para a criação de uma atmosfera de crença de que finalmente a cidade de Cuiabá iria ser valorizada no cenário nacional.

O livro *Cuiabá: de vila a metrópole nascente*, com organização de Elizabeth Madureira Siqueira, é uma obra constituída por centenas de imagens de Cuiabá referentes ao período do século XVIII até a década de 1960. Este álbum fotográfico busca, através do uso das fotografias, analisar as mudanças ocorridas na paisagem da cidade a partir das interferências na arquitetura realizadas pelos projetos oficiais e particulares de colonização, envolvendo também, o período da modernização da cidade.

Segundo os autores referindo-se ao período de 1937 a 1945:

> Esse momento foi crucial no processo de transformação urbana da cidade, que passou a receber grande fluxo migratório, em decorrência dos projetos oficiais e particulares de colonização, para a expansão e ocupação da fronteira agrícola na Amazônia brasileira. A metrópole nascente se revelava.[161]

E ainda:

> o desejo de modernizar a cidade — em parte para combater a angústia decorrente da sensação de isolamento geográfico e pelo processo de reafirmação de Cuiabá como capital do então Mato Grosso uno, desencadeou ações equivocadas que provocaram a destruição de paisagens urbanas coloniais que poderiam ter sido preservadas.[162]

Cláudio Quoos Conte[163] enumera as quinze obras oficiais que foram construídas ou erguidas no período de 1937-1945, no governo de Júlio Müller sendo que tais construções avalizavam a Cuiabá, na década de 1940, "à condição de capital de Mato Grosso". As obras citadas são: Avenida Getúlio Vargas, Residência dos Governadores, Grande Hotel, Secretaria Geral, Estação de tratamento de Água, Palácio da Justiça, Cine Teatro Cuiabá, Ponte Júlio Müller, Maternidade, Colégio Estadual Liceu Cuiabano, Estação Elevatória de Água, Saúde Pública, Usina de Pasteurização do Leite, Hotel das Águas quentes e Pavilhão de Exposição Agropecuária. Segundo Conte, a realização dessas obras pode ser considerada como a primeira

---

[160] LEITE, Luis-Philippe Pereira. **Três sorocabanos no arraial**: Mato Grosso nos seus primórdios. São Paulo: Resenha Tributária, 1979. p. 350.

[161] CONTE, Cláudio; SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. (Org.). **Cuiabá**: de vila a metrópole nascente. Cuiabá. Entrelinhas, 2006. p. 19.

[162] Idem.

[163] CONTE, Cláudio; SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. (Org.). **Cuiabá**: de vila a metrópole nascente. Cuiabá. Entrelinhas, 2006.

intervenção urbanística na cidade no século XX. Para Conte,[164] tal intervenção respeitou o traçado histórico original e contribuiu na criação de "um novo eixo de crescimento".

Ressalta-se que apesar das obras oficiais terem respeitado o traçado urbano da cidade, avalia-se que elas foram relevantes e influenciaram as mudanças da arquitetura da área reconhecida como "área do poder"[165], motivando as futuras construções que estavam por vir como, por exemplo, a demolição da Catedral e do Palácio Alencastro. A partir das obras oficiais, as mudanças ali seriam bastante representativas, devido ao significado daquela área na organização da cidade. Devido a ideia de representatividade, as mudanças ali ocorridas deixariam marcado a imagem da cidade como merecedora do título de capital do estado, afastando com isso o medo de perder esse título para a cidade de Campo Grande.[166]

---

164 CONTE; SIQUEIRA. op. cit. p. 114.

165 "Espaço do poder" a configuração foi impressa na ocupação do solo de forma bem mais rígida e definida, permanecendo o caráter social do espaço e a correlação entre seus equipamentos. (Igreja Matriz/Catedral Nova, Praça, Prefeitura Municipal/Palácio do Governo), porém, a disposição destes foi alterada, pois os elementos originais — que davam materialidade à representação do poder, ao longo da história- foram substituídas por estruturas modernas (Processo nº 1180, T-85. Informação nº 32/1987, p. 7).

166 A divisão do Estado do Mato Grosso foi promulgada no ano de 1977, é um marco da coroação da luta separatista promovida por nortistas e sulistas em embates políticos, ideológicos e até mesmo físicos que perduraram por cerca de cem anos. Fatores socioeconômicos e políticos distintos aliados à força política e econômica dos fazendeiros do sul de Mato Grosso, contribuíram para o nascimento de ideias divisionistas, e colaboraram para a posterior separação das regiões Norte e Sul do Estado do Mato Grosso. A construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em 1914, aproximou a cidade de Corumbá com o estado de São Paulo. Campo Grande gradativamente centralizou no sul do Mato Grosso as principais atividades políticas e econômicas de então, passando de entreposto comercial à condição de polo irradiador de ideias. A partir de 1930 o movimento divisionista tornou-se mais organizado com a participação de outros grupos sociais que se aliaram aos políticos sulinos exercendo pressão sobre o governo federal. (CORREA, Línive de Albuquerque. História e imprensa: a divisão do estado do Mato Grosso na Folha de São Paulo, 2014:01-04). Disponível em: <http://www.encontro.ms.anpuh.org/resources/anais/38/1412607200_ARQUIVO_HistoriaeImprensa-anpuh.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Figura 10 — Fotografia do Palácio Alencastro antes da demolição.



Fonte: Acervo Museu da Imagem e Som de Cuiabá.

Figura 11 — Palácio Alencastro (atual sede da Prefeitura Municipal de Cuiabá).



Fonte: Arquivo pessoal Mirella Prissurno.

Leila Borges de Lacerda[167] argumenta que o contexto político vivenciado no Estado Novo trouxe consigo o "ideário político voltado para a colonização do [centro-oeste] brasileiro: a "Marcha para o Oeste"[168] contribuiu para que a cidade de Cuiabá ficasse em evidência. Em

[167] LACERDA, Leila Borges de. **Catedral do Senhor Bom Jesus de Cuiabá**: um olhar sobre sua demolição. Cuiabá, KMC, 2005. p. 131.

[168] Em 1940, o governo Vargas lançou a chamada "Marcha para o Oeste", esse movimento pode ser considerado como uma política de integração territorial para o país. As diretrizes principais visavam políticas de

relação à expansão do espaço urbano de Cuiabá, a autora destaca que essas obras "marcaram no imaginário da população cuiabana, que o progresso tão almejado havia chegado". Essas obras foram um marco para a cidade ser considerada desenvolvida e, também, reconhecida como a capital do Centro-Oeste.

Essas construções também apagaram o risco de transferência da capital do centro-oeste para Campo Grande.[169] Após a conclusão das obras, a capital mato-grossense recebeu a visita do então presidente Getúlio Vargas para a inauguração de algumas delas. A autora acima citada cita como exemplo dessa evidência que a cidade foi dotada com um trecho do discurso proferido por Vargas no dia 7 de agosto, na realização do evento da parada trabalhista. No discurso o presidente se refere à cidade de Cuiabá como: "metrópole heroica das bandeiras, rica de quase dois séculos de história e transformada, através do tempo, pelo trabalho dos seus filhos, num adiantado centro de cultura, Cuiabá tem absoluto direito a primazia política que exerce".[170]

Segundo Jéssica Santos Costa, a "Marcha para o Oeste" produziu expectativas na população cuiabana, a qual nutria o sentimento de esquecimento pelos governantes e com a existência deste projeto um novo frescor foi dado ao cotidiano, aguçando mitos, crenças, esperanças, críticas e rejeições pela população. Para o historiador Alcir Lenharo,

> a proposta da 'Marcha para o Oeste' era de instalar 'pontos avançados de colonização' dirigidos pelo Estado. Vargas formulou diretrizes, administrativamente centralizadas, inspiradas na ótica nacionalista, com o objetivo de ocupar os 'espaços vazios' do Oeste e da Amazônia, para criar no 'novo espaço' a 'nova ordem social'. Na sua visão, as fronteiras econômicas deveriam coincidir com as fronteiras políticas.[171]

Cuiabá vivenciava nesse período um clima não harmonioso politicamente, muitas eram as críticas ao interventor Júlio Müller, a cidade apresentava um cenário político com muitas divergências e as obras oficiais tranquilizaram o cenário político.

Em uma publicação da *Revista Cultura Política* editada em setembro de 1941, um artigo de autoria de Afrânio Corrêa, o qual abordava sobre a questão sul e norte em Mato Grosso. O artigo propunha-se fazer uma análise comparativa apresentar a posição da região sul,

---

povoamento, regulamentação do deslocamento populacional, de transporte e de comunicação. Além desses aspectos, este movimento possuía um caráter simbólico de retomada de tradições coloniais e atribuição da figura do bandeirante como grande herói nacional.

169 O crescimento da região Sul aflora um enorme desconforto à longa tradição de domínio sociopolítico e cultural da região Norte do Estado. [...] O progresso do sul-mato-grossense parecia trombetear a decadência de Cuiabá e, consequentemente, a perda do seu status de capital (LACERDA, Leila Borges de. Catedral do Senhor Bom Jesus de Cuiabá: um olhar sobre sua demolição. Cuiabá, KMC, 2005. p. 36.).

170 LACERDA, Leila Borges de. **Catedral do Senhor Bom Jesus de Cuiabá**: um olhar sobre sua demolição. Cuiabá, KMC, 2005. p. 36.

171 LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1986.

> Cuiabá lembra o passado. Campo Grande esboça o futuro. Esse antagonismo de sentimento que, há muito, existe em Mato Grosso entre o Sul e o Norte, não tem, pois como vimos sua causa na vaidade de uma região ou ressentimento de outra [...]. O norte e o sul de Mato Grosso constituem duas épocas diversas de nossa evolução, apresentando duas mentalidades diferentes, espelhando cada uma, dois estágios econômico-sociais da história do Brasil.[172]

As obras oficiais foram consequência de uma política nacional que também estava influenciada por um contexto internacional que apresentava como características a visão de totalidade em relação ao conjunto urbano. Esta visão fica evidente com a criação de planos de implantação de vias voltados para a ligação entre os vários espaços da cidade.

> Cabe também destacar que, no século XX, essa mentalidade urbanística preocupada com a modernização das grandes cidades foi um fenômeno mundial e, especialmente, sul-americano. Nesse período, observaram-se iniciativas governamentais de elaboração de planos diretores idealizados para diversas cidades sul-americanas que subvalorizaram ou simplesmente desconsideraram a significação da herança colonial.[173]

No contexto nacional, os anos de 1930 além da modernização econômica trouxeram também, a modernização ideológica, estas duas vertentes tornaram-se parte do projeto de desenvolvimento nacional. A imagem de modernidade e progresso estava também atrelada aos ideais de inovação pretendidos pelo Estado Novo[174]. Neste contexto os princípios da arquitetura moderna foram definidos e encontraram repouso e incentivo nas políticas governamentais desenvolvidas pelo Estado Novo.

Destaca-se que o Estado teve papel influenciador no processo de afirmação do Modernismo brasileiro, pois, possuía o papel de patrocinador na elaboração e construção de obras arquitetônicas que apresentavam o este estilo como símbolo de modernidade e progresso.

Encontra-se nesse período um momento de divergência entre o que podemos apreender da bibliografia que trata da relação entre o modernismo e o surgimento das práticas de

---

172 CORRÊA *apud* COSTA, Jéssica Santos. O Brasil em Marcha: a visita de Getúlio Vargas a capital de Mato Grosso, imagens e representações. 2009. **Anais Congresso de História Jataí**. p. 128.

173 CARLOS, Cláudio A. S. L. **Áreas de Proteção do Ambiente Cultural (APAC)**: da idealização à banalização do patrimônio cultural. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 2008. Tese (Doutorado em Urbanismo) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. p. 28.

174 Regime político autoritário que vigorou até 1945. Foi marcado, conforme Fonseca, pela ampliação na reforma administrativa iniciada com a Revolução de 1930, em que "o Estado passou a ser apresentado como representante legítimo dos interesses da nação". Esse período foi marcado pela supressão da representação política e pela censura, mas também se abriu espaço para a participação de intelectuais na reorganização do Estado, atuando como ideólogos do regime e agentes na construção da nação. Cabe destacar que foi nesse período que o recém-criado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1936) iniciou efetivamente sua atuação, com a promulgação do Decreto-Lei 25, de 30 de novembro de 1937, que organizou a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, estabelecendo a figura do tombamento. (FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: MinC-IPHAN, 2005. p. 85.)

preservação no Brasil, que marca até hoje as ações e discursos nesse campo, e o que vislumbramos nos discursos locais em Cuiabá, acionados por ocasião do tombamento do Centro Histórico de Cuiabá. No contexto nacional o estilo barroco[175] foi considerado o representativo da nação, o estilo inspirador do modernismo, mostrando a visão de valorização de uma representação arquitetônica do passado como fonte de novos conhecimentos. Na análise sobre a apropriação que se fez localmente, em Cuiabá, dos discursos sobre a preservação do Patrimônio foi possível perceber que um elemento tão importante para esses discursos nacionais — a arquitetura e a arte barrocas — se fez presente de outra maneira nas falas identificadas e envolvidas com o processo de patrimonialização de Cuiabá. Nos debates em torno da patrimonialização do Centro Histórico de Cuiabá, o estilo arquitetônico de tipologia colonial não era considerado possuidor de nenhum valor, ou melhor, tinha o valor associado à ideia de simplicidade.

Sobre isso Júlio De Lamonica Freire[176] em uma entrevista diz:

> O moderno caracterizou-se pela aversão ao antigo que imediatamente, passou a significar atraso, anacronismo, incapacidade para o progresso. A rivalidade com Campo Grande acentuava-se na medida em que esta se enriquecia e se transformava. [177]

O sonho da modernidade ocorrido na cidade de Cuiabá foi alimentado por suas elites no intuito de suprimir vestígios urbanos relacionados a um indesejável passado colonial, o qual naquele momento histórico encontrava-se associado às ideias de inferioridade, imagem interiorana de cidade, possuidora de ritmo lento e previsível. Esta visão estimulou surgimento de profundas transformações na sua paisagem urbana, materializadas a partir do século XX, principalmente no centro histórico. Num contexto caracterizado pela destruição e perdas indiscriminadas não apenas de prédios considerados importantes pela beleza arquitetônica e representação histórica, como também, de moradias contribuindo consequentemente, na desconfiguração do cotidiano do lugar e causando uma fragilidade nos laços sociais existentes.

---

175 Segundo Ribeiro (2014), o barroco pode ser considerado como movimento e não visto apenas como estilo. Isso se justifica pelo fato do movimento ter o caráter de ser necessário à condição humana, nasce com outra perspectiva associado às transformações de estruturas mentais. Ele permeia todas as áreas de saberes.

176 Arquiteto e urbanista cuiabano, após formado pela UnB em 1970, retornou a Cuiabá onde participou e ajudou na criação do Grupo de Trabalho que projetou e coordenou a construção do Centro Político Administrativo (CPA). Vinculou-se também à recém-criada Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) onde posteriormente veio a ser um dos fundadores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo daquela instituição federal de ensino superior, tendo nela desempenhado diversas funções ao longo de sua carreira de professor. Disponível em: <http://blogdojoselemos.blogspot.com.br/2011/09/julio-de-lamonica-freire.html>. Acesso em: 24 jan. 2016.

177 Jornal Contato Hoje, 20 dez. 1992.

A renovação arquitetônica que foi sendo constituída no Centro Histórico ofereceu a sobreposição de estilos como uma espécie de palimpsesto,[178] oferecendo uma nova paisagem sobre o antigo. Acredita-se que da mesma forma que o palimpsesto, ao acolher novas escritas, deixa obscurecer os vestígios dos escritos anteriores, esse mesmo fenômeno tenha ocorrido no CH pelas transformações arquitetônicas materializadas após as "obras oficiais".

Os reflexos dessas obras serão sentidos mais intensivamente nos anos de 1960 corporificado na demolição da Catedral e do Palácio Alencastro. Brandão, sobre isso, diz:

> Mas, o que marcará o final da década de 1960, todos os anos de 1970 e, com menos intensidade, os subsequentes, são as mudanças na fisionomia da cidade. A modernização: os primeiros edifícios; o asfaltamento me larga escala (tudo passa a ter "cobertura asfáltica"); os relógios eletrônicos nas principais avenidas; [...]. A cidade tem urgência: aquela do tempo que é chegado – segundo anúncio de algum profeta. Nem a catedral escapou a essa urgência: a antiga, do século XVIII, foi demolida, no mesmo famigerado ano de 1968 (concentrado de arbitrariedades), para dar lugar a outra, mais de acordo com os novos tempos, conforme justificativa do arcebispo local.[179]

Sobre a catedral, o arquiteto Júlio De Lamonica Freire em entrevista no jornal local, diz que a sua derrubada além de marcar a descaracterização da cidade evidencia "com a mesma intensidade simbólica a inauguração dos processos espaciais que dinamitaram o perfil tradicional da cidade, abrindo fendas e feridas profundas no seu corpo, para a violenta parturição da sua modernidade".[180]

Suzana Cristina Souza Guimarães, no artigo "Uma fisionomia do passado (Cuiabá, 1970)"[181] faz uma análise crítica sobre o discurso de preservação do "patrimônio arquitetônico" da cidade de Cuiabá e seus reflexos na criação de uma nova consciência regional do espaço. Segundo a autora:

> a partir da década de setenta, nos anos posteriores, assiste-se em Cuiabá à evolução paulatina dos mais variados movimentos sociais, inclusive o que se intitulou "preservacionista dos bens e valores cuiabanos", considerados ameaçados pelos impactos produzidos pelo processo de "modernização". Esses movimentos privilegiam o enfoque do impacto deste processo sobre a cultura.[182]

---

178 Palimpsesto: s.m. Manuscrito em pergaminho que, após ser raspado e polido, era novamente aproveitado para a escrita de outros textos (prática usual na Idade Média). (Modernamente, a técnica tem permitido restaurar os primitivos caracteres.). Disponível em: <http://dicionario-online.com/palimpsesto>. Acesso em: 20 fev. 2016.

179 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva**: matéria, afectos e espaços domésticos. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 127.

180 Jornal Contato Hoje, p. 39, 20 dez. 1992.

181 GUIMARÃES, Suzana C. S. Uma fisionomia do passado (Cuiabá, 1970). **Revista História Hoje**, vol. 2, nº 5, nov. 2004. Disponível em: <http://www.anpuh.org/revistahistoria/view?ID_REVISTA_HISTORIA=2>. Acesso em: 24 fev. 2016.

182 GUIMARÃES, Suzana Cristina Souza. Uma fisionomia do passado (Cuiabá, 1970). Revista História Hoje. Revista Eletrônica de História. vol. 2. n. 5,. nov. 2004. p. 2.

Segundo a autora um grupo de intelectuais sentiu-se "culturalmente invadido", receosos pelas mudanças que vinham ocorrendo no modo de vida e nos hábitos da cidade. Esse sentimento motivou a reivindicação da recuperação dos espaços que eram considerados como patrimônio cuiabano. Ainda segundo a autora, estes eram compreendidos como base de uma memória, a qual assegurava um sentido de continuidade para a história da cultura cuiabana.

Para a autora a busca pela história regional como alicerce para o futuro transmite a ideia de que os "bens culturais" construídos no passado simbolizavam a autenticidade de uma identidade regional que se "pensava única e pré-estabelecida".[183]

A autora afirma que os discursos elaborados por alguns arquitetos que defendiam uma identidade cultural cuiabana, a atualização do "espaço tradicional cuiabano", as ideias de uma "estética identitária" foram cristalizadas pelas suas produções cientificas. Pode-se citar como exemplo, a obra de Júlio De Lamonica Freire *Por uma poética popular da arquitetura*. Nesta obra, o autor, a partir de sua análise sobre as transformações urbanas da cidade, afirma que a estagnação econômica interrompe o crescimento urbano e esse cenário contribuiu para redescobrir a cuiabania.[184] Além da produção do livro, o arquiteto Júlio De Lamonica também teve intensa produção de artigos publicados em jornais locais.

Brandão[185] cita que outros intelectuais também publicaram artigos e matérias, segundo a autora, constituídos de um discurso melancólico e apresentando uma visão idílica relacionada ao passado "puro" da cidade. Pode-se citar como exemplo o artigo de Robson Sinomar intitulado "Um passeio à Cuiabá antiga".[186] Dentre os intelectuais que também produziram escritos veiculados em jornais locais são citados o arquiteto Moacir de Freitas,[187] [188] Marilza Ribeiro[189] e Lenine Póvoas.[190]

Nesse contexto histórico nacional a elite política, impulsionada pelos movimentos de internacionalização da economia, vivenciava também, um movimento contrário a este da

---

183 GUIMARÃES, Suzana Cristina Souza. Uma fisionomia do passado (Cuiabá, 1970). **Revista História Hoje. Revista Eletrônica de História**. vol. 2. n. 5,. nov. 2004. p. 2.

184 Para a professora Cristina Campos, "a palavra *cuiabania* envolve, além de Cuiabá, todos os municípios cuja imbricação histórica e geomorfológica permite uma aglutinação identitária". (FREIRE, Silva, 2008, p. 11). Ludmila Brandão no livro *A catedral e a cidade: uma abordagem da educação como prática social* diz que o termo cuiabania é uma "expressão utilizada em geral, para se referir à elite cuiabana".

185 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A catedral e a cidade**. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

186 SINOMAR, Robson. Um passeio à Cuiabá antiga. **Diário de Cuiabá**, Cuiabá, 3 fev. 1982, p. 9.

187 FREITAS, Moacir de. O passado também é nosso. **Diário de Cuiabá**, Cuiabá, 2 set. 1988, Caderno K.

188 FREITAS, Moacir de. Memória histórica abalada. **Diário de Cuiabá**, Cuiabá, 20 ago. 1989, Caderno I.

189 RIBEIRO, Marilza. Cuiabá em tempos de descaminhos. **Diário de Cuiabá**, Cuiabá, 20 ago. 1989.

190 PÓVOAS, Lenine. Inimigos do progresso. **Diário de Cuiabá**, Cuiabá, p. 30, 7 jun. 1990.

modernização "os nacionalismos e regionalismos extremados" que vislumbravam a busca da identidade, a qual na visão desse movimento se encontrava multifacetada pelas próprias "nações históricas". Um momento de debate entre o "global" e o "local", o "nacional" e o "regional". Este debate colaborou no repensar das questões em torno dos conceitos de identidade nacional e regional, diante de uma nação que começa a perceber sua diversidade, portadora de uma "unidade na diversidade" cultural.

Ainda segundo Guimarães *et al.*, essa visão de diversidade cultural contribuiu para a formação da consciência regional e ações que procuram compor um novo perfil para a região e defender a identidade cultural cuiabana através de uma arquitetura urbana comprometida com uma espécie de "estética identitária".[191]

As obras do poeta Silva Freire[192] também apresentavam elementos referentes à cultura cuiabana, no entanto, o autor ao abordar a consciência regional ultrapassa as fronteiras de uma visão restrita sedimentada apenas por elementos identitários considerados singulares para uma visão mais ampla cultural.

Segundo Epaminondas Magalhães e Marinei Almeida,

> Nas prosas de Silva Freire, o discurso regionalista não se fragiliza, visto que o autor não se ancora apenas no local, mas há em seus textos um regionalismo que vai ao encontro de um sentido social que valoriza o homem em vez de trazê-lo como mero ornamento do meio, aponta para um homem que se constitui com este meio. Em seus croni-contos, Freire supera a simples descrição do meio, revelando não mais a cor local, mas o homem, sua vida e as contradições destas ligadas a uma cultura que se constitui com este homem.[193]

Segundo Olga Maria Castrillon-Mendes,[194] a obra de Silva Freire pode ser apreciada nos processos de leitura para crianças e jovens por possuir características relacionadas à inovação e pela ludicidade linguística. Para ela o poeta conseguia transformar a oralidade em

---

191 OLIVEIRA, Eliene de; RODRIGUEZ, Márcia do Socorro; SOUZA, Rejanete Silva e; GUIMARÃES, André Rodrigues. **O lúdico na educação de jovens e adultos**. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem01pdf/sm01ss04_08.pdf>. Acesso em: 10 out. 2014. p. 5.

192 Benedito Sant'Anna da Silva Freire é mato-grossense, nasceu em Mimoso em 20 de setembro de 1928 e faleceu em Cuiabá em 11 de agosto de 1991. Advogado criminalista, contista, poeta, professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), foi também membro da Academia Mato Grossense de Letras ocupando a cadeira nº 38. Ao lado de Wlademir Dias Pino impulsionou e introduziu a estética concretista em Mato Grosso. Escreveu e fundou algumas revistas neste Estado, entre elas "Arauto de juvenília", "o Saci" e "Vanguarda mato-grossense", as quais possuíam caráter inovador e cultural e apresentavam desde técnicas de composição do texto — na diagramação, por exemplo — até o trato com a linguagem, mesclando a essas técnicas os elementos da cultura mato-grossense (MAGALHÃES, Epaminondas; ALMEIDA, Marinei. Pelas veredas da literatura regional: a Japa e outros croni-contos de Silva Freire. **Revista Ecos**. vol. 18, ano 12, n. 1, 2015. p. 55.).

193 MAGALHÃES, Epaminondas; ALMEIDA, Marinei. Pelas veredas da literatura regional: a Japa e outros croni-contos de Silva Freire. **Revista Ecos**. vol. 18, ano 12, n. 1, 2015. p. 63.

194 CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. Cultura e oralidade na poética de Silva Freire. **Revista Desenredo**, v. 7, n. 1, p. 127-135, jan./jun. 2011. p. 127.

linguagem poética com um traço linguístico do mato-grossense, apresentando os elementos de ritmo e beleza. “Silva Freire, escritor brasileiro que produziu, em Mato Grosso, obra singularmente voltada para o dinamismo lúdico da palavra, deslocando estereótipos e aproximando a matéria poética do universo plural de reconstrução do leitor”.[195]

Ainda sobre Freire a mesma autora diz:

> Eu diria que o poeta não se envergonha das suas raízes, mas faz delas objeto de *status* literário, dá-lhe dignidade, entendendo que o processo de desenvolvimento de uma região não implica renegar os valores natos, mas fundi-los para construir harmonicamente, a fisionomia plural do povo.[196]

Explorando essa temática sobre consciência regional, mas a partir desse outro viés cita-se o que o poeta Silva Freire expressa sobre a identidade cuiabana.

> Mas o que é cuiabania, afinal, poeta?
> Não é topônimo, é a sensação indivisível, esse chavari de maçaroca-poética, daqui e daqui-prá-frente,
> De quase três séculos de uma cidade mágica.[197]

No ensaio “Charivari: um povo por (re)vir”, de 2003, é relatada uma entrevista[198] feita pelo poeta Silva Freire para a *Revista Contato* realizada no ano de 1991, na qual o poeta esclarece o sentido do termo “charivari”:

> Enfim, é uma... é um querer dizer, sem dizer o que é cuiabania. Esse charivari... essa sensação que a gente recebe desde a infância, sente-se, mas, não sabe dizer o que é. Repita a palavra, por favor, charivari? É um charivari. Charivari [...] é essa coisa, é essa transa, é essa mistura, é essa sensação e por assim dizer a emoção do indizível. Sente-se, sente-se desde quando nasce. Desde quando se nasce você já é herdeiro de uma tradição, já é herdeiro de um patrimônio que sente, mas não sabe dizer o que é, nem como é. Mas, você cultiva. Cultiva como a gente está aqui, ressuscitando coisas que estavam paradas. Coisas que não podem ser, de forma alguma, abandonadas porque isso é o suco, sumo e resumo de nossa ancestralidade.

É possível compreender que o poeta ao fala sobre uma identidade cuiabana, sentida, vista como herança, mas que também, não é imposta, mas construída ou cultivada, nas palavras de Silva Freire — a partir de reflexões de um passado, mas é no presente que se ressignifica. É

---

195 .Idem.

196 CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. Cultura e oralidade na poética de Silva Freire. **Revista Desenredo**, v. 7, n. 1, p. 127-135, jan./jun. 2011. p. 134.

197 FREIRE, Silva. **Presença na audiência do tempo**. Cuiabá: EdUFMT, 1991. (Trilogia Cuiabana, vol. 1) p. 407.

198 Trecho de entrevista de Silva Freire para a Revista Contato (1991). Disponível em: <http://casasilvafreire.iphotel.info/uploads/Texto-SemiEdu2013_CHARIVARI(1).pdf>. CHARIVARI: um povo por (re)vir. Acesso em: 30 abr. 2016.

interessante destacar que o autor trata de uma identidade com elementos regionais que possuem um sentido social que valoriza o homem cuiabano do meio rural e da cidade, o homem de várias classes sociais e vê a cultura também sendo constituída com este homem.

> Na poética de Freire, não há a exaltação utópica de encenar um Mato Grosso mais belo de que todos os outros Estados, não há um estágio de sublimação total, há, sim, um projeto de representar o homem mato-grossense nas suas várias nuances, na maneira mais simples de viver e conviver.[199]

É pertinente lembrar a existência do estilo lúdico na produção literária de Silva Freire. Sobre isso Isaac Newton Almeida Ramos[200] ao analisar a produção literária do poeta expõe "a linguagem poética estimula e incorpora certo tipo de molecagem, que ora é estendível, ora é minimalista e atua de forma consistente e lúdica".

Na análise feita por Ramos sobre o poema "Garimpo da infinitude" considera que:

> o seu porta-voz é o próprio poeta que, através de um gesto lúdico, parece garimpar as palavras antes de lançá-las no papel em branco. A posse imagética é viabilizada por meio do comando do ritmo e da batida que submerge nas águas de papel e cria o ambiente próprio ao discurso poético.[201]

Considera-se que a obra de Silva Freire além da preocupação sobre o conteúdo, apresentava uma atenção dedicada à forma "O visual se une à estrutura linguística para mostrar que as duas coisas acontecem simultaneamente", uma composição aberta ao exercício de reconstruções textuais de acordo com as interpretações e intenções do leitor. Apresenta um "dinamismo lúdico" da palavra,[202] faz uso de uma linguagem que contempla o uso de diferentes leituras. Essa flexibilidade de apropriação abre espaço para a criatividade, dá dinamicidade à leitura, potencializa a imaginação e contribui para o exercício da autonomia, da realização de novas elaborações a partir de uma produção textual determinada, mas que serve de referência inicial para novas produções.

Retomando a ideia de identidade consideram-se significativas as reflexões feitas por Benedict Anderson no livro *Comunidades imaginadas*.[203] O autor propõe a discussão sobre as

---

199 MAGALHÃES, Epaminondas; ALMEIDA, Marinei. Pelas veredas da literatura regional: a Japa e outros croni-contos de Silva Freire. **Revista Ecos**. vol. 18, ano 12, n. 1, 2015. p. 154.

200 RAMOS, Isaac Newton Almeida. Silva Freire: um garimpeiro de palavras. **Revista Crioula**, n. 2. nov. 2007. p. 78.

201 RAMOS. op. cit. p. 107.

202 CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. Cultura e oralidade na poética de Silva Freire. **Revista Desenredo**, v. 7, n. 1, p. 127-135, jan./jun. 2011. p. 127.

203 ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

origens específicas do nacionalismo a partir de uma perspectiva cultural remetendo-se às origens culturais de uma Europa do século XVIII.

Para tanto destaca a grande importância das línguas impressas como influência para a formação da consciência nacional, sendo que essa influência se apoiou em três formas distintas. A primeira seria de que as línguas impressas criaram "campos unificados de intercâmbio" o que possibilitou o acesso de um amplo número de leitores. A segunda forma diz sobre o "capitalismo tipográfico" que por meio de suportes textuais, imprimiu uma nova fixidez à língua. Segundo o autor, este fator irá repercutir futuramente na construção da imagem de antiguidade, a qual é importante para a disseminação da ideia subjetiva de nação. Quanto a última forma, o capitalismo tipográfico foi responsável pela criação de línguas oficiais diferentes dos vernáculos administrativos anteriores, este aspecto possibilitou que alguns dialetos pudessem ser assimilados na língua impressa, mas também, ocasionou que outros dialetos não conseguissem ter a sua própria forma impressa.

Aqui destacaremos a segunda reflexão que expressa a ideia da cristalização que o registro impresso apregoa, auxiliando na criação de verdades ontológicas. O livro sendo considerado como suporte de informações que irão se tornar provas de um pensamento, que mesmo com o passar do tempo será uma espécie de guardião das palavras. O autor cita que a fixidez à língua é "essencial à ideia subjetiva de nação".[204]

Justifica-se a escolha da segunda reflexão pelo motivo de encontrarmos associação na discussão acima mencionada sobre a "estética identitária" difundida nas produções literárias em Cuiabá. Segundo Bomfim,[205] arquitetos e outros grupos de intelectuais atuavam na defesa de uma identidade cultural cuiabana pré-existente, tendo seu discurso difundido através de matérias de jornais, colunas artigos e livros. Estes registros escritos contribuíram para disseminar entendimentos sobre o que deveria ser considerado patrimônio e o que mereceria ser preservado.

Anderson[206] ainda ressalta que o movimento de fixação e construção da forma de regulamentação das línguas impressas foram processos inconscientes, resultantes da confluência do entusiasmo trazido pelo capitalismo, tecnologia e a diversidade linguística

---

204 ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 81.

205 BOMFIM, Márcia. **As Engrenagens da Cidade**: centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX. Cuiabá: EdUFMT; Carlini & Caniato, 2010.

206 ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 81.

humana. Esses fatores propiciaram a formação da ideia de comunidade imaginada e que a posteriori "montou o cenário para a nação moderna".

Meneses, referindo-se ao entendimento do termo identidade esclarece que:

> o conceito de identidade implica semelhança a si próprio, formulada como condição de vida psíquica e social. Nessa linha, está muito mais próximo dos processos de reconhecimento, do que de conhecimento. A busca de uma identidade se alia mal a conteúdos novos, pois o novo constitui uma ameaça, sempre. Ao contrário, ela se alimenta do ritmo, que é repetição – portanto, segurança. Trata-se, em suma, de atitude conservadora, que privilegia o reforço em detrimento da mudança.[207]

Segundo o autor, a Antropologia e a Sociologia contribuíram para o entendimento da noção de identidade seja no aspecto individual ou social, os processos de sua constituição ocorrem no campo social. Ela é constituída na dinâmica histórica, o indivíduo alcança a consciência de ser passível às mudanças. A ideia de singularidade individual é uma noção cultural que alimenta a ideia de oposição entre o indivíduo e a sociedade, uma oposição ilusória, pois a condição social é base da existência do indivíduo. Realiza uma leitura do passado como que se contrapõe à visão de conjunto de eventos homogêneos, pensamentos cristalizados e vê o passado como "um interlocutor que o interroga criticamente".[208]

A memória[209] na análise do autor seria um dos suportes essenciais para a identidade. Ainda segundo ele, são duas características existentes. A memória é seletiva, esta característica possibilita o registro, sendo que este registro não necessariamente aflora à consciência. A outra característica remete a memória a ser suscetível à indução. Esta memória pode ser constituída com medidas artificiais, no sentido da legitimação do passado, que tem o viés de manutenção de hierarquia, privilégios e de determinadas configurações sociais.

A consciência histórica para Meneses[210] seria uma forma de se esclarecer o caráter ambíguo existente entre os termos identidade e memória, a partir dela a noção de identidade rompe com a rigidez "ter consciência histórica não é informar-se das coisas outrora acontecidas, mas perceber o universo social como algo submetido a um processo ininterrupto e direcionado de formação e reorganização".

---

207 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Premissas para a formulação de políticas públicas em Arqueologia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1984. p. 33.

208 MENESES. op. cit. p. 34.

209 Mecanismo de retenção de informações, conhecimento, experiência, quer em nível individual, quer social e, por isso mesmo, é eixo de atribuições, que articula categoriza os aspectos multiformes de realidade, dando-lhes lógica e inteligibilidade. (MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Premissas para a formulação de políticas públicas em Arqueologia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1984. p. 33.)

210 MENESES, 1984, p. 34.

Os reflexos da consciência histórica na compreensão da memória atribuem o sentido de "força viva do presente", no sentido de nutrir uma plataforma de referência que dá base para análises e criação de novas premissas, base histórica que auxilia na compreensão da dimensão temporal do homem.

> Neste enfoque, os testemunhos de diversa natureza sobre "tempos passados" devem ser considerados como suporte de informação sobre a mudança, seus processos, seu alcance. Por isso devemos não só considerá-los enquanto produtos, mas investigar também os contextos de produção e consumo. [211]

A ação educativa voltada para os processos identitários e dos mecanismos de memória deve negar o entendimento desses termos como "essências reificadas, transferíveis de fora e implantados como trilhos a serem percorridos".[212] Visto que memória e identidade são, segundo o autor, ingredientes fundamentais da interação social. Ação educativa que recai abordagem de memória e identidade como sendo portadores de preceitos imutáveis. Para o autor, "educar não poderia ser entendido como ação indutora de modelos de homens e sociedade".[213]

A ânsia em almejar a valorização de um bem cultural pela comunidade pode recair em posturas que reafirmem o ato educativo como uma forma de convencimento, mediador de conflitos, apresentando como conteúdo a ideia de patrimônio cultural que não abarque as expressões das diversas matrizes culturais. O patrimônio com o papel de ser motriz e matriz,[214] pois ele pode ser "fonte de narrativas".[215]

A definição de patrimônio histórico por Choay contribui para o entendimento e amplitude da representatividade sobre o patrimônio:

> a expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação continua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos.[216]

Nessa forma ampla e diversa de entendimento sobre o patrimônio, a preservação patrimonial deve associar integralidade e diversidade cultural, como também, a participação

---

211 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Premissas para a formulação de políticas públicas em Arqueologia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1984. p. 34.

212 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Patrimônio arqueológico: o desafio da preservação. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 33, 2007. p. 47, 48.

213 MENESES, 2007, p. 49.

214 MENESES. Premissas para a formulação de políticas públicas em Arqueologia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1984. p. 36.

215 GONÇALVES. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; IPHAN, 1996. p. 22.

216 CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001. p. 11.

ativa da comunidade, basear-se na ideia de ações educativas que propiciem a construção afetiva entre a comunidade e o bem cultural e interatividades e diálogo entre os vários setores da sociedade.

> O estudo dos paradoxos que a problemática do Patrimônio traz consigo e do seu desenvolvimento histórico, bem como a observação ao longo do tempo do que seja 'patrimônio histórico, cultural e artístico' — onde a própria mistura de três vertentes tão diferentes já se apresente muito complicada — nos mostra que 'patrimônio' é um conceito difuso, relativo e circunstancial, e que a 'patrimonialidade' não está apenas na matéria, mas também depende de quem a define e nos valores que crê, sua visão de mundo, portanto, sempre em transformação.[217]

A relação afetiva associada ao gostar, sentir prazer e construir relação de pertencimento. O afetivo pode ser considerado uma categoria importante na discussão sobre o patrimônio, pois envolve relações de identidade e relações de pertencimento, pois acredita-se que a "vida brincante humaniza".

Considera-se que a ludicidade possa ser vista como uma contribuição conceitual para se discutir a educação patrimonial, refletir sobre a cidade como um espaço de ações educativas significativas e oportunizem o diálogo, e que o lúdico propicie a curiosidade, esta considerada como uma precondição do conhecimento. Além disso, é significativa a dimensão social da brincadeira, pois brincar é uma atividade dotada de uma significação social, aprende-se a brincar.

Por meio das múltiplas possibilidades de representação em uma brincadeira, crianças, jovens e adultos tem a oportunidade de participar como melhor lhes convier — uma estrutura de personagens, festas e valores. A ludicidade é relacionada à imaginação, mas também é real, retira seu "substrato" da realidade.

---

[217] CARSALADE, Flávio de Lemos. **A ética das intervenções**. Palestra ministrada na Oficina do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN. Petrópolis. RJ. dez. 2012. (Mimiog.) p. 119.

CAPÍTULO 2

2. O LÚDICO E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA VIA PARA ENSINAR E APRENDER COM ALEGRIA

2.1. Teoria da ludicidade

Neste capítulo, procuramos mostrar um aprofundamento sobre a teoria da ludicidade e apontar elos de aproximação entre a ludicidade e a educação patrimonial, acreditando na viabilidade da adoção de uma perspectiva lúdica sobre as ações educativas voltadas para a gestão do CH de Cuiabá.

A escolha pela abordagem da ludicidade neste trabalho se baseia na visão do brincar compreendido como espaço de criação cultural, onde o indivíduo ao brincar constrói conhecimentos da sua cultura, constrói e reconstrói a sua realidade. O entendimento de ludicidade aqui apresentado inspira-se nas compreensões de considerá-la uma necessidade humana em qualquer idade, e que transpõe a visão comum que a associa unicamente à diversão.

A aproximação entre a ludicidade e a educação patrimonial repousam em algumas questões, entre elas: a interdisciplinaridade, a relação com o universo simbólico, o enriquecimento das relações sociais provenientes do brincar, a valorização dos conhecimentos advindos da prática cotidiana e a presença da experiência estética.

Sobre a interdisciplinaridade Ivani Fazenda[218] concebe que a interdisciplinaridade para existir precisa da junção das categorias como a reciprocidade, mutualidade, ênfase no diálogo, pois através delas, é possível aflorar a sensibilidade, intersubjetividade, integração e interação. A ideia de interdisciplinaridade da autora não se limita ao envolvimento entre disciplinas, mas o representar da educação, corroborando para uma concepção unitária do ser humano. Posteriormente este tópico será mais discutido.

No que se refere a relação com o universo simbólico, acredita-se que quando se brinca se aprende antes de tudo a brincar, a controlar um universo simbólico particular, aprende-se primeiramente aquilo que se relaciona com o jogo para depois aplicar as competências adquiridas a outros terrenos não lúdicos da vida há um processo de interpretação de elementos

---

218 FAZENDA, Ivani. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia. São Paulo. Edições Loyola, 1979. p. 10.

culturais que compõem a brincadeira. No entanto, para que a brincadeira possa ser realizada na sua totalidade, torna-se imprescindível o entendimento sobre estes elementos.[219]

O processo de apropriação do universo cultural envolve um elo de aproximação entre os saberes do senso comum e os científicos, tornando-se um espaço de contato e acolhimento das diversas dimensões humanas sensoriais e sensitivas como forma de compreensão e inovação da realidade. Pode-se citar como uma destas formas de compreensão a experiência estética.

A abordagem aqui apresentada busca contemplar o tipo de pesquisa que se propõe com o Mestrado do IPHAN, que prioriza os diálogos entre disciplinas e prevê a construção de objetos de investigação e reflexão a partir da vivência das práticas institucionais do órgão federal de preservação do patrimônio cultural. No seu caso, sendo uma profissional oriunda do campo da Educação, é compreensível trazer para o campo do Patrimônio indagações e discussões que afligem o seu próprio campo de conhecimento, sobre as características e o potencial das atividades lúdicas para a efetividade da ação educativa, mas que podem contribuir enormemente para se pensar as ações educativas que envolvem o patrimônio. E a partir de sua atuação durante vinte e quatro meses no planejamento e realização de ações educativas voltadas para a gestão do Centro Histórico de Cuiabá IPHAN-MT.

Acredita-se que o trabalho de aproximação do campo metodológico lúdico à educação patrimonial vem contribuir para que a afetividade seja priorizada no processo educativo, contribuindo para que a educação contemple os campos racionais e emocionais. Nesta abordagem, a brincadeira não é oposta ao trabalho e o lúdico não é sinônimo de não sério. Nesta perspectiva, iniciamos nossa discussão com as considerações de Santa Marli dos Santos que afirma:

> a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social, e cultural, [...] facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.[220]

Em sua tese de doutorado Tânia Ramos Fortuna cita os estudos feitos por Lúcia Maria Salgado Lombardi[221] sobre a contribuição das metodologias lúdico-expressivas para formação

---

219 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014. p. 27.

220 SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org.). **Brinquedoteca**: o lúdico em diferentes contextos. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 12.

221 LOMBARDI, Lúcia Maria Salgado. **Jogo, brincadeira e prática reflexiva na formação de professores**. São Paulo: UPS, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2005.

de professores, a partir destes estudos pode-se concluir que o lúdico foi identificado como gerador de conhecimentos e aprendizagens para o futuro professor e que é um elemento que influencia repensar valores e atitudes e que influencia significativamente as maneiras de aprender e de interagir.[222]

A autora aponta, ainda, que a pesquisa realizada por Lombardi,[223] reforça a ideia de que o uso do "jogo como processo educativo envolve rever as concepções ordinárias de pessoa e educação", contribuindo para uma educação que contemple, por exemplo, os níveis físico, psicológico, social e cultural.[224]

No artigo "O lúdico no contexto da vida humana: da primeira infância à terceira idade" Airton Negrine,[225] ao desenvolver a temática da ludicidade relacionando-a com o universo adulto, cita que, em momentos históricos distintos da humanidade, muitas caracterizações foram atribuídas ao homem. Afirma que *homo sapiens* pode ser considerada a primeira caracterização, que é consequente da percepção do homem como um ser racional em relação aos outros seres vivos. Outra caracterização citada é a do *homo faber*, a visão do homem unicamente relacionada ao trabalho.

Considera-se que o homem não pode ser definido unicamente pela sua racionalidade, ou pelo seu rendimento produtivo. Esta visão fragmentada e unilateral demonstra a preponderância dos valores de produção e consumo, afirmando a economia como único vetor capaz de gerar desenvolvimento, fazendo com que outros aspectos relacionados às questões sociais, que não visem o interesse econômico fiquem esquecidos, desmerecidos por sua "inutilidade".

Comunga-se das considerações de Claudete do Socorro Quaresma da Silva,[226] quando a autora afirma que a dimensão lúdica do humano no contexto atual vem sendo considerada uma atividade fútil, relegada diante da ordem de valores econômicos e padrões sociais, sendo a alegria e a liberdade criadora, acondicionados em espaços restritos, sendo o lúdico voltado unicamente para a criança, como se somente ela tivesse o "direito" à ludicidade.

---

222 FORTUNA, Tânia Ramos. A dimensão humana da docência. **Pátio Revista Pedagógica**. Porto Alegre, ano 11, 2007. p. 72.

223 LOMBARDI, Lúcia Maria Salgado. **Jogo, brincadeira e prática reflexiva na formação de professores**. São Paulo: UPS, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2005.

224 FORTUNA, Tânia Ramos. A dimensão humana da docência. **Pátio Revista Pedagógica**. Porto Alegre, ano 11, 2007. p. 132.

225 NEGRINE, Airton. O lúdico no contexto da vida humana: da primeira infância à terceira idade. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis: Vozes, 2000.

226 SILVA, Claudete do Socorro Quaresma da. **Brinquedos de miriti**: educação, identidade e saberes cotidianos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém, 2012.

Para Airton Negrine,[227] "a atividade lúdica é indispensável à vida humana quando situada como um ingrediente que oferece melhoria para a qualidade de vida". O autor considera que sua importância para a vida humana também se encontra no fato dela envolver os aspectos subjetivos, internos, pois nela repousa as emoções, afetos e bem-estar. Ainda segundo o autor, a ludicidade trabalha relações simbólicas, as quais em algumas situações podem ou não ser evidenciadas através do corpo.

Coadunamos com o posicionamento de Negrine[228] por compreender que a ludicidade é uma dimensão da vida humana que está presente em todas as etapas da vida, possuindo leituras peculiares, mas isso não desmerece sua importância, pois junto à ludicidade estão a alegria, o encantamento e a imaginação, os quais são fundamentais para o processo de criação. Assim, nessa perspectiva, razão e emoção não devem ser vistas como polos opostos, mas como polos que compõem o humano.

Silvino Santini[229] considera a dimensão lúdica como "fonte de inspiração e de liberdade para o potencial criador da imaginação e da fantasia para continuar sendo o tempo da alegria". O autor apresenta reflexões sobre os distanciamentos e sentidos contraditórios dos "mundos do trabalho e o do brinquedo". Para o autor o homem da ciência e da técnica direciona suas ações por objetivos delineados e visando alcançar certos resultados. Para ele as ações lúdicas não parecem ter sentido e, sem perceber acabam por perder elementos fundamentais da vida como, por exemplo, o sentido do brincar, a fertilidade da fantasia e da imaginação.

Santa Marli dos Santos[230] atenta para a necessidade de se pensar a ludicidade superando a visão do senso comum, que vincula o lúdico à infância. É possível ao homem conciliar na sua existência as exigências do universo da vida adulta acompanhados de alegria, através da ludicidade. A inspiração da ludicidade advém, segundo a autora, de buscar na infância a gênese do prazer, "resgatando a alegria, felicidade, afetividade, entusiasmo, recuperando a sensibilidade estética que alimenta e impulsiona o lúdico".[231]

---

227 NEGRINE, Airton. A ludicidade como ciência. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org.). **A ludicidade como ciência**. São Paulo: Vozes, 2008, p. 35.

228 NEGRINE, Airton. A ludicidade como ciência. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org.). **A ludicidade como ciência**. São Paulo: Vozes, 2008, p. 23-44.

229 SANTINI, Silvino. **Educação Física**: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: EST Edições, 2001. p. 48.

230 SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. São Paulo: Vozes, 2011a. p. 59.

231 Idem.

Na tentativa de desenvolver melhor esta argumentação, faço uso das palavras de Edgar Morin,[232] que ao falar sobre essa complexidade da dimensão humana afirmou "que até mesmo o matemático tem paixão pela Matemática" e, ainda, que "não há pensamento racional sem emoção, não se pode pensar em uma razão fria, pois somos seres capazes de emoções".

Para o autor:

> o homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (demenes). O homem do trabalho é também o homem do jogo (ludens). O homem empírico é também o homem imaginário (imaginarius). O homem da economia é também o do consumismo (consumans). O homem prosaico é também o da poesia, isto é, do fervor, da participação, do amor, do êxtase.[233]

O pensamento do autor compreende que a racionalidade e a emoção são elementos constitutivos, presentes no indivíduo e fundamentais no processo de construção do conhecimento. Ao mesmo tempo, nos faz refletir sobre o cuidado na forma como serão desenvolvidas as propostas de educação patrimonial e suas etapas de implementação. Há de se ater numa proposta de educação que aborde o princípio da unidade e diversidade, buscando abarcar as esferas tanto individual como a social do indivíduo.

Interessante aqui dialogar com Negrine que afirma:

> acreditamos que a capacidade lúdica do adulto está diretamente relacionada a sua pré-história de vida; é, antes de mais nada, um estado de espírito, relacionado à cultura do corpo. Faz parte de apropriação de um saber, que progressivamente vai se instalando na conduta do indivíduo, face ao seu *modus vivendi*. A concepção de que o brincar está reservado às crianças nada mais é do que a perda da naturalidade humana, imposta pelo homem ao próprio homem, já que — a história nos diz — o adulto costumava dedicar muitas horas ao lazer.[234]

Destaca-se a importância de propiciar experiências lúdicas envolvendo todas as idades, visto que o lúdico envolve a brincadeira de maneira séria, pois deve ser visto como um fator de aprendizagem significativa e como um propiciador do desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social. E ainda, seja possível oportunizar o desenvolvimento de atividades coletivas, criação de momentos de socialização, imaginação considerando as vivências pertencentes aos sujeitos.

---

232 MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

233 MORIN. op. cit. p. 58.

234 NEGRINE, Airton. O lúdico no contexto da vida humana: da primeira infância à terceira idade. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 21.

Segundo Negrine,[235] a educação voltada para a criação de uma cultura lúdica deve promover três aspectos. O primeiro relaciona-se às atividades recreativas de cunho social e ético; o segundo envolve a presença de uma educação não discriminatória, orientada para igualdades das pessoas e para suas possibilidades de realização; o terceiro e último aspecto fala das atividades cooperativas em detrimento das competitivas, uma vez que as primeiras priorizam a inclusão e as segundas a exclusão, já que estas sempre são realizadas para se ter um vencedor.

Ainda de acordo com Negrine o valor da atividade lúdica no desenvolvimento e na promoção de aprendizagem significativas encontra-se associada aos seguintes itens: favorecer a aproximação das pessoas para realizarem atividades sem juízo de valor e propiciar aprendizagens significativas.

Do ponto de vista teórico, podemos sistematizar, a partir dos referenciais apontados por Tizuko Morchida Kishimoto[236] sobre o valor educativo do jogo, que alguns teóricos desde períodos históricos mais longínquos assentiram sobre a importância educativa dos jogos e brincadeiras. A autora relata que Platão, na obra *As Leis*, ressalta a importância do "aprender brincando" e do incentivo às pessoas se dedicarem aos jogos, às danças e aos rituais religiosos. Em Aristóteles, nas obras *Ética de Nicômaco* e *Política*, o pensador considera a recreação como um meio de descanso e contemplação. Aristóteles ao discutir sobre a natureza da felicidade diz que "a vida feliz é virtuosa", considerando a atividade da sabedoria filosófica a mais agradável das atividades virtuosas. A contemplação entendida como uma virtude, relacionada à razão, o propósito não está na busca do prazer em si, pois a vida feliz é virtuosa e para sê-la é necessário o esforço e não o divertimento. Sendo assim, o descanso e a contemplação são ações necessárias para a continuação do trabalho, mas apesar dessas considerações, o divertimento possui representatividade.

> Ora, esforçar-se e trabalhar com vistas na recreação parece coisa tola e absolutamente infantil. Mas divertir-nos a fim de poder esforçarmos, como se expressa Anacársis, parece certo; porque o divertimento é uma espécie de relaxação porque não podemos trabalhar constantemente. A relaxação, por conseguinte, não é um fim, pois nós a cultivamos com vistas na atividade.[237]

---

235 NEGRINE, Airton. O lúdico no contexto da vida humana: da primeira infância à terceira idade. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis: Vozes, 2000.

236 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014. p. 61-63.

237 ARISTÓTELES. Metafísica: (livro I1 e livro II); Ética a Nicômaco; Poética. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 228.

Essa forma de pensar, apesar de referenciar a diversão, ainda assim mostra a ideia de pensar o brincar como um antônimo, como o extremo do trabalho, como uma atividade caracterizada pela ausência de seriedade.

Na Idade Média, o jogo deixa de ser considerado como recreação e passa a ser visto como "não sério", devido sua associação aos jogos de azar. Para Philippe Áries:

> De um lado, os jogos eram todos admitidos sem reservas nem discriminação pela grande maioria. Por outro lado, e ao mesmo tempo, uma minoria poderosa e culta de moralistas rigorosos os condenava quase todos de forma igualmente absoluta, e denunciava sua imoralidade, sem admitir praticamente nenhuma exceção.[238]

O Renascimento entende a brincadeira como um comportamento livre, que favorece a o desenvolvimento da inteligência e colabora para o estudo. A brincadeira passa a ser utilizada no ensino, no intuito de substituir uma didática verbalista com uso de instrumentos de castigo. Ainda segundo Kishimoto[239] para Montaigne, o jogo apresenta características educativas, ele é visto como "um instrumento de desenvolvimento da linguagem e do imaginário". No entanto, a autora considera as contribuições teóricas do pesquisador Jean Louis Vivès[240] direcionaram-se para o entendimento do jogo como recriação, uma forma da criança demonstrar sua espontaneidade, pois quando ela brinca expressa sua "natureza psicológica e inclinações".[241]

A ideia de pensar o brincar como um antônimo, como o extremo do trabalho, como uma atividade caracterizada pela ausência de seriedade surge a partir da influência dos teóricos Aristóteles e Santo Agostinho.

Essa compreensão dos jogos é resultante da nova percepção da infância que oriunda no Renascimento onde se atribuía à criança valores positivos e, que por meio do jogo, ela se expressava espontaneamente. Esta perspectiva sobre o entendimento da criança como um ser de natureza boa irá fixar-se com o Romantismo.

Sobre o discurso da valorização da brincadeira no contexto atual, Gilles Brougère[242] faz uma análise sobre o surgimento dessa perspectiva indicando duas prováveis origens, a primeira identificada como ideológica e a outra como origem científica.

---

238 ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p. 87.
239 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014. p. 62.
240 VIVÈS *apud* BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**. vol. 24, n. 2. São Paulo, jul./dez. 1998. p. 108.
241 KISHIMOTO. op. cit. p. 63.
242 BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 97.

A primeira está relacionada à concepção de criança. O Romantismo[243] indicou a exaltação dos comportamentos naturais, sendo esta naturalidade considerada uma expressão de verdade. A partir dessa análise a criança é considerada como um ser em desenvolvimento, que tem especificidades. A valoração da espontaneidade influencia no entendimento da brincadeira. Sendo assim, brincadeira é vista como um "comportamento por excelência" colocada no centro da educação da criança. Essa perspectiva sobre a brincadeira, segundo o autor, se fundamenta no "mito de uma criança portadora de verdade", demonstrando que sua fundamentação se apoia não na razão, mas na exaltação da natureza.

Em relação aos estudos relacionados à dimensão do desenvolvimento da criança e de como ela brinca, no século XX os estudos voltados para esta temática e sobre a forma como ela brincava conquistaram avanços principalmente em consequência dos estudos desenvolvidos pelas teorias denominadas de "Teorias Contemporâneas". Tais teorias consideravam o brincar como fato social, diferenciando das teorias clássicas, as quais restringiam a análise do brincar à visão espontânea da criança.

Sobre a origem científica do brincar o autor afirma que esta vai interferir com a primeira linha acima citada, sendo decorrente do estudo do comportamento dos animais, conhecida como etologia ou psicofisiologia animal teoria desenvolvida no final do século XVIII, base no evolucionismo biológico de Darwin, tendo como nome representativo o do pesquisador K. Groos, cuja obra relacionada à brincadeira dos animais assegurava a necessidade biológica da brincadeira para qualquer animal pequeno superior, uma espécie de "lei biológica da natureza". A brincadeira, para Groos, é resultado da seleção natural e guia o aprendizado do jovem para o melhor desempenho quando adulto, ou seja, um "meio indispensável para treinamento dos instintos latentes".[244]

Para o autor, os modelos ideológicos românticos e etológicos foram superados, "ambos valorizando uma atividade lúdica espontânea na criança como fonte de aprendizagem". Segundo ele, o valor educativo da brincadeira não deve se apoiar na etologia para analisar a

---

243 Movimento que arrebatou a cultura europeia, e por consequência também a norte americana, entre 1775 e 1830, apesar deter sido prenunciado por alguns elementos culturais no século XVIII (culto ao antigo, os romances sentimentais, o gosto pelo sublime e pelo pitoresco, e acima de tudo o engrandecimento da natureza e do sentimento de Rousseau, em detrimento da civilização e do intelecto). O romantismo foi parcialmente uma reação contra a racionalidade rígida do Iluminismo, com a sua arte oficial, estática e neoclássica, a favor do subjetivo, do imaginativo e do emocional, do inspirador e do heroico (BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 345).

244 BROUGÈRE. op. cit. p. 99, 100.

ideia do valor educativo da brincadeira da criança visto que não há provas suficientes que afirmem sobre o papel essencial da brincadeira na educação.[245]

A partir disso, Brougère[246] propõe tecer análises sobre a brincadeira considerando o contexto social e cultural onde ela se realiza, propondo o rompimento da associação da brincadeira com o sentido natural. Para o autor, " a brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar. A brincadeira não é inata, pelo menos nas formas que ela adquire junto ao homem".[247]

Outra contribuição significativa sobre a ludicidade vem da visão científica da ludicidade definida por Negrine,[248] segundo ele, ela se fundamenta sobre "os pilares de quatro eixos, de diferentes naturezas", sociológica, psicológica, pedagógica e epistemológica. Para justificar esses eixos o autor diz:

> sociológica porque atividade de cunho lúdico engloba demanda social e cultural. Psicológica porque se relaciona com os processos de desenvolvimento e de aprendizagem do ser humano em qualquer idade em que se encontre. Pedagógica porque se serve tanto da fundamentação teórica existente, como das experiências educativas provenientes da prática docente. Epistemológica porque tem fontes de conhecimentos científicos que sustentam o jogo como fator de desenvolvimento.[249]

Ainda sobre a cientificidade da ludicidade o autor considera que:

> pensar a ludicidade como ciência é, antes de mais nada, adotar estratégias de intervenção pedagógica que nos possibilite não apenas oferecer e oportunizar momentos lúdicos, mas extrair deste tempo substrato que permita interpretar o valor que as pessoas atribuem a estes momentos.[250]

O autor destaca a participação ativa das pessoas envolvidas nas atividades lúdicas. Sendo que as propostas de atividades apresentadas devem promover a participação ativa dos de todos os envolvidos, propiciar às pessoas o protagonismo durante as atividades que realizam e não apenas espectadores. A cientificidade da ludicidade solidifica-se quando há o desenvolvimento do pensamento abstrato. Santos ao refletir sobre a cientificidade da ludicidade acrescenta que:

---

245 BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 102.
246 BROUGÈRE. op. cit.
247 BROUGÈRE. op. cit. p. 104.
248 NEGRINE, Airton. A ludicidade como ciência. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org.). **A ludicidade como ciência**. São Paulo: Vozes, 2008. p. 23-44.
249 NEGRINE. op. cit. p. 42.
250 Idem.

> ter como foco metodológico as atividades lúdicas, é entender que a educação não é apenas uma questão racional. A emoção constitui-se numa ferramenta básica para adaptação do indivíduo com ele mesmo, com o seu entorno e com a sociedade em geral, pois se sabe que o cérebro humano é composto por estes dois hemisférios: o racional e o emocional. Um ambiente favorável gera prazer e incentiva a aproximação entre as pessoas.[251]

Unir o lúdico ao processo educativo relacionado à educação, significa voltar-se para a preocupação da afetividade nos processos de interação e nas experiências educativas, compreendendo que os conhecimentos estudados a partir de uma ótica lúdica facilitam o contato com novos conhecimentos contrapondo-se com o trabalho apenas do repasse mecânico de informações. Sendo assim, vê-se que o lúdico passa a constituir-se em uma possibilidade de um novo olhar para o desenvolvimento de práticas educativas, as quais vão para além da recreação, visto que envolvem a sensibilidade e a descoberta de um novo sentido para os bens patrimoniais. "Entendemos que educar não se limita a repassar informações, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade. Educar é preparar para a vida" (SANTOS, 2011, p. 59).

A aprendizagem só ocorre quando o indivíduo participa ativamente do processo de construção e reconstrução do conhecimento. Compreende-se que o trabalho envolvendo a ludicidade volta-se para o respeito aos conhecimentos advindos das práticas cotidianas e pode ser visto como uma alternativa de ensino-aprendizagem e que potencializa o estabelecimento da relação entre a bagagem cultural dos indivíduos com os novos conhecimentos. Apesar das possíveis contribuições da ludicidade já citadas, considera-se significativa a reflexão feita por Brougère,[252] sobre a dimensão aleatória que envolve a brincadeira. Esta dimensão se caracteriza pela voluntariedade que envolve o querer brincar, as especificidades individuais de cada participante referentes ao ritmo, sensações de prazer e desprazer interferindo nas escolhas das brincadeiras, as experiências individuais, enfim, vários são os fatores que interferem o possível "controle" em assegurar a aprendizagem.

Dessa forma, a liberdade pode ser considerada uma característica fundamental para a realização da ludicidade e que coopera para o reconhecimento de suas contribuições para apropriação cultural, como também, como responsável pelas incertezas na mensuração de resultados. "É o paradoxo da brincadeira, espaço de aprendizagem cultural fabuloso e incerto".[253]

---

251 SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Educação, arte e jogo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 26.
252 BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
253 BROUGÈRE. op. cit. p. 110.

Segundo Kishimoto,[254] a criança que brinca desenvolve a liderança, adquiri um jeito novo de brincar, apresenta uma regra nova para ser posta em prática, desenvolve a flexibilidade na relação das pessoas e, também, a capacidade de escolha. Enfim, enriquece o seu repertório de conhecimentos, pois potencializa o acolhimento de novos conhecimentos vindos de situações, de experiências diversas. Sendo assim, pode-se afirmar que a brincadeira é significativa para todas as áreas do conhecimento, pois ela propicia o florescer de possibilidades do desenvolvimento do pensar e a utilização dessa forma de pensamento para descobrir o seu mundo. O brincar enriquece a dinâmica das relações sociais, fortalecendo a relação entre os atores envolvidos no processo de aprendizagem. "É brincando que a criança constrói conhecimentos da sua cultura e também aprende a desenvolver papéis, pois, brincar é construir e reconstruir a realidade partindo do imaginário".[255]

> A utilização do jogo, brinquedos e brincadeiras potencializa a exploração e a construção do conhecimento, bem como possibilita a aproximação do sujeito ao conteúdo científico, por meio da linguagem, informações, significados culturais, compreensões de regras, imitação, contribuindo assim para a construção de conhecimentos mais elaborados e para o desenvolvimento da criatividade, espontaneidade e autonomia na infância.
> (SANTOS, 2011, p. 18)

A dimensão educativa da ludicidade encontra-se no momento em que as situações lúdicas originam-se da intencionalidade e objetivam desenvolver tipos de aprendizagens. Apesar da existência da intervenção sobre o brincar, a atividade lúdica não se descaracteriza quando se garante a intencionalidade no ato do brincar, pois a motivação interna é característica do lúdico, ou seja, a voluntariedade do participante em se permitir envolver na atmosfera lúdica, a espontaneidade como fonte que estimula a magia do querer brincar são presentes também na intervenção pedagógica.

> Sim, a ludicidade é fantasia, imaginação e sonhos que se constroem como um labirinto de teias urdidas com materiais simbólicos, fecundada, gestada e gerada pela criatividade simbolizadora da imaginação de cada um. Brincar acima de tudo é exercer o poder criativo do imaginário humano construindo um universo, do qual o criador ocupa o lugar central, através de simbologias originais e inspiradas no universo de quem brinca.[256]

---

254 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

255 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Editora Pioneira. 1994. p. 19.

256 SANTINI, Silvino. **Educação Física**: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: EST Edições, 2001. p. 54.

Santini,[257] considerando razão e emoção como elementos relevantes da condição humana, afirma que a Ludicidade deva ser pensada não como uma fonte para a resolução de todos os problemas, mas como uma forma viável, um instrumento capaz de ampliar a busca de novos paradigmas. Aproximamos essa análise para a educação patrimonial com as ideias de Kishimoto,

> a inclusão do jogo infantil nas propostas pedagógicas remete-nos para a necessidade de seu estudo nos tempos atuais. A importância dessa modalidade de brincadeira justifica-se pela aquisição simbólica. É alterando o significado de objetos, de situações, é criando novos significados que se desenvolve a função simbólica, o elemento que garante a racionalidade ao ser humano.[258]

A ideia de que a prática do jogo possibilita exercitar a ressignificação de objetos e de situações, permitindo-nos criar novos significados para as coisas é muito boa para se pensar o patrimônio que, da forma como é pensado hoje, é também uma prática social de ressignificação de objetos e práticas.

Ainda sobre a contribuição do jogo, Fortuna considera que ele:

> ultrapassa o ensino dos conteúdos de forma lúdica, sem que os alunos nem percebam que estão aprendendo. Não se trata de ensinar como agir, como ser, pela imitação e ensaio através do jogo, e sim, desenvolver a imaginação e o raciocínio, propiciando o exercício da função representativa, da cognição como um todo.[259]

Vê-se a alegria como um "tempero especial" na construção do saber e na consolidação de práticas educativas mais dialógicas e humanas.

> O que se queira o riso e os demais modos infantis. O riso que se tenha aliado a sabedoria, o riso que borda à exceção, ao enigma e ao real. Poderíamos rir apenas para sermos dissimulados, para mascararmos nossa decadência subsumida a um ideal especular ou a um servilismo que desfavorece a "coragem sem desejos de honra". Mas não se trata disso: é necessário evocar o riso de autênticos em sua irredutibilidade, dos loucos, dos infantes, dos que não abrem mão de suas paixões privadas, dos que verificam as coisas que sobrecarregam o seu voo em nome do seu desejo de alturas. E aqui temos, quem sabe, a alma infantil, esta que jamais poderíamos deixar morrer por trazer à tona, assim como outras almas invisíveis, o caráter irredutível do ser.[260]

---

257 SANTINI, Silvino. Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: EST Edições, 2001. p. 60.

258 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira educação**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 44.

259 FORTUNA, Tânia Ramos. A dimensão humana da docência. **Pátio Revista Pedagógica**. Porto Alegre, ano 11, 2007. p. 118.

260 PEREIRA, Marcelo Ricardo. A morte da infância. In. LOURENÇO, Érika; GUEDES, Maria do Carmo; CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org.). **Patrimônio cultural, museus, psicologia e educação**: diálogos. Belo Horizonte: PUC Minas. 2009. p. 168.

As reflexões feitas sobre a ludicidade e sua aproximação com o campo da educação patrimonial envolvem além da perspectiva da brincadeira como uma possível proposta de contribuir para as reflexões e práticas educativas voltadas para o patrimônio acolhendo a ludicidade, alegria e o prazer como elementos significativos para a perspectiva da interdisciplinaridade e, principalmente, como uma forma de voltar o olhar não para a brincadeira como grande ator, mas para o sujeito e o patrimônio, estes considerados aqui neste trabalho, como os atores do processo de Educação Patrimonial. "A alegria é uma sensação muito saudável, pois o sentimento de felicidade provoca a manifestação de potencialidades, desperta coragem para enfrentar os desafios e motivação para criar. É, portanto, um fator imprescindível para a operatividade".[261]

O trabalho envolvendo a ludicidade na Educação Patrimonial compreende que a brincadeira não pretende transformar o patrimônio em um exemplo de ação educativa, pois considerá-lo desta forma é apresentar uma visão muito restrita de seu entendimento. O patrimônio não é uma qualidade, ele é substância é a matéria prima das práticas de preservação.

> O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar valores abstratos e para ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas.
> (GONÇALVES, 2003, p. 27)

As formas de manifestação do patrimônio apresentam ações que são construídas durante o processo de preservação. Torna-se substância essencial para as ações preservacionistas, pois seu conteúdo não se limita às interpretações, mas diz sobre a construção de formas específicas de manifestação de um bem. Esta propriedade faz do patrimônio uma espécie de força motriz que além de representar ou comunicar sobre formas específicas de manifestação, incide na forma de como serão feitas tais representações, fala sobre as escolhas das formas de agir, da construção e, consequentemente, reflete na formação da pessoa.

Nas palavras de Geraldo Antônio da Silva, capitão da congada "Guarda de Moçambique" em Belo Horizonte, MG[262] "os reinadores, congadeiros, moçambiqueiros e

---

261 CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca**: um mergulho no brincar. 3. ed. São Paulo: Vetor, 2001. p. 29.

262 A Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário do Distrito de Piedade do Paraopeba é um dos cinco grupos de Congado no município de Brumadinho. Sua identidade se apoia na confiança conquistada pela conduta séria e pelo fervor da crença de que a manifestação mantém abertas as portas da igreja e da comunidade, assegurando assim o lugar social um dia negado ao grupo, pela discriminação racial. Disponível em: <http://www.compreender.com.br/gestao/files/biblioteca/fe1f4cce8305c2705a89bc8373ea64ce.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2015.

várias outras denominações eles falam: vamos brincar? Brincar significa dançar, fazer gestos, não hesitar, pular, aclamar, bendizer, adorar... e depois cantar algumas brincadeiras, por dentro da irmandade se está brincando".[263]

O espírito de gostar de imaginar, de ser capaz de fazer de conta, de deixar-se envolver, o corpo envolvido na dança e no canto, permite que o indivíduo se tornar um brincante. [264] Nessa atmosfera de envolvimento é como se o indivíduo "entrasse" no coletivo e o coletivo dentro do indivíduo através do brincar. A experiência lúdica permitindo que um indivíduo "comum" torne-se um "rei" vai além de uma constituição de personagens, é um processo uno, o indivíduo está por inteiro, sendo ele vivenciando um espaço para a magia estimulada com os elementos cênicos e outros elementos usados e, principalmente, a solicitude em permitir aflorar o espaço para o *homo ludens* tanto no indivíduo que participa quanto no que aprecia, pois sem essa percepção, torna-se um pouco mais difícil a apropriação da manifestação cultural.

A capacidade de simbolizar e de jogar com a realidade através da fantasia e dos símbolos coletivamente constituídos — a linguagem verbal, os mitos, a religião, a ciência, viabiliza o indivíduo vivenciar uma nova extensão da realidade: o universo simbólico. A simbolização motiva apropriar-se do mundo. E a partir disso, permite também aos indivíduos criar, modificar, reestruturar e atribuir novos significados.[265]

O "espírito" de gostar de imaginar, de se ter a capacidade de fazer de conta, este "espírito da brincadeira" estimula a possibilidade de manifestações de pensamentos, como também, de manifestações culturais. É combustível no processo de criação da dinâmica social individual e coletiva. Além disso, contribui para o processo complexo de significações, pois "quando se brinca se aprende antes de tudo a brincar, a controlar um universo simbólico particular, aprende-se primeiramente aquilo que se relaciona com o jogo para depois aplicar as competências adquiridas a outros terrenos não lúdicos da vida".[266]

As experiências vivenciadas sejam elas individuais ou coletivas promovem a cultura lúdica, através do contato direto ou indireto, por exemplo, com um brinquedo ou com algum outro elemento da cultura, a experiência é vivida, não pode ser transferida. Esta relação se aproxima da relação de apropriação do patrimônio, pois a experiência, o processo de

---

263 Relato dado no filme *Tarja branca*.

264 Participante de brincadeiras, folias tradicionais, folclóricas ou populares **"brincante"**, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/brincante>. Acesso em: 13 abr. 2016.

265 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira educação**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 59.

266 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014. p. 27.

interpretação das significações atribuídas a partir dessa interação torna o indivíduo também um construtor de valores.

Ainda no filme *Tarja branca*, a professora de música e pesquisadora Lydia Hortelio relata que é no brincar, é brincando que o indivíduo dedilha a linha inteira do seu ser. Associa o brincar como uma forma de acionar todas as cordas que o indivíduo possui. Ainda segundo ela, muitos são aqueles que acionam apenas poucas cordas durante a sua existência, deixando as outras em silêncio. Ela nos diz sobre experienciar, descobrir capacidades que ainda se encontram adormecidas e que o brincar é uma maneira possível de despertá-las.

E. Medeiros[267] vê os brinquedos e brincadeiras como manifestação cultural, segundo o autor aprende-se muito sobre um povo, observando suas atividades lúdicas, pois estas integram a sua cultura, elas ajudam a manter e o transmitir. “Brinquedos e brincadeiras como representações, laços com o presente e o passado”.[268]

Os jogos tradicionais podem ser considerados como manifestação espontânea da cultura popular, segundo Kishimoto,[269] eles “têm a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver formas de convivência social”, pois o jogo tradicional é livre e espontâneo, motivado pelo prazer de o fazer.

---

267 MEDEIROS, E. B. M. Brincadeiras e brinquedos como manifestação cultural. **Cadernos do EDM: Comunicações & Debates**, 2, 1990, p. 132.

268 MEDEIROS. op. cit. p. 104

269 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira educação**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 38.

2.2. Jogo, brinquedo e brincadeira: conceitos e reflexões.

Jogo, brinquedo e brincadeira podem ser considerados como elementos que compõem a dimensão lúdica, são formas de sua materialização. Segundo Andrade,[270] "a ludicidade se expressa através dos brinquedos, brincadeiras e jogos".

Friedmann faz a seguinte definição:

> brincadeira refere-se, basicamente, a ação de brincar, ao comportamento espontâneo que resulta de uma atividade não estruturada; jogo é compreendido como uma brincadeira que envolve regras; brinquedo é utilizado para designar o sentido de objeto de brincar.[271]

As concepções do termo jogo incluem diferentes sentidos e ultrapassam o entendimento de um significado comum a todos os idiomas, uma ideia universal de jogo, atingindo compreensões diversas conforme o contexto social.

O historiador holandês Johan Huizinga,[272] na apresentação sobre as características fundamentais do jogo aponta que a primeira característica diz sobre a liberdade do jogo e a segunda envolve o "faz de conta". Segundo o autor esta última característica "exprime" um sentimento de inferioridade do jogo comparado à relação de seriedade, mas para o autor o jogo envolve esses dois universos.

Para Huizinga, o jogo é um aspecto integrante da vida por ele não se limitar a momentos de alternância, mas também, é considerado como um "complemento", ou melhor, um elemento presente na vida em geral. A visão do jogo por esse viés amplia sua significação para além da noção individual, participante também da sua relação social, assumindo um papel essencial na sociedade devido aos sentidos que possui em vários aspectos da sociedade. Segundo o autor, o jogo possui um valor expressivo, encontra-se associado a questões espirituais e sociais, apresentando uma função social.[273]

Compreende-se que Huizinga atribui ao jogo tanto um significado de atividade desinteressada, desenvolvida como distração, lazer; como também, um elemento significativo culturalmente por estar presente em situações vivenciadas no cotidiano, presente em representações culturais, sendo considerado "culturalmente útil".[274]

---

270 ANDRADE, Simei Santos. **O lúdico na vida e na escola**: desafios metodológicos. Curitiba: Appris, 2013. p. 100.

271 FRIEDMANN *apud* ANDRADE, op. cit. p.

272 Contribuição de Huizinga para as discussões de ludicidade com sua obra *Homo Ludens*, publicada em 1938.

273 HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 12.

274 Idem.

> A limitação no espaço é ainda mais flagrante do que a limitação no tempo. Todo jogo se processa e existe no interior de um campo previamente delimitado, de maneira material ou imaginária, deliberada ou espontânea. Tal como não há diferença formal entre o jogo e o culto, do mesmo modo o "lugar sagrado" não pode ser formalmente distinguido do terreno de jogo. A arena, a mesa de jogo, o círculo mágico, o templo, o palco, a tela, o campo de tênis, o tribunal, etc., têm todos a forma e a função de terrenos de jogo, isto é, lugares proibidos, isolados, fechados, sagrados, em cujo interior se respeitam determinadas regras. Todos eles são mundos temporários dentro do mundo habitual, dedicados à prática de uma atividade especial.[275]

A limitação do espaço é considerada por Huizinga como uma das características principais do jogo, pois o jogo se desenvolve em fronteiras limítrofes espaciais e temporais. Ele possui seu tempo, suas regras, seu ritmo e sentido próprios. A atmosfera de envolvimento que o jogo propicia encontra-se na harmonia e no ritmo, os quais são qualidades atrativas do jogo.

As regras, o faz de conta, a harmonia e o encanto são elementos que constituem o "círculo mágico" que o jogo possui. Segundo o autor, o jogo após ser jogado não apresenta uma forma de duração.

Kishimoto[276] cita que as conceituações de jogo segundo os pesquisadores do Laboratoire de Recherche sur le Jeu et le Jouet, da Université Paris-Norei, como Gilles Brougère e Jacques Henriot, apontam três níveis de diferenciações. O jogo pode ser visto como: o resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social; um sistema de regras e um objeto. E, ainda, considera-se que "o jogo tem um sentido dentro de um contexto significa a emissão de uma hipótese, a aplicação de uma experiência ou de uma categoria fornecida pela sociedade, veiculada pela língua enquanto instrumento de cultura".[277]

O jogo possui uma carga de sentidos os quais são atribuídos a partir das especificidades culturais. E esses seus entendimentos são adquiridos através da linguagem. Segundo a autora, cada contexto social constrói uma imagem de jogo conforme seus valores e modo de vida, que se expressa por meio da linguagem.

Em relação à segunda característica, a existência das estruturas sequenciais de regras é que propicia o diferenciar de cada jogo e ao adentrar nesse mundo do jogo se desenvolve uma atividade lúdica.

O sentido do jogo como objeto relaciona-se as suas especificidades de representação material, o suporte material permite uma exploração inicial do jogo, permitindo a diferenciação

---

275 HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 13.

276 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

277 KISHIMOTO. op. cit. p. 18.

de significados atribuídos por culturas diferentes, pelas regras específicas e objetos que lhe compõe características.

O brinquedo é mais do que um instrumento de brincadeira, ele além de suporte para o brincar é possuidor de imagens, representações e universos imaginários. O brinquedo é dotado de um forte valor cultural e rico de significados que possibilita entender determinada sociedade e cultura.[278]

Nessa perspectiva, Kishimoto (2002) argumenta que o conceito de brinquedo é considerado termo indispensável para compreender o campo da ludicidade, pois o brinquedo viabiliza a construção de um mundo imaginário da criança e do adulto criador do objeto lúdico. O brinquedo "conota a criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica".[279] Na sua percepção enquanto objeto, é suporte de brincadeira, sendo que a partir de sua condição material estimula fluir o imaginário infantil.

Para o adulto, o brinquedo auxilia na incorporação de lembranças da infância, mas também se encontra conectado com a situação vivida. A partir de considerações do teórico Brougère, a autora considera que há em nós uma imagem representada que emerge quando algumas imagens nos tocam. "A infância expressa no brinquedo contém o mundo real com seus valores, modos de pensar e agir e o imaginário presente no criador do objeto".[280]

Brougère[281] define brinquedo a partir das relações com a brincadeira e a uma representação social. Sobre a relação com a brincadeira, segundo o autor, o brinquedo assume a função de suporte para o desenvolvimento da brincadeira, para a ação lúdica, assumindo, para aquele que está brincando, o papel de "objeto lúdico" enquanto se realiza a brincadeira. A segunda maneira considera o brinquedo um objeto produzido pela indústria ou artesanalmente, ele possui características que possibilitem sua identificação como brinquedo, diferenciando-o de outros objetos, levando-o assumir sua função "no sistema social de distribuição dos objetos".[282] O teórico ainda salienta que essa segunda maneira, relacionando brinquedo a uma representação social, vê o brinquedo como a "materialização de um projeto adulto destinado às crianças (portanto, vetor cultural e social)." Visto dessa forma, o objeto tem um conteúdo de informações reais, singulares de cada sociedade, as quais são transmitidas para as crianças.

---

278 BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 8.

279 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira educação**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 20.

280 KISHIMOTO. op. cit. p. 22.

281 BROUGÈRE. op. cit.

282 BROUGÈRE. op. cit. p. 67.

O autor ainda aponta outra dimensão do brinquedo, a funcional. Nela está contido o envolvimento, o convite à brincadeira.

> o brinquedo estimula conduta mais ou menos abertas, estrutura comportamentos e aparece, portanto, como exercendo, nesse nível, uma função de socialização que permite a inscrição de comportamentos socialmente significativos na própria ação da criança. Existe, então, a possibilidade de transmissão de esquemas sociais por intermédio do objeto.[283]

O brinquedo não possui regras para ser usado, por isso ele propicia estruturas abertas, o seu uso corresponde a uma relação subjetiva de utilização. Ele é um elemento incentivador para a representação de aspectos reais. Em diferentes culturas os brinquedos e as formas de brincar são diferentes, aprende-se na sociedade quais as maneiras que cada cultura utiliza para brincar, por isso, o brincar é algo aprendido. Através do brincar, a criança aprende as coisas do mundo da cultura. A dimensão social do brinquedo possui a característica de ser um objeto portador de significados e remete a elementos legíveis do real ou imaginário das crianças. "A diversidade das dimensões sustentadas pelo brinquedo torna-o um objeto rico em potencialidades enquanto fator de socialização".[284]

Compreende-se a representatividade do brinquedo como um "pedaço de cultura colocado ao alcance da criança". Um objeto que através de sua manipulação permite o acesso a representações culturais, ao universo de sentidos através de um objeto material.[285]

Esse universo material, sensorial, é importante na nossa existência e em alguns momentos percebe-se que tal universo é naturalizado. Por vezes, não temos consciência dele porque parece que os objetos são coisas que não precisam de explicação, mas são elementos que auxiliam na mediação com a realidade. O brinquedo possui a dimensão de criar novas relações entre o pensamento e a realidade, funcionando como um elemento de mediação entre o real e o simbólico.

O conceito de brincadeira é abordado por Brougère[286] como a ação que a criança realiza ao dar sentido às regras de um jogo, ao envolver-se na ação lúdica, é a representação do lúdico, ou a sua materialização. Compreende-se que as brincadeiras fazem parte do patrimônio cultural,

---

283 BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 70.

284 BROUGÈRE. op. cit. p. 71.

285 BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 75.

286 BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura. In: KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

pois se realizam num contexto social. Segundo Brougère,[287] "a cultura lúdica como toda cultura é o produto da interação social".

E ainda:

> é produzida pelos indivíduos que dela participam. Existe na medida em que é ativada por operações concretas que são as próprias atividades lúdicas. Pode-se dizer que é produzida por um duplo movimento interno e externo. A criança adquire, constrói sua cultura lúdica brincando. É o conjunto de sua experiência lúdica acumulada, começando pelas primeiras brincadeiras.[288]

Considera-se que através do jogo a criança possa experienciar o processo cultural, tendo acesso a interação simbólica em toda a sua complexidade. O brincar enriquece o repertório das brincadeiras realizadas pela criança. Este processo cria um histórico de informações que são acionados na criação de novas brincadeiras, auxilia na criação de um conjunto de informações que contribui na interação e para o entendimento do meio social que convive.

As brincadeiras são construções realizadas por grupos diversos, são consideradas por Friedmann como "fenômenos arquétipos, universais, culturais, de transmissão oral, intrageracional".[289]

Acredita-se que a utilização de jogos nas práticas pedagógicas de Educação Patrimonial pode tornar-se um elemento significativo na construção do conhecimento, pois pelo brincar a criança, jovens e adultos aprendem as coisas do mundo da cultura. Sendo que esse processo pode vir a ser embasado na afetividade, na descoberta e na introdução de novas formas de aprender.

Conforme Andrade:

> é brincando que a criança constrói conhecimentos da sua cultura e também aprende a desenvolver papéis, pois brincar é construir e reconstruir a realidade partindo do imaginário. Brincando, a criança coloca em pauta os problemas do seu dia a dia, mesmo os mais difíceis de serem solucionados, buscando alternativas para a sua resolução.[290]

As "situações imaginárias" experienciadas pela criança durante a brincadeira são oriundas da imitação e representam comportamentos e regras que são constituídos no cotidiano social. A partir deste entendimento para a perspectiva sócio-histórica, o jogo pode ser

---

287 BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura. In: KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

288 BROUGÈRE. op. cit. p. 26.

289 FRIEDMANN, Adriana. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 41.

290 ANDRADE, Simei Santos. **O lúdico na vida e na escola**: desafios metodológicos. Curitiba: Appris, 2013. p. 20.

considerado uma atividade social humana assentado no contexto sociocultural. Pode-se considerar o contexto sociocultural o cenário de recriação de brincadeiras e, consequentemente, de sistemas simbólicos próprios.

A partir das análises dos estudos de Bruner, Kishimoto[291] destaca que enriquecer o imaginário da criança brasileira representa inserir na sua vivência o grande valor e a diversidade folclórica existente. Segundo Kishimoto,

> reviver as festas e os contos populares, reproduzir os personagens típicos do Nordeste do agreste e da caatinga, das zonas de garimpagens, dos pampas e regiões pantaneiras significa abrir a porta da cultura, oferecer o acervo de imagens sociais e culturais que enriquecem o imaginário.[292]

Para Santos,[293] a criança desenvolve a imaginação ao brincar, sendo que para a autora a imaginação é vista como uma das principais funções psicológicas superiores. Para justificar a importância da imaginação, a autora faz uso da afirmação de Rodari,[294] sobre Santo Agostino, o qual ao expressar seu entendimento sobre imaginação o fazia ressaltando –a como uma forma capaz de "dispor, multiplicar, reduzir, estender, ordenar, recompor de algum modo as imagens".

Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso, fazendo referência ao conceito de imaginação considera sua contribuição para o desenvolvimento do potencial criativo da mente humana. A autora, para expressar o entendimento do conceito de criatividade, utiliza a definição forjada por Fattori, na qual criatividade é compreendida como:

> sinônimo de "pensamento divergente", isto é, da capacidade de romper continuamente os esquemas da experiência. É criativa uma mente que trabalha, que sempre faz perguntas, que descobre problemas onde os outros encontram respostas, que satisfatórias (na comodidade de situações onde se deve farejar o perigo), que é capaz de juízos autônomos e independentes (do pai, do professor e da sociedade), que recusa o codificado, que remanuseia objetos e conceitos sem se deixar inibir pelo conformismo.[295]

Compreende-se que o trabalho envolvendo o lúdico aqui proposto não se limita a uma visão de propostas de atividades controladas, fazendo uso da brincadeira como um recurso que

---

291 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.
292 KISHIMOTO. op. cit. p. 149.
293 SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. São Paulo: Vozes, 2011a.
294 ALONSO, Cleuza Maria Maximino Carvalho. Palestra de Abertura do 4º Encontro Sul-Brasileiro sobre Brinquedoteca. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. São Paulo: Vozes, 2011. p. 11.
295 Idem.

se restrinja a desenvolver comandos predeterminados. Comunga-se das considerações feitas por Brougère,[296] em relação ao entendimento de que a brincadeira oportuniza os indivíduos a experienciar situações inusitadas permitindo a inovação, a criação e a criatividade relativa, a qual é essencial para a descoberta das próprias potencialidades.

Compreende-se que o processo de socialização pode implicar na apropriação da cultura, sendo que esta apropriação pode se desenvolver pelo contato com vários elementos da cultura, segundo Brougère,[297] "cada cultura dispõe de um banco de imagens consideradas como expressivas dentro de um espaço cultural". Pressupõe-se que o brinquedo e a brincadeira possam ser alguns desses elementos.[298]

O essencial do brincar é a liberdade de tempo, liberdade de espaço e liberdade de criação. Acredita-se que a comunicação com o mundo pode ter a brincadeira como um dos fios condutores. Sendo que a oferta de espaços públicos que permitam a liberdade poética do movimento, das relações pessoais, este espaço será mais acolhido pela sociedade.

Segundo Schlee:

> Quando o espaço público é tratado como o lugar onde todos são livres para se encontrarem e interagirem, a comunidade de usuários tende a assumir uma postura (menos alienada e mais consciente) em relação a ele. O sentido de propriedade da coisa pública deixa, então, de ser uma abstração e passa a representar uma realidade concreta, na qual cada membro dessa comunidade se sente responsável e identificado com o espaço.[299]

Em Schlee encontram-se algumas contribuições sobre a arquitetura lúdica. O autor inicialmente ressalta a definição de arquitetura sobre o olhar do arquiteto Le Corbusier.[300] A arquitetura sendo entendida "como a arte de organizar o espaço que exprime através da construção"[301] e sua função não deve se restringir à visão utilitária, também deve envolver a emoção. O entendimento sobre a arquitetura feita por Schlee a partir da obra de Le Corbusier destaca três conclusões. A primeira afirma que o espaço é o próprio objeto da arquitetura. A segunda conclusão se refere à negação da restrição utilitária da arquitetura e, como última conclusão o destaque do papel do arquiteto durante a elaboração dos projetos voltarem-se à provocação sentimental, pois ele através de suas obras, deve se ater ao fator emocional.

---

296 BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 108.
297 BROUGÈRE. op. cit.
298 BROUGÈRE. op. cit. p. 41.
299 SCHLEE, Andrey Rosenthal. Espaços lúdicos. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 49.
300 Considerado por Schlee o arquiteto mais importante e mais influente do século XX.
301 SCHLEE. op. cit. p. 45.

A partir dessas reflexões sobre a arquitetura, Schlee coaduna com Le Corbusier em relação ao objeto da arquitetura como sendo a produção do espaço e, a partir disso, propõe pensar sobre os vários tipos de espaço existentes e suas funções. Aproximando esse assunto para a ludicidade poderíamos nos indagar sobre quais os espaços que podem ser usados na realização de propostas lúdicas? Aonde elas podem ser realizadas? As propostas de atividades lúdicas podem ser realizadas em áreas às quais se atribuiu valor de patrimônio cultural?

Schlee[302] trabalha com as expressões "espaços criativos" e "espaços qualificados". O primeiro conceito é definido pelo autor "como qualquer extensão limitada em três dimensões destinada a atividades lúdicas", envolvendo os jogos, os brinquedos e as brincadeiras. A partir dessa definição é possível considerar como espaços lúdicos os jardins, os parques, as praças, as ruas, enfim, outros espaços públicos e privados que oportunizem a realização de alguma forma de recreação. Esta amplitude conceitual é consequente da visão de que a ludicidade faz parte da vida do homem, a partir deste entendimento, todo o espaço pode ser considerado lúdico.

O autor também considera a existência de espaços que possuem função fundamentalmente lúdica, como as salas de jogos, as ludotecas e as brinquedotecas. Ainda segundo o autor, estes espaços são fundamentalmente espaços lúdicos, pois nestes espaços efetivamente acontecem o brincar, sua destinação é para o brincar. Eles podem acolher atividades lúdicas, como também, atividades comuns, realizadas no cotidiano, sem contraposição, pois se comunga do entendimento de que a ludicidade faz parte da vida dos indivíduos.

A partir dessa definição pode-se pensar que qualquer espaço pode ser considerado como "Espaço Lúdico". Concordamos com a proposição de Schlee sobre o fato de que esse alargamento de entendimentos repercute na ampliação conceitual de espaço lúdico. Além desse aspecto, a ausência na preocupação em elaborar e promover espaços adequados, acaba repercutindo na escassez da oferta de espaços apropriados para o exercício do lúdico e isso repercute para a ausência de incentivo dessa prática.

Entende-se que o autor direciona a análise sobre a arquitetura no intuito de aguçar a reflexão sobre a importância de se propiciar espaços voltados para a qualificação do ato de brincar, por isso o autor propõe a substituição conceitual de "Espaço Lúdico" para "Espaço Qualificado". Este último entendido como "aquele que satisfaz determinados quesitos funcionais e oferece algo a mais, através de recursos especiais".[303]

---

302 SCHLEE, Andrey Rosenthal. Espaços lúdicos. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 46.

303 Idem.

O Espaço Qualificado envolve uma linha da arquitetura que considera a dimensão simbólica dos espaços criados. A partir desta visão, o bom projeto não se limita à contemplação de necessidades funcionais, mas se preocupa em relação aos significados que os usuários irão atribuir, com as formas de fruição deste espaço, possibilitando vivências significativas e que estimule a iniciativa de como vai se realizar esta relação com o espaço. Nesta concepção de espaço, o usuário assume o papel de "usuário-autor, caracterizado e ativo", não se limitando a desenvolver uma postura contemplativa e passiva diante do espaço. "A ideia de espaço público como o que é comum a todos deve ser substituída por o lugar onde todos são livres para se encontrarem e interagirem".[304]

O autor ainda destaca algumas percepções necessárias à compreensão de espaço qualificado. A primeira percepção envolve a oferta de melhores soluções à função utilitária, ou seja, que contemple as dimensões funcionais e técnicas. A segunda percepção considera significativa a contemplação da dimensão simbólica. A terceira dimensão refere-se ao processo de significação dos objetos criados, onde se apresenta a liberdade para o surgimento de várias interpretações, de significados a partir da fruição destes objetos. A quarta dimensão fala sobre os princípios que qualificam a obra arquitetônica, sendo que esta dimensão é definida como possuidora de qualidade quando agrega a ideia de conceito e consistência. A quinta dimensão ressalta a ideia de espaço que favoreça a experimentação, o sentir, a experimentação e interação com os objetos, colaborando na formação do "usuário ativo". A sexta dimensão é decorrente da exploração dos objetos, abrange as diversas formas que podem ser geradas durante a fruição, expressa a liberdade em se relacionar com o espaço. E, por fim, a sétima dimensão compreende a construção de significados durante a apropriação das obras e objetos criados.

Schlee[305] destaca a noção de espaço público não reforçando a ideia de que "é comum a todos", mas como um espaço livre, propiciador de interações e, também, sobre o entendimento da cidade como um artefato, devido sua constituição ser consequente da colaboração das práticas sociais.

Na visão do autor quando o espaço público é tratado como lugar onde todos são livres para se encontrar e interagir, a comunidade de usuários tende a assumir uma nova postura mais consciente em relação a ele. A percepção de propriedade da coisa pública como algo inalcançável, uma noção abstrata, é substituída por percepção materializável, concreta, sendo

---

304 SCHLEE, Andrey Rosenthal. Espaços lúdicos. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 47.

305 SCHLEE. op. cit.

viável o envolvimento dos membros de uma comunidade e que estes possam se sentir coautores e responsáveis pela cidade.[306]

Essas considerações do autor sobre as compreensões de espaços lúdicos e espaços qualificados estes se diferenciam pelo aspecto da forma em considerar a ludicidade. No espaço lúdico a ludicidade se desenvolve de forma isolada, sendo possível ou não sua realização e apresenta a noção de atividade em si. O espaço qualificado, por outro lado, é voltado para o convite ao desenvolvimento da ludicidade, assume a função de agente da ludicidade, é o lugar onde a ludicidade deixa de ser uma atividade em si e passa a ser considerada "como um componente da cultura (entendida em sentido amplo) historicamente situada".[307]

Compreende-se que a ludicidade é realizável tanto em espaços lúdicos como em espaços qualificados, no entanto, quando o espaço é planejado tendo a noção da ludicidade como uma função a ser atendida de forma criativa e inventiva, os espaços qualificados possibilitam essas construções.

De acordo com Elvira Almeida,[308] os espaços direcionados ao brincar não ofertam estímulos associativos da imaginação e das experiências sensoriais, limitam a expressão da criança a movimentos simétricos e repetitivos. Ainda segundo a autora, eles não estimulam a cooperação, condicionam os corpos a movimentos determinados, ao automatismo e a redução do potencial criativo.

Sobre esse movimento que deve ser construído entre o indivíduo e os objetos e espaços pensados pela autora, cita-se a seguinte afirmativa: "O homem liberado, criança, movimenta-se, dança, vivencia sensações e mitos. Brinca, convive, contracena com seus companheiros na praça que é parque e teatro. Conversa com figuras fantásticas, mastros-totens que emergem da memória".[309]

A preocupação com a dimensão simbólica dos espaços da cidade vem contribuir para o processo de socialização e da educação, promovendo a imaginação criadora, criando formas de aproximação sobre a relação da população moradora com a cidade.

A definição de cultura lúdica à qual recorremos neste trabalho se apoia na conceituação cunhada pelo teórico Brougère,[310] que afirma ser "é antes de tudo um conjunto de procedimentos que permitem tornar o jogo possível". E ainda "conjunto de regras e

---

306 SCHLEE, Andrey Rosenthal. Espaços lúdicos. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 49.

307 MARCELINO *apud* SCHLEE. op. cit. p. 49.

308 ALMEIDA, Elvira. **Arte lúdica**. São Paulo: EdUSP, 1997.

309 ALMEIDA. op. cit. p. 49.

310 BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura. In: KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014. p. 23-24.

significações próprias do jogo que o jogador adquire e domina no contexto de seu jogo". Ela pode ser entendida como uma construção de uma variedade de repertórios de informações, de ferramentas que possibilitem o desenvolvimento de brincadeiras, considerando a existência de regras relacionadas ao conjunto de jogos específicos de grupos sociais, e o repertório de códigos que compõem o acervo individual, relacionados à sua própria cultura lúdica.

Nesse sentido, a cultura lúdica deve ser considerada como "um conjunto vivo, diversificado conforme os indivíduos e os grupos, em função dos hábitos lúdicos, das condições climáticas ou espaciais".[311]

A sua composição é dinâmica, não se restringe ao acúmulo de aprendizagens de regras, mas é constituída, também, das observações cotidianas sociais, hábitos de jogo e recursos materiais. Estes esquemas alimentam, criam as formas do brincar. A cultura lúdica é enriquecida com o aumento do repertório de informações e vivências de diferentes brincadeiras. Dessa forma, a cultura lúdica não é um conjunto fixo, rígido de estratégias, ela é diversa de acordo com as especificidades, recebendo influências, por exemplo, do meio social, do lugar e até mesmo de gênero.

A produção da cultura lúdica ocorre a partir do envolvimento da criança com o brincar, um movimento dinâmico influenciado por aspectos internos e externos, a partir de interações sociais, tendo a criança um papel de participante ativo nesse processo, pois na experiência lúdica, ela utiliza o leque de conhecimentos já aprendidos, sendo que esta bagagem de conhecimento contribui na composição de sua cultura lúdica. Uma das formas de sua materialização ocorre a partir das interpretações sobre as significações relacionadas aos "objetos dessa interação". Estes compreendidos como os indivíduos, as ações e os objetos materiais. Nesse processo criam-se novas regras, novas formas de brincar e estas ações fortalecem a autonomia em fazer escolhas e em produzir no contexto de interações sociais a sua cultura lúdica.[312]

A cultura lúdica deve ser analisada de forma contextualizada com a cultura global de uma sociedade específica, uma tessitura de elementos culturais que alimentam a cultura lúdica e quando ressignificados, quando apropriados criativamente, contribuem para a significação de novos elementos. A cultura lúdica como toda cultura é o produto da interação social. O contexto cultural oferece elementos que contribuem na aquisição de estruturas para o brincar:

---

311 BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura. In: KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014. p. 25.

312 BROUGÈRE. op. cit. p. 27.

> há, portanto, estruturas preexistentes que definem a atividade lúdica em geral e cada brincadeira em particular, e a criança as apreende antes de utilizá-las em novos contextos, sozinha, em brincadeiras solitárias, ou então com outras crianças. Não se trata aqui de expor a gênese do jogo na criança, mas de considerar a presença de uma cultura preexistente que define o jogo, torna-o possível e faz dele, mesmo em suas formas solitárias, uma atividade cultural que supõe a aquisição de estruturas que a criança vai assimilar de maneira mais ou menos personalizada para cada nova atividade lúdica.[313]

A designação sobre o que é brincar ou o que se entende por jogo sofre a influência do tempo e das diferentes culturas. Estas expressões não são neutras e muito menos universais, visto que envolvem um processo de designação e de interpretação complexo. O autor cita que o *ludens* latino não é idêntico ao brincar francês. "Cada cultura, em função de analogias que estabelece, vai construir uma esfera delimitada".[314]

Em relação à influência sobre a dimensão cultural do jogo, o autor considera que a cultura precede a definição de jogo, considerando o jogo como uma atividade cultural e tendo a característica de ser uma forma de aquisição de estruturas que possibilita à criança assimilar uma nova experiência lúdica.

Sobre a cultura lúdica, Fortuna,[315] no artigo "Cultura lúdica e o comportamento infanto-juvenil na era digital", reitera que a garantia e a vivência da cultura lúdica, perpassa pelo ato de brincar, o qual aciona diferentes formas de interatividade. Neste artigo são feitas reflexões sobre alguns efeitos da tecnologia na configuração da subjetividade contemporânea, como também, na forma de brincar atual. Ressalta que a hegemonia de valores como sucesso e rapidez, podem ser elementos de inibição da cultura lúdica prejudicando a sua preservação, influenciando diretamente a realização de algumas brincadeiras e manifestações culturais.

> É importante garantir às futuras gerações o direito de brincar, por meio do qual elas terão acesso às formas milenares de brincar, assim o é porque brincar é, em si mesmo, um direito pelo qual a própria vida se afirma, já que como forma de expressão e compreensão, tornamo-nos quem somos brincando. Não se trata, contudo, de agir na perspectiva do "resgate" ou da mera preservação do direito de brincar e das próprias brincadeiras, enrijecendo uma manifestação cultural que é por excelência dinâmica. Se algumas brincadeiras desaparecem ou são substituídas, devemos nos questionar sobre quais são as condições atuais para experimentá-las: será que nós adultos não estamos renunciando ao nosso papel de mediadores da cultura? Que tempo e espaço para brincar ofertamos e partilhamos com as crianças e os jovens de hoje?[316]

---

313 BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura. In: KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). O brincar e suas teorias. São Paulo: Cengage Learning, 2014. p. 27

314 BROUGÈRE. op. cit. p. 21.

315 FORTUNA, Tânia Ramos. Cultura Lúdica lúdica e o comportamento infanto-juvenil na era digital. **Jornal da Universidade**. Porto Alegre: UFRGS, edição 166, dez. 2013. p. 8.

316 Idem.

Propiciar incentivos que visem o desenvolvimento da cultura lúdica é permitir a possibilidade de apropriação, e o envolvimento com expressões culturais. A cultura lúdica além dos suportes materiais abrange também a dimensão simbólica. Estes aspectos não devem ser negados, mas sim, difundidos na sociedade, pois a brincadeira permite o contato com a cultura, através do acesso aos conteúdos culturais. Sendo que esta apropriação é dinâmica envolve transformações, seu ritmo está relacionado pelo indivíduo que brinca.

De acordo com Negrine,[317] a educação voltada para a criação de uma cultura lúdica deve promover situações que a alimentem, que possa nutrir seu processo de realização, entre elas, o autor cita: a preferência pelas atividades recreativas de cunho social e ético; pensar uma educação não discriminatória, orientada para a igualdade das pessoas e para as suas possibilidades de realização e, por fim, o desenvolvimento de atividades cooperativas visando inclusão, o trabalho coletivo, a valorização das etapas de realização, contrariando assim, práticas educativas direcionadas à competição.

Ao abordar o tema brinquedo e brincadeiras como manifestação cultural, afirma que se aprende muito sobre um povo, observando suas atividades lúdicas, pois integram a sua cultura, que ajudam a manter e transmitir. A partir dessa afirmativa, o brinquedo é considerado como uma expressão cultural.

> A brincadeira supõe uma aprendizagem social que exige dos adultos e das crianças um ativo papel não apenas na criação, recriação e transmissão do patrimônio lúdico-cultural, como também, na garantia de tempo, espaço, objetos e parceiros para brincar.[318]

Vale a pena lembrar, a luz das palavras de Brougère[319] que a cultura lúdica envolve um processo coletivo, mas também individual, pois segundo o autor cada criança possui uma história de vida e vivências diferentes, uma maneira peculiar de se relacionar com a brincadeira. Esta individualização também pode ser analisada pelo aspecto de que as formas de socialização dos elementos da cultura lúdica de uma sociedade ou geração, não são compartilhados de forma igualitária.

Salienta-se que a cultura lúdica precisa ser desenvolvida em um ambiente favorável para a sua realização. A qualidade das brincadeiras depende além do conteúdo, das relações sociais

---

317 NEGRINE, Airton. A ludicidade como ciência. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org.). **A ludicidade como ciência**. São Paulo: Vozes, 2008, p. 40.

318 FORTUNA, Tânia Ramos. A dimensão humana da docência. **Pátio Revista Pedagógica**. Porto Alegre, ano 11, 2007. p. 10.

319 Entrevista Revista Nova Escola. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/desenvolvimento-e-aprendizagem/entrevista-gilles-brougere-sobre-aprendizado-brincar-jogo-educacao-infantil-ludico-brincadeira-crianca-539230.shtml>. Acesso em: 18 jul. 2015.

desenvolvidas pelos indivíduos participantes, de alguns outros aspectos, também que seja considerada a qualidade dos espaços destinados às brincadeiras, sejam eles externos ou internos. Esses aspectos influenciam no estímulo à brincadeira, pois um espaço planejado colabora para o enriquecimento da brincadeira, além de promover a qualidade do ato de brincar, cria possibilidades para que o faz de conta aconteça e que haja uma diversidade de situações promovendo uma maior complexidade da brincadeira e o avanço do faz de conta.

CAPÍTULO 3

3. A PRAÇA DA MANDIOCA E O PROJETO "CIRCUITO CULTURAL SETEMBRO FREIRE": CONSTRUINDO UM TERRITÓRIO DE INTERAÇÃO, APRENDIZADO E ALEGRIA.

Para expressar como foi iniciado o trabalho de pesquisa envolvendo o projeto Circuito Cultural Setembro Freire, uso as palavras do escritor Silva Freire no início do seu artigo "A leitura",[320] "começou devagarzinho de andar sinuoso" pelas ruas do Centro Histórico. E foi dessa mesma forma que eu tive o primeiro contato com o referido projeto.

Considero na verdade que foi um belo encontro, pois aconteceu sem hora marcada e sem prévias pretensões. Tudo começou quando estava a caminho do IPHAN-MT e avistei de longe um grupo de adolescentes que estavam no Centro Histórico. Ver este grupo ocupando as ruas aguçou a curiosidade de participar dessa atividade e tentar conhecer um pouco mais sobre esse trabalho. Aproximei-me do grupo e perguntei aos coordenadores da possibilidade de participar da atividade e, então, quando vi já estava envolvida nessa "viagem" pelo Centro Histórico. Neste período em que estava iniciando minhas atividades no Mestrado do IPHAN, tudo ainda era para mim desconhecido e a programação de visitação do Circuito Cultural já estava finalizando.

Somente algum tempo depois obtive maiores informações sobre o projeto e tive acesso ao material escrito do catálogo produzido no ano de 2013. Apenas no ano de 2015 a Casa de Cultura Silva Freire lançou o site, disponibilizando aos usuários informações, documentos, imagens, vídeos, produções escritas sobre a vida e obra de Silva Freire, além da publicização das ações desenvolvidas pela Casa Silva Freire, os catálogos das edições do Circuito Cultural de 2008, 2010 e 2013, as informações sobre os projetos desenvolvidos e algumas produções escritas que compõem o acervo das obras do poeta Silva Freire.

Durante o levantamento inicial de informações sobre os trabalhos de Educação Patrimonial desenvolvidos na cidade de Cuiabá relacionados ao Centro Histórico, limitava meu olhar na busca de projetos realizados na educação formal. Talvez essa visão seja consequência da minha prática docente em espaços formais de educação.

Após algumas investidas em instituições escolares para desenvolver o trabalho de pesquisa, enfrentamos algumas dificuldades como, por exemplo, as greves dos professores das redes públicas estaduais e municipais, bem como a resistência de gestores das escolas

---

320 FREIRE, Silva. **A Japa e outros croni-contos cuiabanos**. Cuiabá. MT: Carlini & Caniato. 2008.

procuradas na participação de ações de Educação Patrimonial. No município de Cuiabá, apenas três escolas[321] foram inscritas no Mais Educação[322] no eixo Educação Patrimonial. Apesar dos contatos feitos, as escolas não se mostraram solícitas para participar da pesquisa.

Esses desencontros contribuíram para a aproximação com o projeto do circuito aqui estudado, e proporcionaram a experiência de aproximação e descoberta de ações de Educação Patrimonial realizadas por uma instituição não formal de educação, a qual além de atender estudantes de escolas públicas e particulares, abrange sua atuação para moradores e demais pessoas interessadas em participar.

Ressalta-se um aspecto muito significativo do projeto, que é o de trazer as crianças e adolescentes para o Centro Histórico da cidade, imagem um pouco rara de ser vista neste lugar. Lembro-me da sensação de surpresa quando vi pela primeira vez duas crianças brincando pelas ruas do Centro Histórico.

No primeiro capítulo foi colocado que o movimento de construção do entendimento do Centro Histórico como bem patrimonial se desenvolveu de forma conflituosa, tendo diversas concepções de valores expressos pelos diferentes grupos sociais da cidade. A proposta de visitação ao Centro Histórico de Cuiabá como base de informação para a realização de análises sobre suas transformações pode ser uma forma de e possibilitar refletir sobre os valores que lhe são atribuídos no contexto atual. E, também, torna-se importante a discussão sobre a efetividade das ações de preservação daquele conjunto.

Neste capítulo iremos apresentar algumas informações sobre a Casa de Cultura Silva Freire, a fundamentação teórica do projeto Circuito Cultural Setembro Freire edição 2013, e buscaremos analisar se o mesmo tem características lúdicas e como estão presentes no projeto, à luz das reflexões sobre ludicidade e das discussões sobre educação patrimonial produzidas nos capítulos anteriores.

[321] Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Médici, Escola Estadual Aureolina Eustácia Ribeiro e Escola Estadual Heliodoro Capistrano da Silva.

[322] Instituído pela portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto nº 7.083/2010, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral.

3.1. A Casa de Cultura Silva Freire

Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto, não tinha nada

Vinicius de Moraes

A metáfora da música de Vinicius de Moraes é aqui empregada por falar de uma casa que não possui elementos que em uma análise superficial são constitutivos de uma casa, como por exemplo, telhado, piso ou parede e nem uma localização precisa. A leitura da letra da música permite deduzir várias ideias sobre esta casa, mas aqui foi pensado que a ideia de casa tratada na música faz referência ao primeiro local que nos dá abrigo, o útero de nossas mães. Um lugar feito com muito esmero, de acolhimento e cuidado.

A associação da letra da música com a Casa Silva Freire justifica-se inicialmente pelo fato desse espaço ainda não possuir estrutura física, mas que isso não impossibilita a realização das ações de valoração patrimonial que são realizadas, pois falar sobre ela é falar sobre uma casa que "não tinha teto, não tinha nada", no sentido de que, com o projeto do circuito, a Casa Silva Freire se propõe a ganhar os limites da rua, os limites do Centro Histórico e a ultrapassar inclusive, por meio da poesia, os limites do tempo.

A Casa de Cultura Silva Freire, é uma associação sem fins lucrativos que tem como objetivo preservar e divulgar a obra do poeta Benedito Sant'Ana da Silva Freire, poeta, advogado e professor, cuja produção poética trabalhou com o complexo cultural da sociedade, relacionado a memória e valoração das manifestações culturais populares. Foi responsável também na produção do movimento denominado Intensivismo[323] e Poema/Processo, através da promoção e incentivos a cultura, educação, literatura, arte e ciências no estado de Mato Grosso.

Para Sônia Regina Romancini:

---

[323] O Intensivismo foi um movimento literário que se situou na tensão de forças pela renovação político-literária durante o Modernismo no Estado de Mato Grosso, Brasil, na segunda metade do século XX precursor da Poesia Concreta e de outros movimentos literários de vanguarda internacionais que surgiu em Cuiabá-MT, no início da década de 1950, cujo mentor foi Wlademir Dias Pino e do qual Silva Freire participou ativamente, bem como Rubens de Mendonça e Othoniel Silva. Aos poucos, outros poetas se aproximaram do movimento, como Dias da Cruz, José Lobo, Lopes de Brito, Newton Alfredo, Amália Verlangieiri, Agenor Ferreira Leão e Antônio Costa. Ver. CAMPOS, Maria C. de A. A Valorização da Cultura Cuiabana na Prosa de Silva Freire Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/019/MARIA_CAMPOS.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2015.

> Na obra poética de Silva Freire, a cidade aparece como um dos melhores exemplos de paisagem cultural e criação social. Em sua poesia nos inspiramos para investigar as motivações dos fatos sócio espaciais, os significados, valores e interpretações dos lugares da vida cotidiana de Cuiabá. A cidade, no olhar de Silva Freire, reflete o movimento da vida e a alegria do encontro.[324]

A data de fundação da Casa Silva Freire ocorreu no dia 8 de abril de 2010. A instituição foi criada pela família e amigos do poeta Benedito Sant'Ana da Silva Freire no intuito de preservar e difundir sua obra e a produção literária o movimento Intensivismo.

A sede da Casa de Cultura Silva Freire localiza-se no mesmo lugar onde morou o poeta Silva Freire durante a infância e adolescência, na Praça da Mandioca situada à Rua Pedro Celestino (antiga Rua de Cima) esquina com a Travessa 12 de Outubro.

Figura 12 — Fotografia do Largo da Mandioca (em destaque a casa de Silva Freire).



Fonte: Acervo Casa de Cultura Silva Freire.

A Casa de Cultura Silva Freire sofreu as ações do tempo e em período anterior ao tombamento do Centro Histórico em nível federal, havia sido demolida. A casa foi residência

---

324 ROMANCINI, Sonia Regina. Leituras do Cotidiano em Silva Freire. In: LEITE, Mário Cezar Silva (Org.). **Mapas da Mina**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005. p. 63.

de familiares do poeta Silva Freire, reformas foram feitas no imóvel o que contribuiu para a descaracterização de suas formas arquitetônicas originais. [325]

Após um longo período a partir da iniciativa da criação do Circuito Cultural Setembro Freire, o desejo de criação de um espaço que acolhesse o projeto foi despertado e, atualmente existe o terreno, o qual abriga as atividades educativas e culturais do projeto. Existe a proposta de se fazer outra construção no local onde antes havia sido a casa que o poeta Silva Freire viveu a sua infância. Atualmente a coordenação da Casa iniciou um processo de conversa com os técnicos do IPHAN-MT no sentido de escolher a proposta de edificação, no entanto, ainda não foi acordada uma proposta de projeto arquitetônico que contemple os interesses da coordenação da casa e as orientações contidas na Instrução Normativa do Conjunto Arquitetônico, urbanístico e paisagístico de Cuiabá.[326]

A escolha da localização da Casa de Cultura Silva Freire na Praça da Mandioca é proveniente de um acordo de cedência de propriedade feito pela família. Esta nova forma de conceber a casa como um espaço cultural de promoção da literatura e a arte, para fomentar pesquisas e trabalhar na valorização e preservação do patrimônio cultural da cidade de Cuiabá.

Segundo Daniela Freire,[327] o projeto da Casa de Cultura Silva Freire vem acompanhado de dois vínculos que devem ser considerados o pessoal e o profissional, e que aconteceu em um momento de maturidade desses vínculos. O vínculo pessoal refere-se ao fato de Daniela Freire ser filha do poeta e que as pretensões de se desenvolver o projeto, segundo ela, não poderiam ser direcionadas apenas pelos seus sentimentos pessoais. O vínculo profissional envolve a necessidade de amadurecimento intelectual, de sua melhor formação para oferecer mais qualidade e reconhecimento ao projeto.

O amadurecimento desses vínculos contribuiu para que fossem atribuídos outros valores para a antiga casa. Os fundadores da associação têm um objetivo e uma missão de caráter memorial, de divulgar e perpetuar o legado do poeta, mas ao mesmo tempo, expectativas profissionais próprias e atuais de viabilizar ações sociais e de pesquisa voltadas para a cultura,

---

325 A arquitetura da área urbana inicial, como em outras cidades históricas brasileiras, é tipicamente colonial, mas com o tempo sofreu modificações e adaptações a outros estilos (neoclássico e eclético, entre outros). O centro relaciona-se com a configuração urbana construída até o final do período colonial e corresponde à área central da capital do Estado de Mato Grosso. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/253>. Acesso em: 1 maio 2016.

326 Esta normatização foi elaborada pelos arquitetos Maria Clara Migliacio (Sub-regional do IPHAN) e Júlio De Lamonica Freire (IPDU – Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura Municipal de Cuiabá), em 1994 e, baseada no poder discricionário do Iphan, regulamenta e estabelece normas para o Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico da Cidade de Cuiabá (IPHAN, 1994:1).

327 FREIRE, Daniela. Entrevista concedida no dia 13 jun. 2015.

desenvolvimento social e urbano, as quais têm a ver com as ideias e concepções do poeta, mas não se restringem à sua produção.

Figura 13 — Fotografia da Casa Silva Freire antes da demolição.



Fonte: Google Street View, 2010.

No artigo intitulado "A segunda academia" de Avelino Tavares, o escritor faz referência à casa de Silva Freire, casa de Dona Janoca, apelido da mãe do poeta, considerando-a como a primeira academia, ressaltando a boa educação que o poeta tivera na infância e, também, porque na "academia do lar" ocorreu o início de sua longa caminhada até tomar posse da cadeira número 38 na Academia Mato-grossense de Letras, denominada pelo escritor Avelino como segunda academia.

No artigo[328] diz sobre a casa:

> aquela pobreza-rica, eivada de valores morais, construída no nobel academia do lar, onde o labor artesanal do doce de caju em calda ou cristalizado era o mil réis que complementava o orçamento doméstico, vendido em bandeja, na cabeça de Silva Freire... A casa não resistiu à fúria iconoclasta do tempo. O batente de pedra canga ficara nas dobras da saudade.

Ainda sobre a Casa Silva Freire, no livro Trilogia Cuiabana, o poeta rememorando sua infância assim a descreve:

> a casa de meus pais, Randolpho Rodrigues Freire e Joanna Euphrosina da Silva Freire. Galinha choca no quintal! o galo mestiço recortando asas, esquecido da maternidade; galinha choca no quintal, galo tarado! Grunhidinhos de leitõezinhos espremidos no escorrega-encosta-deitando-se do capadão... Frangote do primeiro voo despencando no galho-puleiro da goiabeira, esbatendo no lusco-fusco do fim-do-dia. Gaiola de periquitos setembrinos roendo manga-piqui... O ronrosnar do cavalo Café, que papai adornava de carícias e broto picado de bocaiuveira para afinação do sangue e rebrilho da pelagem, faiscando no sol. O pesão do tamarineiro no fundo do quintal, residência de gambás, esconderijos de assombrações... As fôrmas de fazer rapadura, como

328 Artigo da Revista Esquema n. 15, de 30 jun. 1984, p. 45.
Disponível em <http://www.casasilvafreire.org.br/uploads/Estatuto-Casa-Silva-Freire.pdf>. Acesso em: 25 out. 2015.

> escadinhas dos gostos satisfeiros nos sabores de leite de coco, goiaba e de casca-de-caju, dessarumanda no gavetão, ainda cheirando canela e erva-doce... As forminhas alegres de alumínio, amanteigadas prá debruçar curau na palma-da-mão... O baquité tibí de bocaiuvas incendiando a casa do aroma de suas alturas caídas...[329]

A casa foi cenário das brincadeiras da infância do poeta, local que marca o início de suas experiências vivenciadas durante a fase de conhecer a cidade de Cuiabá. A casa ultrapassa as lembranças do poeta, sua representatividade amplia-se para a vida na Mandioca e, consequentemente, as vivências do patrimônio histórico.

Figura 14 — Fotografia atual do espaço da Casa de Cultura Silva Freire.



Acervo Casa de Cultura Silva Freire.

Conforme o Estatuto Social da Casa Cultural Silva Freire[330] — documento que lhe confere existência legal, seus objetivos são:

> reconhecer e promover a diversidade cultural, o diálogo intercultural e a identidade cuiabana/mato-grossense por meio do desenvolvimento de atividades que contribuam para a difusão da literatura, especificamente, da obra do poeta Silva Freire e do movimento literário Intensivismo.
> Facilitar o acesso à obra do poeta Silva Freire, digitalizando, catalogando e organizando o seu acervo literário, publicando a sua obra completa, difundindo-a junto às instituições/grupos culturais, educacionais e artísticas, como também subsidiando estudantes, acadêmicos, professores e artistas na elaboração de trabalhos/projetos acadêmicos, artísticos e científicos.
> Cooperar tecnicamente para dinamizar as atividades realizadas nas instituições/espaços de cultura, educação e arte que levam o nome Silva Freire.
> Criar espaços de diálogo entre arte e educação, promovendo a arte em todas as suas modalidades. Desenvolvendo a formação de plateias, a organização de grupos artísticos de atuação permanente, intercâmbios culturais, bolsa e ciclo de estudos, residências artísticas e eventos.

---

[329] FREIRE, Silva. **Presença na audiência do tempo**. Cuiabá: EdUFMT, 1991. (Trilogia Cuiabana, vol. 1). p. 123.

[330] Estatuto Social Casa de Cultura Silva Freire. Disponível em: <http://www.casasilvafreire.org.br/uploads/Estatuto-Casa-Silva-Freire.pdf>. Acesso em: 25 out. 2015.

> Promover o conhecimento sobre educação, cultura e arte, em todos os seus aspectos, por meio de cursos, bolsa de estudos, conferências, palestras, oficinas, eventos, atividades editoriais e intercâmbios nacional e internacional.
> Apoiar a promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico, material e imaterial.
> Promover e participar de ações em defesa do direito à educação para todos, contribuindo para a melhoria da qualidade da educação.
> Colaborar com o planejamento e formação de políticas, programas e projetos de educação, em suas diferentes etapas e modalidades, especialmente nos aspectos relacionados à formação de gestores e docentes, diretrizes curriculares e avaliação educacional, sugerindo métodos educativos e materiais pedagógicos adequados para o desenvolvimento da aprendizagem, bem como contribuindo na sistematização e difusão de boas práticas educacionais.
> Contribuir para a defesa, preservação e conservação do meio ambiente e promoção do desenvolvimento sustentável, trabalhando para que a cultura local seja compreendida como parte importante do meio ambiente associado à construção identitária em íntima relação com o cenário material constituindo ambos a noção de meio ambiente.

A partir dos objetivos propostos pela Casa de Cultura Silva Freire compreende-se que as metas compreendem a concepção de cultura considerando-a a partir da perspectiva da diversidade cultural. A partir da atenção à difusão da obra literária do poeta Silva Freire amplia-se a malha para as discussões sobre de que os processos culturais não se restringem a uma relação de cultivo, não derivam unicamente da relação com o território, pois este assume o papel de cenário para a produção cultural. É possível perceber como o tema e as questões relacionadas ao patrimônio cultural estão imbricadas, inter-relacionadas com as discussões e preocupações mais amplas acerca da cultura, da educação e do meio ambiente.

Sobre o entendimento do termo identidade entende-se que a Casa de Cultura Silva Freire tenciona para o trabalho da mudança do imaginário da ideia de identidade como "raiz única" para uma ideia da diversidade, da identidade como fruto de processos constitutivos. A identidade cuiabana, as vivências do cotidiano da cidade de Cuiabá como um elo inicial para olhar, compreender e acolher outras formas de existência. "Viver a totalidade-mundo a partir do lugar que é o nosso é estabelecer relação e não consagrar exclusão".[331]

Sobre as reflexões feitas em relação à identidade pelo poeta Silva Freire, Antônio Carlos Máximo cita o que o Assessor Especial da UNESCO no Brasil, Célio da Cunha, "Silva Freire soube captar a essência desta terra e de sua gente, sem, contudo, ficar circunscrito a um determinado lugar" (MÁXIMO, 2008, p. 07).[332]

Volta-se para um processo educativo que valoriza os espaços escolares quando inclui no projeto o atendimento das escolas públicas e particulares que participam do projeto, mas que

---

331 GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora, MG: UFJF. 2005. p. 68.

332 Antônio Carlos Máximo, Coordenador do Escritório Antena da UNESCO em Cuiabá no ano de 2008.

também considera que a educação ultrapassa o espaço escolar. A partir dos itens do estatuto citados acima, é possível interpretar que a cidade é vista como espaço educativo, sendo considerada uma grande sala de aula, como portadora de um potencial "narrativo identitário".[333]

A Casa de Cultura Silva Freire organiza e desenvolve suas ações em três grandes projetos, a serem tratados a seguir.

O primeiro é o Circuito Cultural Setembro Freire, o qual tem como finalidade estimular o conhecimento da literatura mato-grossense associando arte, educação e cultura na efetivação de suas ações. Consiste em um projeto pedagógico e cultural interdisciplinar que aproxima a literatura e o patrimônio cultural, este entendido nas suas dimensões material e imaterial e que explorem o potencial narrativo da cidade de Cuiabá, este constituído pelo processo de apreensão dos olhares e dizeres dos indivíduos.

Para Paulo Speller,[334]

> o Circuito Cultural Setembro Freire é uma ocasião impar demonstrar o merecido reconhecimento e apresentar, para as novas gerações, sua trajetória de vida e sua produção literária. Em caráter mais amplo, também é urna forma de valorizar e disseminar a cultura mato-grossense que tem, neste poeta, um dos seus maiores expoentes. Considerado o "poeta do cotidiano", soube expressar a cultura do seu povo valorizando a riqueza de seus modos próprios de falar e de viver.
> (SPELLER, 2008, p. 16)

O segundo projeto denomina-se "Digitalização do acervo", este projeto tem como objetivo a conservação documental e a publicização da obra do poeta Silva Freire para diversas instituições, grupos culturais e a sociedade de modo geral, disponibilizando a obra do escritor para a pesquisa e produção de novos conhecimentos. E, como último projeto, o "Prêmio de Literatura Benedito Sant'Ana Silva Freire, o qual envolve a premiação aos autores mato-grossenses que se destacam no concurso literário público organizado pela Assembleia Legislativa de Cuiabá.

Entre as propostas de atuação da Casa Silva Freire, iremos nos deter, aqui neste trabalho, ao projeto Circuito Cultural Setembro Freire, onde nele se desenvolve a linha de trabalho Literatura e Patrimônio.[335] Tal escolha justifica-se pelas propostas de atuação presentes nestes

---

333 Anexo 2 Resumo da Ação do Edital de concurso nº. 01/2014.27ª. Edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade/2014. Nome da ação / UF: Circuito Cultural Setembro Freire 2013; Oficina Bate-bola na Mandioca. Categoria: II – Iniciativas de excelência em promoção e gestão compartilhada do Patrimônio Cultural.

334 Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) em 2013.

335 Esta linha de ação estabelece relações entre a educação, a literatura e o patrimônio cultural, explorando o potencial narrativo da cidade de Cuiabá transformando-a em uma grande sala de aula, por meio da Educação Patrimonial. Disponível em: <http://www.casasilvafreire.org.br/projetos>. Acesso em: 3 maio 2016.

trabalhos relacionar a temática da preservação do patrimônio cultural da cidade e por envolverem o que está sendo entendido aqui como Educação Patrimonial.

O interesse em trabalhar a ludicidade se justifica por encontrar como afinidade a interação simbólica existente na experiência lúdica, como também, no processo de apropriação do patrimônio. Compreende-se que a experiência lúdica é uma interação simbólica, quando se brinca há um processo de interpretação de elementos culturais que compõem a brincadeira, para que a brincadeira possa ser realizada na sua totalidade torna-se imprescindível o entendimento sobre estes elementos. A partir desse processo, a cultura lúdica é adquirida, construída através da brincadeira. É um conhecimento que se origina de uma experiência que não é transferida para o indivíduo, pois nela o indivíduo é coautor.

Pode-se afirmar que esse é o único projeto de Educação Patrimonial desenvolvido de forma sistemática que atende escolas públicas e particulares da cidade de Cuiabá envolvendo atividades de valorização do Centro Histórico da cidade. Após conversarmos com técnicos pedagógicos das secretarias estadual e municipal de Educação sobre Educação Patrimonial e perguntarmos sobre a existência de projetos que abordem a temática do patrimônio, as respostas foram as de que ambas as secretarias não possuem propostas envolvendo Educação Patrimonial. O único material encontrado relacionado a este trabalho refere-se à apostila "Educação Patrimonial. Rememorar para preservar, um direito do cidadão", de autoria de Jocenaide Maria Rosseto, editado pela Secretaria Estadual de Cultura do Estado do Mato Grosso, no ano de 2011.

O Circuito Cultural Setembro Freire possui no seu programa educativo o incentivo à formação de leitores, a realização de pesquisas, a elaboração de projetos acadêmicos e escolares relacionados à educação. Suas ações se estendem também, ao atendimento dos professores, através de atividades de formação. O projeto oferece atividades que atendem ao público escolar, abrangendo a educação básica, como também, moradores da cidade. O projeto conta com a participação de escolas públicas e particulares de diferentes bairros da cidade de escolas públicas e privadas abrangendo a educação básica que aceitam espontaneamente o convite de participar do circuito.[336]

O projeto ocorre de dois em dois anos no mês de setembro, devido ao mês de aniversário do poeta Silva Freire, realizando atividades educativas relacionadas ao patrimônio, como também culturais na Praça da Mandioca e também em outros locais da cidade.

---

[336] CASA DE CULTURA SILVA FREIRE. **Setembro Freire 2008**: Catálogo 2008. Cuiabá: Entrelinhas, 2008. Disponível em <http://www.casasilvafreire.org.br>. Acesso em: 26/10/2015.

A Casa Silva Freire assume um papel de local acolhedor das atividades do projeto abrindo espaço para as apresentações de artistas e de moradores da localidade que quiserem contar histórias sobre a vida na Mandioca, se tornando uma oportunidade de entrosar a comunidade e a classe artística com as outras pessoas que visitam a praça. Segundo a coordenação da casa "A realização do Setembro Freire no local onde existia a casa foi intencional. O nosso objetivo é justamente entrar em contato com os moradores daquela região que conviveram com a família Freire e sabem um pouco da história da casa".[337]

3.2. Edições do projeto Circuito Cultural Setembro Freire

O Circuito Cultural Setembro Freire teve sua primeira edição no ano de 2008. Esta edição comemorou os 80 anos de nascimento do poeta Silva Freire através de atividades que expressaram seus perfis literário, acadêmico e jurídico e a sua relação com a sociedade mato-grossense. Foram realizadas atividades semanais na Academia Mato-grossense de Letras, na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), na sede da Ordem dos Advogados do Brasil_ seção de Mato Grosso (OAB/MT), Escola Municipal Floriano Bocheneki e SESC Arsenal. Alguns destes espaços possuem uma relação muito próxima com a vida do poeta, pois ele foi advogado, integrante da academia Mato-Grossense de Letras e professor do curso de Direito da Universidade Federal do Mato Grosso, permitindo situar espacialmente as suas várias faces como a de político, advogado, professor, jornalista cultural e poeta.

O Circuito Cultural Setembro Freire 2008 promoveu a literatura mato-grossense em escolas municipais, realizando saraus acadêmicos, apreciação de cinema e apresentação de música rock e eletro-folk. Além do Centro Histórico, o projeto percorreu diversos bairros da cidade sendo que os locais escolhidos eram provenientes das parcerias feitas e de acordo com estrutura física adequada para as atividades que riam ser desenvolvidas.[338] Além de representar a espacialização da trajetória do poeta Silva Freire. Algumas obras escolhidas que compõem o

---

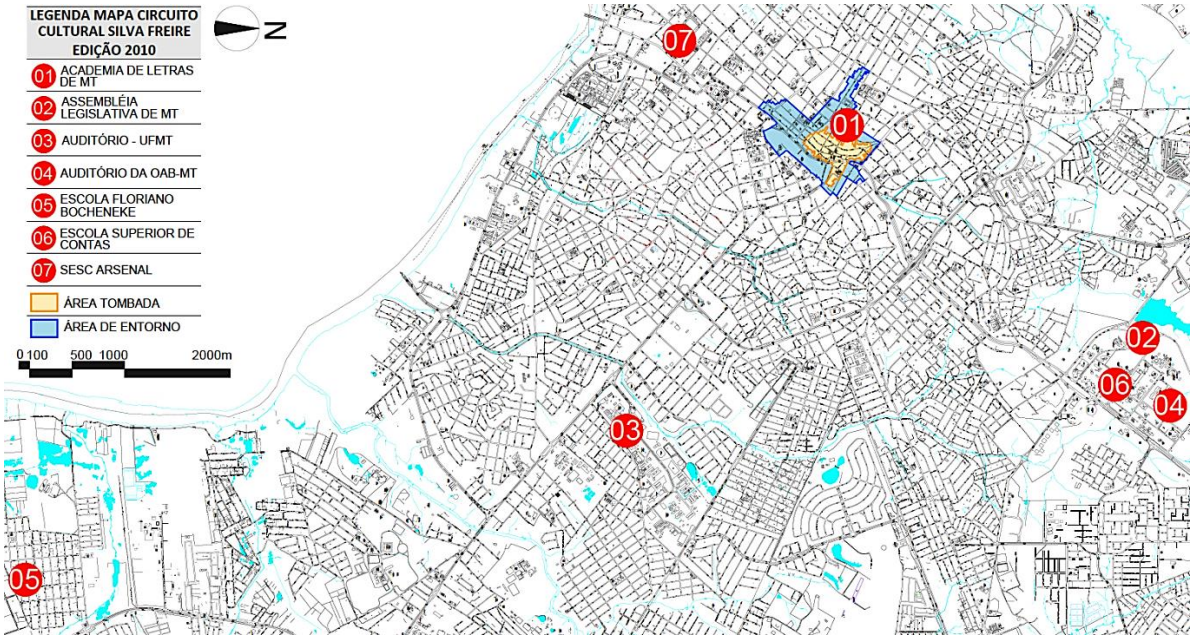
337 Revista CAT/MT.
Disponível em: <http://www.fernandobaracat.com.br/arquivos/revista/10/pdf/revista11.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2015.

338 A abertura do Circuito Cultural Setembro Freire edição 2008 ocorreu na Academia Mato-Grossense de Letras, pois como uma das propostas era a de mostrar as diversas faces do poeta Silva Freire, o local foi considerado representativo, principalmente para o lançamento do seu livro *A Japa e outros croni-contos cuiabanos*. Exposição fotográfico "Silva Freire Político" Sessão especial em homenagem aos 80 anos de nascimento de Silva Freire realizada na Assembleia Legislativa de MT. O encontro literário do grupo de pesquisa da UFMT-RG Dicke "Silva Freire no Tempo Oceânico" teve como local o auditório da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). No auditório da OAB-MT aconteceu o Sarau Lítero jurídico musical. O Projeto Escola da família Mostra de oficinas e audiovisual foi realizado na Escola Municipal Floreano Bochemeke no bairro Parque Atalaia. (Casa de Cultura Silva Freire. Setembro Freire 2010: Catálogo/Casa de Cultura Silva Freire. Cuiabá: Entrelinhas, 2008, p. 63-71).

acervo do poeta foram selecionadas, digitalizadas e reproduzidas para serem trabalhadas nas escolas da capital.

Desta forma, professores e oficineiros puderam entrar em contato com as poesias de Silva Freire e ter acesso ao conhecimento deste autor e sua obra. Após este contato inicial com as obras, a poesia foi transformada em fotografia e desenho, assim, a partir das produções dos alunos o conhecimento literário e cultural foi se constituindo.

Figura 15 — Mapa Circuito Cultural Setembro Freire 2008.



Fonte: Acervo pessoal de Francisco de Assis Araújo.

É possível observar a partir do mapa acima que esta edição do circuito explorou os lugares representativos da trajetória de vida do poeta Silva Freire. Uma representação da espacialização da sua atuação profissional e pessoal. A Academia Mato-grossense de Letras é o único lugar localizado no Centro Histórico de Cuiabá.

Segundo Ulisses Calháo, presidente da Associação Mato Forte,[339] o Circuito Cultural Setembro Freire se originou de conversas casuais entre alguns amigos, a esposa de Silva Freire e integrantes da associação Mato Forte. Inicialmente, almejavam homenagear o amigo poeta, para o que, foram feitas reuniões no Mato Grosso Palace Hotel, e paulatinamente o número de amigos, admiradores, poetas, jornalistas e políticos foi aumentado e, com eles, ideias surgindo.

339 Associação de desenvolvimento e responsabilidade social atuante na cidade de Cuiabá, MT, que visa a inclusão social da população de baixa renda, apoiando-a na comercialização do artesanato regional e objetivando a preservação do meio ambiente. Associação Mato Forte.
Disponível em: <http/www.matoforte.blogspot.com.br/>. Acesso em: 22 abr. 2016.

Por fim, após alguns encontros propostas foram sendo apresentadas e a ideia de Circuito Cultural Setembro Freire foi se materializando.

No ano de 2008 o Circuito Cultural Setembro Freire foi dirigido pelo cineasta Luiz Marchetti, e contou com a participação do Escritório Antena da UNESCO em Cuiabá e de outras instituições.[340]

A participação da UNESCO pode ser vista como um "selo" muitíssimo valorizado tanto no campo da educação, como no das políticas de patrimônio. Isso confere importância e legitimidade à iniciativa de criação do circuito.

Sobre o circuito:[341]

> a importância do Circuito Cultural Silva Freire, é alertar a nossa sociedade, que precisamos de desenvolvimento humano para chegar a um Estado Civilizado. O Circuito Cultural Silva Freire, não no sentido melancólico do passado, mas para preservar a história, conhecimento indispensável para se entender o presente e viver o futuro, apresenta esta embrionária proposta que se desenvolverá no útero da inteligência mato-grossense. Setembro Freire é preservar a história para se entender o presente e viver o futuro.
> (NEVES, 2008, p. 26.)

Na edição de 2010, o projeto de Circuito Cultural Setembro Freire direcionou suas atividades a partir do estudo da obra literária de Silva Freire através de uma mostra de arte e literatura ligada a um projeto educativo, sendo que as obras selecionadas foram interpretadas por artistas visuais e escritores convidados. A mostra foi realizada no Palácio da Instrução – Pavilhão das Artes, localizado no Centro Histórico da cidade.

Larissa Freire Spinelli, organizadora do projeto, diz sobre a edição de 2010:[342]

> O projeto pedagógico situa a educação no coração do Circuito Cultural Setembro Freire 2010 e parte da ideia de educação como cultura e arte enquanto educação: a cultura, a arte e a educação envolvidas em processos de transformação de identidades e subjetividades, a favor da experiência, da invenção de possibilidades de vida, de modelizações potenciais para a existência, territórios privilegiados para a diferenciação de si mesmo e da singularização do ser. Deste modo, focaliza a relação entre Infância, Juventude e Cultura compreendendo crianças e adolescentes como sujeitos capazes de elaborar sentidos pessoais a partir de outros sentidos e significados que circulam nas trocas sociais.
> (SPINELLI, 2010, p. 13).

---

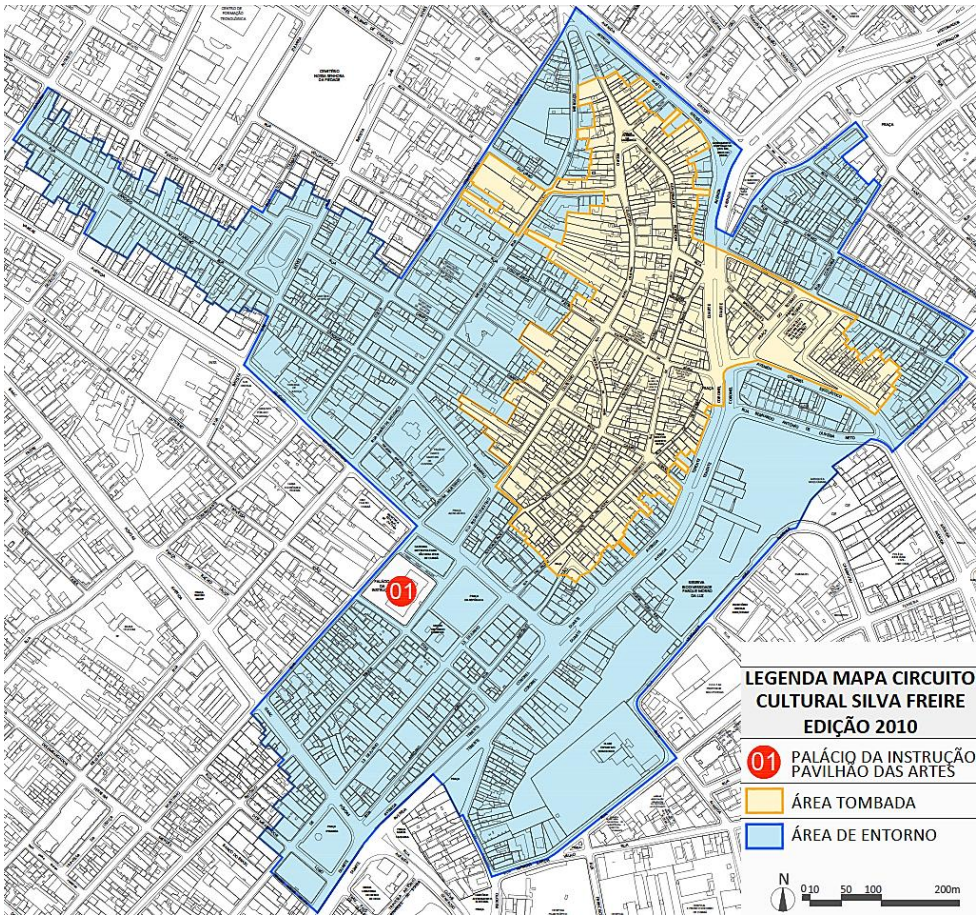
340 Secretaria de Estado de Cultura; Universidade Federal de Mato Grosso; Prefeitura Municipal de Cuiabá; Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional MT; Academia Mato-grossense de Letras; Tribunal de Contas do Estado (TCE/MT) e Assembleia Legislativa.

341 Gabriel Novis Neves é reitor Fundador da UFMT e Presidente da Academia de Medicina de Mato Grosso.

342 Setembro Freire 2010: Catálogo/Casa de Cultura Silva Freire. Cuiabá: Entrelinhas, 2010.

A proposta do Circuito Setembro Freire 2010 foi composta a partir do trabalho envolvendo interpretações de treze poemas de Silva Freire, sendo que estas interpretações foram realizadas com o uso de diferentes linguagens artísticas. A escolha dos artistas foi direcionada buscando contemplar essas várias linguagens. As performances realizadas por eles exploraram a expansão visual, a sonorização, a leitura e o sabor das obras de Silva Freire conseguindo interpretá-las com frescor, através de uma leitura atual. As oficinas oferecidas envolveram Mostra de Arte e Literatura, visitas mediadas e encontro com o artista/escritor. Nestas oficinas os artistas envolvidos no projeto, também participaram como mediadores, contribuindo para a abertura de novas releituras sobre as obras apresentadas, dando um tom de inspiração e motivação para o trabalho interpretativo.

Figura 16 — Mapa Circuito Cultural Setembro Freire 2010.



Fonte: Acervo pessoal Francisco de Assis Araújo.

A edição do ano de 2010 do circuito centralizou suas ações no Palácio de Instrução Pavilhão das Artes. O local oferecia estrutura para comportar as oficinas desenvolvidas e a exposição. A cidade e o Centro Histórico foram explorados a partir das produções literárias do poeta. A palavra como uma via na condução do imaginário.

Segundo a coordenação da Casa de Cultura Silva Freire, a essência do projeto pedagógico está na dimensão dialógica, a qual se concretiza na abertura de espaço para a troca e expressão das narrativas infanto-juvenis construídas a partir das obras do poeta. As atividades do circuito cultural tiveram o intuito de incentivar "a potência criadora de cada visitante, das crianças, dos adolescentes, dos jovens e adultos lembrar o poeta reinventando sua obra, a si mesmo, sua cidade e sua cultura". (CASA DE CULTURA SILVA FREIRE, 2010, p. 14)

Uma das características do projeto no ano de 2010 foi de acolher as impressões e entendimentos dos participantes da exposição, contemplando a dimensão dialógica idealizada pelo projeto e o surgimento de narrativas infanto-juvenis. As conversas, os contatos com as obras pelo olhar de várias linguagens artísticas, os momentos de apreciação estética sobre o conteúdo do que foi produzido e a criação de novas ideias, podem ser consideradas elementos de estímulo à potência criadora das crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Segundo a produtora do Circuito Cultura Setembro Freire (edição 2010), Keiko Okamura,[343] a ideia é lembrar Silva Freire reinventando sua obra. Expressando isto através da pluralidade de participantes, inclusive de crianças com necessidades especiais apresentando a obra de Freire através da dança. E ainda,

> a sociedade não perde por esperar essa ligação do passado, presente e futuro desta forma de criar que salta aos olhos e toca os sentidos, processo tão decantado por um dos mais nobres filhos desta terra mato-grossense: Silva Freire e que vale a pena ser novamente reconhecido e 'posto em prática' pelas novas gerações.

O trabalho foi desenvolvido a partir da escolha de treze poemas e, após esta seleção, o poema escolhido pelo artista seria considerado como fio condutor para o direcionamento das atividades. As interpretações realizadas por eles exploraram a expansão visual, a sonorização, a leitura e o sabor das obras de Silva Freire com o intuito de realizar uma leitura atual dos poemas (MARCHETTI, 2010, p. 15).

Na edição de 2008 do Circuito Cultural Silva Freire as questões relacionadas ao patrimônio se fizeram presentes a partir da visão de que a literatura mato-grossense e, especificamente as obras do poeta Silva Freire serem consideradas portadoras de referências culturais e, por possuírem elementos que dizem sobre a identidade local.

Para Antônio Carlos Máximo, coordenador do Escritório Antena da UNESCO, em Cuiabá no ano de 2008:

---

[343] Entrevista para a Home Page do governo do estado do Mato Grosso. Disponível em: <http://www.mt.gov.br/editorias/cultura/comeca-circuito-cultural-setembro-freire-2010/61054>. Acesso em: 26 out. 2015.

> ao reconhecer as linguagens literárias como expressão do patrimônio cultural e material, a proposta de promover o primeiro Circuito Cultural Setembro Freire poderá ser o início de um projeto mais amplo e permanente que possa contribuir para o fortalecimento da literatura mato-grossense e a popularização das obras de seus poetas, reafirmando a identidade cultural de seu povo.
> (MÁXIMO, 2008, p. 08).

Sobre a relação entre a literatura e o patrimônio o Diretor-Geral da UNESCO, Koichiro Maatsura em comemoração ao dia da poesia expressou que a poesia "desenha o contorno das possíveis formas de diálogo entre as culturas, as histórias e as memórias" (MAATSURA, 2008:07)

Ainda fazendo referência a Máximo, sobre a importância da poesia para as reflexões sobre o patrimônio, particularmente, a poesia de Silva Freire, ele diz:

> a poesia está à disposição de nossa diversidade criativa e espera nortear e renovar a habilidade de cada um de nós no entendimento da pluralidade cultural do mundo. Ela se transforma, então, em um meio facilitador do diálogo e do intercâmbio cultural, que pode ser percebido no papel que a obra do poeta Silva Freire desempenha junto à sociedade mato-grossense, articulando as três dimensões cultura, história e memória, citadas por Maatsura.
> (MAXIMO, 2008, p. 7)

A condução das ações pedagógicas por meio da literatura associada com outras linguagens artísticas propiciou o contato com representações culturais diversas. Através da ampliação da dimensão dialógica foi possível acolher as impressões dos participantes sobre o conteúdo contido na produção escrita do poeta Silva Freire e discutir as impressões sobre a cidade.

Compreende-se que a temática envolvendo o patrimônio na edição de 2010 é materializada quando se apresenta a obra de Silva Freire evidenciando que seus registros falam sobre o cotidiano do povo cuiabano, na valorização da tradição oral destacada pelo poeta e o interesse pela questão social. Uma característica estilística que merece destaque é o caráter etnográfico de sua obra expresso nas minuciosas descrições de ambientes, personagens e tecnologias tradicionais de uma cuiabania. “Falar sobre os atores sociais, suas vivências, seu cotidiano é falar de patrimônio”.[344]

As questões relacionadas ao patrimônio na edição do Circuito Cultural Setembro Freire na edição de 2010, são evidenciadas no trabalho de diálogo entre as artes visuais e a literatura.

---

[344] CAMPOS, Maria Cristina de Aguiar. **A valorização da cultura cuiabana na prosa de Silva Freire**. 11º Congresso Internacional da ABRALIC: tessituras, interações e convergências. 13 a 17 jul. 2008. USP. São Paulo. p. 31.

A intenção de avivar a obra do poeta Silva Freire por meio da pluralidade de representações artísticas objetivou representar as formas de compreensão dos elementos culturais presentes na obra do poeta.

> A relevância da arte está em inventar sensações, devires e compreender o mundo pelos sentidos, tal como a literatura de Silva Freire, que permite ao leitor ser coautor, recriá-la e ir ao encontro dos princípios dos movimentos literários Intensivismo / Poema Processo, cuja leitura poética se realiza em vários planos, pois o símbolo é superposto na palavra. Este é o espírito do projeto pedagógico: lembrar o poeta reinventando sua obra, a si mesmo, sua cidade e sua cultura. Acolher as impressões do público que visita a exposição, ampliando a dimensão dialógica sugerida pelo evento, pela própria obra de Silva Freire ao mesmo tempo em que abre espaço para a circulação de narrativas infanto-juvenis.
> (SPINELLI, 2010, p. 13)

O Circuito Cultural Setembro Freire na edição de 2010 inspirou-se nas formas estéticas para dizer sobre a variedade dos usos e significados das palavras, esta análise possibilita compreender que assim como uma palavra ou um texto possuem vários entendimentos, são passíveis de novos sentidos, estes são provenientes do potencial narrativo que é gerado pelos indivíduos. Essa perspectiva sobre a dinamicidade literária também pode ser alargada para análise sobre o entendimento de cultura, considerando esta como diversa e consequente de construções sociais.

Em 2013 o circuito teve suas atividades inspiradas pelo poema "gOOl/círculO azul aO sul dO azul",[345] uma espécie de ponto de referência para o desenvolvimento da programação, pois neste momento, a cidade vivenciava o clima de preparação para receber a Copa do Mundo FIFA de 2014 [346]

Para a coordenação do circuito, o poema é visto como uma obra especial, por conseguir articular patrimônio histórico, educação, esporte, arte e pelo fato do poeta ser um apaixonado pelo futebol, o poema apresentava a ideia de conciliar estes aspectos. Foram realizadas exposição de arte, saraus intervenções urbanas em formato de outdoor espalhados pela cidade e uma programação educativa com oficinas de arte e literatura. O circuito foi uma forma de representação das andanças de um grupo de meninos por Cuiabá, entre eles, o personagem do jovem Silva Freire quando eles caminhavam em direção ao campinho localizado nas proximidades da Praça da Mandioca para jogar futebol. A proposta desta edição é o redescobrir

---

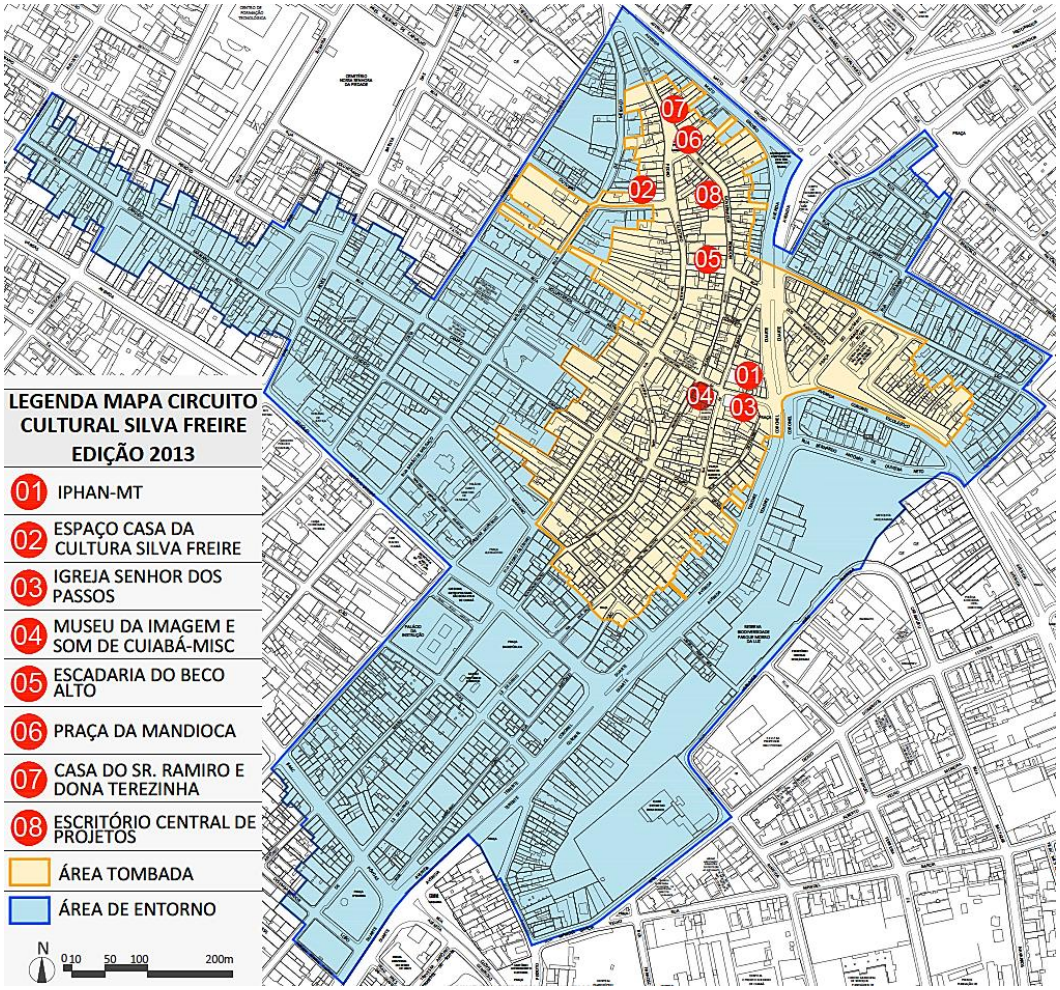
345 FREIRE, Silva. Na moldura da lembrança. Cuiabá: UFMT, 1991.

346 Torneio de futebol promovido pela Federação Internacional de Futebol (Associação0, FIFA cuja edição de 2014 foi realizada no Brasil). Entre as muitas capitais dos estados brasileiros que sediaram os jogos tiveram estádios construídos para sediar o evento, encontra-se em Cuiabá, MT.

a cidade pelo olhar das crianças. Ela visa promover um encontro entre alunos do ensino médio e fundamental e o patrimônio histórico cuiabano.

A oficina, intitulada Passeio no Centro Histórico: Bate-bola na Mandioca, sobre a qual trataremos mais adiante, era composta por grupos de 20 estudantes de escolas públicas e privadas do ensino fundamental ao ensino médio, atendendo alunos da faixa etária a partir de 10 anos de idade, como também demais visitantes interessados. A atividade centralizava-se na Rua 12 de Outubro, esquina com Rua Pedro Celestino, próximo da Praça da Mandioca, no centro de Cuiabá.

Figura 17 — Circuito Cultural Setembro Freire 2013.



Fonte: Acervo pessoal Francisco de Assis Araújo.

O Circuito Cultural Setembro 2013 centralizou suas ações no Centro Histórico de Cuiabá. Nesta edição é perceptível que a dinâmica desenvolvida explorou mais intensamente os lugares. As atividades propostas ofereciam o contato mais próximo pelos lugares referenciados nas obras do poeta Silva Freire.

Ressalta-se que as ações do Circuito Cultural Setembro Freire estão ligadas à história de vida do poeta Silva Freire e são inspiradas também pela sua obra. Neste caso, a ação do passeio pelo Centro Histórico parte da imagem de "djunta-djunta"[347] de crianças que, baseadas nas inquietações de Bugrinho, apelido de infância do poeta Benedito Sant'ana da Silva Freire, homenageado do evento e é realizada onde era o campinho e hoje, é a instalação do Circuito.

O Bugrinho, personagem do livro *Bugrinho: que menino é esse?,*[348] representa o escritor Silva Freire no período de sua infância, é uma forma de representar a sua relação com a cidade. Bugrinho era um menino que olhava para a cidade de um jeito diferente, se preocupava com a cidade, ele queria perguntar os porquês da cidade e valorizar os ângulos das ruas, "as nossas ruas não são tortas elas são traçadas como o arco". Ele fala dos "diamantes lapidados", da "pedra canga" eles observavam o indicador mais concreto de uma cidade, a topografia e a transformava em poesia, uma poesia que voltada para um projeto cultural que retratava as peculiaridades da cidade, de valorização das pessoas, a representação de significados identificados pelo escritor.

A importância da cidade de Cuiabá, sobretudo o seu centro histórico é materializado na presença de alguns elementos que caracterizam a poesia de Silva Freire. Nesse sentido, o centro histórico se destaca não por haver sediado grandes acontecimentos políticos, nem por abrigar exemplares arquitetônicos excepcionais ou monumentais, mas expressar aspectos de sua cultura.

Para Poliana Ferreira da Silva e Taisir Mahmuda Karim:

> Silva Freire revela uma cidade de seus tempos de infância, das brincadeiras entre amigos, da boemia. Um passado baseado em ações cotidianas, o que se consolida à medida que, singularmente, o autor reconstrói a realidade, pondo-a em contato com o presente. Neste contato com o presente, o passado se reconstrói de outra maneira, permeado pela evolução imagética do indivíduo que poetiza essas lembranças. O que aparece nos poemas, desse modo, não é uma cidade, mas um lugar recriado, uma cidade que vive, que pulsa lentamente no frenético progresso que avançava no Brasil.[349]

Na entrevista concedida para esta pesquisa, Daniela Freire cita que a história de vida de Silva Freire sempre esteve voltada para uma concepção política de cidade, onde o poeta desenvolveu uma relação forte com a cidade e usou a sua profissão como ferramenta de

---

347 Essa expressão significa "junta-junta" que representava o agrupamento dos meninos quando iam jogar futebol na Praça da Mandioca no período de infância do escritor Silva Freire. No livro *Falar cuiabano* são apresentadas as principais características do dialeto cuiabano. Essa forma de falar é consequente dos traços do sistema de consoantes, em específico a consoante j seu fonema apresenta-se desata forma /dzu/.

348 FREIRE, Daniela. **Bugrinho**: que menino é esse? Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2008.

349 KARIM, Taisir Mahmudo; SILVA, Poliana Ferreira da. Bordão: histórias dicionarizadas, **Revista ECOS**, v. 19, n. 2, 2015. p. 64.

transformação social, tendo uma atuação ativa na participação política da cidade. A poesia intensivista em alguns momentos fazia parte do cotidiano da cidade. Ainda segundo Daniela Freire, o poeta Silva Freire juntamente com outros escritores introduzia essa poesia intensivista para tematizar, por exemplo, o carnaval cuiabano "Então o povo ia para a rua era poesia estampada em todos os lugares da cidade".

Silva Freire também foi responsável pela realização de teatro na escadaria da Igreja do Rosário e pelas procissões aérea e fluvial da Festa de São Benedito e tantas outras ações e intervenções.[350]

Nos anos de 1970, juntamente com os intelectuais Dias Pino e Célio da Cunha, fez parte de um triunvirato tendo a intenção de promover o carnaval cuiabano. No ano de 1976 desempenhava a função de coordenador de arte do município de Cuiabá, onde foi responsável pela promoção do "Cuiabá 200 anos de carnaval". Realizou projetos gráficos nos carnavais dos anos de 1976 e 1977.

As vivências do escritor Silva Freire influenciaram na forma como os valores são mobilizados à cidade e, especificamente ao centro histórico pelas ações do Circuito Cultural Setembro Freire. Sua malha de atuação consegue atingir diversos pontos da cidade mexendo com escolas, museus, galerias, artistas e instituições. O projeto do circuito prima pela participação dos moradores do centro histórico, oportunizando entrosá-los junto à classe artística e com outros indivíduos participantes do circuito. Propicia o encontro entre os visitantes e o patrimônio, um encontro com a arquitetura e com as pessoas que se apropriam cotidianamente do lugar.

O projeto do circuito atribui um significado especial para o atual espaço que no passado existia a casa do poeta Silva Freire. A escolha do local pode ser considerada uma demonstração da mobilização dos valores no centro histórico nas ações do circuito. Tal intencionalidade fica evidente na afirmativa "A realização do Setembro Freire no local onde existia a casa foi intencional [...] a nossa intenção é justamente entrar em contado com os moradores daquela região que conviveram com os pais de Freire e saber um pouco da história da casa e dos hábitos".[351]

Após a concentração do grupo de estudantes em frente da Igreja Senhor dos Passos, localizada na Rua 7 de Setembro, iniciava-se a visitação pelo Centro Histórico e eram feitas

---

350 RAMOS, Isaac Newton Almeida. Silva Freire: um garimpeiro de palavras. **Revista Crioula**, n. 2. nov. 2007. p. 3.

351 Reportagem Setembro Freire de 2013 inicia resgate da história da casa do poeta. Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/conceito/noticias/exibir.asp?noticia=Setembro_Freire_de_2013_inicia_resgate_da_historia_da_casa_do_poeta&id=2282>. Acesso em: 13 ago. 2014.

paradas em lugares já previamente selecionados. A primeira ocorreu no Museu da Imagem e do Som de Cuiabá (MISC), depois o Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional (IPHAN-MT), Beco alto e por fim, o espaço da Casa de Cultura Silva Freire.

A programação além de atender os estudantes e o público em geral, contava com oficinas destinadas aos professores, crianças e, também, para formação de mediadores. Ocorreram também atividades como: sarau das artes, literatura e uma exposição de artes integradas e intervenções urbanas pela cidade.

O passeio ao centro histórico de Cuiabá foi mediado pelos estudantes de Psicologia, Arquitetura e Música tendo como premissa reflexões sobre a Educação Patrimonial. O diálogo com crianças cidadãs, os adolescentes e jovens é uma constante durante o passeio, o qual tinha como seu o ponto final o "bate-bola" com o poema gOOl/ círculO azul aO sul dO azul", tema desta edição.

Essa oficina, segundo Daniela Spinelli,[352] inaugura o subprojeto "Cuiabá das Crianças", inserido no projeto de extensão Rede de Apoio à Educação Infantil: Interfaces com a Psicologia, Pedagogia, Arquitetura e Música, no seu eixo dedicado à Educação Patrimonial.

Apesar das outras edições do Circuito Cultural Setembro Freire abordarem a questão patrimonial nos deteremos na análise da edição de 2013, devido ao fato desta apresentar um amadurecimento teórico e metodológico e, por direcionar ações relacionadas intencionalmente ao trabalho de Educação Patrimonial. Outro aspecto que fortalece esta escolha é o fato da presente autora ter sido participante e acompanhar de perto a sua realização, fazendo análises e dialogando tanto com outros participantes, como professores e técnicos pedagógicos envolvidos.

Devido à amplitude em estudar as edições realizadas no circuito entre 2008 e 2012, optou-se por escolher o estudo de caso especificando a edição de 2013 a partir de alguns aspectos: a questão interdisciplinar presente, direcionamento de ações relacionadas ao trabalho de educação patrimonial, a presença de características lúdicas, o trabalho interpretativo sobre a leitura da cidade, mais especificamente, do centro histórico, a intensidade de atividades realizadas no centro histórico centrando-se na Praça da Mandioca. Outro aspecto que fortalece esta escolha é o fato desta pesquisadora ter sido participante, observado, feito análises e dialogado tanto com outros participantes, como professores e técnicos pedagógicos envolvidos.

---

[352] Passeio pelo Centro de Cuiabá bate-bola com a História. Disponível em: <http://www.newscuiaba.com.br/Noticia/6,22682,0,0,0,0/Passeio_pelo_Centro_de_Cuiaba_bate-bola_com_a_Historia.html>. Acesso em: 15 mar. 2016.

3.3. Circuito Cultural Setembro Freire: Edição 2013

O projeto Circuito Cultural Setembro Freire 2013 contou com as seguintes atividades: Exposição Setembro Freire2013/gOOl; Sarau com o grupo Sarau das Artes Free; Foram ofertadas aos estudantes do ensino fundamental e médio e o público interessado o número de seis oficinas, são elas: Passeio no Centro Histórico: Bate-bola na Mandioca, trata-se de um passeio ao Centro Histórico de Cuiabá mediado pelos estudantes de Psicologia, Arquitetura e Música na perspectiva da Educação Patrimonial, a proposta do formato de passeio pedestre contempla o patrimônio arquitetônico, histórico e simbólico deste lugar. Entre as atividades desenvolvidas se destacam, por exemplo, a Art. on-line – conteúdo perpétuo foi uma atividade que propôs a realização de produções em vídeo sobre a cidade de Cuiabá após a realização de pesquisa de conteúdo na internet; Lambe-lambe Setembro Freire envolveu a produção de pôsteres utilizando diversas técnicas de produção; Sticker Art. no Setembro Freire foi uma oficina que fez uso da modalidade de arte urbana que se utiliza do adesivo vinil; Expressão gráfica foi a denominação dada para a oficina que teve como objetivo trabalhar explorar e desenvolver a expressão gráfica através de exercícios e desenho gestual. Do poeta à poesia é uma proposta de oficina relacionada à criação literária dos participantes utilizando o poema "gOOl/ círculO azul aO sul dO azul".

Outras atividades foram direcionadas ao público em geral, são elas: Retratos de personagens da Praça da Mandioca/Arquitetura do Centro Histórico, uma oficina que desenvolveu um trabalho utilizando a fotografia para focalizar os personagens da Praça da Mandioca e a arquitetura do Centro Histórico. E, também, o "Encontro com artistas e moradores", uma proposta de intervenção teatral, estruturada em forma de cortejo cênico-musical por algumas ruas do Centro Histórico da cidade.

Aqui, iremos nos deter na atividade da oficina Passeio no Centro Histórico: Bate-bola na Mandioca, pois esta atividade trabalhou com a perspectiva interdisciplinar, por ter como eixo a educação patrimonial e, principalmente, por identificarmos características lúdicas na metodologia utilizada nesta atividade pedagógica. Tais aspectos são considerados relevantes para o estudo aqui desenvolvido, pois o objeto de estudo da pesquisa realizada trabalha a ludicidade como possibilidade de entendimento e encaminhamento das ações educativas relacionadas à educação patrimonial no Centro Histórico de Cuiabá. Dessa forma, tomou-se como estudo de caso a experiência da Casa Silva Freire, mais especificamente, a oficina Bate-bola na Mandioca.

A oficina denominada Bate-bola na Mandioca realizada na edição de 2013 do circuito inaugurou o subprojeto Cuiabá das crianças: na trilha dos lugares de memória e construção de si, inserido no projeto de extensão Rede de Apoio à Educação Infantil: Interfaces com a Psicologia, Pedagogia, Arquitetura e Música, no seu eixo dedicado à Educação Patrimonial, coordenado pelo Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância da Universidade Federal de Mato Grosso. Este eixo propôs ações interventivas privilegiando a relação da criança com a cidade, compreendendo o espaço urbano como espaço legítimo de circulação da criança em exercício por meio do qual se forjam a construção da cidadania (FREIRE, 2015).[353]

A parceria com a universidade originou-se da aproximação com o trabalho desenvolvido pela professora Daniela Freire de Andrade no departamento de Psicologia da Infância da UFMT datado de 2010. Inicialmente os trabalhos direcionavam-se à escola e para além dela. O trabalho centrava-se nos potenciais narrativos da infância cuja ideia central era "o potencial narrativo dos lugares da infância" (ANDRADE, 2015, p. 16-21). A pesquisa visava explorar os mapas cognitivos que as crianças das escolas públicas que participavam do projeto elaboravam da cidade de Cuiabá. Outra metodologia utilizada eram as entrevistas, nelas o interesse era obter informações sobre a relação da criança com a cidade. Quando o grupo estava na fase de análises dos dados a proposta do Circuito Cultural Setembro Freire foi sendo materializada e a pesquisa então se expandiu para o circuito. O entrelaçamento entre estes dois projetos despertou o interesse dos cursos de Arquitetura, Pedagogia e Música da Universidade Federal do Mato Grosso. A oficina foi elaborada em conjunto, apresentando um esforço coletivo no desenvolvimento do trabalho interdisciplinar abrangendo as áreas de conhecimento citadas acima (FREIRE, 2015).

A partir das fontes contidas no relatório técnico elaborado pela coordenação da Casa de Cultura Silva Freire datado no mês de outubro de 2013, verificou-se que o projeto envolveu aproximadamente oitocentas pessoas durante a programação do circuito. O público atendido teve a oportunidade de vivenciar experiências artísticas e poéticas, conhecer e interagir com o poema escolhido desta edição e ter contato inicial com as obras do poeta Silva Freire. Este contato com as obras do poeta também propiciaram a aproximação dos participantes com os sentidos identitários e históricos sobre o Centro Histórico de Cuiabá presentes na produção literária de Silva Freire. (CASA DE CULTURA SILVA FREIRE, 2013). Desse universo de

---

353 Entrevista com Daniela Freire de Andrade, doutora em Educação (Psicologia da Educação), e professora do Departamento de Psicologia da UFMT. Atua nos grupos de pesquisa em Psicologia da Infância e Educação Infantil e Desenvolvimento Humano. Entre as suas linhas de pesquisa está 'Infância, representações sociais e práticas educacionais'. Daniela Freire de Andrade é filha do poeta Silva Freire.

participantes é possível indicar que na categoria dos alunos (do ensino fundamental e médio, de instituições de ensino públicas e privadas) foram atendidos aproximadamente trezentos alunos participantes da programação educativa, das oficinas e da experimentação artística e poética. O projeto ainda envolveu um número estimado de duzentas pessoas nas categorias dos convidados, artistas, poetas, produtores e gestores culturais; sendo que o restante do público é referente à categoria dos moradores de outros bairros da cidade, moradores do Centro Histórico de Cuiabá, principalmente os que residem nas imediações da Praça da Mandioca. O projeto teve o apoio de parcerias públicas e privadas[354] entre as quais destacamos a Associação dos Moradores e Amigos da Praça da Mandioca (AMAPM)[355], grupos de pesquisa da UFMT e a Superintendência do IPHAN no Mato Grosso.

No relatório técnico do Projeto ainda há o registro das seguintes atividades realizadas: uma exposição de artes integradas, dez intervenções urbanas em formato de outdoor, dois saraus realizados, nove oficinas executadas, um encontro com moradores da Mandioca, vinte visitas mediadas, duas oficinas preparatórias direcionadas às visitas mediadas, duas oficinas preparatórias direcionadas aos professores participantes, duas performances executadas, um vídeo documentário produzido, 700 exemplares do catálogo-revista publicados e distribuídos.

Ainda fazendo referência ao relatório a coordenação do projeto expõe que a edição do Circuito Cultural Setembro Freire 2013 alcançou resultados significativos, como por exemplo, o entendimento de que o projeto contribuiu para o processo de consolidação e mudança de representação das pessoas que circulam pela Mandioca acerca do espaço onde será a futura sede da Casa de Cultura Silva Freire. Outro ponto em destaque refere-se ao fato de que paulatinamente a Casa de Cultura Silva Freire vem se tornando mais consolidada, permitindo estabelecer uma rede de parcerias no âmbito governamental, não governamental, empresarial, acadêmico e artístico-literário, recebendo cobertura da mídia, da imprensa e das redes sociais. A partir desses pontos citados no relatório e após conversas com a coordenação da Casa de

---

354 Governo do Estado de Mato Grosso pela Secretaria de Estado de Cultura através do Programa de Apoio à Cultura (Proac) e Secretaria Extraordinária da Copa do Mundo, Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso; Universidade Federal de Mato Grosso, com participação dos grupos de pesquisas Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância (GPPIN) e Estudos de Filosofia e Formação (EFF). Recebeu patrocínio master da BC Genera e patrocínio ouro da Stellato Construtora Ltda. E ainda contou com os seguintes apoios culturais: Secretaria de Estado de Educação; Prefeitura de Cuiabá através das secretarias de Cultura e Educação com atividades desenvolvidas no MISC; OAB-MT; Sesi-MT; Iphan-MT; Ministério Público do Estado; Associação dos Moradores e Amigos da Praça da Mandioca (Amapm); Arqprojet Arquitetura e Planejamento Ltda; Rother & Spinelli Arquitetos Associados; Silva Freire & Vargas Assessoria e Advocacia; Correa da Costa Advogados; Editora Entrelinhas; Dona Lola; Águas Minerais Lebrinha, Colégio Master e Dunorte Papelaria.

355 A Associação dos Moradores e Amigos da Praça da Mandioca (AMAPM) é uma associação privada de Cuiabá, MT fundada em 25 de março de 2009. Sua atividade principal são atividades de organização associativas ligadas à cultura e à arte.

Cultura Silva Freire foi possível evidenciar que as atividades realizadas pelo circuito na Praça da Mandioca e em outros locais do Centro Histórico, possibilitaram a ocupação dos espaços públicos de forma significativa, oferecendo uma nova forma de fruição dos locais. A ideia do Centro Histórico como um lugar distante, dissociado da vida das pessoas e que limita o entendimento de patrimônio pela visão da edificação foi ultrapassada pela ideia de que a cidade pode ser vista como lugar fértil para realizar educação patrimonial. E, também, possibilitou o entendimento de que o Centro Histórico é um bem patrimonial e também cenário de vivências cotidianas, deixando transparecer a concepção integrada do centro histórico.

Outro aspecto ressaltado relaciona-se ao fortalecimento do trabalho de formação e capacitação de professores das escolas públicas e aos estudantes dos cursos de graduação envolvidos. No relatório consta que participaram dezesseis estudantes do curso de Psicologia, oito estudantes do curso de Arquitetura e dois estudantes do curso de Música no nível de graduação e dois pedagogos no nível de pós-graduação da UFMT.

Conforme a coordenação do projeto:[356]

> O Circuito Cultural Setembro Freire 2013 contribuiu para a mudança de representação do público que participou do evento acerca da área tombada do Centro Histórico de Cuiabá, imediações da Praça da Mandioca, e colaborou para sua revitalização em atenção aos esforços na direção de promover a Mandioca como lugar de acolhimento das manifestações populares, o envolvimento dos moradores nas suas ações. Tratou-se do fortalecimento da ação política de ocupação do Centro Histórico de Cuiabá. Aproximadamente 800 pessoas participaram da programação. A oficina Bate Bola na Mandioca articulou ensino, pesquisa e extensão por meio da educação patrimonial e fortaleceu a formação profissional de 16 estudantes de psicologia, 08 estudantes de arquitetura e 02 de música no nível de graduação e de 02 pedagogos no nível de pós-graduação da UFMT. Seus resultados ensejaram na produção de artigo cientifico e na elaboração de uma linha de pesquisa e extensão sobre Educação Patrimonial permanente e em processo de consolidação no interior do Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância.
> (UFMT – Pós-Graduação em Educação/Casa Silva Freire.
> Setembro Freire. Catálogo 2013)

As ações educativas desenvolvidas do circuito baseiam-se no "princípio da construção coletiva da ideia de patrimônio, a partir da valorização do olhar dos moradores locais e de suas memórias".[357] As atividades educativas realizadas no Centro histórico concebem que os participantes do circuito assumam atitudes participativas, que se envolvam nas discussões das

---

356 Anexo 2, Resumo da Ação Edital de concurso nº. 01/2014 27ª. Edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade/2014. O circuito concorreu na Categoria: II — Iniciativas de excelência em promoção e gestão compartilhada do Patrimônio Cultural.

357 NASCIMENTO, Flávia Brito do; SCIFFONI, Simone. O tombamento de Iguape como patrimônio nacional: novas práticas e políticas de preservação. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**. vol. 6, n. 1, 2015. p. 35

problemáticas do lugar, que reflitam sobre formas de preservação a partir das observações e análises apontadas pelos próprios participantes durante a visitação ao centro histórico.

O circuito concorreu na Categoria: II — Iniciativas de excelência em promoção e gestão compartilhada do Patrimônio Cultural Edital de concurso nº 1/2014 27ª Edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade[358] representando o estado do Mato Grosso.

A participação neste prêmio mostra que a relevância do projeto ultrapassa a fronteira regional, pois atende às necessidades locais de mobilização em torno da questão do patrimônio cultural viabilizada por meio da construção de uma rede de parcerias com característica bastante peculiar, em que o órgão federal de preservação assume um papel coadjuvante, em vez de protagonizar as ações de preservação, como usualmente tem feito.

A proposta educativa do circuito apresenta a característica interdisciplinar. Fazenda[359] concebe que a interdisciplinaridade para existir precisa da junção das categorias como a reciprocidade, mutualidade, ênfase no diálogo, pois através delas, é possível aflorar a sensibilidade, intersubjetividade, integração e interação. A ideia de interdisciplinaridade da autora nos interessa sobremaneira, por que não se limita ao envolvimento entre disciplinas, mas o representar da educação, corroborando para uma concepção unitária do ser humano.

Sobre a interdisciplinaridade, Fazenda[360] destaca a categoria da integração no enfoque interdisciplinar definindo-a como "uma etapa anterior à interdisciplinaridade, na qual se iniciaria um relacionamento, um estudo, uma exegese dos conhecimentos e fatos a serem posteriormente integrados". A integração sendo responsável pelo fortalecimento do elo de comunhão de uma abordagem ampla de conhecimentos a partir do diálogo contemplando uma visão integrativa de conhecimento.

Considera-se pertinente citar a compreensão sobre interdisciplinaridade trabalhada por Hilda Regina Pereira Menezes Olea,[361] na sua pesquisa[362] propõe refletir os efeitos da interdisciplinaridade no corpo, no mundo e nos outros, para a autora o paradigma da

---

358 Promovido pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1987, o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade prestigia, em caráter nacional, as ações de preservação do patrimônio cultural brasileiro que, em razão da originalidade, vulto ou caráter exemplar, mereçam registro, divulgação e reconhecimento público. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/172>. Acesso em: 16 maio 2016.

359 FAZENDA, Ivani. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia. São Paulo. Edições Loyola, 1979. p. 10.

360 FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade**. São Paulo: PUC-SP, 2011. p. 83.

361 PEREIRA MENEZES OLEA, Hilda Regina. **Bifurcações de Hermes**: uma epistemologia do efêmero. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, 2014.

362 A pesquisa desenvolvida por Regina Hilda Olea originou-se da elaboração e realização da oficina Bifurcações na formação de professores realizada no Circuito Cultural Setembro Freire 2013.

especialização assenta-se na fragmentação entre as áreas do conhecimento e determina a sistematização disciplinar das instituições de ensino. A autora a partir das interpretações da obra do filósofo francês Michel Serres, propõe pensar a interdisciplinaridade não pela via pedagógica, nem como procedimento didático, mas enquanto paradigma epistemológico, a partir da visão da epistemologia do efêmero onde nela o conhecimento é concebido como algo não sólido, apresentando certa fugacidade. Para Olea, o pensamento interdisciplinar "refere-se a uma mudança de padrão, figura como pano de fundo da capacidade do homem de criar e aceitar mudanças nos campos do saber".[363]

Ainda segundo a autora, o pensamento interdisciplinar interpretado a partir do pressuposto da existência de um ponto comum, denominado de existência de "instante zero". Neste entendimento o conhecimento assume, na filosofia de Serres, uma dimensão corporal, nela os corpos são os lugares em que estas acontecem; são, por assim dizer, espaços de bifurcações uma dimensão corporal estética e social, considerando-se que a construção do conhecimento pode ser feita não somente pela via do intelecto, mas pela experimentação corporal.[364] Compondo o Setembro Freire 2013 a oficina "Bifurcações na formação de professores"[365] segundo Olea, inscreve-se no território interdisciplinar, pois articula poesia, dança contemporânea e pesquisa científica. Esta teve como conteúdo a leitura corporal do poema "gOOl", a proposta foi de realizar a construção coletiva da coreografia, saindo de uma linguagem discursiva, convencional propondo-se à experimentação de uma leitura corporal do poema.

Sobre a oficina, Olea assim a descreve:

---

363 PEREIRA MENEZES OLEA, Hilda Regina. **Bifurcações de Hermes**: uma epistemologia do efêmero. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, 2014. p. 12

364 SERRES *apud* PEREIRA MENEZES OLEA. op. cit. p. 37.

365 A proposta da oficina faz parte do projeto interinstitucional Escrileituras: um modo de "ler-escrever" em meio à vida (Edital CAPES/INEP 038/2010), cuja coordenação geral é realizada pela Prof. Dra.Sandra Mara Corazza, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em sentido pragmático o projeto atua na busca de alternativas para a compreensão e superação dos dados apontados pelo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), especialmente aqueles que sinalizam as dificuldades no uso das linguagens. E revê como O grupo de Estudos de Filosofia e Formação (EFF, do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), coordenado pelo Prof. Dr. Silas Borges Monteiro)−que neste trabalho comparece também na condição de "núcleo UFMT", integrante do projeto acima. Esta dissertação de mestrado integra a pesquisa realizada pelo projeto Escrileituras no "núcleo UFMT" ao inscrever-se entre as atividades de uma das subdivisões do grupo EFF, que é a linha de pesquisa "Experimentações em teorias e políticas educacionais", cujo trabalho, no ano de 2013, esteve voltado para a formação de professores. As Escolas Estaduais Professora Paciana Torres de Santana e Dom José do Despraiado, que são as duas escolas de ensino básico parceiras do projeto Escrileituras na cidade de Cuiabá. Em um regime de parceria e cooperação entre as Escolas e a Universidade, desde 2010 vem sendo realizadas atividades que visam o desenvolvimento da educação infantil e o aprimoramento dos docentes, dos alunos das licenciaturas e dos pesquisadores.

> A primeira bifurcação é no espaço, a segunda é nos corpos. Numa encruzilhada da Praça da Mandioca o terreno nu que se abrigava do sol escaldante sob a sombra da tenda branca. Pés descalços, esparramados no chão procuram, desesperadamente, enraizar-se para garantir um pouco de estabilidade a corpos que, displicentes e temerosos, experimentam a vertigem de movimentos pendulares.
> Ruídos da rua, música, o falatório à boca miúda do povo. O professor dançarino lança o convite para o jogo-brinquedo do reconhecimento dos movimentos banais e cotidianos como possibilidades de um corpo que experimenta, imita e aprende.
> Conscientização corporal dir-se-ia tecnicamente, mas é preferível dizer: condição mesma de produção do conhecimento objetivo e intersubjetivo. Não se trata de tomar o sensualismo como meio para a elaboração intelectual, mas da afirmação de que o próprio intelecto é corpo. Da clausura das salas aos fluxos da rua, dos sistemas fechados aos sistemas abertos, os corpos oscilam em um ensaio coletivo de ler e escrever um poema com o corpo. Um quase objeto flutua entre eles extrapolando as fronteiras móveis do possível.[366]

As impressões sobre a oficina referida pela sua idealizadora revelam o entendimento sobre as várias formas de construção de conhecimento, sendo que estas podem ocorrer além dos espaços escolares e abranger o corpo na sua totalidade. O conhecimento construído sem a rigidez da postura vertical peculiar nos espaços acadêmicos e escolares, a possibilidade de uma praça ser um lugar possível de se realizar a fluidez do pensamento e do corpo, uma tentativa de criar conexões, passagens entre as disciplinas e pensar as relações entre o corpo e o saber.

> A Oficina Bifurcações na formação de professores foi um exercício interdisciplinar, uma tentativa de vertigem. Partiu do pressuposto de que o conhecimento é aumentado na medida em que ensinamos e aprendemos, de que é acima de tudo experimentação muscular e amorosa. Apenas um sujeito epistêmico com pensamento ósseo, cardiovascular, passional, é capaz de ler um poema com o corpo.[367]

O termo bifurcação[368] representa a ideia de que a construção de uma proposta interdisciplinar não prescinde de um caminho pronto, mas sim, se constitui durante o fazer, ao longo do processo de experimentação.[369] A forma de conceber essa "interseção" entre o corpo e o intelecto aproxima-se da ideia de ludicidade quando esta é concebida enquanto uma ação única. Para explicar melhor sobre esta ação única faço uso das palavras da pedagoga Maria Amélia Pereira[370] quando ela relata ter encontrado um grupo de crianças gritando "Batiza, batiza!" Correndo atrás de um menino com a pipa nas mãos, e neste instante ela perguntou o

366 PEREIRA MENEZES OLEA, Hilda Regina. Bifurcações de Hermes: uma epistemologia do efêmero. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, 2014. p. 53.

367 PEREIRA MENEZES OLEA. op. cit. p. 55.

368 Conceito da filosofia de Michel Serres e que dá a ideia de um caminho que não está pronto, que está sendo construído.

369 PEREIRA MENEZES OLEA. op. cit. p. 27.

370 Relato contido no filme Tarja branca: a revolução que faltava.

porquê disso. Então lhe foi dada a resposta de que o menino precisava batizar a pipa porque ele usou o fio inteiro da linha e a pipa neste caso, deve ser batizada e nunca mais correrá o risco de ser cortada.

A associação desse fato ocorrido com a ludicidade está na questão de que o ato de brincar, segundo ela, exige usar o fio inteiro de cada ser, pois quando a pessoa usa seu fio de vida inteiro então a pessoa está brincando. Não se brinca pela metade, a brincadeira envolve a unidade de sentimentos e conhecimentos, unidade entre o corpo e a psique. Brincar é estar envolto no plano de percepções sensoriais, perceber que a "condição humana é corporal" (Jean Pierre-Warnier) e que as expressões corporais podem ser uma forma de acesso e construção de saberes significativos (MENESES, 2013)[371]. Sobre o termo sabedoria Meneses[372] diz que esta palavra deriva do verbo latino *sapio* e refere-se à sabor, o gosto das coisas, paladar, percepção sensorial. Saber então pode estar associado a uma experiência saborosa, uma experiência sensorial de provar o sabor das coisas, o sabor do mundo.

> O bem cultural tem matrizes no universo dos sentidos, da percepção e da cognição dos valores da memória e das identidades, das ideologias, expectativas, mentalidades. Todavia, as representações, para deixarem de ser mero fato mental ou psíquico e integrarem a vida social, precisam passar pelo mundo sensorial, do universo físico: o patrimônio ambiental urbano tem matrizes na dimensão física da cidade, pois é por meio de elementos empíricos do ambiente urbano que os significados são instituídos, criados, circulam, produzem efeitos, reciclam-se e se descartam. Afinal, a corporeidade é a base de nossa condição humana.
> (MENESES, 2006, p. 36-37)

O autor apresenta a ideia da possibilidade do discurso científico poder assumir a dimensão estética e social, e o termo estética também envolver o sentido de sensação experiência estética do mundo a partir da dimensão corpórea e racional.

Verificamos ainda nos registros das atividades do Circuito Setembro Freire de 2013 a utilização de uma narrativa denominada pela coordenação do projeto como "narrativa encorajadora", [373] [374] a qual tem a pretensão de animar, motivar, a produção de novas narrativas, não se propõe que ela seja uma narrativa fechada, prescritiva, mas sim, que direcione e crie um

---

371 O museu e a condição humana: o horizonte sensorial. Relato Crítico da Plenária de abertura da 23ª Conferência Geral do ICOM 2013. Palestrante: Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/icom-2013/23-conferencia-do-icom/relatos/o-museu-e-a-condicao-humana-o-horizonte-sensorial>. Acesso em: 15/06/2016.

372 ICOM Rio 2013: Ulpiano Bezerra de Menezes <https://www.youtube.com/watch?v=PVNUBNnhIac>.

373 O trabalho realizado com a narrativa no Circuito Cultural Silva Freire é oriundo da pesquisa de doutorado da professora Daniela Freire Andrade na qual abordava a ideia do lugar feminino na escola como um lugar que circula várias narrativas tendo a ideia de abertura para o outro. Narrativa encorajadora é uma narrativa que dá suporte para um começo de conversa, que tem a intenção de ser uma narrativa que origine novas narrativas.

374 ANDRADE, Simei Santos. **O lúdico na vida e na escola**: desafios metodológicos. Curitiba: Appris, 2013.

clima acolhedor e dê suporte para um começo de conversa e que a partir dessa etapa, gere novas narrativas produzidas pelas crianças em grupo ou individualmente.

No caso específico do Circuito Setembro Freire de 2013 a narrativa encorajadora possuía um personagem âncora, denominado Bugrinho, que remete à infância do poeta Silva Freire e suas vivências da cidade de Cuiabá. Esta narrativa encorajadora foi escolhida por representar o laço muito forte entre o personagem com a cidade. O trabalho desenvolvido a partir das narrativas encorajadoras busca que os visitantes não tenham acesso apenas a uma narrativa sobre a cidade, mas que tenham acesso a outras narrativas e que floresçam outras tantas a partir dos diálogos estabelecidos nas atividades.

A narrativa encorajadora, nesse caso, é desenvolvida a partir de um texto âncora[375], elaborado coletivamente pela equipe interdisciplinar que compõe o projeto. O texto continha elementos que confluíam conteúdo da poesia, da arquitetura, da história e de vivências da infância do autor homenageado. Uma tessitura de conhecimentos históricos, de sentidos, de valores, ideias e imaginação.

Durante a visitação ao Centro Histórico eram feitas paradas em locais já previamente definidos, onde se abordava a arquitetura do Centro Histórico, o modo de fazer em relação as casas construídas de adobe e taipa e as questões simbólicas sobre este lugar. O trajeto iniciou na igreja Nosso Senhor dos Passos, depois eram feitas as visitas ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-MT), Museu da Imagem e do Som (MISC), a escadaria do Beco Alto e uma casa cuiabana. O "diálogo com as crianças cidadãs" tinha como atividade final o bate-bola com o poema gOOl/ círculO azul aO sul dO azul ..." na Praça da Mandioca.

O passeio se desenvolvia a partir da narrativa que se fazia referência à dinâmica daquele lugar no passado, os sons característicos das ruas quando se tinha pedra canga[376], a diferença e a influência dos sons do passado e os atuais, desenvolvendo o trabalho de paisagem sonora[377].

---

[375] Observa-se que este material não foi disponibilizado para esta pesquisa.

[376] Pedra de origem vulcânica, encontrada em vários municípios de Mato Grosso, e, também, nas encostas do paredão da Serra da Chapada. Trata-se de escória de jazida de ferro, sem dureza para ser considerada como pedra. Ainda assim, foi muito usada na construção de alicerces de casas e muros de sustentação, como aconteceu na alvenaria do Palácio da Instrução, em Cuiabá. Usadas também na pavimentação de ruas de Cuiabá (Avenida D. Aquino, Mundéo, Av. Joaquim Murtinho, Rua Barão de Melgaço e outras) obras executadas na década de 1920. Um rolo compressor fazia a compactação da pedra canga, formando uma base sólida para o tráfego dos automóveis. Tinha a cor ferruginosa, produzindo muita poeira da mesma cor. Disponível em: <http://www.matogrossoeseusmunicipios.com.br/matopedia/pedra-canga/18839>. Acesso em: 5 maio 2016.

[377] Segundo Kozel (2012), a paisagem sonora demanda uma interpretação e um pensamento dentro de um contexto cultural e para tanto, "deve levar em conta a diversidade de sons presentes num lugar, e a relação destes com a cultura e com o lugar. É na paisagem sonora que estão, além dos sons artificiais produzidos pelas máquinas e motores, as línguas, os sotaques e as gírias, e as músicas". (CAGNATO, Élio Ricardo. **Além das percepções e representações, a elaboração do mapa das sensações da cidade de Curitiba**. Disponível em: <http://www.geografia.ufmt.br/neer/ANAIS/dif/Eixo%2001%20pdf/EIXO%201%20Artigo%203_NEER_eLIO%20CAGNATO.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2016.)

A caminhada é considerada pelo grupo como uma brincadeira de representação simbólica, um exercício imaginativo, um faz de conta com o "Bugrinho". "Representar é corresponder a alguma coisa e permitir sua evocação, mesmo em sua ausência"

Ainda fazendo parte do conteúdo estudado durante a visitação ao centro histórico era realizada a discussão sobre as características das casas, a qual era composta pelos estudos dos seus elementos característicos como, por exemplo, o quintal, a forma e os materiais utilizados na construção das paredes e como sua composição era importante para amenizar o calor, o poço e sua função para aquele contexto histórico, o telhado, a cumeeira, o tipo de telha, a observação do traçado urbano da cidade, sendo que na escadaria do Beco Alto[378] era feita a observação e a leitura da paisagem do Centro Histórico, a partir da análise de imagens antigas e atuais daquele lugar para a possível análise dos participantes e percepção das alterações e permanências da paisagem.

Segundo Francisco de Assis Araújo,[379] a análise da arquitetura de um local propicia o envolvimento não apenas da construção em si, mas o entendimento sobre os usos, as concepções histórias que permeavam as construções, considerando os condicionantes do meio físico, tecnológico e cultural referente ao período da construção.

Para Mascaro:

> Assim, a proposta de criar um "passeio pedestre" para a observação do centro antigo de Cuiabá — centro tombado pelo Iphan — durante o Circuito Setembro Freire tem como objetivo principal chamar a atenção dos participantes para essa relação entre a arquitetura e as pessoas que a produziram e que as utilizam.
> Por exemplo, como se desenrolava a infância na época dos quintais cheios de árvores das casas da cidade? O que se via dos pontos mais altos do centro antigo? Quais surpresas se escondiam na sinuosidade das ruas cuiabanas? Como o próprio poeta Silva Freire se relacionou com a sua antiga casa e com sua cidade? Como Cuiabá se transformou e se modernizou? Por que preservar determinados aspectos dessa cidade? Ela ainda atende às nossas atividades atuais?
> (MASCARO, 2013, p. 106)

Os autores acima referidos no artigo "Patrimônio arquitetônico de Cuiabá",[380] delineiam o conteúdo do passeio que envolve as características do centro antigo de Cuiabá, destaque para cada edificação, sua data de construção, pela sua técnica construtiva e por sua significação

---

378 Escadaria do Beco Alto que empresta o nome ao popularmente conhecido Casarão do Beco Alto. Exemplar significativo da estética arquitetônica, que se desenvolveu no Brasil durante o Período Colonial, utilizando-se de técnicas construtivas próprias da época e materiais da região (ARAÚJO, Francisco de A. P. **Casarão do Beco Alto**: um esboço histórico e arquitetônico. 2015. Artigo apresentado no minicurso "Vivências patrimoniais" realizado pelo IPHAN-MT. 2015.).

379 ARAÚJO, Francisco de A. P. **Casarão do Beco Alto**: um esboço histórico e arquitetônico. 2015. Artigo apresentado no minicurso "Vivências patrimoniais" realizado pelo IPHAN-MT. 2015.

380 Setembro Freire Gool 2013: Catálogo. Casa de Cultura Silva Freire. Cuiabá: Entrelinhas, 2013.

simbólica, salientando as "qualidades identificadas" nesse patrimônio: a paisagem, o traçado urbano e o conjunto construído.

A perspectiva adotada pelos autores acima citados aproxima-se daquela que embasou a argumentação para o tombamento federal do conjunto, na qual as diretrizes para o tombamento continham a visão de que os centros urbanos escolhidos para o tombamento não eram mais selecionados pelo argumento da existência de monumentos artísticos, mas eram considerados documentos dos processos históricos, econômicos e sociais de produção urbana.[381]

Sobre a paisagem, buscava-se aguçar o olhar para os elementos que a compõem e para aquelas que sofreram alterações, estar atento às feições da cidade. A segunda qualidade identificada é assim definida pelos autores como "o traçado urbano: tão importante quanto uma edificação antiga é o desenho das vias da cidade. No caso de Cuiabá, é interessante observar que esse traçado se acomodou ao desenho" (MASCARO; DURANTE; BUTTNER; CASTOR, 2013, p. 107); o traçado urbano foi visto como gerador de uma tipografia singular que caracteriza a cidade.

E, como última qualidade identificada, foi observado o conjunto construído, o valor do centro Histórico sendo mostrada pela conjugação das edificações em combinação com o traçado, a aproximação de análise de todos os elementos que o constituem, ultrapassando a visão isolada de uma edificação.

Para os autores, "perceber a cidade (e o patrimônio arquitetônico) como unidade" ajudava "evitar descaracterizações e consequentes perdas de valor". Além desses conteúdos, o passeio ainda envolveu as características arquitetônicas como: implantação no lote urbano (colonial e moderna), tendências arquitetônicas (coloniais, ecléticas, modernas), técnicas construtivas (taipa, adobe, tijolo e concreto), arborização e microclima.

> Esta proposta de "passeio pedestre" que contempla o "patrimônio arquitetônico" cuiabano constitui um projeto piloto a ser colocado em prática durante o Setembro Freire e que funcionará como ponto de partida para a realização de outros passeios similares durante o ano — a serem realizados pela Casa Silva Freire —, com foco na educação patrimonial e direcionado para os públicos diversos. Afinal, a cidade pode e deve ser palco para as mais diversas atividades, inclusive educacionais. Ela deve ser utilizada pelos cidadãos, deve ser atrativa, segura e valorizada, especialmente quando se trata de patrimônio tombado em nível nacional. (MASCARO, 2013, p. 108).

Entendemos que por meio dessa abordagem, a cidade é compreendida como um espaço educativo, e isso desenvolve a possibilidade de novas leituras, novos usos. A cidade sendo vista

---

381 NASCIMENTO, Flávia Brito do; SCIFFONI, Simone. O tombamento de Iguape como patrimônio nacional: novas práticas e políticas de preservação. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**. vol. 6, n. 1, 2015. p. 31.

como um livro constituído por histórias antes escritas e aberto para a escrita de novas histórias, novos sentidos, interpretações e conhecimentos, isto sendo possibilitado pelas narrativas. Um lugar possível de promoção de momentos de estudo e educação que ultrapassem espaços formais educativos, ultrapassando os limites físicos da escola.

As narrativas são consideradas importantes pelo grupo de pesquisa no trabalho de identificação inicial do lugar, a partir delas surgiu a metáfora do Bate-bola na Mandioca, o poeta Silva Freire quando criança vendia doces e depois das vendas ia para o campinho, muitas vezes deixava o tabuleiro dos doces para jogar bola. Então a partir disso, foi criada a metáfora que originou e estruturou a oficina.

O percurso pelo Centro Histórico representava as andanças do grupo de meninos nos relatos de Silva Freire que, ao conseguirem chamar todos os garotos, iam jogar futebol em um campinho próximo à Praça da Mandioca na época. Então quando da finalização da história durante a visitação ao Centro Histórico, todos iam interagir com a exposição. A exposição era o "bate-bola" na Mandioca, a visita à exposição etapa final do percurso, assemelhava-se ao encontro do jogo de futebol do passado.

Figura 18 — Fotografia do grupo de estudantes pelas ruas do Centro Histórico de Cuiabá



Fonte: Da autora. Data: set. 2013.

A atividade na Praça da Mandioca envolvendo o trabalho de narrativa sobre o lugar foi avaliada pela coordenação do grupo como uma parte importante do circuito, devido esta considerar que a narrativa oferece suporte e uma forma de mediação entre o lugar e o visitante. A narrativa além de ser um elemento que direciona a atividade, colabora para a mediação do diálogo entre os participantes, pois sem esse diálogo, segundo a coordenação, as pessoas apenas passariam pelos lugares sem problematizar os seus significados, a identidade do lugar. Pensou-

se em transformar aquela vivência em um espaço significado, que originou a metáfora do Bate-bola na Mandioca.

Considera-se que o trabalho com as obras de Silva Freire para além de um estudo literário, abrange um movimento interpretativo da cidade, pois os conteúdos e temas de muitas de suas obras abordam com sentimento e, também, apresentando em alguns momentos o teor crítico, um estilo composto por leveza e entusiasmo impressões sobre o cotidiano vivido.[382]

Segundo Magalhães e Almeida é possível identificar nas prosas de Silva Freire a presença de um regionalismo que associa o local enriquecido de um sentido social que destaca a valorização do homem, retratando sua cotidianidade e sua produção cultural. "Aponta para um homem que se constitui com este meio".[383]

Nas obras de Silva Freire as narrações fazem referência a múltiplos narradores, estes sendo retratados em cenários distintos, os que vivem no centro urbano se defrontam com as transformações da cidade de Cuiabá e narradores que habitam outros cenários, como por exemplo, o rural.[384]

Segundo Campos:

> Silva Freire é um dos primeiros autores mato-grossenses que, a partir do pioneirismo do corumbaense Lobivar de Matos, voltou sua atenção para o social, não apenas no sentido crítico de uma literatura engajada, mas a fim de registrar o cotidiano da cuiabania que ele amava, valorizando sua tradição oral: mais que resistência, um ato de amor. Ele possuía a habilidade de conviver com gente de todo tipo; circulava com desenvoltura por estratos sociais diferenciados registrando, pacientemente, detalhes que passariam despercebidos pela maioria. Por isso, um traço estilístico que o distingue é o caráter etnográfico de sua obra, configurando o que Geertz (1989) denomina "descrição densa", expresso nas minuciosas caracterizações de ambientes, personagens e tecnologias tradicionais de uma cuiabania anterior às grandes mudanças que ocorreram no Estado em consequência, primeiro, da política desenvolvimentista da ditadura militar, a partir da década de 1970, e posteriores agenciamentos em função do agronegócio em expansão, sobretudo no norte e, marcadamente, após 1990. No plano da linguagem, a tradição oral se faz presente no registro do dialeto cuiabano falado por personagens típicas, distintas do narrador, que geralmente utiliza a variante culta, o que cria um contraste interessante, realçando a singularidade deste falar.[385]

Silva Freire através da literatura conseguiu convergir várias temáticas, dentre elas, a patrimonial. Esta afirmativa se apoia nas análises feitas de algumas de suas produções, pois "a

---

382 RAMOS, Isaac Newton Almeida. Silva Freire: um garimpeiro de palavras. **Revista Crioula**, n. 2. nov. 2007.

383 MAGALHÃES, Epaminondas; ALMEIDA, Marinei. Pelas veredas da literatura regional: a Japa e outros croni-contos de Silva Freire. **Revista Ecos**. vol. 18, ano 12, n. 1, 2015. p. 67.

384 MAGALHÃES; ALMEIDA. op. cit. p. 65.

385 CAMPOS, Maria Cristina de Aguiar. **A valorização da cultura cuiabana na prosa de Silva Freire**. 11º Congresso Internacional da ABRALIC: tessituras, interações e convergências. 13 a 17 jul. 2008. p. 5.

sua produção literária atravessou a esfera poética atingindo e encontrando a política, a jurídica, a educacional, a filosófica, a antropológica e a sociológica, deixando um legado imaterial para a "pátria de seu coração": a cidade de Cuiabá".[386]

> Sua obra é um estudo da cultura mato-grossense com valor histórico-social e folclórico justamente por revelar a situação do homem mato-grossense em diversos momentos da ocupação de Mato Grosso, desde os pequenos comércios e a vida rural [...] A linguagem de seus contos traz, na malha literária, aspectos da oralidade do homem mato-grossense, dos habitantes do Brasil rural, contudo sem caricaturá-los extremando a linguagem desta gente ou ridicularizando-a.[387]

No texto "o caráter biopsicossocial e político do cuiabano", Freire (2008) diz que este foi inspirado como uma forma de homenagear os cuiabanos, sobre eles ele diz "aos nossos ancestrais que nos fizeram herdeiros de um patrimônio histórico e cultural dos mais relevantes" (FREIRE, 2008:29).

O tema do patrimônio está na poesia de Silva Freire e isso pode ser evidenciado, por exemplo, quando o autor descreve os acontecimentos corriqueiros, como também, os significativos da cidade conseguindo entrelaçar os locais e as pessoas, os prédios, as ruas, todos estes valorados pelas pessoas. Os habitantes da cidade são descritos detalhadamente tendo como cenário a cidade.

Aproximando ao texto "A cidade como bem cultural"[388] é possível interpretar que Freire sustenta a ideia de que a cidade de Cuiabá é lócus da fruição do patrimônio e o habitante. Este sendo considerado como seu usuário privilegiado. É perceptível que o poeta propõe em algumas de suas obras as dimensões do cotidiano do universo do trabalho.

Essa forma encontrada por Silva Freire de falar da cidade cria uma rede de significados que propicia perceber a cidade como um bem cultural. O autor não apresenta a ideia de que alguns lugares da cidade merecem mais do que outros de serem contemplados, não privilegia locais. Os textos escritos pelo poeta expressam o sentimento de bem-querer sobre a cidade e seus habitantes, fala sobre as dimensões do cotidiano e demonstra o prazer em valorizar situações simples vividas.

---

386 SPINELLI, Larissa S. F. Silva Freire: a democracia que reverdece a paisagem ressequida. Cuiabá, 4 set. 2012. Disponível em: <http://casasilvafreire.iphotel.info/uploads/Texto-OAB_Silva-Freire_revisado.pdf>. Acesso em:17 abr. 2015.

387 MAGALHÃES, Epaminondas; ALMEIDA, Marinei. Pelas veredas da literatura regional: a Japa e outros croni-contos de Silva Freire. **Revista Ecos**. vol. 18, ano 12, n. 1, 2015. p. 64.

388 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cidade como bem cultural: Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano. In: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; GALLO, Haroldo (Org.). **Patrimônio**: Atualizando o debate. São Paulo, 9ª SR/IPHAN, 2006.

> Casa de Barnabé, outra relíquia cuiabana do melhor enrosco: poeta, cronista, professor, romancista e magistrado, tudo ao mesmo tempo.
> Colégio (dos Padres Salesiano ou São Gonçalo), santuário e forja na lapidação de gerações, há 75 anos.
> Semana da Pátria: aquele formiguamento, madrugadeiro dentro da gente. Acordar cedo. Banho de poço. Caldo quente de fubá-de-banana-verde-salto-velhaco, com leite de cabra.
> (FREIRE, 2008, p. 42-43).

A obra do autor Silva Freire inspira a realização de diferentes formas pedagógicas de usar sua obra poética e fomentar ação de preservação do patrimônio, pois o autor diz sobre as práticas sociais. O autor foi "retirando do meio, certo substrato crítico e social".[389]

Sobre o uso da rua como lócus da educação, segundo a professora Daniela Freire[390], a rua é considerada como um cenário para a realização das práticas educativas desenvolvidas no projeto, permitindo que a educação ganhe "efeitos mágicos". O sentido de mágico é atribuído devido às possibilidades de novos sentidos e experiências serem afloradas, e estas escaparem do que fora planejado. O que a criança aprende, o que lhe chama atenção surge muitas vezes da sua observação pessoal. Ainda segundo a professora, às vezes a pessoa responsável pela visitação está preocupada em explicar o que é tecnicamente entendido como "beira" ou outra característica da arquitetura de um lugar, e a criança está observando a porta ou o esgoto ou uma parede inclinada, "o olhar da criança ele está em todos os lugares e ela te surpreende com a colaboração que faz". No entanto, para que isso ocorra, a professora Daniela Freire salienta que o papel do adulto nesta mediação. Segundo ela, no trabalho educativo desenvolvido pelo GPPIN, o adulto deve durante o auxílio nas atividades se mostrar sensível para aguçar a capacidade de observação e, considerar as informações vindas dessas observações feitas pelas crianças, valorizar este material e colocá-lo no debate, na cena educacional que está acontecendo, no intuito de potencializar a ação educativa.

Brandão (1995), afirma que o envolvimento com a educação se realiza nas práticas cotidianas, se concretiza nos espaços de interação sociais juntamente com os outros elementos que constituem a natureza. A educação se materializa nos atos do aprender e do ensinar, sendo assim, ela é um elemento constitutivo da nossa vida. Direta ou indiretamente somos e estamos envolvidos com a educação. Sendo que essa forma de considerar a educação intensifica a aproximação da cultura com a educação.

---

[389] MAGALHÃES, Epaminondas de Matos. **Por entre brenhas, picadas a foice, matas bravas**: A produção poética em Mato Grosso no século XX e XXI. 2014. 294 p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Teoria da Literatura, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. p. 152.

[390] Entrevista realizada em 16 ago. 2015. Daniela Freire é filha do poeta Silva Freire e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância (GPPIN) da Universidade Federal de Mato Grosso.

> Educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados, negociados e transformados. Aprender é participar de vivências culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo.[391]

O trabalho envolve a discussão sobre as significações acerca da cidade pelos participantes, busca-se compreender as formas de apropriação e representação destes espaços, compreender os conhecimentos que deles são produzidos.

Compartilhamos com as proposições de Brandão por entendermos que a relação entre cultura e educação se realiza dentro do um campo da cultura, sendo ele considerado amplo e diverso, cenário de diversidade de saberes significativos para cada grupo humano.

> A educação é também uma dimensão ao mesmo tempo comum e especial de tessitura de processos e de produtos, de poderes e de sentidos, de regras e alternativas de transgressão de regras, de formação de pessoas como sujeitos de ação, e de identidade de crises de identificados, de invenção de reiterações de palavras, valores, e de imaginários com que nos ensinamos e aprendemos a sermos quem somos.[392]

Sobre os princípios de Educação Patrimonial presentes na proposta, segundo a professora Daniela Freire, o foco do trabalho é a educação da infância na relação com o patrimônio, e para isso foi feita uma preparação dos monitores sobre o que é o adulto atípico.

> Corsaro define o conceito de adulto atípico como um adulto diferente, uma espécie de criança grande, isto é, um adulto que consegue ser convidado pelas próprias crianças para adentrar em seu mundo, comungando de suas culturas de pares. O autor ainda sugere a presença de um adulto atípico, um amigo especial que terá condições de interpretar como a criança interpreta o mundo. (CORSARO, 2005, p. 443-464).

Preocupando-se da relação da criança com o patrimônio, buscando inseri-la na cidade, nesse caso, mediando a construção histórica da cidade com a consciência de que ela está viva e que vai continuar se transformando, buscando refletir sobre os motivos responsáveis por essas mudanças. Desenvolve-se também, o trabalho sobre o valor do patrimônio como memória social e a responsabilidade das gerações em valorizá-lo e preservá-lo, atentando-se para a sua dinamicidade.

Evidencia-se que o entendimento de Educação Patrimonial do projeto não apresenta como ênfase principal o patrimônio, mas sim, a criança, o sujeito envolvido e sua relação com o patrimônio. Destaca-se que um dos objetivos do circuito é o de:

---

391 BRANDÃO *apud* SILVA, Claudete do Socorro Quaresma da. **Brinquedos de miriti**: educação, identidade e saberes cotidianos. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade do Estado do Pará. Belém, 2012. p. 132.

392 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura: o mundo que criamos para aprender a viver. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002, p. 25.

> estabelecer relações entre a literatura e o patrimônio cultural, por meio de ações educativas interdisciplinares que não desassociem o patrimônio material e imaterial e que explorem o potencial narrativo da cidade de Cuiabá, transformando-a em uma grande sala de aula, além de capturar os olhares e dizeres de cidadãos de todas as idades no exercício de construção da sua cidadania.
> (CASA DE CULTURA SILVA FREIRE, 2014, p. 02)

Para a coordenação da Casa de Cultura Silva Freire, a educação é um dos mais importantes pilares da instituição. O Programa Educativo embasa seus trabalhos da noção de "educação como cultura e arte enquanto educação" (CASA DE CULTURA SILVA FREIRE, 2014:02), propondo o entrelaçamento entre a cultura, a arte e a educação abrangendo processos de transformação de identidades e subjetividades.

A visitação ao Centro Histórico vai além da simples visualização de locais, volta-se para o florescimento, para a apreciação, o aguçar do olhar, descortinar os detalhes do lugar, dos valores de patrimônio ali produzidos, e assim, propiciar a ampliação da visão para além do objeto em si, direcionando para a perspectiva mais ampla em relação à sua valorização, conservação e preservação. Para Miranda,[393] "a interpretação do patrimônio é a arte de revelar *in situ* o significado do legado natural, cultural ou histórico, ao público que visita esses lugares".

Além dessa análise, envolvendo a apropriação do patrimônio, é interessante analisar a sua "prática social", expressão cunhada por Arantes,[394] que expõe como essa dimensão dada ao patrimônio envolve um processo de interpretação da cultura como produção material e simbólica.

Considera-se que a apropriação e a interpretação do patrimônio, assim como a sua produção, se desenvolvam também na cotidianidade. Para Clifford Geertz,[395] a compreensão feita sobre o aspecto público da cultura encontra-se no fato das ações sociais realizadas no cotidiano se desenvolverem naturalmente nas relações sociais, na construção do conhecimento empírico. Este sentido do público possibilita o entendimento de que a transmissão da cultura é de responsabilidade do próprio grupo social que a produz, que é seu detentor.

Nessa perspectiva, Brandão afirma que:

> a educação lida com a experiência cotidiana mais regular, mais estável e mais eficaz de criação e circulação de visões de mundo, de busca de filosofias do destino e de sentidos para a vida humana, de lógicas do puro saber, de éticas e de gramáticas dos intercâmbios humanos, dos tantos feixes de ciências, das artes (cujo lugar na escola

---

393 MIRANDA, Jorge Morales. O processo de comunicação na interpretação. In: MURTA. Stela Maris; ALBANO, Selma (Org.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, p. 95.

394 ARANTES, A. A. Preservação como prática social. **Revista de Museologia**, vol. 1, n. 1, p. 2-16, 1989.

395 GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

> deveria voltar a ser tão mais desmesurado!) e também, por que não? Dos mistérios e das crenças das religiões e suas espiritualidades.
> (BRANDÃO, 2002, p. 145)

A educação sendo imaginada na sua possibilidade de concretude em cenários diversos proporciona a ampliação da concepção dos processos educativos não se restringindo a espaços definidos. A visão de educação como um processo em constante produção social permite um maior movimento na produção do conhecimento e na promoção de aprendizagens.

No artigo "Patrimônio Cultural e suas premissas", Meneses (2009) cita um exemplo de uma charge que ilustra a presença de uma velhinha fazendo suas orações na igreja e chega um grupo de turistas e o guia que os acompanhava solicita que ela se retire, pois sua presença está atrapalhando a visitação. Este texto se tornou uma importante referência para os estudos de patrimônio na atualidade, marcando e embasando uma determinada postura em relação às práticas de preservação do patrimônio cultural, entendidas em suas dimensões sociais e políticas.

As visitações realizadas no Circuito Setembro Freire 2013 diferenciam-se do modelo de visitação mencionado por Meneses em alguns aspectos: a visitação proposta no circuito a partir da "narrativa encorajadora" inspira através da produção literária do escritor Silva Freire, referências como conteúdo, memórias, análises da cidade e os detalhamentos de fatos ocorridos, aguça o surgimento de outras narrativas individuais relacionadas ao indivíduo e ao Centro Histórico. Os passeios são realizados durante as práticas cotidianas dos moradores envolvendo, por exemplo, locais de trabalho e ruas.

Percebe-se a partir da visitação, que se busca entrelaçar as experiências individuais com o lugar, relações coletivas, as representações que lhe foram atribuídas, contrariando a fruição contemplativa demonstrada no exemplo dos turistas, favorecendo a fruição vivenciada. Esta fruição surge de uma relação de pertencimento, envolvendo os processos de identidade que orientam a localização no espaço.

Para Meneses,[396] é no cotidiano que são construídas as relações de pertencimento. Neste sentido as ações cotidianas constituem o "quadro da habitualidade", por isso justifica-se a importância do cotidiano nas práticas de preservação patrimonial. A vida cultural se aprofunda a partir da constituição dos quadros da habitualidade.

---

396 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O Campo do Patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: 1º Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. **Anais 2**. vol. 1. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; coordenação, Weber Sutti. Brasília, DF: IPHAN, 2012.

Considera-se importante o mapeamento dos potenciais que a comunidade possui, as ações educativas devem estimular à potencialização da educação em vários espaços da cidade permitindo uma ampliação da malha de conhecimentos, experimentação e interação com diversos interlocutores. Essas vivências têm a função de expandir e contextualizar o processo de construção de conhecimentos, garantindo que os conhecimentos estudados sejam articulados organicamente com a vida cotidiana.[397]

[397] Agradecemos a contribuição da Professora Ana Carmen Amorim Jara Casco, do Mestrado Profissional do IPHAN, feita durante o exame de qualificação da presente pesquisa.

3.4. Referenciais teóricos do Projeto Circuito Cultural Setembro Freire: Edição 2013

Neste item propõe-se realizar uma análise sobre a fundamentação teórica do projeto, tal análise não irá se deter em um estudo profundo das referências, mas sim, considera-se significativo neste momento entender a proposta de representação social, a relação dos indivíduos e dos grupos sociais com os espaços de vida visitados no Centro Histórico de Cuiabá. A pertinência da análise sobre os referenciais teóricos tem a proposta de mobilizar reflexões sobre a base teórica presente no Circuito Cultural Setembro Freire, mais especificamente relacionado na oficina "Bate bola na mandioca". O recorte proposto justifica-se inicialmente por esta oficina ter trabalhado as significações dos participantes sobre a cidade de Cuiabá. A análise será direcionada a partir dos principais referenciais apontados nas produções científicas do grupo de pesquisa GPPIN, tendo como base principal o artigo intitulado "A cidade e a criança: representações sociais em construção",[398] o qual foi elaborado a partir da produção de desenhos e narrativas de crianças de uma escola particular da cidade de Cuiabá. Os dados foram submetidos às técnicas de análise de conteúdo e análise compreensiva.

Inicialmente será apresentado alguns trabalhos desenvolvidos pelo GPPIN e as bases teóricas trabalhadas pelo grupo e, posteriormente, as análises feitas pelo grupo sobre as representações da cidade de Cuiabá e do Centro Histórico.

O grupo de psicologia da infância começou suas atividades no ano de 2010. Inicialmente os trabalhos desenvolvidos foram atrelados à escola, esta sendo considerada um lócus de pesquisa no campo da educação e depois houve o direcionamento de trabalhos para além dela. O projeto tem como base o potencial narrativo da infância, ou seja, o potencial narrativo dos lugares da infância e suas significações.

O GPPIN desenvolve suas pesquisas envolvendo três eixos considerados de interesse da pesquisa, são eles: creche, hospital e a cidade (ANDRADE, 2015).[399] Devido ao interesse do estudo aqui realizado, nos deteremos no eixo cidade, o qual passou a ser explorado nas pesquisas por envolver a complexidade das relações sociais e ser entendimento como um eixo de educação.

---

398 CONÇALVES, ASSUNÇÃO, RAMOS e POUBEL.

399 Entrevista realizada em 16 de agosto de 2015. Daniela Freire é filha do poeta Silva Freire e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância (GPPIN) da Universidade Federal de Mato Grosso. Segundo ela, a escolha da creche justifica-se principalmente por ser um espaço específico destinado à criança e, também, por ser um lugar tradicionalmente invisível na sociedade, possuidor de uma imagem de um lugar de guarda e esquecimento. O hospital inspira o desafio de se refletir sobre a humanização deste espaço.

A primeira pesquisa envolvendo o eixo cidade surgiu da reflexão de uma das professoras que compõem a equipe do grupo de pesquisa, ao perceber que mesmo pertencendo a uma família considerada tradicional de Cuiabá e possuir grande afinidade com a cidade, estes aspectos não eram suficientes para a sua compreensão e sua fruição, pois suas experiências cotidianas limitavam o entendimento sobre a cidade restringindo-se a alguns lugares. A partir dessa reflexão, as pesquisas sobre este eixo direcionaram-se para olhar de como as crianças compreendem a cidade, como suas relações são estabelecidas.

Os estudos sobre a noção de representação social constituíram os debates em Psicologia Social. Este movimento teve seu início na França sob o impulso de Serge Moscovici.[400] Moscovici esteve mais interessado em explorar a variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas, heterogeneidade de representações.[401] Sobre o processo de criação das representações o autor diz que "cada um de nós está obviamente cercado, tanto individualmente como coletivamente, por palavras, ideias e imagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossa mente".[402]

> Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem.[403]

Compreende-se que Moscovici dedicou atenção em explorar a variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas. Tal diversidade é reflexo da ausência de homogeneidade dentro das sociedades modernas, em que as diferenças refletem uma distribuição desigual de poder e geram uma heterogeneidade de representações. Suas reflexões voltaram-se também para o entendimento sobre a produção de conhecimentos plurais e como eles influenciam na constituição da identidade dos grupos. Fala da influência comunicativa da sociedade para a formulação das representações.

> As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas

400 O trabalho de Moscovici foi parte da perspectiva europeia em psicologia social, que emergiu nas décadas de 1960 e 1970. Moscovici introduziu o conceito de representação social em seu estudo pioneiro das maneiras como a psicanálise penetrou o pensamento popular na França.

401 MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 16.

402 MOSCOVICI. op. cit. p. 33.

403 MOSCOVICI. op. cit. 41.

> relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática especifica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica.[404]

O trabalho de pesquisa desenvolvido por Moscovici volta-se fundamentalmente com a inter-relação entre sujeito e objeto e sobre o processo de construção do conhecimento a partir dessa relação, a qual se desenvolve no plano individual e coletivo na construção das Representações Sociais, um conhecimento de senso comum.

Corroborando as ideias de Moscovici, Denise Jodelet[405] sublinha ainda que o processo de criação de representação é proveniente da necessidade de se inteirar sobre o mundo exterior. Além de nos ajustar a ele, precisamos saber como nos comportar, dominá-lo físico ou intelectualmente identificar e resolver os problemas que se apresentam.[406]

O entendimento de representação social para Jodelet é assim definido:

> É uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como objeto de estudo tão legítimo quanto este.[407]

Compreende-se dessa forma que para a autora, as representações sociais não se limitam a uma resposta individual expressa a partir de um estímulo social, mas sim, é referenciada aos grupos sociais que o sujeito participa. Ela não se limita na reprodução do objeto, mas implica sua transformação. Sendo assim, a representação não pode ser entendida como uma cópia do real e nem do ideal, mas é o processo no qual se assenta a relação entre o mundo e as coisas. Jodelet[408] indica que os sujeitos devem ser concebidos não como indivíduos isolados, mas como atores sociais ativos, afetados por diferentes aspectos da vida cotidiana, que se desenvolve em um contexto social de interação e de inscrição.

No artigo "Cidade e memória" Jodelet (2002) aproxima os termos cidade e memória para discutir sobre o modo como os indivíduos e os grupos se situam dentro de seus espaços de

---

404 MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 10.

405 JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. Jodelet (Ed.). **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, p. 31-61. Tradução de Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão técnica de Alda Judith Alves Mazzotti. UFRJ-Faculdade de Educação, dez. 1993.

406 JODELET. op. cit. p. 11.

407 JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 2001. p. 22.

408 JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009.

vida e como se ligam a eles “ aqui; na cidade”. Segundo a autora a questão da memória é pertinente nas reflexões sobre cidade no entendimento de que ela entrelaça dialeticamente o passado, o presente e o futuro compreendendo a dinamicidade das transformações sem rupturas brutais. Um aspecto citado pela autora que justifica essa aproximação é pela tensão existente entre a temporalidade e a ideia de durabilidade, estas questões depreendem reflexões sobre as formas mais adequadas de que o progresso ocorra da maneira menos destrutível (JODELET, 2002, p. 31).

Sobre a relação entre o homem e o seu meio a autora diz:

> a relação do sujeito individual ou coletivo com seu espaço de vida passa por construção de sentido e de significado que se baseiam não somente na experiência direta e na prática funcional ou subversiva que se desdobra, [...] mas também no valor simbólico conferindo ao ambiente construído pela cultura, pelas redes sociais, pelo jogo do poder.
> (JODELET, 2002, p. 34)

Na visão da autora, a Psicologia Social pode contribuir para se pensar sobre as relações dos indivíduos e dos grupos com seus espaços de vida, e também, para a compreensão sobre como se desenvolve o processo de atribuição de sentido ao espaço, por meio da construção realizada pelos sujeitos sociais. Ainda segundo a autora, estas abordagens estão vinculadas às representações sócio espaciais e à memória dos lugares, que envolve a identidade dos indivíduos e dos grupos (JODELET, 2002, p. 34).

A pesquisa sobre as representações sociais é vista como formas de conhecimentos que abarcam as representações simbólicas, sendo importante considerar o processo de construção das representatividades, as experiências subjetivas vividas, como conteúdo presente nas representações. No campo do patrimônio tais discussões são importantes, pois se compreende que elas constituem a “identidade dos lugares” (PROSHANSKY, 1976). Esta se refere ao passado ambiental do sujeito, reconhecendo os sentimentos, ideias e outras constituições que surgiram em espaços e lugares vivenciados durante a vida dos indivíduos. E, também, a memória como um aspecto que é completado pela sensação de bem-estar que pode trazer ao indivíduo como uma forma de compensar outros sentimentos não agradáveis que alguns lugares possam causar. No entanto, a despeito da questão da identidade dos lugares, podem apresentar aspectos negativos, construções negativas de ideias sobre os diversos lugares da cidade, deixando emergir conflitos sobre o uso dos lugares.

A partir das considerações feitas por Jodelet[409] no seu artigo a relação entre a memória e a cidade envolve a questão da identidade seja no aspecto da identificação com o lugar ou nas afirmativas identitárias que são construídas como respostas às imposições contidas pelos planos de urbanização.[410]

O trabalho desenvolvido no Circuito Setembro Freire 2013, mais especificamente as oficinas desenvolvidas pelo GPPIN sobre as representações que as crianças, adolescentes e jovens tinham sobre a cidade se inspirou[411] no trabalho desenvolvido por Jodelet[412] em Paris, o qual tinha como base instrumental da pesquisa os mapas da cidade, os quais eram apresentados aos sujeitos entrevistados, cuja a intenção era a de verificar os níveis de conhecimento e de interesse da população em relação aos diferentes bairros da cidade.[413]

Retomando a pesquisa feita pelo GPPIN, segundo a professora Daniela Freire, coordenadora do projeto, os resultados vieram de forma contundente, a partir de análises feitas, foi constatado que as crianças das escolas públicas participantes do projeto possuem uma relação bem forte com a cidade, mas com repertório limitado, pois não se deslocam para lugares diferentes. Expressam sobre a cidade do perigo, a cidade do desamparo. Elas relatam essa cidade através dos mapas e das entrevistas. A partir das análises dos mapas construídos pelas crianças e das entrevistas foi constatado que as crianças sabem sobre o centro histórico de Cuiabá, elas possuem algumas informações sobre ele. Um dado presente nas entrevistas é a atenção dada para as igrejas localizadas no Centro Histórico, pois as crianças identificam as igrejas e relacionam fatos da sua família com estes lugares.

O diálogo desenvolvido nas pesquisas do GPINN apoia-se na teoria histórico cultural, tendo como referência o nome de Vygotsky. A pesquisa desenvolvida pelo grupo voltou-se para as relações da criança na sociedade, investigando sobre as formas de apreensão e representações dos espaços da cidade.

---

409 JODELET, Denise. A cidade e a memória. In: DEL RIO, V.; DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A. (Org.). **Projeto de Lugar**: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002. Coleção ProArquitetura. p. 31-43.

410 JODELET. op. cit. p. 34.

411 Entrevista Daniela Freire.

412 JODELET. op. cit.

413 JODELET. op. cit. p. 36.

A abordagem genética desenvolvida por Vygotsky[414] contribui para pensar sobre a importância da interação social como um fator significativo para a aprendizagem, pois "as mais elevadas funções mentais do indivíduo surgem de fenômenos sociais".[415]

A interação social possui um papel de destaque na teoria de Vygotsky, pois ele ressalta a importância na relação do indivíduo com seu ambiente sociocultural. Considera que a interação deve alcançar níveis cada vez mais elevados para a concretização da aprendizagem. Nesse processo, a linguagem é considerada como uma ferramenta simbólica que "media a interação entre os indivíduos e entre estes e o seu envolvimento" (WERSTSCH, 1993).

Segundo Carlos Nogueira Fino,[416] a ideia de Zona de Desenvolvimento Proximal[417] de Vygotsky permite pensar sobre uma "janela de aprendizagem"[418], pois durante o processo de desenvolvimento cognitivo do aprendiz, devem ser proporcionadas meios diversos de se aprender, considerando que a aprendizagem pode se dar de diferentes formas. Assim, o aprender ganha formas personalizadas e, consequentemente, é visto como processual.

Refletir sobre Educação Patrimonial à luz da teoria de Vygotsky nos conduz a pensar a cidade como uma grande sala de aula, a cidade ensina, a interação entre os indivíduos propicia o aprender e possibilita a geração de novas experiências e conhecimento. Nesta perspectiva, é significativa a troca de experiências e informações entre os parceiros como momentos significativos no processo ensino-aprendizagem.

A proposta de se trabalhar com a educação patrimonial tendo os princípios da Psicologia Sócio Histórica, possibilita a efetivação de práticas educativas que tenha a interação entre adultos e crianças, professores e alunos, sendo que essa relação contribua para a produção de significados e sentidos diferentes. Essas diferenças de informações surgem da interação entre sujeitos mais experientes e as crianças, mostrando assim, a importância do trabalho de mediação para um ensino mais ativo.

---

414 Refere-se, isto sim, a gênese origem e processo de formação a partir dessa origem, constituição, geração de um ser ou de um fenômeno [...] uma abordagem genética e, psicologia não é uma abordagem centrada na transmissão hereditária de características psicológicas, mas no processo de construção dos fenômenos psicológicos ao longo do desenvolvimento humano (OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio- histórico. São Paulo: Scipione, 2010. p. 58).

415 OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010. p. 58.

416 FINO, Carlos Nogueira. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 14, n. 2, p. 273-291, 2001. p. 6.

417 Entende-se como a distância que medeia entre o nível atual de desenvolvimento da criança, determinado pela sua capacidade atual de resolver problemas individualmente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemas sob orientação de adultos ou em colaboração com pares mais capazes. (FINO, Carlos Nogueira. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 14, n. 2, 2001. p. 5.)

418 Essa ideia de janela de aprendizagem foi inspirada por Boettcher J. (1997).

Outra contribuição presente no referencial teórico das pesquisas desenvolvidas pelo GPINN cita-se os estudos de Yi-Fu Tuan,[419] mais especificamente no que diz sobre a noção de lugar, topofilia e topofobia. Segundo Silva e Andrade,[420] estes estudos possibilitam compreender a relação entre criança e cidade como aspecto importante para o desenvolvimento infantil.

Tuan[421] expressa reflexões sobre como as pessoas atribuem significado sobre os lugares e como a cultura influencia na forma como as sensações sobre espaço e lugar são construídas. A relação com os lugares pode envolver os sentimentos de afetividade e, também, de aversão. Para falar sobre esses sentimentos o autor utiliza os termos topofilia e topofobia. O primeiro seria "o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico".[422] Topofobia representa o inverso, o radical "fobia", destaca a visão de aversão, representando os sentimentos de medo ou antipatia que podem surgir da relação com um lugar. Segundo o autor, "objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de mudança"[423]:

> relativamente poucas obras tentam compreender o que as pessoas sentem sobre espaço e lugar, considerar as diferentes maneiras de experiências (sensório motoras, tátil, visual, conceitual) e interpretar espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos — muitas vezes ambivalentes.[424]

O autor diferencia os termos espaço e lugar a partir do processo de significação que é construído pelo indivíduo. "O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado".[425] O autor destaca em sua obra o conceito de experiência, para o autor a experiência pode ser direta e íntima ou pode ser indireta e conceitual, mediada por símbolos. Existem formas diferentes de experiências. "Assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência". Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele.[426]

---

419 TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel. 2013.

420 SILVA, Eliza M. P da; ANDRADE, Daniela B. S. Freire. Cidade como metáfora de si: representação sócio espacial de Cuiabá-MT segundo a criança. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 759-779, set./dez. 2014.

421 TUAN. op. cit.

422 TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel. 2013. p. 5.

423 TUAN. op. cit. p. 20.

424 TUAN. op. cit. p. 7.

425 TUAN. op. cit. p. 151.

426 TUAN. op. cit. p. 10.

> Mas ‘sentir’ um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em suma maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar.[427]

A oficina Bate-bola na Mandioca, a partir do entendimento de experiência proposto por Tuan, pode ser vista como uma atividade que proporcionou um momento de vivência, de aguçar a sensibilidade diante da arquitetura presente no Centro Histórico de Cuiabá. Arrisco interpretar o passeio pelo Centro Histórico feito na oficina como uma oportunidade de brincar com o lugar, uma forma de torná-lo um pouco mais familiar e mais próximo dos participantes.

A oficina Bate-bola na Mandioca realizada no interior do Circuito Cultural de Setembro de 2013 da Casa de Cultura Silva Freire, foi coordenada pelo Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância (GPPIN) da Universidade Federal de Mato Grosso segundo proposição do projeto de extensão intitulado Rede de Apoio à Educação Infantil: interfaces com a Psicologia, Pedagogia, Arquitetura e Música. A oficina Bate-bola na Mandioca fundamenta suas bases nas teorias da abordagem Ontogenética da Teoria das Representações Sociais direciona seus estudos no processo de inserção estruturas do pensamento de sua comunidade e possui como teórico norteador Moscovici (2003). Suas pesquisas ampliaram a aproximação de alguns conceitos da Sociologia e da Psicologia. A Teoria Histórico-Cultural representada pelo teórico Vygotsky, envolvendo a teoria das representações sociais, e, por fim, os estudos de Tuan sobre a noção de lugar, topofilia e topofobia que também integram o referencial teórico, que possibilitam compreender a relação entre criança e cidade como aspecto importante para o desenvolvimento infantil.[428]

Durante a oficina Bate-bola na Mandioca o GPPIN realizou estudos que objetivavam compreender as representações da cidade de Cuiabá na visão das crianças. A pesquisa foi realizada por meio de uma atividade que tinha como mote a seguinte cena: “Imaginem se vocês pudessem falar pessoalmente com o prefeito de Cuiabá, ou algum governante responsável pela cidade. O que vocês diriam a respeito da nossa cidade?”. Nessa atividade, os estudantes foram incentivados a dividir em subgrupos os problemas e as soluções elaboradas e após esse momento socializá-las para o coletivo. A coleta de dados ocorreu através de produção iconográfica e rodas de diálogo acerca das produções. Do universo dos participantes foram

---

427 TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel. 2013. p. 203.

428 SILVA, Eliza M. P da; ANDRADE, Daniela B. S. Freire. Cidade como metáfora de si: representação sócio espacial de Cuiabá-MT segundo a criança. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 759-779, set./dez. 2014.

analisados os registros de catorze crianças. A partir deste material foram produzidos artigos científicos[429] pelo GPPIN, os quais direcionaram abordagens diferentes no trabalho com as representações das crianças sobre a cidade. Dentre elas cita-se: a proposta de compreender a visibilidade cívica da criança a partir dos discursos analisados, que evidenciam suas relações com a cidade e, entender as cenas sociais, as quais, as crianças são protagonistas, as formas de apropriação e representação investigando suas respectivas formas de representação destes espaços.

3.5. Análise dos dados

A partir das análises feitas sobre o as informações produzidas pelos participantes, o GPINN organizou tais informações pelas seguintes categorias: melhorias, transformações urbanas, representação do outro, representação da autoridade política, Cuiabá — a construção de um erro, público ou privado — acesso (ou não) à cidade e, como última categoria, visibilidade cívica da criança. Ressalta-se que a análise dos dados possui como texto base "A cidade e a criança: representações sociais em construção"[430] e a observação feita durante o acompanhamento de uma das oficinas.

Em relação à primeira categoria os resultados mostraram que os participantes almejam por melhores condições na educação, saúde, turismo, infraestrutura e cultura. Foram apontadas como possíveis propostas de resolução para alguns problemas da cidade o aumento de pontos turísticos como possibilidade de geração de renda, projetos sociais de combate à miséria e construção de prédios destinados ao interesse público.

Sobre a categoria transformações urbanas, os participantes expuseram a insatisfação diante das intervenções urbanas realizadas durante o período de preparação da cidade para sediar alguns jogos da copa do mundo, para eles, estas intervenções não contribuíram para a melhoria dos habitantes da cidade. Outro item apontado como prejudicial refere-se ao intenso calor da cidade, sobre este item uma solução "fictícia" foi citada, a qual seria a construção de uma grande cúpula com climatização de ar que envolvesse toda a cidade.

---

429 POUBEL, Paula; GONÇALVES, Naiana M.; ASSUNÇÃO, Andréia M. de L. **Mas a gente não tem o poder de nada!**: representações sociais da cidade segundo crianças (2014).
RAMOS, Camila C. F; ASSUNÇÃO, Andréia Maria de Lima. **A cidade e a criança**: representações sociais em construção. (2014).
POUBEL, Paula; GONÇALVES, Naiana M.; ASSUNÇÃO, Andréia M. de L. **Entre o público e o privado**: significações de crianças acerca da cidade de Cuiabá (2014).

430 GONÇALVES, Naiana M. ASSUNÇÃO, Andreia Mª de L. RAMOS, Camila C. F. POUBEL, Paula F. A cidade e a criança: representações sociais em construção. 12ª Conferência Internacional de Representações Sociais. São Paulo. 20 a 23 jul. 2014.

Na terceira categoria foi apresentada por um pequeno grupo uma imagem naturalizada da identidade do cuiabano que remete às significações partilhadas por imigrantes sobre a população local. É destacado também, a preocupação com a segurança, sendo que a concepção de higienização social se encontra atrelada. Esta visão é retratada na seguinte fala de uma criança participante da oficina. "É também aqui devia manter as casas do Porto sob vigilância [...] viciados e moradores de rua entram dentro das casas". Quando a criança foi indaga por um dos mediadores da oficina sobre o que deveria ser feito com estas pessoas, a seguinte resposta foi dada "prende, "mata". A mediadora da oficina interveio dando alguns exemplos sobre políticas de higienização implantadas em algumas sociedades e os reflexos dessas implementações. No coletivo de participantes a maioria discordou da ideia de higienização.

A categoria — representação da autoridade política a imagem do político é associada à corrupção, falta de compromisso com as promessas de campanha. As narrativas feitas pelos participantes demonstram indignação diante da corrupção de atitudes de pessoas que reelegem políticos corruptos. Em relação a forma como os participantes se relacionam com as autoridades, as falas apresentam um movimento ambivalente, por um lado, estes se sentem responsáveis pela cidade, por outro aspecto, devido não serem eleitores, apresentam a noção de visibilidade política e, consequentemente, a invisibilidade política.

No que se refere à quinta categoria — Cuiabá a construção de um erro. Nesta categoria a cidade é representada como um lugar que não foi planejado e que não oferece estrutura para ser considerada uma capital, sobre isso, são dadas como alternativas para aa construção de uma cidade melhor a destruição de Cuiabá, sendo necessário a construção de uma nova cidade. Para o GPPIN, estas alternativas a ausência de valor sobre a memória social e à historicidade da cidade.[431]

Na categoria público ou privado — acesso (ou não) à cidade, os participantes expressam a ausência de qualidade dos espaços públicos destinados ao lazer. Os espaços privados são vistos como uma alternativa para o lazer, em destaque o shopping center. É perceptível nas narrativas a polarização entre os espaços públicos e os privados. Também foi falado sobre a acessibilidade necessária para estes espaços. Sobre os espaços privados o shopping surge como uma alternativa para o lazer por ser um espaço com climatização que ameniza o forte calor da cidade e oferecer entretenimento. [432]

Em relação a última categoria — visibilidade cívica da criança, nas análises feitas concluiu-se que as crianças diziam sobre a restrição de acesso a alguns locais, demonstraram

---

431 Ibidem, p. 128.
432 Idem.

significar a cidade como um cenário de decisão exclusivo pelas pessoas que votam e, por não votarem, sentem-se desprovidas da possibilidade de participação sobre as decisões relacionadas à cidade. Segundo o GPPIN, tal visão revela o compartilhamento de significados sobre uma representação da criança construída a partir de uma lógica baseada no adulto centrismo. Também são apontadas críticas sobre o desinteresse da participação política mais ativa por parte da sociedade.

O GPPIN a partir das análises dos dados obtidos durante a oficina considerou a existência do princípio da contradição nas narrativas apresentadas pelos participantes, pois em alguns momentos era discutido a necessidade da visibilidade da criança, o respeito pelas suas manifestações, mas em outros reforçavam um discurso pautado na não valorização do outro e com a concordância sobre a ideia de higienização social dos espaços públicos. A cidade, segundo o GPPIN, é representada como um lugar que oferece poucos espaços públicos.

Outro aspecto positivo sobre a oficina diz respeito sobre como a oficina possibilitou a criação de um ambiente favorável para a discussão sobre as problemáticas da cidade, permitiu a aproximação entre os participantes e o incentivo ao protagonismo infantil. E ainda, "que a construção de espaços como este possam proporcionar às crianças irem além das evidências, no processo de construção de lógicas discursivas que organizem o mundo que os cerca, em meio às contradições que lhe são apresentadas" (2014:8).

Durante o acompanhamento feito da oficina Bate bola na Mandioca, acompanhamos um grupo de adolescentes de uma escola pública nesta mesma atividade relacionada a um encontro fictício com o prefeito ou uma autoridade da cidade de Cuiabá. A dinâmica utilizando um faz de conta contribuiu para a existência de diálogo descontraído e participativo entre os participantes da oficina. Suas narrativas apresentavam uma leitura de vários problemas existentes na cidade, como por exemplo: violência, falta de saneamento, saúde, falta de espaços públicos destinados ao lazer, corrupção e a necessidade de melhorias na estrutura da cidade.

Os participantes expuseram experiências pessoais ou de pessoas conhecidas com alguns espaços da cidade. O Centro Histórico esteve presente no que se refere às igrejas localizadas neste espaço, seja pela importância destas na história de suas famílias ou por eles as frequentarem. Alguns citaram também que já haviam ido ao Centro Histórico, mas que não tinham muito claro o conteúdo relacionado ao seu tombamento, sobre a arquitetura ou questões históricas, sendo que as visitações se limitavam na área comercial. A cidade foi considerada como um bom lugar para viver, mas necessita que os investimentos públicos sejam aplicados corretamente.

Observou-se que os participantes demonstraram interesse em discutir sobre a cidade, apreciaram o convite de participar, de serem ouvidos e expor suas vivências em alguns lugares do Centro Histórico e da cidade que lhes são representativos. Outro aspecto interessante sobre a oficina diz sobre a prática dialógica presente, pois através dela a participação dinâmica, oportunizando a todos uma participação ativa e significativa. As intervenções não objetivaram alimentar uma visão maniqueísta entre o certo e o errado, mas mediar a partir do processo reflexivo as consequências de alguns posicionamentos sobre as relações entre os habitantes da cidade e as suas relações com ela.

3.6. Um olhar lúdico sobre o Projeto Circuito Cultural Setembro Freire 2013

Figura 19 — Fotografia da atividade de contação de histórias no espaço da Casa de Cultura Silva Freire.



Fonte: registro da autora

A partir da pesquisa que foi desenvolvida sobre a oficina Bate-bola na Mandioca foram identificadas atividades que consideramos lúdicas. Ressalta-se que a equipe responsável pela elaboração e desenvolvimento da oficina não citam a ludicidade nas referências. Estas identificações foram feitas a partir da pesquisa realizada no catálogo Casa de Cultura Silva Freire 2013, no material produzido pelo GPPIN, nas entrevistas realizadas pelos responsáveis pela elaboração da oficina e, a partir, da observação feita durante a realização da oficina.

Sobre a dimensão lúdica do homem, Silva[433] diz que os estudos realizados por Modin corroboram para a ideia de que esta dimensão pode ser considerada mais rica que outras dimensões, citando, por exemplo, a estética, a ética, a especulativa e a técnica. Modin entende que a dimensão lúdica é mais rica porque associa:

> inteligência e vontade, ação e habilidade, mas, ao mesmo tempo, supera o conhecer, o querer, o agir porque implica também alegria, satisfação e liberdade. Na esfera lúdica, revela-se a complexidade e ao mesmo tempo, a harmonia do ser humano. Nela põem-se em movimento todas as faculdades sem subordinação, sem submissões, em espontânea coordenação e em vista de alegre auto realização do sujeito.[434]

---

433 SILVA, Claudete do Socorro Quaresma da. **Brinquedos de miriti**: educação, identidade e saberes cotidianos. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade do Estado do Pará. Belém, 2012.

434 MODIN apud SILVA. op. cit. p. 127.

Entende-se que as atividades lúdicas podem ser vistas como uma forma de acesso ao nível simbólico e ao estético podendo promover o desenvolvimento de sentidos e de expressões humanas e, quando se fazem presente na educação, contribuem para o entendimento da realidade, como também, tornam-se uma via imaginária para o desenvolvimento do potencial criativo.

A trama construída no Circuito Setembro Freire 2013 entre o universo cultural esportivo, o universo da Arte, acrescido pela Literatura e Educação materializada pela escolha do poema que aborda o tema do futebol como uma maneira de se pensar a cidade de Cuiabá, mais especificamente o Centro Histórico, pode ser considerada como uma característica lúdica presente no projeto, pois através do poema, da história do jogo de bola das crianças no período da infância do poeta, do ritmo presente no poema e as oficinas desenvolvidas no projeto dão asas para a criatividade, seja através da liberdade de fazer diversas arrumações do poema "gOOl/círculO azul aO sul dO azul", de brincar com palavras existentes na obra e relacioná-las com suas vivências e a partir delas, produzir novos poemas, realizando o ato recriador de conhecimento, um "(re)construir as peças soltas como um brinquedo de armar" (ECO,1976:41). Ou também, com a intervenção cênico musical realizada pelo grupo "Andarilhos das Estrelas"[435] na oficina "Encontro com artistas e moradores da Mandioca", que faz parte do circuito, tendo como base os poemas de Silva Freire e de outras obras de domínio público dando vida ao cortejo poético composto por poemas e ações físicas corporais inter-relacionadas com as declamações. Os participantes são convidados a entrar debaixo dos "guarda-estrelas" (guarda-sóis) compondo cenários imaginados da representação poética, a musicalidade presente com o uso de pequenos instrumentos, dando ensejo para a manifestação de sensações, pensamento e imaginação através da reflexão poética, proporcionando uma nova forma de se relacionar com ruas do Centro Histórico da cidade.

Essas ações contribuíram para compor um espaço lúdico na Praça da Mandioca e as ruas do Centro Histórico como o cenário desse universo de faz de conta. E ainda, a estrutura montada para receber os participantes e as oficinas transformaram-na em um espaço para experienciar a infância, infância não apenas da criança, mas também do adulto, uma espécie de "revivescência da infância do adulto" (AMARAL, 1996:46).

---

435 Grupo Tibanaré apresenta a intervenção teatral urbana estruturada em forma de cortejo cênico musical, "Andarilhos das Estrelas" (CASA DE CULTURA SILVA FREIRE. SETEMBRO FREIRE gOOl 2013. Catálogo. Cuiabá: Entrelinhas, 2013, p. 118).

O enlace da apresentação poética com a esfera do lúdico oferece uma atividade diferente das vividas no cotidiano, pois estas em muitos momentos acabam gerando atitudes automatizantes.

Considera-se que o Circuito Cultural Setembro Freire 2013 veste a cidade com os elementos culturais que a constituem, transforma os lugares em locais de transmissão do brincar e, consequentemente, de produção cultural. A alegria se faz presente quando ela se manifesta no sorriso dos participantes, não é elemento principal, mas motivadora do querer ouvir, do participar e conhecer.

Sobre o conteúdo presente nas obras de silva Freire , Silva (2013), escreve algumas impressões sobre o estilo usado pelo poeta para dar forma sobre as suas impressões da cidade. Especificamente sobre o poema Gool diz:

> possibilita uma leitura da cidade que também tanto amou. Trazer o evento para um dos locais mais tradicionais da quase tricentenária cidade estimula a observação e integração com o berço da cidade, com as formas tortas, das ruas, casas, portas, janelas, grades, telhados. Contrapondo e desafiando a retidão do pensamento geométrico. A geometria do gool se transforma em prisma para desnudar a imagem que temos da cidade.
> (SILVA, 2013, p. 118)

Castrillon-Mendes,[436] no artigo "Cultura e oralidade na poética de Silva Freire", fala que Silva Freire "foi um escritor brasileiro que produziu, em Mato Grosso, uma obra singularmente voltada para o dinamismo lúdico da palavra", segundo a autora, no cotidiano vivido nas ruas em contato com o falar e o costume do povo colhia seus elementos poéticos. As obras de Silva Freire são importantes para a autora, porque apresentam uma forma de revitalização da cultura local que absorvia novos elementos, principalmente no contexto de grandes mudanças que a cidade passou pelo crescimento assustador onde "As 'ruelas entortadas' têm que dar vazão ao tráfego pesado. O centro histórico se descaracteriza. O "rio-artéria" morre. Para a autora, a obra de Silva Freire:

> Repousa no conhecimento empírico do homem da terra, que guarda memória das gerações [...]. E desemboca nos recursos onomatopaicos que marcam o ritmo que remete às cantigas e à ludicidade, fortemente aliadas à caracterização local, através dos elementos mais significativos da infância.[437]

---

436 CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. Cultura e oralidade na poética de Silva Freire**. Revista Desenredo**, v. 7, n. 1, p. 127-135, jan./jun. 2011.

437 CASTRILLON-MENDES. op. cit. p. 133.

A metáfora utilizada para a realização do circuito pode ser interpretada como uma forma que ultrapassa a ideia de um instrumento das brincadeiras de infância. A metáfora revela o caráter lúdico que está presente. Trilhar pelos caminhos anteriormente percorridos por Silva Freire e seus amigos que iam chamando um a um para chegarem até o tão almejado campo de futebol próximo da Praça da Mandioca, é uma forma de representar a fruição pelo lugar, como estas experiências inspiraram o poeta na produção de suas poesias ricas de conteúdo do cotidiano.

A oficina aqui apresentada através da sua dinâmica lúdica trabalha de forma diferenciada o olhar diante do Centro Histórico, pois o ambiente, a atmosfera lúdica torna-se um convite ao querer explorar, sentir e experimentar e, também, um convite para que se desenvolva a valoração pela educação do olhar, apurar o olhar, pois observar uma coisa não é estar preso da parte de fora, mas ser convidado para a estar junto, deixar contagiar o nosso olhar pelos outros olhares. Olhar as casas e ruas, esse processo evoca a representatividade. O menino vestido de bugrinho, este mundo imaginário representado pela caminhada das crianças, não é uma cópia idêntica da realidade que existiu no passado, mas pela representação é possível relacionar as informações do passado com o presente fazendo uso da linguagem da brincadeira, da "linguagem mágica" (HARRES, PAIM, EINLOFT, 2008, p. 83).

Outra atividade desenvolvida na oficina que desenvolveu a questão da imaginação refere-se à visitação ao MISC. Nesta atividade, propunha-se a realização de um encontro imaginário com o prefeito da cidade. Neste encontro fictício os participantes deveriam conversar em grupo, discutir e apontar os problemas que na visão deles afetam a cidade, após este momento os participantes apresentavam os problemas que foram discutidos e apontavam possíveis soluções para estes problemas. Consideramos que esta atividade aguçou o debate entre os participantes, as ações do escutar e falar de forma respeitosa eram evidentes. O encontro imaginário com o prefeito estimulou o florescimento de uma discussão sobre ética, o exercício do senso crítico na criança, no jovem e no adulto, e também, a autonomia de ideias.

Segundo Andrade (2013, p. 74), o faz de conta "é um jogo simbólico e um jogo de regras, implícitas e ou explícitas, que se caracteriza por ser livre, facilitando o desenvolvimento da fantasia, da criatividade e consequentemente favorecendo o fortalecimento da autonomia". Buscar associar as brincadeiras com a proposta de construção de uma atmosfera lúdica contribui para a formação de um grupo cooperativo e para uma convivência alegre e prazerosa entre todos os envolvidos, criando um espaço onde crianças e os jovens possam expressar suas subjetividades.

Carlos Gomes de Carvalho,[438] ao resenhar a obra de Jean Duvignaud, *El Juego del Juego*, afirma que "por meio da ludicidade muitas verdades podem ser ditas, como também por meio dela pode-se zombar do mundo e (com)partilhar diversas experiências". Neste sentido, encontramos a educação da alegria formada pelos saberes lúdicos.[439] Além disso, compreende-se que o jogo proporcione uma experiência com o processo cultural e nesse brincar ocorra a interação simbólica em toda a sua complexidade.[440]

Figura 20 — Fotografia da oficina Circuito Cultural Silva Freire. Oficina: passeio no Centro Histórico: Bate-bola na Mandioca realizada no MISC.



Fonte: Da autora. Data: set. 2013.

De modo geral os adolescentes se sentem um pouco constrangidos em falar, expor suas ideias e, também, pela energia que eles possuem a relação do ouvir e falar, em muitas ocasiões, se torna irrealizável. Percebe-se que a criação do faz de conta em falar com o prefeito da cidade e ser valorizado o momento de socialização das ideias incentivou a participação do grupo. O clima de camaradagem deu tranquilidade e coragem para a realização do diálogo.

Pode-se perceber que com essa atividade as compreensões e interpretações da cidade foram expostas através do olhar dos participantes. Eles expressaram suas impressões sobre o Centro Histórico, os locais que possuem alguma relação com experiências anteriores vivenciadas, relação com a história de familiares e outras experiências cotidianas da cidade. Nos relatos também foi possível perceber que para um grupo significativo de participantes esta visitação era o primeiro contato com o Centro Histórico. Também foi evidenciado a relação da história da cidade velha, antiga, com a cidade atual, compreendendo os novos usos dos lugares,

438 CARVALHO, Carlos Gomes de. **Cuiabá**: corpo e alma. Cuiabá: Verdepantanal, 2006. p. 7.

439 SANTINI, Silvino. **Educação Física**: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

440 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014. p. 32.

a produção de novas significações e os conflitos que são gerados por esse movimento entre cidade velha e cidade atual.

Considera-se que a proposta de circuito apresenta uma dinâmica em que mesmo sendo trabalhados conteúdos relacionados à Arquitetura, história do Centro Histórico, literatura, entre outros, a brincadeira não assume o papel de instrumento ou estratégia pedagógica, pois a existência da dimensão lúdica encontra-se presente, e sua presença é comprovada quando se evidencia o prazer durante a realização das atividades. O prazer é a marca essencial de qualquer atividade lúdica. "A tensão do desejo de saber, a vontade de participar e a alegria da conquista impregnarão todos os momentos" (FORTUNA, 2008, p. 116-117).

A imaginação também se faz presente através das narrativas trabalhadas pelo projeto. Sobre o enriquecimento imaginário a partir de narrativas e a relevância dos contos enquanto fonte de inspiração na criação de personagens, Kishimoto[441] cita alguns exemplos dessas criações, como uma obra de Portinari em que a imagem da mula sem-cabeça representava o pegador nas noites de Brodoski. Outro exemplo dado envolve a obra *Menino de Engenho* de José Lins do Rego, as recordações da infância do escritor tendo como cenário o engenho de açúcar, as brincadeiras de "capabode" ou de encenação de Antônio Silvino, um cangaceiro.[442]

A autora utiliza estes exemplos como uma forma de refletir sobre o esquecimento das imagens sociais do passado, sua perda, ressaltando a importância de se permitir o uso da transmissão oral em espaços públicos. Para a autora, "cabe à escola tornar disponível o acervo cultural que dá conteúdo à expressão imaginativa da criança, abrir o espaço para outros elementos da cultura que não a escolarizada". O projeto Silva Freire, mais especificamente, a oficina Bate bola na Mandioca possuem esta proposta, pois por meio da literatura e das narrativas sobre as memórias, disponibilizam o acervo cultural de do Centro Histórico de Cuiabá, sendo que a disponibilização do acervo cultural é importante para dar conteúdo à expressão imaginativa e propiciar a ampliação de espaço para outros elementos da cultura que não a escolarizada.[443]

Em relação ao termo imaginação Friedmann[444] cita a definição dada por Durand na obra *Estruturas antropológicas do imaginário*, na qual a imaginação é vista como a faculdade de o homem perceber a cultura e a natureza e com elas interagir considerando três funções:

---

441 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.
442 KISHIMOTO. op. cit. p. 150.
443 Idem.
444 FRIEDMANN, Adriana. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 47.

suplementação do real; de ampliação do real e por fim, de revelação de um real até então incompreendido.[445]

Sobre a relação do uso da literatura para expressar memórias individuais, assim como, as representatividades contidas nos lugares vividos na infância Kishimoto[446] cita que a obra de Bachelard intitulada *A poética do devaneio*,[447] indicava que em todo adulto existia uma criança, "que devaneio sobre a infância é um retorno à infância pela memória e imaginação". A poesia é vista como um estimulante para esse devaneio. É como se a infância ficasse adormecida no adulto e a poesia a fizesse florescer. O despertar também se dá quando ocorre a sensibilização pelas imagens que são representativas e instigam o devaneio. Este é composto de memória e imaginação.

Outro exemplo relacionado à literatura citado pela autora é o conto de Mário de Andrade, publicado em 1943, intitulado "Vestida de preto". Nele, Mário de Andrade fala sobre algumas experiências vividas na infância, como por exemplo, soltar balões, mas na verdade o autor nunca soltou balões na infância. O autor estava dando "asas" à sua imaginação, expressando não uma vivência real, mas algo desejado. Para Kishimoto[448] o devaneio, além de liberar as lembranças, também faz emergir sonhos.

A autora considera que a literatura, mais especificamente, a poesia tem a capacidade de criar uma atmosfera de desprendimento do universo adulto. Ainda referendando a obra de Mário de Andrade, segundo Kishimoto, seus escritos possibilitavam ao autor retornar à infância e expressar as visões de criança que ele possuía.

Em relação à valorização dos saberes do cotidiano Daniela Vasconcelos Gomes, na sua dissertação intitulada *Ludicidade na universidade*, ao refletir sobre a formação lúdica do educador expressa comungar das premissas do autor Duarte Jr. sobre a "educação do sensível". Considera que o constante exercício dessa sensibilidade repercute na inserção de saberes locais presentes em nossa cotidianidade, construindo a aproximação entre os saberes do senso-comum e os científicos, tornando-se um espaço de contato e acolhimento das diversas dimensões humanas sensoriais e sensitivas como forma de compreensão e inovação da realidade.

Além desses aspetos relacionados à inclusão dos conhecimentos cotidianos nas ações educativas e sobre a presença da sensibilidade educativa como uma das possibilidades desta inclusão, sobre isso é significativa as palavras de Fortuna sobre a educação sensível.

---

445 FRIEDMANN, Adriana. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 47.

446 KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

447 BACHELARD *apud* KISHIMOTO. op. cit. p. 22.

448 KISHIMOTO. op. cit.

A autora diz:

> a educação comporta uma forte dimensão afetiva que, não sendo a única nem a mais importante, é tão definitiva quanto as demais dimensões — socioeconômica, ideológica, filosófica, entre outras — na consumação de seus objetivos, por mais diversos e desencontrados que sejam ao longo da história do homem. Sua base comum é a aspiração à transformação da condição humana.[449]

Esse processo de reflexão de um novo olhar para a educação patrimonial entrelaçada à ludicidade[450] é essencial na edificação de uma educação pautada na alegria, no prazer, no construir e no dialogar.

> O humor leva a um clima afetivo provisório e, independentemente de circunstâncias exteriores, determina a coloração particular do olhar do indivíduo. O sentimento é a tonalidade afetiva aplicada sobre um objeto, a qual é marcada pela duração e homogênea em seu conteúdo senão em sua forma.[451]

A percepção de que o Centro Histórico de Cuiabá, mais especificamente, a Praça da Mandioca não é um espaço isolado, mas um espaço imbuído de memórias, possuidor de um hibridismo tanto nos seus traços arquitetônicos como, nas suas representatividades culturais.

A oficina Bate-bola na Mandioca realizada no Circuito Cultural Silva Freire trata do patrimônio de forma integrada. Através de uma forma lúdica desenvolve uma proposta de preservação patrimonial demonstrando o cuidado com a cidade considerando as dimensões urbanas, as práticas sociais e os sentidos existentes nas relações coletivas. As memórias do escritor Silva Freire, suas narrativas, foram fontes iniciais de inspiração, motivaram para que outros sentidos fossem aflorados, um enlace dinâmico entre diferentes tempos históricos que se desenvolveram tendo como cenário o Centro Histórico de Cuiabá.

---

449 FORTUNA, Tânia Ramos. A dimensão humana da docência. **Pátio Revista Pedagógica**. Porto Alegre, ano 11, 2007. p. 72.

450 Um estudo sobre a ludicidade como linguagem que motiva a aprendizagem e o incremento das relações interpessoais. Disponível em: <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2009/11/03/outros/99ca4690f206c1bb604e19854f0a1bfc.pdf. Acesso em: 18 jul. 2016.

451 LE BRETON *apud* BREVIGLIERI, Eduardo. **Aulas da educação básica**: um estudo sobre a ludicidade como linguagem que motiva. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação; Cuiabá (MT): 2010. p. 113.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, procuramos discutir a educação patrimonial a partir da reflexão sobre o processo de atribuição de valor do Centro Histórico de Cuiabá, mostrar as ideias de valor de instituições, esferas governamentais e habitantes durante o processo de tombamento do Centro Histórico de Cuiabá, descobrir o que foi reconhecido como portador de valor, por compreendermos que a proposição de preservação prescinde conhecer sobre as várias ideias existentes sobre o bem. Propôs-se também, refletir sobre as características e o potencial das atividades lúdicas para a efetividade nas ações educativas que envolvem o patrimônio.

Brandão[452] diz que o processo de tombamento do Centro Histórico de Cuiabá pode ser considerado a "finalização de um movimento, mas que também, possibilita o início de um novo ciclo de conflitos". A análise sobre um novo ciclo de conflitos será aqui utilizada para expressar o entendimento de que o tombamento não foi o "final feliz" da história da preservação patrimonial do Centro Histórico de Cuiabá, pois várias problemáticas surgem em momentos históricos diferentes relacionados à sua preservação. Ainda é perceptível as falas que pontuam sobre a necessidade de valorizá-lo, que ele é desconhecido pela população, e sobre a ausência de políticas eficazes para a sua preservação.

Nesta investigação foi possível levantar algumas questões que considero importantes e que tento agora resumir. As discussões envolvendo o valor atribuído ao Centro Histórico de Cuiabá em alguns aspectos apresentam visões monumentais, por outro lado as discussões preservacionistas trilham por caminhos tortuosos como suas ruas. Caminham por vias que levam a uma tentativa de preservação fundamentada em uma historiografia que valoriza apenas a dimensão material, em muitas vezes representado por lugares considerados monumentais, também trilha pelos becos onde repousa a visão na defesa de uma "cuiabania", a sustentação da identidade singular, única. Por outro, uma nova perspectiva do discurso de preservação o vê como possuidor de significados, cultivando uma compreensão de patrimônio que não se direcionada em determinados objetos, "e sim numa relação da sociedade com a cultura".[453]

Comunga-se da compreensão de que a preservação do patrimônio cultural é uma "prática social",[454] "que implica um processo de interpretação da cultura, como produção não

---

452 BRANDÃO, Ludmila de Lima. **O Processo de Tombamento do Centro Histórico de Cuiabá**: Movimento Citadino e Educação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1993.

453 FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro D&P, 2003. p. 76.

454 Idem.

apenas material, mas também simbólica". A elaboração e implementação de instrumentos legais possuem uma limitação, apenas eles não contemplam tal fim, não são suficientes.

A partir desses aspectos, a pesquisa aqui apresentada propôs refletir a ludicidade como uma possibilidade de aproveitamento nas práticas educativas relacionadas à Educação Patrimonial. Apresentar a ludicidade compreendendo-a como uma necessidade humana que se estende em todas as fases da vida. Sua contribuição está na visão da integralidade da razão com a emoção. Ela nos auxilia na compreensão que a aprendizagem também se dá pela dimensão corpórea. Ensinar brincando pode ser um passo significativo para desenvolver práticas pedagógicas mais dialógicas e prazerosas. Uma maneira de oportunizar a ampliação da troca entre os saberes dos envolvidos nas ações de educação, entre o que "ensina" e o que "aprende", pois é na dinamicidade da vida cotidiana que se realiza a construção e a socialização de saberes entre as pessoas.

Compreende-se que o brincar é uma forma de abrir espaço para o afeto no processo de educação patrimonial. A palavra afeto é derivada do latim *affectu* que significa respeito àquilo que toca, atinge, afeta. A educação prescinde de vários fatores, mas ressalta-se que o trabalho voltado à preservação do bem cultural precisa ser desenvolvido com afetividade. O afetivo visto como uma categoria importante na discussão sobre o patrimônio, pois envolve relações de identidade e relações de pertencimento. Além disso, o brincar possibilita a mistura de idades, sexo, povos, culturas, sendo essa flexibilização que dá a característica de ser contemporâneo.

A pesquisa possibilitou considerar a ludicidade como uma contribuição conceitual para a discussão sobre a educação patrimonial. O lúdico sendo visto como um elemento motivador da curiosidade, da descoberta, do desejo de conhecer. O trabalho educativo prescindiu de diagnósticos, por isso, foi significativa a pesquisa sobre o Circuito Cultural Setembro Freire edição 2013, pois este estudo contribuiu na percepção da ludicidade como uma proposta pedagógica enriquecedora e viável.

A intenção da nossa pesquisa foi a de contribuir na tentativa de ampliar fontes na construção de uma epistemologia que contribua para a compreensão do patrimônio como processo social, considerando sua dimensão simbólica, a partir de processos de preservação participativos e dialógicos. A ludicidade como uma via possível de se aproximar esses aspectos.

Para expressar um pouco sobre a experiência vivida no período que residi em Cuiabá durante a realização do mestrado faço uso do poema "Caminhando pela cidade" de Lucinda

Persona.[455] Ele foi escrito como uma forma de expressar seus sentimentos quando esteve residindo em Cuiabá.

> Cuiabá, chão de ouro e cascalho sobre o qual vivo e teço a invisível trama dos meus passos. Jamais serão inúteis esses passeios repetidos, o mapeamento silencioso daquilo que vejo e não se repete. Cuiabá caminho de calma que percorro numa cuidadosa viagem de pessoa comum, aprendiz das curvas persona desconhecida. Sigo sob a luz vigorosa do sol entre a farta folhagem sigo com pensamentos simples olhando para todos os lados resumindo ou redizendo Pessoa. O que vejo a cada instante será sempre diferente do já visto. Vejo e sigo ambulante desfocada e solitária caminhando pela cidade como quem anda por uma cidade de si mesma.[456]

Através do contato com a cidade pude elaborar algumas imagens sobre a cidade de Cuiabá, ter contato com alguns sentidos, com valores atribuídos, ter acesso a algumas memórias, contribuir no compartilhar de significações de alguns dos seus lugares e, principalmente, aprender inicialmente a partir da escuta dos habitantes da cidade, ouvir com os ouvidos e o coração as várias representações que são construídas sobre a cidade, mais especificamente, sobre o Centro Histórico de Cuiabá.

Para Le Goff a cidade é um arquivo de pedra e diz sobre a possibilidade de se ler a cidade. O historiador faz as suas leituras, o antropólogo faz as suas leituras, o educador também é capaz de fazer as suas leituras sobre a cidade. Sendo assim, podemos entender que a cidade é um livro, um discurso para diferentes olhares. Particularmente, no meu olhar como educador, nesta pesquisa, intenciono olhar a cidade à luz do diálogo e do prazer ofertados pela ludicidade. Concebendo o brincar do adulto como processo criador.

A característica lúdica contida nas obras do poeta Silva Freire inspira descobrir e se deixar encantar pela magia, seus escritos sobre suas vivências de infância, as aventuras vividas, as formas de apropriação das ruas e as brincadeiras ali experienciadas transformam o Centro Histórico de Cuiabá em um brinquedo. As obras do autor inspiraram a realização da oficina Bate bola na Mandioca, onde nela se aprendeu a brincar com o centro Histórico. Transformou o leitor em um leitor brincante, promovendo o poder de recriar e encantar. Um leitor brincante que também se torna um visitante brincante. Um visitante convidado a participar da história do lugar e recriar outras histórias. Voltando-se para a preservação do objeto, mas também, a preservação da relação do sujeito com os objetos.

---

455 PERSONA, Lucinda. Caminhando pela Cidade, poesia inédita cedida a Fernando Tadeu de Miranda Borges.

456 BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. Cartografias identitárias de Cuiabá e Mato Grosso. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**. Cuiabá, n. 74, 2014, p. 153.

As atividades lúdicas desenvolvidas no Circuito Setembro Freire 2013, mais precisamente, as utilizadas na oficina Bate bola na Mandioca mostraram-se propostas viáveis para iniciar um trabalho de aproximação com os indivíduos, na efetivação de um trabalho de escuta sobre as representações existentes em relação a cidade, identificar o que as crianças e adolescentes, os habitantes da cidade veem. Saber sobre os significados e os valores que ela possui, principalmente sobre o Centro Histórico de Cuiabá. As falas apresentadas aqui são significativas, pois a atribuição de valores aos bens tombados é importante ser debatida, especialmente em relação ao olhar da sociedade que usufrui desses bens.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elvira. **Arte lúdica**. São Paulo: EdUSP, 1997.

AMEDI, Nathália da Costa. A cidade (res)significada: a ideologia de modernização de Cuiabá no período pós-divisão do Estado do Mato Grosso. **Revista Angelus Novus**. ano 3, n. 4, 2012, p. 41-64.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Simei Santos. **O lúdico na vida e na escola**: desafios metodológicos. Curitiba: Appris, 2013.

ARANTES, A. A. Preservação como prática social. **Revista de Museologia**, vol. 1, n. 1, p. 2-16, 1989.

ARAÚJO, Francisco de Assis Pereira de. Casa do Iphan - MT: Um esboço arquitetônico. In: **VII - Mestres e Conselheiros -Agentes Multiplicadores do Patrimônio** - Patrimônio e Cidades, 2015, Belo Horizonte - MG. Casa do Iphan - MT: Um esboço arquitetônico, 2015.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARISTÓTELES. **Metafísica: (livro I1 e livro II)2; Ética a Nicômaco; Poética**. Tradução de: Vinzenzo Cocco, Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, Eudoro de Souza. Seleção de textos de José Américo Motto Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
BOMFIM, Márcia. **As Engrenagens da Cidade**: centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX. Cuiabá: EdUFMT; Carlini & Caniato, 2010.

BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. Cartografias identitárias de Cuiabá e Mato Grosso. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**. Cuiabá, n. 74, 2014, p. 153.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva**: matéria, afectos e espaços domésticos. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. **A catedral e a cidade**. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

_____. **O Processo de Tombamento do Centro Histórico de Cuiabá**: Movimento Citadino e Educação. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1993.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BREVIGLIERI, Eduardo. **Aulas da educação básica**: um estudo sobre a ludicidade como linguagem que motiva. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação; Cuiabá (MT): 2010.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**. vol. 24, n. 2. São Paulo, jul./dez. 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551998000200007>. Acesso em: 10 mar. 2015.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura. In: KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CAGNATO, Élio Ricardo. **Além das percepções e representações**: a elaboração do mapa das sensações da cidade de Curitiba. Disponível em: <http://www.geografia.ufmt.bbr/neer/ANAIS/dif/Eixo%2001%20pdf/EIXO%201%20Artigo%203_NEER_eLIO%20CAGNATO.pdf.> Acesso em: 20 out. 2014.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Biblioteca Folha. 1972.

CAMPOS, Maria Cristina de Aguiar. **A valorização da cultura cuiabana na prosa de Silva Freire**. XI 11º Congresso Internacional da ABRALIC: tessituras, interações e convergências. 13 a 17 jul. 2008. USP. São Paulo. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/019/MARIA_CAMPOS.pdf.> Acesso em: 10 jun. 2015.

CAMPOS, Maria Cristina de Aguiar. **O falar cuiabano**. Cuiabá: Carlini & Carniato Editorial, 2014.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas**: teoria, prática e experiências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CARLOS, Cláudio A. S. L. **Áreas de Proteção do Ambiente Cultural (APAC)**: da idealização à banalização do patrimônio cultural. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 2008. Tese (Doutorado em Urbanismo) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

CARRARA, Kester. **Introdução à Psicologia da Educação**: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.

CARSALADE, Flávio de Lemos. **A ética das intervenções**. Palestra ministrada na Oficina do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN. Petrópolis. RJ. dez. 2012. (Mimiog.)

CARVALHO, Carlos Gomes de. **Cuiabá**: corpo e alma. Cuiabá: Verdepantanal, 2006.

CASA DE CULTURA SILVA FREIRE. **Relatório do Circuito Cultural Setembro Freire**. ano 2013. Cuiabá, 2013.

CASA DE CULTURA SILVA FREIRE. SETEMBRO FREIRE gOOl 2013. **Catálogo 2013**. Cuiabá: Entrelinhas, 2013, p. 118

CASA DE CULTURA SILVA FREIRE. Setembro Freire 2008: **Catálogo 2008**. Cuiabá, 2008.

CASA DE CULTURA SILVA FREIRE. **Setembro Freire 2010**: Catálogo 2010. Cuiabá: Entrelinhas, 2010.

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. Cultura e oralidade na poética de Silva Freire. **Revista Desenredo**, v. 7, n. 1, p. 127-135, jan./jun. 2011.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

CHUVA, Márcia. O modernismo nas restaurações do SPHAN: modernidade, universalidade, brasilidade. **Revista IEB**, São Paulo, n. 55, p. 89-107, 2012.
CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 34, ,2011. Rio de Janeiro, 2011. p. 147-166.

CONTE, Cláudio Quoos. A igreja Senhor dos Passos. **Revista Territórios e Fronteiras**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, v. 7, n. 1, jan./jun. 2006. Cuiabá, MT.

CONTE, Cláudio Quoos; FREIRE, Marcus Vinícius De Lamonica Freire. **Centro Histórico de Cuiabá**: Patrimônio do Brasil. Cuiabá, Entrelinhas, 2005.

CONTE, Cláudio; SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. (Org.). **Cuiabá**: de vila a metrópole nascente. Cuiabá. Entrelinhas, 2006.

CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 3 maio 2015.

COSTA, Jéssica Santos. **O Brasil em Marcha**: a visita de Getúlio Vargas a capital de Mato Grosso, imagens e representações. 2009. Anais Congresso de História Jataí. Disponível em: <http://www.congressohistoriajatai.org/anais2009/doc%20(29).pdf> Acesso em 14/ jul. 2015.

CUIABÁ. PREFEITURA DE CUIABÁ. **Histórico do Planejamento**: Histórico do planejamento urbano em Cuiabá. Disponível em: <http://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/desenvolvimento-urbano/historico-do-planejamento>. Acesso em: 15 jul. 2015.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca**: um mergulho no brincar. 3. ed. São Paulo: Vetor, 2001

DAMATTA, Roberto. Casa, rua & outro mundo: reflexões sobre o espaço e a sociedade. **Revista do Patrimônio**, n. 19. 1989, p. 5-14.

FAZENDA, Ivani. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia. São Paulo. Edições Loyola, 1979. p. 41-42.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade**. São Paulo: PUC-SP, 2011.

_____. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? São Paulo: Paulus. 2003.

FINO, Carlos Nogueira. "Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas". **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 14, n. 2, p. 273-291, 2001.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: MinC-IPHAN, 2005.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro D&P, 2003.

FORTUNA, Tânia Ramos. A dimensão humana da docência. **Pátio Revista Pedagógica**. Porto Alegre, ano 11, 2007. Disponível em:

<http://www.seed.se.gov.br/noticia.asp?cdnoticia=805&Mes=6&Ano=2007>. Acesso em: 26/09/2015.

_____. A formação lúdica docente e a universidade: Contribuições da Ludobiografia e da Hermenêutica Filosófica. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS, Porto Alegre, 2011.

_____. Cultura Lúdica lúdica e o comportamento infanto-juvenil na era digital. **Jornal da Universidade**. dez. 2013. Disponível em: < https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/187313/000912579.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 01/10/2015.

FORTUNA, Tânia Ramos. Armas de brinquedo: dar ou não dar – será esta a questão? **Ciências & Letras (FADA),** Porto Alegre, v. 43, 2008, p. 181- 194. Disponível em: http://www.fapa.cpm.br/cienciaseletras Acesso em: 22/08/2016.

FREIRE, Júlio De Lamonica. **Por uma Poética Popular da Arquitetura**. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 6.ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v. 23), p. 12.

FREIRE, Silva. **A Japa e outros croni-contos cuiabanos**. Cuiabá: Carlini & Carniato, 2008.

_____. **Na moldura da lembrança**. Cuiabá: EdUFMT, 1991. (Trilogia Cuiabana, vol. 2)

_____. **Presença na audiência do tempo**. Cuiabá: EdUFMT, 1991. (Trilogia Cuiabana, vol. 1)

FRIEDMANN, Adriana. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.

GADOTTI, Moacir (Org.). **Paulo Freire**: uma bibliografia. São Paulo: Cortez, 1996.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e verdade**: na filosofia antiga e na psicanálise. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: GEERTZ, Clifford. **O saber local**: Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 85-107.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora, MG: UFJF. 2005.

GOMES, Daniela Vasconcelos. **Ludicidade na universidade–esta rima combina?**: Uma experiência de formação lúdica transdisciplinar na formação inicial de professores. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; IPHAN, 1996.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. (Coleção Memória e Cidadania, vol. 2) Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi de. (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 108-123.

GONÇALVES, Naiana M.; ASSUNÇÃO, Andréia M. de L.; RAMOS, Camila C. F.; POUBEL, Paula F. A cidade e a criança: representações sociais em construção. **Anais da 12ª Conferência Internacional sobre representações sociais**. jul. 2014. São Paulo.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

GUEDES, Maria do Carmo; LOURENÇO, Erika. **Patrimônio cultural, museus, psicologia e educação**: diálogos. Belo Horizonte. PUC Minas. 2009.

GUIMARÃES, Suzana Cristina Souza. Quando o assunto é vida no interior e suas histórias do oco do mundo. **Revista de Histórias e Estudos Culturais**. vol. 8. ano 7. n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF25/Artigo_09_Suzana_Guimaraes.pdf> Acesso em: 25 jul2015.

GUIMARÃES, Suzana Cristina Souza. Uma fisionomia do passado (Cuiabá, 1970). **Revista História Hoje**. Revista Eletrônica de História. vol. 2. n. 5,. nov. 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro. 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9-23.
HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2012.
2º ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, 2011, Ouro Preto - MG,. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002.

1º FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, 2009, Ouro Preto/MG. **Anais 2**. vol. 1.

IVIC, Ivan. **Lev Semionovich Vygotsky**. Organização por Edgar Pereira Coelho e tradução por José Eustáquio Romão. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana. 2010.

JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/61566294/Representacoes-Sociais-Cap-01-Jodelet>.

_____. A cidade e a memória. In: DEL RIO, V.; DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A. (Org.). **Projeto de Lugar**: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002. Coleção ProArquitetura. p. 31-43.

_____. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/04.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2014.

_____. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. Jodelet (Ed.). **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução de Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão técnica de Alda Judith Alves Mazzotti. UFRJ-Faculdade de Educação, dez. 1993. Disponível em: <http://docplayer.com.br/36945-Representacoes-sociais-um-dominio-em-expansao-denise-jodelet.html#show_full_text> Acesso em: 12/08/2016

KARIM, Taisir Mahmudo; SILVA, Poliana Ferreira da. Bordão: histórias dicionarizadas, **Revista ECOS**, v. 19, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1168> Acesso em: 13 jul. 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

LACERDA, Leila Borges de. **Catedral do Senhor Bom Jesus de Cuiabá**: um olhar sobre sua demolição. Cuiabá, KMC, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2013.

LEITE, Luis-Philippe Pereira. **Três Sorocabanos sorocabanos no arraial**: Mato Grosso nos seus primórdios. São Paulo: Resenha Tributária, 1979.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaços públicos na experiência contemporânea. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1986.

LOMBARDI, Lúcia Maria Salgado. **Jogo, brincadeira e prática reflexiva na formação de professores**. São Paulo: UPS, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2005.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Brincar: o que é brincar? Maria Lakatos. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAATSURA, . In: Catálogo Casa de Cultura Silva Freire, 2008.

MASCARO, Luciana; DURANT, Luciane Cleonice; BÜTTNER, Simone Berigo; CASTOR, Ricardo Silveira. Patrimônio Arquitetônico de Cuiabá. In: CASA DE CULTURA SILVA FREIRE. Setembro Freire 2013: **Catálogo 2013**. Cuiabá, 2013, p. 107-108.
In: CASA DE CULTURA SILVA FREIRE. CASA DE CULTURA SILVA FREIRE. **Setembro Freire 2013**: Catálogo 2013. Cuiabá: Entrelinhas, 2013. Cuiabá, 2013.

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antônio A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

MÁXIMO, Antônio Carlos. In: CASA DE CULTURA SILVA FREIRE. Setembro Freire 2008: Catálogo 2008. Cuiabá, 2010.

MEDEIROS, E. B. M. (1990). Brincadeiras e brinquedos como manifestação cultural. **Cadernos do EDM: Comunicações & Debates**, 2, 1990, 132-140.

MENDONÇA, Rubens de. **Igrejas e sobrados de Cuiabá**. 1978.

MENDONÇA, Rubens de. **Roteiro histórico e sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá**. 3. ed. Cuiabá: Igrejinha, 1975.

_____. **Ruas de Cuiabá**. Cinco de Março, Goiânia, p. 5-50, 1969.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cidade como bem cultural: Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano. In: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; GALLO, Haroldo (Org.). **Patrimônio**: Atualizando o debate. São Paulo, 9ª SR/IPHAN, 2006.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, n. 115 (Nova Série), jul./dez. 1983, p. 103-117.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto de estudos Brasileiros**. São Paulo, n. 34, 1992.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O Campo do Patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: 1º Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009. **Anais 2**. vol. 1. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; coordenação, Weber Sutti. Brasília, DF: IPHAN, 2012. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=4181>. Acesso em: 20 maio 2014.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Patrimônio arqueológico: o desafio da preservação. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 33, 2007.

_____. Premissas para a formulação de políticas públicas em Arqueologia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1984.

MINAYO, Maria C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MIRANDA, Jorge Morales. O processo de comunicação na interpretação. In: MURTA. Stela Maris; ALBANO, Selma (Org.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, p. 95.

_____. **Por entre brenhas, picadas a foice, matas bravas**: A produção poética em Mato Grosso no século XX e XXI. Programa de Pós-Graduação em Letras, área de

concentração Teoria da Literatura, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito para qualificação e obtenção do título de Doutor em Letras.

MONDIN, Battista. O homem: quem é ele? In: MONDIN, Battista. **Elementos de antropologia filosófica**. São Paulo: Paulus, 1980, p. 215-223.

MONNET, Jérôme. O álibi do patrimônio: crise da cidade, gestão urbana e nostalgia do passado. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 24, 1996, p. 220-228.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. (Coleção Papirus Educação).

MORIN, Edgar. Autonomia ou dependência da ciência. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, vol. 6, n. 10, jun. 1999. p. 34-42.

_____. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 8. ed., 2005.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

MOSCOVICI, Serge. **La psychanalyse, son image et son public**,. Paris: PUF, [1961], 1976.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Representações Sociais Investigações em Psicologia Social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOTTA, Lia. O patrimônio cultural urbano à luz do diálogo entre História e Arquitetura. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, n. 34, 2011, p. 249-279.

MURTA. Stela Maris; ALBANO, Selma. **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002.

NASCIMENTO, Flávia Brito do; SCIFFONI, Simone. O tombamento de Iguape como patrimônio nacional: novas práticas e políticas de preservação. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**. vol. 6, n. 1, 2015. Disponível <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc> Acesso em: 14 jul. 2016.

NEGRINE, Airton. A ludicidade como ciência. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org.). **A ludicidade como ciência**. São Paulo: Vozes, 2008, p. 23-44.

_____. O lúdico no contexto da vida humana: da primeira infância à terceira idade. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis, RS: Vozes, 2000.

NEVES, Gabriel Novis. Setembro Freire é preservar a história para entender o presente e viver o futuro. In: CASA DE CULTURA SILVA FREIRE. **Setembro Freire 2008**: Catálogo 2008. Cuiabá: Entrelinhas, 2008.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-23.

OLIVEIRA, Eliene de; RODRIGUEZ, Márcia do Socorro; SOUZA, Rejanete Silva e; GUIMARÃES, André Rodrigues. **O lúdico na educação de jovens e adultos**. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem01pdf/sm01ss04_08.pdf>. Acesso em: 10 out. 2014.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: FGV Editora. 2002.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. **Arquivos da Memória**. Antropologia, Escala e Memória, Lisboa, n. 2 (Nova Série), p. 4-23, 2007.

PEREIRA MENEZES OLEA, Hilda Regina. **Bifurcações de Hermes**: uma epistemologia do efêmero. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, 2014.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. A morte da infância. In. LOURENÇO, Érika; GUEDES, Maria do Carmo; CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org.). **Patrimônio cultural, museus, psicologia e educação**: diálogos. Belo Horizonte: PUC Minas. 2009.

PESSÔA, José. **Atlas de centros históricos do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

PÓVOAS, Lenine C. **Sobrados e casa senhoriais de Cuiabá**. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso. 1980.

RAMOS, Isaac Newton Almeida. Silva Freire: um garimpeiro de palavras. **Revista Crioula**, n. 2. nov. 2007.

RAMOS, Isaac Newton Almeida. **Vanguardas poéticas em permanência**: A revalidação de Wlademir Dias-Pino e Silva Freire. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em

Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

RIEGL, Alois. **El culto moderno a los monumentos**. Madrid: Visor, 1987.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=7o5cAAAAQBAJ>. Acesso em: 7 ago. 2015.

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

ROMANCINI, Sonia Regina. Leituras do Cotidiano em Silva Freire. In: LEITE, Mário Cezar Silva (Org.). **Mapas da Mina**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

ROSA, Carlos Alberto. **Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (vida urbana em Mato Grosso no Século XVIII: 1722-1808)**. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1996.

ROSSI, Paolo. **Naufrágios sem espectador**: a ideia de progresso. São Paulo: UNESP, 2000.
SÁ, Cássio Veiga de. **Memórias de um cuiabano honorário 1939-1945**. São Paulo: Resenha Tributária. (s.d.)

SÁ, José Barbosa de. **Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos**. Cuiabá: Editora UFMT, 1975.

SAIANI, Cláudio. **O valor do conhecimento tácito**: a epistemologia de Michael Polanyi na escola. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

SANT'ANA, Márcia. **Da cidade monumento à cidade documento**: a trajetória da norma de preservação de áreas urbanas no Brasil. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 1995. 1995. p. 59-70; 189-225.
SANTINI, Silvino. **Educação Física**: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: Universidade Federal Fluminense (EdUFF). São Paulo: Projeto Editores, 1988.

SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. São Paulo: Vozes, 2011a.

SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **O lúdico na formação do educador**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O brincar na escola**: metodologia lúdico-vivencial, coletânea de jogos, brinquedos e dinâmicas. São Paulo: Vozes, 2011c.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org.). **Brinquedoteca**: o lúdico em diferentes contextos. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Educação, arte e jogo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
SCHLEE, Andrey Rosenthal. Espaços lúdicos. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SERRES, M. Hermes. **O terceiro instruído**. Tradução de. Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

SILVA, Claudete do Socorro Quaresma da. **Brinquedos de miriti**: educação, identidade e saberes cotidianos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém, 2012.

SILVA, Eliza M. P da; ANDRADE, Daniela B. S. Freire. Cidade como metáfora de si: representação sócio espacial de Cuiabá-MT segundo a criança. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 759-779, set./dez. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIQUEIRA, Elizabeth M. (*et al.*). **Cuiabá**: de Vila a Metrópole. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
TAMASO, Izabela. A expansão do patrimônio: novos olhares sobre velhos objetos, outros desafios. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, vol. 8, n. 2, 2005. Edição 390 de Série Antropologia, Editora Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília (UnB), 2006.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. A pesquisa e a produção de conhecimentos. In: CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel. 2013.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. **Mana**, vol. 12, n. 1, abril 2016. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100009>. Acesso em: 10 jun. 2015.

VIANNA, Hermano. Tradição da mudança: a rede das festas populares brasileiras. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, IPHAN, n. 32, p. 302-315, 2005.

WILLIAMS, Raymond. Cultura. In: WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 117-124; 399-401.